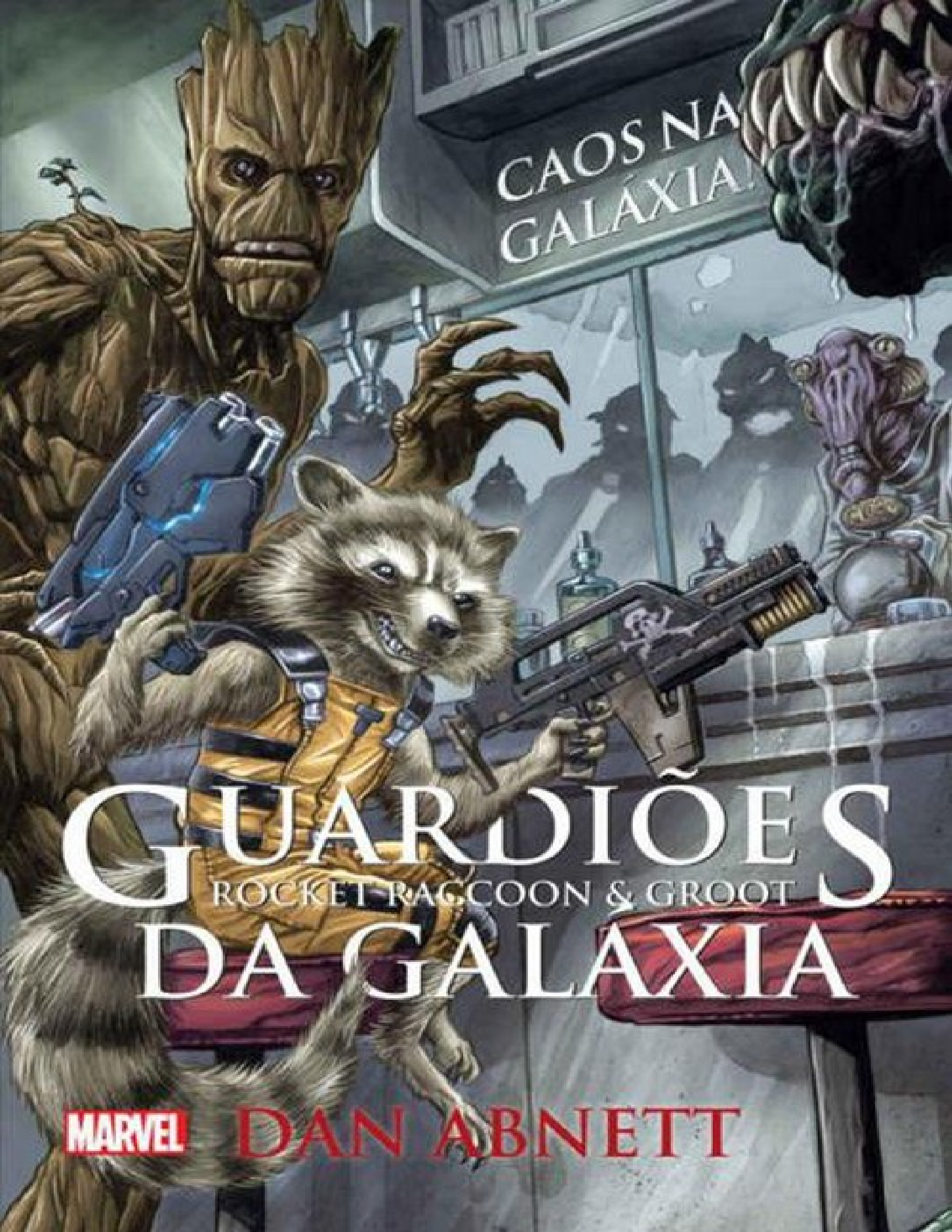


GUARDIÕES DA GALAXIA

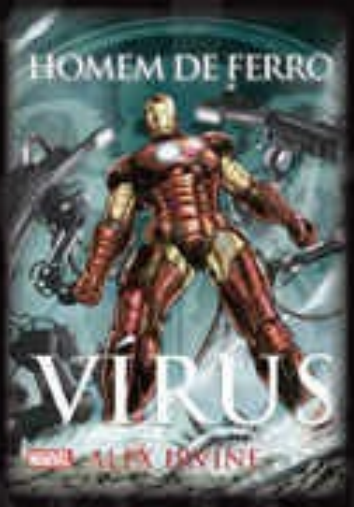
ROCKET RACCOON & GROOT

MARVEL

DAN ABNETT

OS HERÓIS DA MARVEL INVADIRAM AS PÁGINAS DOS LIVROS...
... EM INCRÍVEIS ROMANCES PARA QUEM SEMPRE AMOU ESSE UNIVERSO (E TAMBÉM PRA QUEM NUNCA ABRIU UMA HQ NA VIDA...)
SÉRIE
MARVEL
MARVEL COMO VOCÊ NUNCA ~~VIU~~ LEU!
MARVEL
marvel.com
© 2015 Marvel
novo século
www.novoseculo.com.br

JÁ DISPONÍVEIS NAS LIVRARIAS
E EM E-BOOK



MARVEL
marvel.com
© 2015 Marvel

novo século
www.novoseculo.com.br

GUARDIÕES DA GALÁXIA

ROCKET RACCOON & GROOT

CAOS NA GALÁXIA!

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL

DAN ABNETT

MARVEL
marvel.com
© 2015 MARVEL

novo século®
São Paulo, 2015

*Guardians of the Galaxy: Rocket Raccoon & Groot – Steal the Galaxy!**
Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment, LLC.

MARVEL
marvel.com
© 2015 MARVEL

* Em tradução literal: *Guardiões da Galáxia: Rocket Raccoon & Groot – Roubar a galáxia!*

Equipe Novo Século

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda

Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

TRADUÇÃO
Paulo Ferro Junior

PREPARAÇÃO
Marina Ruivo

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Vitor Donofrio

REVISÃO
Gabriel Patez Silva

CAPA
Vitor Donofrio

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Will Conrad

Equipe Marvel Worldwide, Inc.

EDITOR SÊNIOR, PROJETOS ESPECIAIS
Jeff Youngquist

EDITORA-ASSISTENTE, PROJETOS ESPECIAIS
Sarah Brunstad

GERENTE, PUBLICAÇÕES LICENCIADAS
Jeff Reingold

SVP PRINT, VENDAS & MARKETING
David Gabriel

VP, DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL
CB Cebulski

EDITOR-CHEFE
Axel Alonso

DIRETOR DE ARTE
Joe Quesada

PRODUTOR EXECUTIVO
Alan Fine

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abnett, Dan
Guardiões da Galáxia: Rocket Raccoon & Groot: Caos na Galáxia!
Dan Abnett; [tradução Paulo Ferro Junior].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

Título original: Guardians of the Galaxy: Rocket Raccoon & Groot: Steal the Galaxy!

1. Ficção inglesa I. Título.

15-07081 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 823

Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

novo século®

E-ISBN: 978-85-4280-637-3

(PORQUE SOMOS OBRIGADOS
A COMEÇAR EM ALGUM LUGAR)
1

ÚLTIMOS
PEDIDOS

UM GUAXINIM FALANTE E UMA ÁRVORE QUE ANDA entram em um bar...

Um momento. Meus circuitos linguísticos informam que no vernáculo de mais de 156 *mil* culturas civilizadas essa frase de abertura definitivamente soa como o início de uma piada.

O tipo de piada que também pode conter as frases "Por que essa cara triste?", ou "Eu *não* tenho medo", ou ainda "Ai, era uma barra de ferro".

Por favor, compreenda, gentil leitor, o que estou prestes a contar para você certamente não é uma piada. Esta é uma história sobre o destino de mundos. O destino do Universo e nada menos. Esta é uma história na qual esta galáxia, e possivelmente muitas outras galáxias – sem mencionar diversas iterações de *todo* o Multiverso espaço-temporal –, estariam em *sério* risco em mais de uma ocasião. Esta é uma história séria. Bilhões de vidas inocentes dependem de sua conclusão bem-sucedida. Um passo em falso em nossa narrativa e estrelas se extinguirão, galáxias em espiral se desenrolarão, supergigantes se detonarão em nuvens de atômicos e luminosos corações quebrados, e as mais antigas e poderosas civilizações do cosmos irão desmoronar, aos gritos, como se a terrível escuridão da eternidade rasgasse a garganta de Toda a Criação.

Então não vamos, leal e amigável leitor, começar com o pé esquerdo, pensando que estou prestes a lhe contar uma piada.

Não estou. Ficou claro? Suspenderei meus protocolos de discurso literal *{protocolos de discurso literal suspensos}* porque provavelmente é isso que está causando o problema. Tentarei ser mais... informal e mais *humano* (pois presumo que você seja humano, leal leitor. De qualquer maneira, você parece humano. Com exceção dessas sobrancelhas. Sério? *Sério?* Você mesmo as

apara?). Sou um sintético. Um humanoide sintético. Sou um instrumento de medição. Um gravador de dados. Fui manufaturado nas forjas de fabricação de Rigel. Fui criado para observar. Então vamos cortar o papo furado, tá bom? Não sou chegado a nuances orgânicas.

Onde estávamos?

Ah, sim, certo. Um guaxinim falante e uma árvore que anda entram em um bar.

O bar fica em Dive-town, um subúrbio menor da supercidade continental/estelarporto cosmópolis de Lumina, no planeta Xarth Três. Ocupando uma órbita de longa duração com efeito estilingue ao redor das estrelas binárias de Desaparecimento Primário e Desaparecimento Secundário no Grupo Xranek, Xarth Três é um mundo Classe M com uma população de 9,9 bilhões e de exportação industrial bruta que compreende principalmente...

{protocolo de pausa expositiva}

... apenas verificando sua opinião, fiel leitor, mas vai acabar se tornando cansativo se eu continuar revertendo o modo de entrega de dados toda vez que esbarrar em um nome próprio, não é? Eu sou uma enciclopédia. Mas quero contar esta história sem *soar* como uma. Aí vai uma ideia... se eu estiver indo rápido demais ou não explicar as coisas, me avise, e eu volto e preencho os detalhes que faltaram. Sou muito bom em preencher os detalhes. Se são detalhes o que você quer, então veio ao lugar certo.

{continuando modo de narrativa}

O bar fica em Dive-town. Os sóis já estão se pondo como pedaços de carvão quente espirrando água enquanto são mergulhados em água escura. Nas ruas lá fora, lâmpadas de neon começam a pulsar. Gangues de necrodroides reviradores de lixo estão uivando para as luas que nascem, ansiosas para iniciar uma noite violenta de guerra de territórios e uma lucrativa procura por órgãos.

O nome do bar é Leery's. Ninguém que frequenta o estabelecimento consegue realmente se lembrar de quem era o tal de Leery, nem por que o bar tem o nome dele (ou dela, ou daquilo). Nem mesmo Nrrsh, o skrull que gerencia o lugar.

Nrrsh foi ferido (presumivelmente durante uma das inúmeras guerras entre krees e skrulls) tantas vezes que uma grande parte de sua biomassa foi sistematicamente substituída por cibernéticos e próteses. É justo dizer que

ele não é bem um skrull com partes cibernéticas, mas uma coleção de partes cibernéticas com um braço remanescente skrull vagamente envolvido. Isso não o impede de maneira alguma de ser ferozmente skrulliano e cantar o tradicional lema "Tarnax! Tarnax! Sempre inconstante!" lascivamente todos os dias-skrull, ou quando já tomou uns timóteos demais.

{nota – voltaremos ao assunto dos timóteos depois}

Leery é do tipo mais comum de estalagem que existe em Dive-town: vários andares, bares múltiplos, uma pista de dança, um poço de orquestra, uma sequência alinhada de arenas para lutas e um portal semissideral para o Multiverso que ninguém nunca usa porque estão ocupados demais se embebedando, apostando nas arenas de luta, dançando ou aproveitando da pior maneira possível seu tempo aqui.

Conforme nosso guaxinim falante e nossa árvore que anda entram no lugar, percebem que o Leery's está movimentado como sempre. As dançarinas estão dançando (eu *disse* dançarinas – quis dizer um cardume de oitenta pseudoamebas coalescentes girando elegantemente, em formação sincopada. Usando plumas de avestruz). A banda está tocando (eu *disse* banda – quis dizer um esquadrão quase harmônico de trumpatunistas interpolatórios kymellianos que estão usando tubos acústicos de sopro para produzir um tipo desconcertante e sinceramente desconfortável de ruídos parecidos com peido de cavalo em frequências baixíssimas. Com uma batida de samba). A espelunca está pulando (eu *disse* pulando – e é o que eu queria dizer. A profunda e imensa pilha de fusão de rochas sobre a qual Dive-town foi construída, enfiada na superfície do planeta eras atrás pelos primeiros construtores de Xarth, está realmente sendo afetada pelas frequências de infrassom baixíssimas da banda de peido de cavalo kymelliana e está começando a estremecer. Só um pouquinho. Oh, só um pouquinho).

– Meu tipo de lugar – anuncia Rocket Raccoon, com prazer.

– Eu sou Groot – seu imenso companheiro concorda, assentindo.

Um guaxinim falante e uma árvore que anda. Assim, como a maioria dos heróis, eles não são nada parecidos com algo que já vimos. Essa certamente foi a minha reação quando os conheci. E estou assumindo que também seja a sua, leal leitor, enquanto os observa pisando pela primeira vez em minha habilmente tecida narrativa. Um guaxinim e uma árvore. Um fala, o outro anda.

"Certamente", ouço-o dizer, caro leitor, "não são *eles* os heróis desta

história, são?". "Certamente", você acrescenta com ansiedade, "o destino do Multiverso não pode depender logo *deles*, não é mesmo?".

Bem, sim. Ele depende. Leal leitor, se essa ideia o alarma, então talvez o destino do Multiverso não seja algo sobre o qual você deva pensar com *muita* força.

Se isso importa mesmo, e eu espero que seja assim, minhas primeiras impressões a respeito deles foram igualmente desapontadoras. Demorei um tempo para entender que Rocket Raccoon e Groot, do Planeta X, são os mais apropriados heróis e salvadores do Multiverso. Muito tempo, na verdade. E no decorrer desta narrativa, eu vou avisar quando isso aconteceu.

Em todo caso...

– Este é meu tipo de lugar – diz Rocket Raccoon, com prazer. Sua altura é muito menor do que um metro humano. Seu casaco é lustroso e está em condições maravilhosas. Sua espetacular cauda é sedosa. Ele caminha ereto de um modo que faria o humano em você querer gritar: "Olha o homenzinho! Olha! Andando nas patinhas traseiras! *Owwwn*!".

Não faça isso. *Nunca*. Se você fizer isso, ele vai meter chumbo em você até a morte, quantas vezes for necessário. Rocket Raccoon, sinto dizer, tem um passado perturbador e desagradável (uma "origem", como suspeito que você deva considerar esse passado, generoso leitor), mas esse passado perturbador e desagradável fez dele esse guerreiro espacial de focinho arrebitado e descarado como o diabo que ele é hoje. Pode ser que eu revele alguns detalhes sobre sua "origem" enquanto esta história avança. Mas não posso prometer nada. Fui avisado, sob a mira de armas de verdade, que não deveria revelar certas particularidades. Olha, se você o conhecesse como eu, saberia que seu coração está no lugar certo (no quadrante esquerdo superior de seu tórax) e que ele tem um código moral muito específico ("Flarkem-se tudo e todos!" ©2015 by Rocket Raccoon. Todos os direitos reservados), e ele gosta de armas incrivelmente grandes.

Uma delas, inclusive, está pendurada em suas costas no momento em que ele entra no Leery's. Olhe para ele! Olhe para ele, andando em pezinho! Como um cachorrinho treinado! *Ownnn*! Bom garoto! Bom garoto!

Desculpe.

E então, existem as mãos. Olhe, o negócio é o seguinte. Não posso deixar passar. As mãos de Rocket... elas são tão desconcertantemente *humanas*. São fabulosas (não no sentido mutante, obviamente. Mutantes são fabulosos de

um modo completamente diferente). São maravilhosas, assustadoras, assombrosas, incríveis, faltam adjetivos... ok, são apenas *aflitivas*. As mãos de Rocket Raccoon são desconcertantemente humanas, da maneira mais aflitiva.

Vamos pensar em outra coisa no momento, porque a coisa das *mãos* está me dando certo arrepio.

Outra coisa, outra coisa... ok, Rocket está usando um uniforme. Laranja, meio militarista, com partes metálicas reluzentes e que se destacam. É o uniforme dos Guardiões da Galáxia, um supergrupo de defensores do cosmos que realmente não consegue o respeito que merece. Ou a publicidade. Ou qualquer outra coisa. Mencione esse nome e a maioria das pessoas dirá "Hein? Guardiões de onde, ora?".

Rocket está desfrutando um período sabático. Os Guardiões, sabe, estão em um breve hiato entre seus esforços para salvar um cosmos ingrato (e proteger uma birrenta "Eu não preciso ser protegida" galáxia). O Senhor das Estrelas está fora fazendo isso. Gamora está fora fazendo aquilo. Drax está fora... destruindo. Neste caso estou apenas chutando.

Portanto, Rocket e Groot voltaram a fazer o que fazem de melhor: um pouco de ação, conseguir algum dinheiro. Eles possuem as chaves e os documentos de um cargueiro de dobra subcompacto e uma carga nova de zixos. Quarenta e oito toneladas de zixos, na verdade. Eles vieram até o Leery's porque conseguiram uma dica de que um comprador de zixo poderia estar ali naquela noite – um negociante de zixo procurando por algo entre 47 e 49 toneladas de zixo. Então, para Rocket, é hora de fazer negócios... apenas ele e seu confiável amigo Groot.

E por falar nisso... Groot é uma árvore. Imagine um carvalho antigo e gigante, com um rosto, braços e pés. Imagine que ele vem na sua direção. Groot tem que se abaixar enquanto passa pela entrada do Leery's – e, mesmo fazendo isso, diversos galhos arranham a entrada e são dobrados quase até o chão.

Rocket olha para o quase skrulliano barman.

– Dois timóteos! – ele declara.

– Eu sou Groot – diz Groot.

Rocket suspira.

– Tá certo, manda aquele timóteo e mais um latido amargo com soda.

Nrrsh corre para atender ao pedido. Rocket olha de soslaio para seu

amigo frondoso.

– Peso-leve – fala. Em seguida fareja o ar com seu focinho brilhante. Sente o cheiro de óleo de cobra e couro. Sente cheiro de répteis. Sente o cheiro de barriga de lagarto.

– Que se flark – ele diz. – Badoon.

E não demora muito para que a briga comece.

UMA
PONTINHA DE
PREOCUPAÇÃO

AS BEBIDAS SÃO SERVIDAS. Groot beberica a sua, seu galho mindinho esticado educadamente. Rocket observa seu timóteo com cuidado e respeito, o tipo de respeito que um domador veterano de come-caras denebianos demonstra pelos predadores que passou toda a sua carreira domando. Eles podem deixá-lo entrar na jaula com eles todos os dias, podem estar acostumados com ele, podem até permitir que os acaricie atrás das orelhas ou lhes dê guloseimas, mas eles ainda são come-caras denebianos e este nome não é, de maneira alguma, um eufemismo.

O timóteo é, caro leitor, uma bebida realmente esplêndida. Ela fica ali sobre o guardanapo em cima do balcão, brilhando com uma espécie de luz interna que promete alegria, sociabilidade e, por fim, um misericordioso apagão das lembranças. A receita exata do timóteo é, claro, um segredo muito bem guardado pela Mais do que Honorável Guilda Fraternal dos Bartenders e Mixologistas da Galáxia, mas especula-se que ela consiste de espírito de Arkuan, conhaque kree, sementes barbeadas de zark, uma medida de suco de vooosh, uma mistura de remorso senciente espremido da memória coletiva de espécies agonizantes por uma prensa quântica, um toque de limão e uma pequena carga antimáteria com força suficiente para manter apenas a cascata hiperespacial em um nível molecular. Da primeira vez em que foi batida na coqueteleira, foi-lhe dado um nome tão completamente assustador que refletia fielmente a experiência de tomá-la. Chegou-se à conclusão de que esse nível de honestidade seria considerado repelente no ambiente de varejo, portanto, a bebida foi renomeada para “O Timóteo” – um apelido considerado muito mais seguro e moderado.

Rocket Raccoon olha para seu timóteo por um momento, seus olhos se estreitando. Não se deve beber um timóteo com pressa. Não se deve casualmente virar com tudo um timóteo. Um timóteo requer certo grau de preparação mental antes de ser confrontado, precisa-se respirar fundo e dar uma longa corrida. Como se estivesse prestes a saltar uma ravina. Ou quisesse levantar voo. Ou entrar numa Guerra Kree-Skrull.

Não vale nada o fato de que o timóteo é a única bebida no Universo conhecido a entrar repetidas vezes na lista de armas proibidas e proscritas da Guarda Imperial Shi'ar.

– Eu sou Groot – diz Groot, notando a natureza pensativa de seu companheiro.

– Na verdade, tenho *mesmo* algo em mente, velho amigo – responde Rocket. – Estou preocupado com nossa carga de zixos. Precisamos encontrar um maldito comprador logo, ou vamos acabar com 48 toneladas de zixos apodrecidos. Podemos levar um prejuízo daqueles. Achei que zixos seriam um investimento inteligente. Costumavam sempre ser. Mas desde que abriram aquelas plantações nas megafazendas de Gamma Eridani, os mercados estão entulhados de zixos. É nisso que estou pensando. Ou pelo menos era minha preocupação principal até entrarmos *aqui*.

Ele fareja o ar novamente.

– Definitivamente, estou sentindo cheiro de badoon – diz.

Como se esta fosse sua deixa, os badoons aparecem.

Há dez deles. São espécimes especialmente grandes de sua raça. E a julgar pela insígnia prateada em forma de língua bifurcada em seus equipamentos e no uniforme da Irmandade de Guerra, e por suas calças de batalha de cetim negro lustroso, são guerreiros da Irmandade de Guerra de elite Plano "Devastação" – uma divisão que não é conhecida por sua abordagem alegre a respeito do amor e da vida, até mesmo pelos padrões badoons.

E está claro que estes grandes e agressivos guerreiros reptilianos estão procurando alguma coisa. Seus olhos âmbar que não piscam se lançam de um lado para o outro, analisando o ambiente em busca de pistas. As línguas bifurcadas tremulando por entre as presas reforçadas por aço. O líder dos badoons segura firme seu exterminatron de plasma cerimonial de sua Irmandade de Guerra, adornado por inúmeras joias.

Rocket se vira, voltando a atenção para seu timóteo.

– Não faça contato visual, velho amigo – ele murmura para Groot. – Não queremos nos envolver em nenhuma confusão. A última coisa de que precisamos é de uma briga com os badoons.

– Eu sou Groot – concorda Groot.

– Exatamente, parceiro. Neste momento não queremos nem uma pontinha de preocupação. Ignore qualquer provocação.

– Eu sou Groot.

– Sim. Mesmo que seja extremamente tentador querer aliviar nossos problemas dando algumas merecidas bordoadas nesses brigões de orelhas pontudas.

– Com licença – diz o líder dos badoons bem atrás deles. Rocket endurece. Tenta pensar em coisas tranquilas e relaxantes. Lentamente, ele e Groot se viram em seus bancos para encarar o badoon.

– Comandante da Irmandade de Guerra Droook – diz o líder badoon, apresentando-se. – Desculpe incomodar vocês. Por acaso viram algum gravador rigelliano?

– Um gravador rigelliano? – Rocket pergunta. – Acredito que não.

– Temos uma imagem digitalizada – fala o líder. Sua língua bifurcada dança e estremece. – Guerreiro Lorg, mostre a imagem digitalizada em nosso aparato tático da Irmandade de Guerra.

Um dos guerreiros-lagarto dá um passo à frente e exibe um tablet de dados no qual reluz a imagem de algo que quase definitivamente é uma unidade gravadora rigelliana.

– A cara dele não me é familiar – diz Rocket.

– O gravador é um fugitivo – informa o líder badoon. – Ele se esvaiu com dados muito sensíveis. Acreditamos que veio a este estabelecimento em busca de um piloto estelar ou um negociante disposto a lhe oferecer uma passagem para fora deste planeta. Você é um piloto ou um negociante?

– Ei, só o que posso lhe apresentar é um bom negócio em 48 toneladas de zixos – diz Rocket. – Nada além disso…

O líder dos badoons hesita e observa Rocket de perto. Os badoons não são muito simpáticos. São agressivos, cruéis e se acham muito importantes. Eles conseguiram, no decorrer de sua longa e sangrenta história, conquistar e oprimir uma boa parcela da Via Láctea. O desenvolvimento cultural deles é tanto que, logo cedo, certos tratos como etiqueta, bom humor, paciência e simpatia se tornaram – assim como suas caudas – sua primeira redundância

evolucionária, em seguida se tornaram vestigiais e logo desapareceram completamente.

Mas nem isso explica apropriadamente a mútua aversão entre Rocket e o badoon. É uma coisa primordial, a animosidade que existe, e que sempre existiu, entre pequenos mamíferos e grandes cobras. É instintivo, hereditário, uma dinâmica cobra-mangusto. Eles apenas geram desconforto um no outro.

Por isso, é com um imenso autocontrole que o líder dos badoons diz:

– Desculpe incomodá-lo.

E com uma medida igual de autocontrole Rocket repete:

– Sem nenhum problema – e volta para seu timóteo.

– Ufa – diz Rocket para Groot enquanto o badoon se afasta. – Essa foi por pouco.

Nesse ponto, o guerreiro badoon da Irmandade de Guerra que estava manuseando o aparato tático detecta tecnologia rigelliana no espaço vazio embaixo do pequeno palco onde a banda está tocando.

– Comandante da Irmandade de Guerra! Senhor! Encontrei algo! – grita o guerreiro. Os badoons se aproximam, sacando suas pistolas lasers da Irmandade de Guerra e espadas da Irmandade de Guerra. Os badoons acreditam que não existem palavras na galáxia que não possam ficar melhor com a adição dos antecedentes "Irmandade" ou "Guerra" ou, de preferência, os dois. A desafortunada presa dos badoons, que agora se revela ser realmente uma unidade gravadora rigelliana – um humanoide robótico desenvolvido e fabricado em massa pelos rigellianos para coletas de dados e levantamentos galácticos –, emerge do espaço embaixo do palco e tenta fugir.

Há alarme e consternação. Os badoons correm atrás do gravador.

O gravador emite um guincho eletrônico de medo. Ele não foi feito para brigar nem para correr. Muitos fregueses do Leery's se dispersam; outros zombam dos badoons. Os seguranças se aproximam. Atrás do bar, Nrrsh grita:

– Ei! – E aponta com seu único braço skrull para uma placa na parede que diz:

"Favor não sacar nem descarregar armas de fogo ou aparelhos de interrupção de energia nestas instalações, pois um golpe de punhal skrulliano no rim geralmente machuca."

Rocket apenas continuava olhando fixamente para seu timóteo intocado.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Sim, eu sei que está difícil segurar – Rocket suspirou.

– Eu sou Groot.

– Sim, eu sei que a coisa certa a fazer seria ajudar aquele pobre coitado robótico e nos levantarmos contra os badoons, porque se não o fizermos, quem fará? Nós apenas... temos que ignorar tudo isso. Nós queremos ficar longe de problemas, não queremos?

– Eu sou Groot.

– É, eu *estou* bem ciente de que a única coisa necessária para o triunfo do mal é que os homens de bem não façam nada.

Atrás deles, a balbúrdia seguia crescendo. O gravador, em meio à fuga, acabou colidindo com uma garçonete e lançou três bandejas de copos para se espatifarem no chão. O líder dos badoons empunhou seu exterminatron de plasma da Irmandade de Guerra. Os clientes estavam gritando e berrando. O gravador estava tentando se colocar em pé, pedindo desculpas para a garçonete.

O líder dos badoons tinha o robô na mira. Um apertar do gatilho da Irmandade de Guerra enviaria um raio supercarregado de plasma coberto por laser da Irmandade de Guerra através do bar. Ele fundiria e queimaria a base da espinha do gravador, preservando os dados em seus bancos de memória, mas evitando que ele algum dia voltasse a correr.

O líder dos badoons dispara.

Uma coisa estranha acontece. E seu significado dramático só se tornaria aparente muito tempo depois, leal leitor – junto com sua relação casual com o resto do espaço-tempo, sina e destino.

Basta dizer por agora que houve um súbito lampejo de energia desmaterializadora em meio a um halo de luz crepitante, e que o que parecia ser um Cavaleiro do Espaço galadorano usando uma incomum armadura negra fosca apareceu no meio do Leery's. Ele apareceu, na verdade, bem na linha de tiro entre o líder badoon e o assustado gravador no átimo de segundo em que o plasma exterminatron da Irmandade de Guerra foi descarregado.

O Cavaleiro do Espaço recebeu todo o impacto do tiro mortal. Mas seus avançados escudos-de-nulidade absorveram a parte pior e defletiram o resto.

Mesmo assim, o impacto lançou o guerreiro para o outro lado do bar, demolindo o pequeno palco onde a banda se apresentava.

O raio de plasma defletido, que perdera a maior parte de sua carga letal, passou assobiando pela área do bar, errando o gravador e, em vez disso, atingindo um copo que estava sobre um guardanapo, destruindo-o completamente.

– É isso aí – rosnou Rocket Raccoon, saltando e empunhando sua incrivelmente grande arma de fogo. – Esse flark desse badoon derramou minha bebida! Preparar e atirar, flark!

ENCRENCA

A INCRIVELMENTE GRANDE ARMA DE FOGO da vez de Rocket Raccoon é uma Nitro Weapons System Modelo 66 P.E.E. (“portátil e explosiva”). E vem com características atrativas e fáceis de usar – incluindo empunhaduras ergonômicas (muito úteis para aqueles que possuem mãos desconcertantemente humanas), um sistema de mira automática reflexiva, sistema de estabilização inercial amortecida e um minimizador de coice patenteado.

Entretanto, sua característica mais atraente é o “KZZWARK”, o ruído que ela faz quando dispara um pulso de raio mortal azul e branco.

KZZWARK!, diz a incrivelmente grande arma de Rocket Raccoon. Ele agora está de pé sobre o banco do bar enquanto atira; apesar do minimizador, os coices fazem com que ele e o banco girem, dando três voltas.

O pulso de energia azul e branca atravessa o Leery’s e atinge o líder badoon na cara. O líder está, como convém a um comandante de alta patente, equipado com um escudo corporal automático, um campo de força pessoal que se ativa quando sente a aproximação de munições balísticas ou energizadas. O escudo corporal salva sua vida, mas não sua dignidade. É capaz de deter a força explosiva do disparo, mas não de lidar com a acachapante marretada cinética causada por uma arma tão incrivelmente grande.

Ao ser nocauteado, Droook, o Comandante da Irmandade de Guerra de Elite Plano Devastação, atravessa a área do salão principal, passa pelo pequeno palco e acaba aterrissando de cara no bufê de saladas.

Seus homens não reagem bem a isso. Proferindo um grito de batalha próprio da Irmandade de Guerra, eles correm para a área do bar onde, até alguns segundos atrás, Rocket e Groot tentavam furiosamente cuidar de suas próprias vidas. O primeiro a chegar até eles é um corpulento guerreiro badoon com uma espada de combate da Irmandade de Guerra e dentes reforçados por aço da Irmandade de Guerra.

Ele gira a espada mirando Rocket.

– Uepa! – exclama Rocket e mergulha, saindo do caminho da lâmina.

A espada, uma soberba peça de aço moordiano com uma lâmina afiada quanticamente, fatia ao meio o banco no qual Rocket estava.

E então Groot golpeia o guerreiro badoon.

O guerreiro gira pela sala e colide com um grupo de executivos krees que esperavam apenas passar uma noite agradável em que ninguém acabaria acusando ninguém de nada. A espada de combate, arrancada da mão sem nervos do guerreiro badoon, gira duas vezes no ar e acaba enfiada e balançando, de ponta-cabeça, no bem acarpetado chão do Leery's.

Uma certa dose daquilo que poderia ser descrito como "tumulto" estoura nesse momento. O bar estava bem lotado e há muita gritaria e correria em andamento – tudo por causa do disparo de duas armas de grande potência, um banco de bar bissectado e árvores socando coisas.

Rocket Raccoon é um gênio tático. E a razão principal de se saber isso é que ele fala isso abertamente para qualquer pessoa que encontra.

No entanto, seu histórico fala por si mesmo. Ele já protegeu, para não dizer que salvou, a galáxia em várias ocasiões. Ele sabe ler uma briga como poucos praticantes dos jogos de guerra são capazes. E ele é flark de bom atirador.

Rocket usa tanto o tumulto quanto sua estatura a seu favor. Ele é eficazmente protegido pelos clientes que correm ao seu redor. O badoon não consegue mirar nele. Disparos a esmo são feitos. Um lustre explode. As dançarinas berram e debandam na direção do vestiário em meio a uma nuvem de fibras de plumas de avestruz.

Rocket rola pelo chão e se esconde atrás de um vaso de planta ornamental, disparando sua Nitro 66 novamente.

Ah, aquele gratificante KZZWARK!

O disparo atinge um dos agressores badoons. Ao contrário de seu Comandante da Irmandade de Guerra, este badoon não possui uma patente

alta o suficiente para lhe garantir um escudo corporal automático. O guerreiro badoon tem um breve momento para refletir sobre a injustiça inerente das vantagens oferecidas às várias classes de oficiais e sobre como são sempre os guerreiros badoons comuns que acabam pagando por isso em longo prazo. E então ele olha para baixo, observando a nuvem de vapor anteriormente ocupada por seu torso, e tomba para trás.

{A morte o tocará, leal e gentil leitor. E não darei desculpas para isso. O Universo é um lugar cruel; a vida e a morte seguem, se não de mãos dadas, pelo menos acorrentadas juntas, como Tony Curtis e Sidney Poitier em Acorrentados. *Sim, para mim é um prazer imenso costurar as referências temáticas desta história com sua Cultura Humana. Os badoons são guerreiros. Rocket e Groot são guerreiros. O destino é uma questão de vida ou morte e, às vezes, ele é decidido pela velocidade com que um gatilho é apertado, ou pela grandeza incrível de uma arma e a boa vontade de seu dono em usá-la. Vale a pena relatar que uma das outras características atrativas e fáceis de usar da Nitro Weapons System Modelo 66 P.E.E. (portátil e explosiva) é o botão que permite ao proprietário alternar o disparo para uma configuração de "atordoamento" não letal. Rocket já possuía a Nitro por oito meses antes de Groot apontar essa característica para ele. E quando ele o fez, Rocket riu por nove minutos e então perguntou "Por que alguém precisaria disso?"}*

O primeiro derramamento de sangue – sangue *de verdade* – vai para Rocket Raccoon. Uma linha foi cruzada. Rocket se refere a essa linha como a "Ah Que Flark de Horizonte de Eventos".

Não há como voltar agora.

– Groot, meu velho amigo, minha velha árvore! – ele grita. – Nós cruzamos o Ah Que Flark de Horizonte de Eventos! Agora o bicho vai pegar!

Groot está intrigado porque, para começar, ele não está sendo perseguido por nenhum bicho. Com um simples menear de cabeça de seu pequeno amigo mamífero, ele se vira e desfere um gancho que manda outro badoon para fora do Leery's por um buraco no teto que não estava ali antes.

Groot é um exemplar de uma rara espécie nomeada de *flora colossus*, natural de um planeta conhecido como X. Ele é um indivíduo surpreendentemente complexo e apenas desfere socos em outras coisas por necessidade – e porque ele é extremamente bom nisso.

Ele gira, atingido por um golpe de imensa força. Nrrsh, o dono do bar, o atacou por trás. Nrrsh está empunhando o medonho ciberporrete que ele

reserva a clientes particularmente turbulentos e não cooperativos na hora de encerrar o expediente.

– Ninguém começa um flark de tiroteio em meu bar! – rosna.

– Eu sou Groot! – Groot diz a ele.

Nrrsh o acerta de novo. O porrete energizado quebra a casca e tira seiva.

Isso irrita Groot, que nocauteia Nrrsh, e o skrull executa um salto mortal reverso completamente involuntário por sobre o bar, levando ao chão seis prateleiras cheias de garrafas.

No entanto, Nrrsh havia empregado uma boa quantidade de seguranças altamente habilidosos para policiar seu estabelecimento. São enormes cyberneticons lutadores vindos das zonas de guerra de Raxus. Conforme se aproximam de Groot, eles alternam para o modo ogro, aumentando de tamanho e blindando-se com a sobreposição de camadas de liga de alta densidade e campos de força subcutâneos.

O primeiro em modo ogro golpeia Groot. O segundo desfere outro sólido soco. Groot cambaleia, machucado, e então revida, golpeando e lançando um dos que estão em modo ogro por cima do bar e outro contra o muro. O terceiro e o quarto se aproximam, os punhos erguidos.

– Eu sou Groot – Groot decide.

Enquanto isso, Rocket se tornou o foco da ira dos badoons.

Estão disparando múltiplas armas laser da Irmandade da Guerra contra ele. O bombardeio abriu buracos no chão, na parede, na lateral do bar e no palquinho, e chegou perto de queimar a ponta da aveludada e maravilhosamente volumosa cauda de Rocket.

Ele mergulha, rolando e disparando sua arma. Parte do teto explode e desaba. Os badoons se espalham procurando se proteger. Um badoon encontra um abrigo bastante inadequado atrás de um carrinho de sobremesas e leva tempo demais tentando fingir ter a forma de um bolo de três andares.

Rocket corre para se proteger. Ao se enfiar embaixo de uma mesa, ele ouve uma voz dizer:

– Agradeço a ajuda.

Ele olha ao redor e se vê cara a cara com o gravador rigelliano, que escolheu a mesma mesa para se esconder.

– Sou um gravador – o gravador diz. – Sou um Gravador 127, fabricado pelos colonizadores de Rigel para viajar pelos caminhos do espaço até o fim

dos tempos, pesquisando e registrando o Universo conhecido. E temo que esteja metido em uma grande confusão.

– Por que flark esses d'ast badoons querem tanto você? – Rocket pergunta.

– Eu não sei, senhor – o gravador responde. Ele é um humanoide lustroso, esteticamente agradável com acabamento em verde e dourado. Seu rosto é o lado triste da impassividade. – Fui danificado de algum modo – continua. – Minhas lembranças estão debilitadas. Não sei ao certo o que está acontecendo, apenas sinto o desejo de que não estivesse acontecendo.

– Bem, meu velho amigo gravador – Rocket fala –, nós já atravessamos o Ah Que Flark de Horizonte de Eventos.

– Pergunta? Significado?

– Isso significa que eu estava tentando ficar longe de problemas esta noite, mas, ao ver que isso não aconteceria, quis fazer com que os problemas valessem a pena.

– Pergunta? Significado?

– Você queria proteção contra esses badoons, garoto de Rigel, você conseguiu.

– Estou muito grato. Não quero ser um fardo.

Rocket mostra os dentes. Disparos de laser feitos pelos badoons estão destruindo o topo da mesa sob a qual eles estão se protegendo. Ele enfia um novo cartucho de energia em uma incrivelmente grande arma.

E então olha para o gravador.

– Você por acaso não conheceria algum comerciante de zixo procurando por um bom negócio? – ele pergunta, tristemente.

– Sinto muito, mas não conheço.

Rocket dá de ombros.

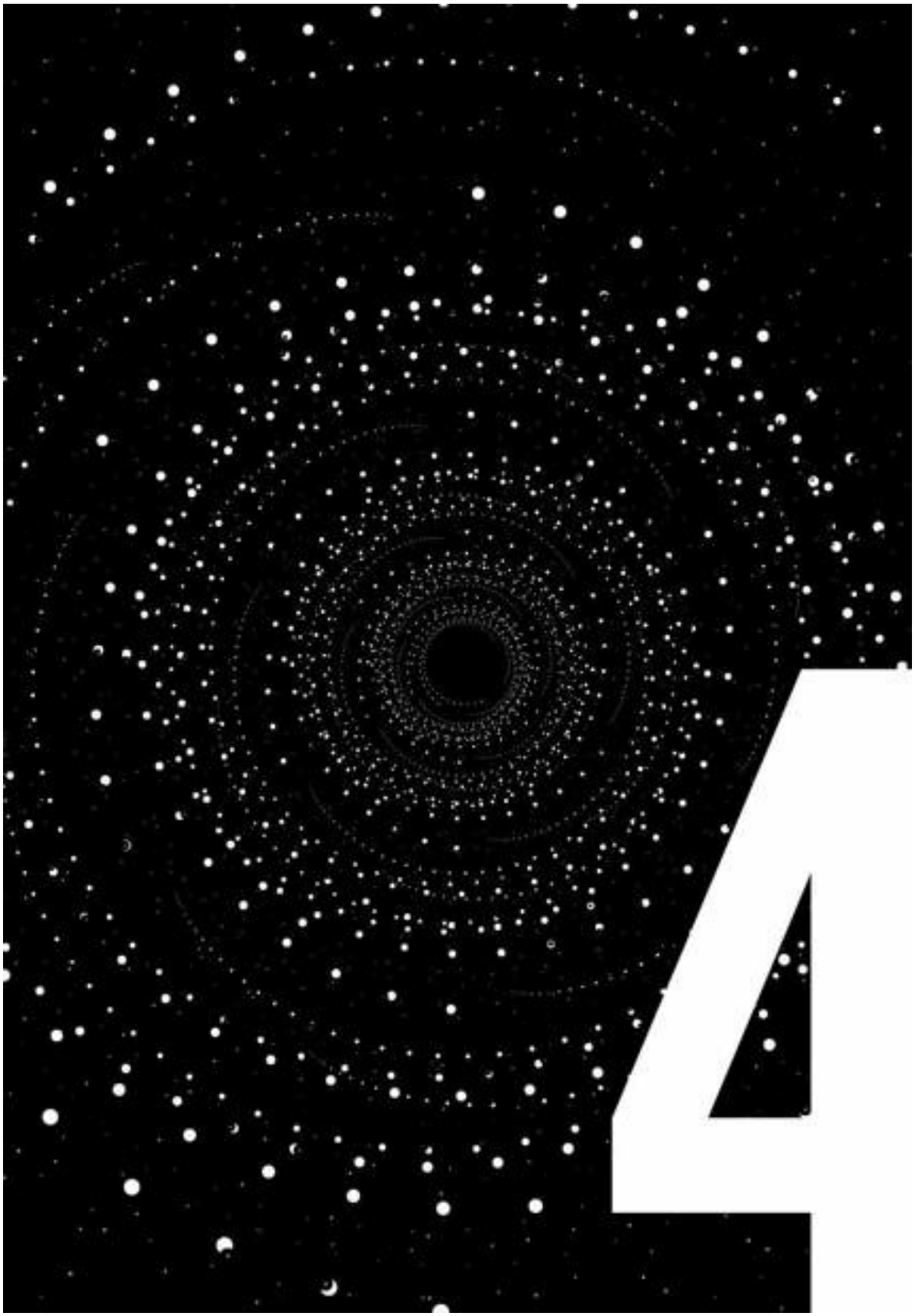
– Tinha que perguntar. Tudo bem, fica abaixado e me segue.

E com isso, Rocket Raccoon sai de debaixo da mesa com um salto, disparando sua incrivelmente grande arma, e executa os mais selvagens e efetivos vinte segundos de guerra antibadoon que já testemunhei.

E foi assim, gentil e leal leitor, que nos conhecemos.

Eu sou um gravador.

Eu sou o Gravador 127 da Pesquisa Intergaláctica Rigelliana.



SAÍDA
ESTRATÉGICA

ELES COMEÇARAM A CORRER. Devo dizer que *nós* começamos a correr. A natureza desta narrativa se transformou conforme é contada. Você, leal leitor, agora está ciente de que sou um dos três indivíduos no epicentro desta loucura.

– Por ali! – Rocket Raccoon berra.

– Eu sou Groot! – seu valente companheiro responde.

Rocket Raccoon hesita. Agora ele viu os modo-ogros blindados dos quais Groot havia chamado atenção – e se atentou para o fato de que Nrrsh já havia se colocado novamente sobre seus pés artificiais e segurava uma espingarda de íon de cano serrado. Não era preciso ser um gênio tático para ver que "por ali" não era uma rota de saída muito promissora.

Eu certamente havia notado isso.

– Por ali está bloqueado por pelo menos sete combatentes perigosos – apontei. – Por aqui não parece um caminho que deva ser considerado, especialmente se alguém estiver avaliando as opções baseado em preocupações tais como saúde, segurança, sucesso, continuação de nossas funções vitais, evitar o desmembramento...

– Ei, você, chega de falar tanto – Rocket Raccoon me avisou. Suspendi minhas funções de fala imediatamente.

Rocket Raccoon se virou.

– Por aqui! – ele ordenou.

Infelizmente, "por aqui" também não estava repleto de vantagens positivas. Muitos badoons já estavam caídos, mas um esquadrão de reforço havia chegado. As armas Irmandade de Guerra já estavam em mãos e sendo disparadas. O ar se encheu de uma nevasca de cartuchos de laser e raios de

exterminatron. De seu ponto de comando avançado atrás do bufê de salada, o Comandante da Irmandade de Guerra Droook berrava ordens e expletivos em igual medida.

– Tá bom, tá bom! – Rocket Raccoon admite. – Por *aqui*, também não!

Ele dispara mais dois tiros para manter os soldados badoons abaixados, e então aponta sua arma incrivelmente grande para o chão. O disparo, quase às cegas, abre um enorme buraco livre no piso do bar. As bordas do buraco crepitam e brilham com o metal derretido, dissipando o superaquecimento.

Há um vazio abaixo.

– Groot! – Rocket berra. – Vamos para o outro lado! Cubra minha cauda, amigão!

Groot ainda está enfrentando os modo-ogros enraivecidos. Cada soco e impacto formam ondas de ar, como se fossem uma explosão sônica. Groot lança um modo-ogro por uma janela, e então manda outro voando de braços abertos para o lado – sua armadura de liga amassada e seu campo de força subcutâneo piscando e falhando. Mas ainda há muitos outros. Galhos são quebrados. Pedaços de casca racham. Seiva vaza. Groot tem a aparência de um campeão se apoiando nas cordas após um round difícil e violento.

– Groot! – Rocket grita. Ele segura sua incrivelmente grande arma por cima das orelhas com suas mãos desconcertantemente humanas e a lança para o outro lado do bar. Groot a recebe. No começo, ele a brande como se fosse um bastão, atingindo a ameaça imediata dos modo-ogros que estão mais próximos, e então ele a posiciona ao lado do quadril e começa a atirar. A Nitro Weapons System Modelo 66 P.E.E. não parece tão incrivelmente grande em sua enorme mão. Parece um brinquedo: uma arma de submunição ou carabina. Ele não mira com um cuidado especial. Atira rápido e em todas as direções. Modo-ogros voam para trás como pinos de boliche. Nrrsh berra algo não muito skrulliano e procura proteção urgente.

– Vamos nessa! Vamos nessa! – Rocket berra. Ele já sacou suas armas de reserva, um par de pistolas laser spartois de cano longo. Ele as brande, com os braços esticados, uma pistola mortal em cada uma de suas mãos desconcertantemente humanas. Atente-se agora que sua referência temática à Cultura Humana, leal leitor, seriam os tiroteios com armas nas duas mãos de Chow Yun-Fat. Ou de um bucaneiro.

Sim, definitivamente seria um bucaneiro. A única coisa que faria Rocket Raccoon se parecer mais com um bucaneiro naquele momento seria um

papagaio em seu ombro ou um cordame.

Ele atira nos badoons que avançam: direita, esquerda, direita, esquerda – a fumaça na ponta de uma das pistolas se ergue com o recuo enquanto a outra dispara. Três guerreiros da Irmandade de Guerra são atingidos pelos tiros e caem de lado, um sobre o outro, deslizando para os lados sobre o chão e formando uma trágica oca badoon.

Rocket Raccoon está prestes a parecer ainda mais com um bucaneiro.

– Groot! Eu disse que já estamos picando a mula! – ele grita por sobre os estrondos dos disparos. – Pare de se divertir e siga o roteiro! É hora de fazer como um saci.

– E sair daqui? – eu pergunto, suspendendo o *mute* por um segundo. Não consigo evitar observar e me deleitar com bravatas heroicas à moda antiga.

– Não – Rocket ironiza, me corrigindo. – E *saltar fora* daqui!

Ao dizer isso, ele pula no buraco que abriu no chão.

Hesito. A presunção é de que eu deveria seguir esta rota imprudente, mas agora que o momento está realmente acontecendo, eu me encontro relutante.

Nesse ponto, entretanto, sou agarrado por uma árvore e enfiado sob seu braço. E então a árvore toma a decisão de pular por mim e sou obrigado a acompanhá-la.

TUMP!

Fico atordoado por um segundo. Estou realinhando e reiniciando, estabilizando meus sistemas sensoriais. Meu Posicionamento Giro me diz que descemos aproximadamente oito metros. Groot me põe no chão. Vejo-me em pé num solo feito de um empoeirado material arenoso baseado em mica. Noto que ele está manchado em alguns trechos.

Eles ouvem um ruído ensurdecedor. Uma ululação vigorosa e animada. Vem da multidão. E, ao que parece, estão surpresos, para não dizer felizes em nos ver. E parecem coletivamente ansiosos para ver o que acontece em seguida.

– O esquema estrutural do Leery's – eu faço uma observação – indica ser possível que uma arena de luta esteja diretamente abaixo do piso onde fica o bar.

Rocket Raccoon se vira lentamente, lançando-me um olhar penetrante. Senti que aquela era sua maneira de me informar que eu deveria ter mencionado esse fato um pouco antes. Antes de pularmos, por exemplo.

A arena é larga e circular. A multidão que berra – que agora soca o ar unanimemente com seus muitos punhos, trocando rápidas apostas e contra-apostas – está contida atrás do alto muro que rodeia a arena. Na areia ao nosso redor, vários gladiadores enormes e lutadores de arena – enfiados em armaduras cheias de pontas afiadas e manchadas de sangue, segurando machados, cutelos, lanças e tridentes – nos analisavam com certa curiosidade profissional.

Assim como a vasta variedade de feras lutadoras importadas principalmente de Sakaar. Elas fungavam e relinchavam; a saliva escorrendo de suas bocarras cheias de presas.

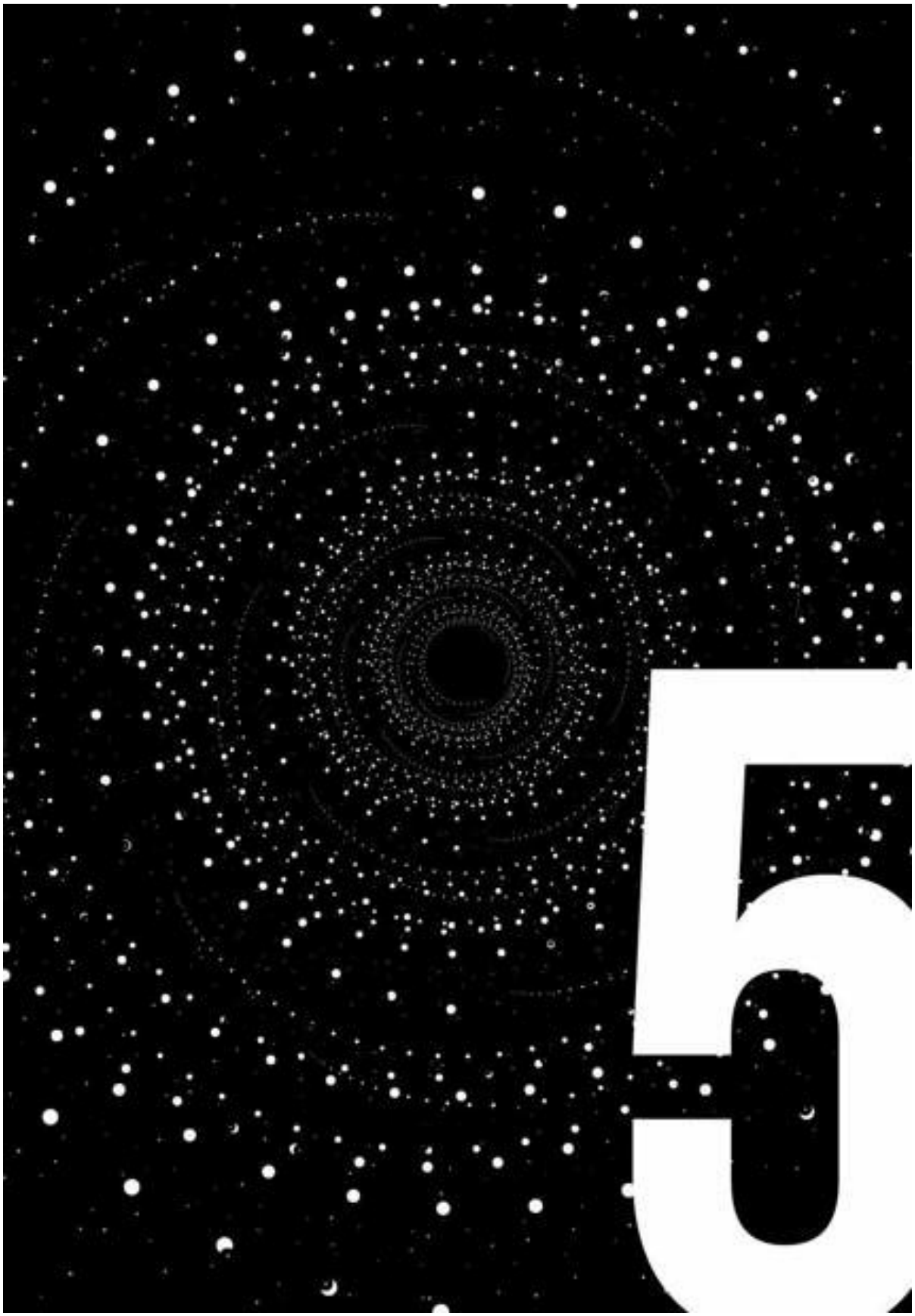
As manchas na areia, o processamento me informou, são de sangue... no mínimo.

Groot olha melancolicamente para o buraco no teto. Agora ele parecia muito mais uma rota de fuga do que parecera lá de cima. Entretanto, está absolutamente fora de alcance.

– Ah, bem – murmura Rocket Raccoon com um tom de voz cansado.

Ele gira as pistolas de modo desafiador em suas mãos desconcertantemente humanas, e rosna.

– Façam suas apostas.


5

QUE O JOGO
COMECE

UM GRITO DE SIRENE INCITA O INÍCIO DO COMBATE, mas é desnecessário. Os gladiadores já estão se aproximando. As escandalosas *ring girls* zen-whoberianas mal têm tempo para se dispersar e pegar as placas que anunciam o número do *round* na beira das arenas.

Rocket aponta suas pistolas para o gladiador mais próximo, um saurídio gigante e irado usando um elmo de ferro. Ele dispara.

Nada acontece.

Rocket grita:

– Mas que flark é essa? – e rapidamente se agacha. Passa por baixo das pernas do inimigo, permitindo que a enorme cara blindada do gladiador passe direto por cima dele e vá de encontro ao punho de Groot.

O gladiador cai diante dele.

– Minhas armas não estão funcionando! – Rocket berra, testando-as novamente para se certificar. Groot também está tentando descarregar a Nitro 66, sem sucesso.

– As arenas de luta estão cheias de sinais de embaralhamento que evitam o disparo de armas de energia – eu aponto.

– Por quê? – Rocket suplica, rolando no chão para evitar o golpe de um machado do tamanho de uma mesa de jardim.

– Porque isso seria antiesportivo – respondo.

– Anti o quê?

– Injusto. O esporte praticado aqui é luta de arena corpo a corpo – explico. – O uso de armas de longo alcance e de energia traria desvantagem para os gladiadores.

– *Desvantagem para os gladiadores?!* – Rocket berra em resposta. Ele está correndo em círculos com uma imensa criatura ciborgue empunhando uma espada do tamanho de uma tábua de passar em seu encalço. Rocket tem razão. A desvantagem é toda nossa. De nós três, apenas Groot é fisicamente capaz de lutar nesse ponto. E ele está socando qualquer coisa que se aproxime. Rocket está sobrevivendo meramente por conta de sua velocidade – correndo, pulando, rolando, agachando e desviando. Ele é pequeno e rápido demais para ser atingido. Por enquanto.

Eu só estou sobrevivendo porque Groot está sendo bastante gentil em me agarrar e me tirar do meio do perigo, me colocando em lugares temporariamente menos arriscados. É como se ele estivesse lutando e simultaneamente me usando como uma peça de xadrez. Essa é uma atividade que, temo, não possa ser executada com sucesso por muito tempo.

A plateia está de pé, uivando.

Rocket se abaixa, desviando da espada do ciborgue, executa um salto que usa o escudo de outro gladiador como trampolim e dá uma cambalhota no ar. Pousa no ombro de um brutamontes shi'ar que tem uma exagerada musculatura geneticamente ampliada. Esse lutador usa imensas ombreiras de aço e um ameaçador capacete cromado com viseira.

Rocket havia guardado as pistolas. Ele segurou a borda do capacete do gladiador com suas mãos desconcertantemente humanas e o puxou para baixo, ao redor das orelhas do brutamontes. O shi'ar gritou indignado, deixando cair seu cutelo e seu machado, e cambaleando cegamente enquanto tentava abrir a viseira e puxar o capacete para cima. Ele precisou de algum tempo e um pouco de esforço para realinhar seus olhos com a pequena fenda no elmo.

Rocket saltou novamente e aterrissou na areia, agarrando o machado de mão descartado. Para o shi'ar, aquela era uma arma minúscula, apenas uma ferramenta de corte secundária. Mas para Rocket era um poderoso machado de batalha, e ele tinha que apoiar o cabo em seu ombro para conseguir segurá-lo bem.

Outro lutador correu em sua direção. Rocket golpeou-o com o machado, desviando as pontas de seu tridente. O lutador cambaleou. Rocket golpeou-o novamente e fez um corte na placa torácica de sua armadura, curvando-o. O lutador caiu de joelhos e Rocket aplicou-lhe um golpe com a parte lateral do machado em sua nuca, deixando-o inconsciente.

– Que mais quer? – Rocket rosnou, lançando-se para a frente e olhando ao redor. Ele correu, subindo pelas costas de um gladiador taurian que vinha em minha direção e o atingiu com um golpe do machado, saltando de seus ombros enquanto o grandalhão caía de braços abertos.

Tive a distinta impressão de que, apesar de tudo, Rocket Raccoon estava quase adorando tudo aquilo.

Os gladiadores eram uma coisa. As feras da arena eram outra bem diferente.

Eram monstros, leal leitor, nascidos dos piores pesadelos.

Cada uma tinha o tamanho de um modesto edifício. Eram originárias do notório planeta Sakaar, um lugar que não existe mais, a não ser nas memórias e bancos de dados (ou para aqueles com acesso à tecnologia de viagens temporais), cujas monstruosas criaturas eram tão ferozes e impressionantes que muitas espécies ainda existem nos bestiários de arenas de luta por todo o Universo.

Uma das coisas que dividia a arena conosco era um tipo de centopeia do tamanho de dois ou três vagões de metrô. Membros infernais e pontiagudos se agitavam em volta das laterais de seu corpo segmentado e veloz. Suas partes bucais, afiadas como navalhas, estalavam e talhavam.

Outro lembrava um gigantesco sapo pustulento com a cabeça de um peixe de águas profundas. Tinha a mandíbula prognata e oito fileiras de dentes finos e afiados como agulhas; cada um deles poderia facilmente atravessar Rocket Raccoon como uma lança. Sua pele brilhante era quase translúcida, portanto seus ossos e alguns órgãos pulsantes ficavam realmente visíveis. Seus olhos eram grandes e vazios, como uma poça de leite.

Outro era um quadrúpede gigante com aparência de urso usando uma coleira de espinhos. Vestia uma armadura que cobria parcialmente suas costas, flancos e crânio, com placas de metal enferrujado. Arrastava pesadas correntes atrás de si que, preocupantemente, pareciam ter sido arrancadas por ele. Sua boca, sobressaindo por baixo da borda de seu protetor de cabeça, era tão grande que um pequeno carro de passeio poderia facilmente estacionar ali dentro. Os dentes eram como lápides afiadas.

O urso avançou, rosnando. Pisoteou diversos gladiadores infelizes e lançou outros ao ar. Groot viu o urso vindo e saiu de seu caminho, mas isso fez com que se colocasse no caminho da centopeia. A coisa avançava em sua

direção como um trem descontrolado em um trilho curvo, as pernas se erguendo e debatendo. Fedia a amônia.

Groot ainda segurava a Nitro 66. Era a única arma que tinha à mão. E como ela não disparava, ele a enfiou na mandíbula do bicho, tentando deter as partes bucais dilacerantes do bicho.

As mandíbulas afiadas morderam a arma. Embora os sinais de embaralhamento da arena evitassem o disparo de sistemas de armas de energia, não tinham o poder de afetar a falha na contenção do explosivo de um cartucho que fora cortado ao meio por uma mordida.

A arma incrivelmente grande explodiu quando toda sua carga de energia foi liberada de uma só vez.

A explosão, uma bola de luz quente e branca, lançou Groot para trás e desintegrou a cabeça do monstro metamérico. Icor amarelo e fragmentos de carapaça quitinosa voaram em todas as direções. Galvanizado pela onda de choque neural, o imenso corpo segmentado do artrópode subitamente decapitado convulsionava violentamente. Todo o trem de carga que formava seu corpo se debatia e chicoteava do modo mais devastador possível, atirando areia para todos os lados e lançando lutadores desafortunados, feridos e aleijados ao ar. E então toda sua parte traseira, seu corpo serpenteante e as pernas que se debatiam subiram o muro da arena e caíram por sobre a multidão. Uma parte do muro caiu por conta de seu peso esmagador. As garras-patas peçonhentas se contorcendo e as partes pontudas do corpo causaram sérios danos a grande parte da audiência que ocupava os assentos mais baratos.

A multidão já não mais uivava. Estava propensa agora a gritar e a fugir para as saídas. Subitamente, a arena de luta não parecia mais uma boa distração. Aquela era a verdadeira definição do termo “esporte sangrento”, e a multidão não parecia muito disposta a aceitá-la.

A centopeia levou um bom tempo para aceitar que estava morta. Seu corpo chicoteou e se debateu, derrubando mais um pouco da parede e esmagando mais quatro filas de assentos – e os membros do público nelas –, puxando-os para a arena. Domadores e juízes tentavam conter a confusão, mas tal missão estava muito além de suas habilidades.

O sapo-fera translúcido sentiu cheiro de sangue e saltou para a seção caída do muro. Talvez houvesse apenas identificado um modo de escapar de sua prisão, ou talvez se dera conta de que os membros da audiência seriam

lanchinhos menos desafiadores do que sua dieta habitual de gladiadores trajando armaduras que revidavam.

Além disso, a multidão já estava zombando demais da situação.

Rocket Raccoon analisava a carnificina. Dado ao "Ah Que Flark de Horizonte de Eventos" que haviam compreensivamente cruzado no início daquela noite, ele não tinha a menor ideia de que tipo de horizonte de eventos seria esse.

Entretanto, dou-me conta de que ele está imerso nas maquinações de um gênio tático. E fico desapontado com suas descobertas iniciais.

– Temos que sair daqui – ele disse.

– Eu sou Groot – Groot concordou. Claramente, há mais profundidade no plano de Rocket do que eu havia compreendido.

Rocket está procurando cartuchos reserva de energia nos bolsos de sua bandoleira. Ele começa a se afastar de nós. Vejo que está retirando os plugues de contenção dos cartuchos de energia.

As consequências da mordida da centopeia na Nitro 66 lhe deram uma ideia.

– Segure o gravador! – ele berrou por sobre o ombro. Groot fez o que ele pediu, me agarrando e atravessando a passos largos e rápidos a areia atrás de seu pequeno amigo.

À primeira vista, parece que Rocket está seguindo na direção do imenso portão levadiço que nos tira da arena e leva direto à toca dos animais. Mas não, não é esse o caso.

Ele está indo na direção do quadrúpede ursino.

O ursino que, há poucos momentos, havia passado estrondosamente por nós, mastigando alguns gladiadores e juízes que tiveram a falta de sorte de estacionarem na garagem que era sua boca.

Rocket saltou e conseguiu segurar uma das correntes quebradas que se arrastavam atrás dele. Ele correu pelos elos, escalando o flanco da fera e subindo em suas costas protegidas. Uma ação semelhante a escalar as rédeas de um cavalo em disparada. Mas Rocket é ligeiro e ágil, e suas mãos desconcertantemente humanas evidentemente davam conta de agarrarem com muita força.

Ele estava no lombo da fera. Entre as lâminas em seus ombros, segurando-se nos imensos e enferrujados espinhos de sua coleira. Tudo o que podemos ver dele é sua cauda volumosa, balançando em volta da nuca

do ursino. De nosso ponto de vista, leal leitor, parecia que o animal estava usando aquilo que chamávamos de "chapéu de Davy Crockett", aquele semelhante a uma bolinha de pelo com um rabo de esquilo preso atrás.

– Vire, seu animal flarkdido! – ele gritou para o urso que tentava montar. O animal não respondia aos vários puxões e empurrões que Rocket aplicava à coleira de espinhos, então Rocket serpentou seu admirável e sedoso rabo até a orelha da fera e lhe fez algumas cosquinhas.

Aquilo funcionou. Irritado, o urso virou para a esquerda, na direção do portão que levava ao covil dos animais.

Rocket gritou:

– Seguuura, peão!

Ele se ergueu na sela e atirou os cartuchos de energia.

Cartuchos de energia são compartimentos de contenção que aguentam quantidades de energia consideráveis, como agora a centopeia decapitada poderia atestar. Foram projetados para permanecerem inertes e altamente estáveis – sem explodir ou liberar toda a energia contida neles de uma vez, por exemplo – para sobreviver aos chacoalhões e confusões das guerras espaciais.

Ou seja, a menos que os plugues de contenção fossem deliberadamente removidos, algo que uma pessoa em sã consciência só faria segundos antes de encaixar um cartucho diretamente na arma.

Os desestabilizados cartuchos de energia cortaram o ar. E, como no caso daquele que foi mordido no meio pela centopeia, estes não estavam, de modo algum, influenciados pelos sinais de embaralhamento da arena.

Eles atingem as barras do portão elevadiço e detonam.

O portão explode. A arcada em volta dele estremece em uma nuvem de chamas, e então vem abaixo em uma avalanche de blocos de pedra, causando a queda de outra enorme seção da parede da arena e dos assentos que ela segura (junto com mais um grande número de aficionados por lutas noturnas). O caos total se instala.

{protocolo de pausa expositiva}

– os limites superlativos do termo *caos* evidentemente foram atualizados e redefinidos durante o curso desta narrativa. Estimo que já tenha feito isso pelo menos três vezes, e nós apenas começamos, francamente.

{continuando modo de narração}

Rocket saltou do lombo do ursino. Este por sua vez continuou com seu

galope e se chocou contra o portão destruído, derrubando tudo o que a explosão de energia não havia derrubado ainda.

Ainda me carregando embaixo do braço, Groot seguiu Rocket por entre as ruínas do portão. Eles passaram cuidadosamente por blocos fumegantes e pedaços retorcidos de metal. Adiante, podíamos ouvir a barulhenta devastação causada pelo urso que ainda galopava.

– Deve existir um caminho que leve a alguma saída, em algum lugar – Rocket avisou. – Um deque de carregamento, algo do tipo.

Alguns funcionários da arena passaram correndo, nos ignorando. O ar estava cheio de fumaça. Destroços choviam do teto. Uma figura surgiu da escuridão. Era o gladiador shi'ar com o elmo cromado.

Rocket ia sacar suas pistolas, mas o shi'ar apenas olhou para nós e balançou a cabeça.

– Não vou lutar – ele grunhiu. – Não foi para isso que me alistei. Só estou procurando a saída.

– Alguma sugestão? – Rocket perguntou a ele, erguendo as mãos para mostrar que não pretendia mais pegar as armas.

– Eu estou indo para o subporão – disse o shi'ar. – Dizem que há maneiras de sair por lá. Pela cidade subterrânea de Dive-town, no nível da pilha de rochas. Talvez de lá dê para chegar ao lixão. Quem sabe?

– Boa sorte – disse Rocket Raccoon.

– Boa sorte para vocês – o shi'ar respondeu, sombriamente. – O inferno está chegando. A polícia está a caminho. A Tropa Nova. Até ouvi dizer que os Luminosos foram mobilizados.

– Os heróis mais poderosos de Xarth, hein? – disse Rocket.

– Eu não planejo ficar por aqui para descobrir – disse o shi'ar. – Vou apenas me mandar pela porta dos fundos. Você tem outros planos?

– Sempre – Rocket respondeu.

O shi'ar se virou para partir. Parou.

– Quem são vocês? – perguntou.

– Rocket e Groot – disse Rocket.

– Nunca ouvi falar de vocês – relatou o shi'ar.

– Sempre a mesma história – suspirou Rocket.

O shi'ar desapareceu em meio à fumaça, balançando a cabeça.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– A cidade subterrânea? – perguntou Rocket. – Não, por aí não. Mesmo

com as autoridades chegando. Precisamos acelerar nossa saída estratégica. Vamos subir até os pilones de pouso.

Começamos a nos mover novamente, escalando os escombros.

Rocket localizou uma câmara de segurança quebrada que levava para uma escadaria escura. Sons de explosão, gritos e caos redefinido ecoavam pelo corredor de concreto.

Logo atrás da porta, um homem está apoiado na parede. É um xarthiano usando roupas de mercador. Algo, provavelmente um ursino galopante, havia recentemente pisoteado-o. Ele se arrastou até a escadaria em busca de refúgio. Rocket parou para ver se havia algo que pudesse fazer pelo pobre homem. Rapidamente se tornou aparente que uma pisada de ursino não é o tipo de ferimento que você pode curar facilmente.

– Eu... eu só queria uma noite calma... – o homem murmurou, apesar de sua dor. – Tomar alguma coisa... talvez fe... fechar... algum... ne... negócio...

– Com o que você trabalha? – Rocket perguntou, tentando distrair o homem de suas feridas mortais.

– Zi... zixos – o homem disse. – Sou um negociante de zixo. Eu... ape... apenas queria fazer negócios... não *isso*. Apenas um contratinho. Algo fácil. Algo entre 47 e 49 toneladas de zixo. Não é pedir muito, é?

– Não – disse Rocket. – Vou te contar algo...

Mas o homem estava morto.

Rocket ergueu o olhar para Groot.

– Você sabe o que é isso, amigo? – ele perguntou.

– Eu sou Groot.

– Precisamente. *Ironia*.

• • • •

Levamos mais de quinze minutos para subir a escadaria até os pilones de pouso. Fizemos isso muito cuidadosamente. A fumaça e os sons do caos ainda flutuavam pelo ar, e muitos alarmes estrilavam. De fora, chegavam as características sirenes das viaturas de perseguição e emergência da Tropa Nova. Passamos por mais pessoas que corriam, mas não prestaram atenção em nós. Estavam meramente interessadas em dar o fora daquele *flarkdido* Leery's. E, possivelmente, dar o fora do *flarkdido* planeta Xarth também.

Rocket tentou abrir a porta do convés de pouso, mas a segurança a havia trancado. Ele sacou um pequeno kit de gazuas sônicas e usou algumas das delicadas pontas de ferro para mexer na fechadura. As gazuas pareciam pequenos instrumentos cirúrgicos em suas mãos desconcertantemente humanas.

A porta se abriu. O ar frio da noite invadiu o lugar. O convés de pouso era uma das enormes plataformas de onde os pilones de pouso se estendiam acima do telhado do Leery's. O estacionamento era exclusivo para clientes. Ao sair, vimos a vastidão da cidade à noite, uma névoa suja de neon e as janelas iluminadas dos arranha-céus. Uma fumaça grossa se erguia do edifício abaixo de nós. O tráfego aéreo movimentado da cidade alta estava sendo contido pelas viaturas de perseguição da Tropa Nova, que pairavam diante dele em formação de bloqueio. Tropa Nova, os melhores guardiões da paz de Xandar, os garotos em azul da galáxia. O céu da noite se enchia de luzes pulsantes e lampejantes – azul, vermelho e amarelo forte.

Ouvia-se um constante gemido dos capacitores de luz.

– Vamos nessa – falou Rocket. – É hora de botar o pé na estrada.

Ele seguiu na frente até uma pequena nave cargueira subcompacta. Não era a mais confiável nem a mais bem-cuidada nave que já havia visto. Eu não acreditava que aquele efeito artístico de chamas irrompendo dos exaustores – ou o adesivo que dizia "Buzine se você pode ir mais rápido que a luz" – fosse de fato necessário.

– Com licença – disse o Comandante da Irmandade de Guerra Droook atrás de nós. – Acredito que vocês estão com algo que seja meu.

Nós nos viramos lentamente.

– Fala aí – disse Rocket. Droook havia trazido consigo vários de seus homens. Eles estavam sujos e manchados de sangue. Suas calças de batalha da Irmandade de Guerra tinham novíssimos rasgos de guerra nelas, e nenhum deles parecia ter visto o lado bom de nada nessa vida nos últimos tempos.

– Eu disse que acredito que você está com algo que pertença a mim – sibilou Droook.

– Eu não pertenço a ninguém, com exceção do Coletivo Colonial Rigelliano – eu comecei a dizer, mas Rocket me interrompeu. Ele olhou para Droook nos olhos.

– Algo que pertence a você, hein? – perguntou. – Acho que estou com ele,

sim.

A plataforma de pouso não estava coberta pelos campos de embaralhamento como o andar da arena. Rocket sacou suas pistolas e as disparou tão rapidamente que era muito difícil de imaginar. Acho que isso, em termos de referências temáticas à Cultura Humana, é algo coloquialmente conhecido como *gun-fu*, ou seja, o manejo de uma arma durante um tiroteio com a mesma graça e habilidade de uma luta de kung-fu.

Os badoons se espalharam procurando abrigo – ou seja, aqueles que simplesmente não caíram mortos no lugar. Droook estava protegido por seu campo de força automático e não recuou, gritando de raiva enquanto disparava de volta.

Groot abriu a escotilha lateral da nave cargueira enquanto raios de energia atingiam sua casca grossa, e ele me arrastou para dentro. Rocket nos seguiu, atirando e correndo de ré.

– Vá! Vá! *Flark*, vá! – ele berrava.

O interior da nave é estreito, escuro e muito ensebado. Groot me larga em uma poltrona de aceleração cheia de revistas em quadrinhos descartadas e revistas holográficas lidas pela metade, e se ergue até um dos assentos da cabine de pilotagem. Ele coloca a nave em *modo de lançamento/motores ligados* antes mesmo de afivelar os cintos de segurança.

Rocket salta para dentro. Com um gemido abafado de reclamação pelos motores ainda frios, a nave começa a se erguer. A escotilha lateral ainda está aberta. Disparos atingem o casco externo e a nave se inclina para a esquerda, desestabilizada. Rocket é jogado para trás no convés inclinado e quase cai para fora pela porta aberta.

– Sobe mais! Sobe mais! – ele grita, enquanto escala. – Endireita a nave e segue para a direita!

A nave nivela e começa a subir. Nós nos afastamos da beira da plataforma, o nariz inclinado para baixo, os trens de pouso ainda estendidos. Os disparos do badoon os perseguem.

– Eu sou Groot! – berra Groot.

Agarrado à beira da escotilha aberta, Rocket espia para fora. Ele pode ver Droook e os badoons correndo para sua própria nave, uma lustrosa e muito bem-armada Nave de Ataque da Irmandade de Guerra.

– Flark! – ele murmura. Fecha a escotilha com uma batida e corre para a

cabine de pilotagem, deslizando atrás de seu companheiro.

– Sobe mais e nos tire daqui! – ordena. – Com força total!

– Eu sou Groot!

– Sei, sei, eu ouvi! – Rocket responde. E eu também ouvi. Os links de comunicação subitamente se enchem de gritos desafiadores.

– Aqui é a Tropa Nova! Nave cargueira, desligue seus motores e aterrisse! Repito, desligue seus motores e aterrisse! Você não tem permissão para saída orbital!

Ouvimos as sirenes. Lampejos de luzes enchem o céu, refletindo-se nas nuvens.

Mas não estamos parando. Ainda estamos subindo. Groot arrasta as alavancas de velocidade até o fim.

A nave de ataque da Irmandade de Guerra rasga o ar atrás de nós. Ela também ignora as ordens frenéticas da Tropa Nova, e várias das viaturas de perseguição da Tropa são forçadas a desviarem rapidamente para evitar colisão com a nave badoon, em crescente aceleração e abrindo suas coberturas frontais, estendendo suas armas, que irromperam como horríveis feridas de seu casco lustroso.

Na cabine de nosso pequeno cargueiro, alertas de perigo começaram a soar. *Alvos múltiplos travados. Alvos múltiplos travados. Alvos múltiplos travados.*

Rocket olha para seu parceiro.

– Só digo uma coisa – observa. – Precisamos de um impulso extra... e uma pequena distração.

– Eu sou Groot!

– Você que está dizendo!

Rocket se inclina e puxa uma enorme alavanca. É a alavanca que abre a porta da área de carga.

O cargueiro acelera para a frente, repentinamente livre de exatamente 48 toneladas.

– Até que não foi um investimento tão ruim, afinal – disse Rocket Raccoon.

Ou seja, essa foi, provavelmente, a primeira e única vez na história do Universo que uma nave de ataque da Irmandade de Guerra Badoon foi derrubada por quarenta e oito toneladas de zixos maduros. A carga – girando, se espalhando e explodindo – atinge a nave como se colidisse com

uma revoada de pássaros, entupindo canos de ingestão, obstruindo armas e escorrendo pelos permutadores termais.

A nave de ataque da Irmandade de Guerra Badoon vacila, balança, tremula e então arremete para um espetacular mergulho rumo à colisão, deixando um rastro de chamas, partes retorcidas e destroços. Seu trajeto descreve um arco até os arredores de Dive-town, com seus tripulantes tentando recuperar os controles, acionando os jatos de frenagem e gritando futilidades e ordens ultrajantes, tudo em vão. Um breve e brilhante estrondo de luz e uma onda de choque marcaram o lugar onde a nave se estatelou – quase, mas não inteiramente –, uma instalação municipal de tratamento de esgoto.

A Tropa Nova mantinha-se em alta velocidade perseguindo o pequeno cargueiro, e suas ordens para que desistíssemos tornavam-se cada vez mais irritantes e indignadas, mas Rocket e Groot não iriam parar. Nem mesmo para A Lei.

– Pisa fundo! – Rocket gritou.

– Eu sou Groot!

– Sim, *eu sei* que ainda estamos na atmosfera! Pisa fundo!

Groot lançou sua enorme e deformada mão no grande botão vermelho que indicava o motor de velocidade da luz do cargueiro. Uma significativa e instantânea tempestade gerada explodiu através da atmosfera, enquanto a nave entrava em velocidade da luz extra dentro do ambiente atmosférico. O padrão climático traumatizado continuaria trazendo chuvas fora de temporada, ventos fortes, relâmpagos e neves para as ruas de Dive-town por mais uma semana.

A bordo do cargueiro, nós subitamente fomos envoltos pelo abençoado silêncio e pela luz estéril da viagem em velocidade da luz. Surgiu uma leve camada de gelo do lado externo das janelas, um esplendor prateado. Dentro, nossos rostos foram iluminados pelas inúmeras cores dos painéis de instrumentos.

Xarth e o sistema xarthiano já haviam se tornado uma memória muito distante. Havia um pequeno rosnar dos acionadores de velocidade e um leve cheiro remanescente dos zixos maduros.

Rocket, em sua cadeira de piloto, virou-se para mim.

– Acho que é hora de sabermos mais sobre você – ele disse.

– Eu acho que é uma boa ideia – concordei. – Sou um dos que estão

ansiosos para saber.

Rocket Raccoon exalou um profundo suspiro e se afundou em seu assento.

– Preciso de um timóteo – declarou.

Enquanto isso, quarenta e três minutos antes em Alfa Centauri...

6

ENQUANTO ISSO
(QUARENTA E TRÊS MINUTOS
ANTES, EM ALFA CENTAURI)

CADA JANELA da sala de reuniões da diretoria executiva da sede da Timely Inc. Corporate era um quadrado de um quilômetro com vista para uma estonteante paisagem dos palácios rituais dinásticos esculpidos por peritos em construções glaciais na geleira Gon-Ket. A vista era de um branco-azulado impressionante e incomparável.

Era também incomum, porque a sede da Timely Inc. Corporate situava-se na principal massa continental de Alfa Centauri, e a geleira Gon-Ket ficava no polo sul do planeta natal dos krees, Hala.

– Devemos mudar os ajustes de paisagem? – perguntou o Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp da cabeceira da mesa de reuniões executivas. – Temos mais alguns itens disponíveis na agenda de hoje, e essa vista está me deixando com frio.

Em volta da imensa mesa de reuniões executivas, os mais de cem executivos, chefes de departamentos, vice-presidentes e vice-executivos de departamentos assentiram e executaram uma demonstração de frio levantando os colarinhos de seus imaculados paletós risca de giz para indicar que sentiam o mesmo. Eles não sentiam o mesmo, mas todos gostavam de parecer que concordavam com o Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp.

– Poderia nos fazer a gentileza, Sra. Mantlestreek? – Hanxchamp perguntou.

– É claro, senhor – respondeu a formal e idosa assistente pessoal de Hanxchamp. Ela arrumou os óculos de aros grossos para ver melhor os botões de seu controle remoto, e então o apontou na direção das janelas. A geleira Gon-Ket brilhou por mais um segundo e logo desapareceu em um

redemoinho de pixels. Por mais um segundo, foram expostos à monótona e nada inspiradora paisagem externa de Alfa Centauri. E a seguir foram banhados por um brilho dourado e quente quando as janelas revelaram a empolgante visão dos empoeirados Mausoléus Temporais de Calofxus, nos desertos da quinta lua de Spartax – edifícios em ruínas duas vezes mais velhos que o próprio tempo, cobertos pela sinistra luz vermelha de um sol ancestral.

– Muito melhor – disse Hanxchamp. – Certo, continuando... item 162, "atualização de produto em desenvolvimento, recipientes de bebidas". Gruntgrill, como estamos indo?

– O P&D tem trabalhado duro em cima disso, senhor – falou o vice-executivo de desenvolvimento sênior, natural de Kaliklaki, Arnok Gruntgrill, inclinando-se para a frente e usando seu controle remoto para fazer aparecer um holograma suspenso sobre a mesa. – Como sabe, a Timely Inc. é líder no desenvolvimento inovacionizado para fazer com que todos os seus produtos sejam otimibilizados para a máxima aceitabilização do mercado. É nossa principal filosofia. Nós queremos resolvecionar as vidas de todos os nossos benfeitores compradores e redatificar as áreas problemísticas de suas experiências de existência cotidiana com solucionoides sinergéticas.

– Certo, certo – disseram vários vice-executivos.

– Como pode ver por este gráfico – continuou Gruntgrill –, as pesquisas de mercado confirmaram uma dificultilização-chave no assunto relativo aos recipientes de bebidas.

– Resuma, Gruntgrill – Hanxchamp disse, irritado. – Já faz três horas que estamos aqui.

– É claro, senhor – riu Gruntgrill. Era uma risada nervosa, sintética. Uma risada acalmadora de chefes. Suas antenas estremeceram de ansiedade e ele ajustou o nó de sua gravata, lutando contra a vontade de vocalizar o som de "-tik!-" característico dos kaliklaki. Ele sabia que aquilo irritava as pessoas, por isso havia gastado muito dinheiro em terapia da fala para perder o hábito. Mas aquilo vinha à tona todas as vezes que se sentia estressado.

– Exaustivas pesquisas de mercado revelaram que as bebidas são, em geral, termicamente esquisitas – disse.

– Termicamente esquisitas?

– Sim, senhor.

– E isso significa?

– Tendem a ser quentes.

– Temos certeza disso? – perguntou Hanxchamp.

Gruntgrill sorriu confiante.

– 19 anos de estudos de audiência por 12 quadrantes, abrangendo 82 trilhões de consumidores, senhor – falou com orgulho. – Temos a mais d'ast certeza.

Hanxchamp assentiu.

– Tudo bem, percebo agora – Hanxchamp disse. – Bebidas são quentes. Então os recipientes das bebidas *também* ficam quentes?

– Exatamente, senhor.

– E, portanto, se tornam termicamente esquisitos?

– Na mosca, senhor.

– E a que isso leva?

– Experiências manuais desconfortantes – disse Gruntgrill solenemente. – E também a casos de escaldamento, danos ao punho da camisa e... em alguns casos... derramamento.

Ao redor da mesa, muitos executivos estalaram os dentes e balançaram a cabeça em negação. Alguém da Divisão de Contenção de Bebidas iria perder a cabeça, e todos estavam muito satisfeitos pelo fato de que não seria nenhum deles.

– Tudo bem, Gruntgrill – disse Hanxchamp. – Você descreveu uma situação bastante feia. Presumo que tenha boas notícias. Solucionize. Vá!

Gruntgrill se permitiu liberar um sorriso triunfante e silencioso.

– O P&D tem trabalhado nessa belezinha por uma década, senhor – disse, vaidoso. – E achamos que é algo extraordinário. Veja por si mesmo.

Ele fez surgir um novo holograma. Era um desenho esquemático.

– Mas que flark é isso? – perguntou Hanxchamp.

– O marketing ainda está bolando um nome, senhor – respondeu Gruntgrill, radiante. – Por enquanto, a chamamos de Curva de Facilificação Manual.

– Explique-me, Gruntgrill.

– Como pode ver, senhor, a Curva é construída *diretamente* na parte interior do recipiente de bebida. Digitais, dedos ou pseudópodes podem deslizar com facilidade em torno da Curva, permitindo assim que o recipiente de bebida seja levantado, abaixado ou manipulado conforme a

necessidade, com perda zero de confortabilidade na experiência manual e sem problemas de escaldamento.

Houve uma longa pausa.

– É o trabalho de um flark gênio – disse Hanxchamp. – Um puro *gênio* flarkdido. Gruntigrill corou, a pele de seu rosto ganhando um tom de verde mais escuro.

– Congratulações aos rapazes do P&D, Gruntgrill. Diga que os parabenizo pessoalmente.

– Direi, senhor.

Hanxchamp pensou por um momento.

– Espere... acabei de pensar no lado negativo. Quanto vai custar essa coisa, no sentido de sua implementação?

– Esta é a parte mais bela, senhor – disse Gruntgrill. – A pesquisa de mercado foi de menos de seis trilhões. O P&D ficou abaixo de oito. Nós calculamos mais 16 trilhões para atualizar a fabricação dos recipientes de bebidas e apenas 180 trilhões para finalizar a campanha de conscientização de mercado. Francamente, isso tudo está tão abaixo do orçamento que chega a assustar.

Hanxchamp recostou em sua cadeira.

– Amei – ele disse. – Quero me casar com isso e ter filhos com isso. É uma solucionização totalmente sinergética. É exatamente o tipo de coisa que faz a Timely Inc. uma líder galáctica.

Ele olhou para todos em volta da mesa de reuniões executivas. Todos se deram conta de que era o momento de fazer "ooohh" e "aaahh".

– Vamos lá, pessoal – Hanxchamp disse. – Encham-me de ideias. Comentários? Sugestões? O que pensamos disso?

– Um trabalho de gênio, como você disse, senhor – falou Blint Wivvers, o diretor m'ndaviano do Departamento Jurídico.

– Tem a simplicidade que eu amo – disse Sledly Rarnak, o skrull encarregado dos Panfletos Corporativos. – Olho para isso e penso, "como é que ninguém mais pensou nisso antes"?

– Estou literalmente sem fala – comentou Pama Harnon. Ela era uma kree de pele azul, quente, e com aspecto de ensopada que ocupava o cargo de administradora chefe de finanças de projetos especiais. – Quero dizer, o orçamento baixo chega a me dar calafrios, mas a *ideia* é essa. Identificamos uma necessitação oblíqua do usuário, e nós flarkeamos o safado.

– Estou apenas pensando alto aqui, chefe – disse Homus Staplebunt, vice-executivo sênior júnior encarregado das Responsabilidades. – Mas e se... e se...

– Você não é gago, Staplebunt – cortou Hanxchamp. – Desembucha.

– Bem, mas e se nosso benfeitor comprador alvo quiser manipular o recipiente de bebida pelo *outro* lado?

– O que você está dizendo? – perguntou Hanxchamp, inclinando-se novamente para a frente.

– Hã, tudo bem – disse Staplebunt. – Prestem atenção à minha linha de raciocínio, gente. Esta amostra deixa claro que a Curva de Facilificação Manual é situalizada no lado da *mão direita* do recipiente de bebida, certo?

– Esta é apenas uma maquete – disse Gruntgrill.

– Certo, certo – continuou Staplebunt, se aquecendo. – Mas pense. E se você quiser uma experiência manual de *mão esquerda*? Quero dizer, como isso funcionaria? A Curva teria de estar no lado errado.

– Flark – disse Hanxchamp, notando a verdade da observação com um suspiro.

– Estamos bem à sua frente, garoto – respondeu Gruntgrill, olhando para Staplebunt.

Ele acenou seu controle, e a imagem que estava sendo exibida começou a girar lentamente.

– Essa foi a noz mais difícil de rachar, na verdade, mas já antecipávamos essa reação. Pode ver? Você apenas *gira* o recipiente de bebida.

– Flark, isso é brilhante! – exclamou Rarnak.

– Girar para o outro lado? – perguntou Staplebunt. O zundamita virou-se um pouco e inclinou sua cabeça levemente enorme, olhando para o holograma. – Acho que é possível. Não é... só estou pensando em voz alta aqui... não seria melhor ter uma curva dos *dois* lados?

– Bem, isso iria... -tik!-... duplicar os custos – disse Gruntgrill em uma voz fina e aflita.

– Sem chance de fazermos isso – disse Hanxchamp. – Uma curva. E talvez possamos incluir um manual de instruções ilustrado em cada recipiente de bebida explicando como a "girada do recipiente" funciona.

Todos em volta da mesa concordaram.

– Certo, muito bem – disse Hanxchamp. – Está resolvido. Sra. Mantlestreek, já cobrimos tudo?

A assistente pessoal idosa revisou as minutas.

– Acho que sim, senhor – ela disse. – Deixe-me verificar... *inventou* a alça... sim, cobrimos.

– Excelente – falou Hanxchamp. – Certo, vamos continuar. Último item. Ah, sim, Projeto 616. Certo, pessoal, este é apenas para quem tem liberação para os Projetos Especiais Sênior, por isso vamos dispensar a maioria de vocês. Foi uma boa reunião, obrigado a todos.

Muitos dos mais de cem executivos em volta da mesa murmuraram seus agradecimentos, juntaram seus papéis e se dirigiram para as saídas. Alguns, que estiveram na reunião telepresentemente, desapareceram no ar. Alguns outros se teletransportaram.

– A sala é nossa, senhor – disse a Sra. Mantlestreek.

Além dela e de Hanxchamp, restaram apenas mais seis executivos na reunião: Rarnak; Pama Harnon; Gruntgrill; Wivvers; Xorb Xorbux, um feroz z'nox encarregado da segurança corporativa (projetos especiais); e Allandra Meramati, uma digna dama da nobreza shi'ar que chefiava o Departamento de Executivação Executiva.

– Campos clandestinos ligados, por favor – disse Hanxchamp. A Sra. Mantlestreek atendeu ao pedido. O comando de seu controle percorreu a sala de reuniões executivas com um sutil cone de silêncio gerado por um buraco negro em miniatura no porão da sede da Timely Inc. Nada nem ninguém fora da sala poderia vê-los, ouvi-los, ou saber de qualquer discussão que se desse naquele lugar.

Hanxchamp se levantou de sua cadeira e observou a vista dos Mausoléus Temporais de Calofxus.

– Seis-um-seis – ele disse. – O grandão. O grandalhão. 616. Nada mais importa. Este é o filão, pessoal. É isto que vai garantir o poder econômico da Timely. Vai garanti-lo por um milhão de anos. Estabilidade total de mercado. Dominação total de mercado. Estamos no limiar de uma nova era. Os grandes impérios e culturas irão falir e desaparecer. Apenas as megacorporações existirão. Elas dominarão. Este é o futuro das megacorporações, meus amigos. Corporações mais poderosas, estáveis e resilientes do que qualquer flark de espécie individual. E a Timely irá abrir o caminho com a maior fatia do mercado de todas.

Ele se virou e olhou novamente para eles.

– Isso vai ser lindo, uma coisa linda – disse tristemente. Uma nuvem

negra atravessou seu rosto. – Mas que flark é essa. Isso está demorando mais do que uma guerra Kree-Skrull. Sem ofensa.

– Não ofendeu – falou Rarnak.

– Eu literalmente ouvi isso – observou Pama Harnon.

– Núcleo de dados – disse Hanxchamp. – Em que ponto estamos?

– A porcentagem está em 87 – respondeu Meramati suavemente.

– O mapeamento de dados está 87% completo, o que significa que já estamos com 87% de toda a verdade existencial.

– Não exagere com essa coisa de "verdade", dona – pontuou Hanxchamp ironicamente. – Você está falando como aqueles esquisitos felizinhos e bobinhos da Igreja Universal do Reino da Verdade.

– Minhas desculpas, senhor – Meramati respondeu, sua elegante crina de penas farfalhando suavemente.

– 87 é o suficiente? – perguntou Hanxchamp.

Gruntgrill balançou a cabeça.

– 100% parece ser algo improvável de se conseguir – ele disse –, mas acho que já podemos entrar no ar com um pouco mais de 96%.

– Por que está demorando tanto? – quis saber Hanxchamp. – Achei que a Solução Rigelliana deveria acelerar as coisas.

– Iria, e está acelerando – disse Meramati. – O Projeto 616 tinha um cronograma inicial de três milênios até seu término. Ao optar pela Solução Rigelliana, nós diminuímos esse tempo para apenas seis anos. *É um resultado bem impressionante*, penso eu.

Hanxchamp concordou.

– Mas ainda não terminamos? – ele perguntou.

– O problema básico permanece – respondeu Xorb Xorbux. – Uma das unidades de gravação está desaparecida. E ela contém a porcentagem de equilíbrio de dados de que precisamos.

– Desaparecida?

– Está em fuga, senhor.

Hanxchamp franziu o cenho.

– Então encontre outro para fazer o trabalho.

– Não é tão simples, senhor – falou Xorb Xorbux. – O gravador desaparecido viu todo o núcleo de dados enquanto estava sendo reprogramado. Ele sabe de tudo. Ele sabe mais do que se dá conta. É valioso demais para ficar solto por aí. E, essencialmente, ele é uma versão maior e

mais completa do nosso núcleo de dados. Precisamos dele de volta para obter os dados únicos referentes a ele, e para completar o Projeto 616. E também não podemos permitir que caia nas mãos de mais ninguém.

– Podemos destruí-lo? – Hanxchamp suspirou.

– Ele é valioso demais – respondeu Meramati.

– Solucionizem isso para mim, por favor! – exigiu Hanxchamp.

Xorb Xorbux tossiu gentilmente.

– Precisamos ampliar as opções para isso, senhor – ele disse, o tom de sua voz descendo a um rugido. – Em minha opinião, o tempo é curto. E há muito em risco. Peço permissão para levar isso a um provedor de segurança particular. Ele não é muito ortodoxo, mas é confiável. Tem talento. Fará o trabalho e recuperará o gravador sumido. Mas isso deve ficar fora dos livros-caixa. Precisamos enterrar isso no meio do orçamento, ou os acionistas vão ficar flark da vida.

– Literalmente, não é um problema – Pama Harnon declarou.

– Tudo bem, aprovado. De quem estamos falando? – questionou Hanxchamp.

Xorb Xorbux levantou-se, e com o controle abriu uma porta lateral que levava a uma sala anexa. Uma figura alta entrou e parou diante deles. Todos reconheceram a brilhante e complexa armadura de um cavaleiro do espaço galadorano na mesma hora.

Mas este era claramente diferente dos cavaleiros do espaço cromados e reluzentes da lenda. Sua armadura era negra fosca e trazia várias marcas de batalha. Em seus cintos, carregava uma grande arma de raios, uma espada cíclica e um nulificador. Ameaçador, quase maligno. Sentiram um arrepio que nenhuma paisagem virtual do esplendor do deserto poderia dispersar.

– Este é Roamer – disse Xorb Xorbux. – Que já foi de Galador.

– Não é mais de Galador? – interrogou Hanxchamp.

– Lutei pela luz a maior parte de minha vida – disse o Cavaleiro do Espaço, a voz vinda de um alto-falante escondido em seu elmo, inexpressiva e forte. – Por Galador. Pelo que era certo. Eu lutei contra as Fúrias e contra todas as maldades.

– E?

– E sofri. Perdi coisas que significavam muito para mim. Perdi minha fé.

– Em que sentido? – perguntou Hanxchamp.

– Não falarei sobre isso – respondeu o Cavaleiro do Espaço negro.

– Ei, camarada – disse Hanxchamp, gesticulando com seus dois tentáculos. – Campo clandestino? Uma obra-prima? Ninguém pode ouvir você?

– *Você* pode me ouvir – falou o Cavaleiro do Espaço.

– Roamer tem credenciais excelentes – observou Xorb Xorbux. – Seu trabalho é imaculado. O passado é problema dele. Não precisamos nos meter. Considere-o um *h'jel*, um *ronin*, um *gonaktofaj*, um guerreiro sem mestre. Ele vaga pelo espaço, oferecendo seus extraordinários conhecimentos militares para o lance mais alto. Proponho que o contratemos para que encontre e recupere o gravador perdido.

– E como, literalmente, ele faria isso? – inquiriu Pama Harnon.

– Tenho minhas maneiras – respondeu Roamer com a voz rouca.

– E elas serão suplementadas – disse Xorb Xorbux. – Mostre a eles.

Roamer se virou lentamente para revelar um pequeno dispositivo ligado às costas de sua armadura preta fosca. O invólucro do dispositivo trazia o logotipo da Timely Inc.

– Ei! – disse Gruntgrill. – Como teve acesso a isso? É um insertor de interpolação! Isso ainda está em teste! Sequer foi experimentado!

– Questão de necessidade – respondeu Xorb Xorbux, sem nenhum traço de humor na voz.

– O que essa coisa faz? – perguntou Wivvers.

– Essencialmente, é um dispositivo de teleporte – respondeu Gruntgrill –, mas opera com energias temporais em estado de táquion. Ele contém um gerador de destino multifases, totalmente experimental, e que, uma vez acionado, calibra a natureza causal da realidade, reconhece os caminhos do Universo em termos de satisfação das progressões dramáticas, e deposita o usuário no...

– Onde? – perguntou Hanxchamp.

– Bem, senhor – disse Gruntgrill –, na teoria, exatamente no lugar do tempo e do espaço em que causará a maior consequência dramática. Ele compreende a vida universal como uma história e posiciona o usuário precisamente no exato momento em que pode influenciar essa história. Aliás, a ideia é essa. A Divisão de Entretenimento estava desenvolvendo o aparelho, mas descobriram que ele encerrava filmes e jogos antes mesmo de começarem, então foi arquivado. Nunca foi testado em campo

adequadamente. E potencialmente pode romper e desencadear um colapso na tensão causal da realidade. Ele é... -tik!-... *perigoso*.

– Não tenho medo – falou Roamer, dando as costas para eles.

– Essa coisinha vai levar o cara seja lá onde o gravador estiver só porque isso faz sentido dramático? – interrogou Hanxchamp.

– Possivelmente, senhor – respondeu Gruntgrill. – Na teoria, ele se atrela às energias narrativas, lê o Universo como uma continuidade em andamento e interpola o usuário diretamente no momento mais dramaticamente satisfatório. Na prática... -tik!-... ele pode estilhaçar o Universo inteiro em um nível de causa e efeito.

Hanxchamp pensou a respeito disso.

– Vá em frente – disse.

O Cavaleiro do Espaço assentiu ligeiramente.

– Aprove seus pagamentos, sejam lá quais forem – Hanxchamp disse a Harnon.

– Vamos logo com isso. Traga aquele gravador de volta para nós.

O Cavaleiro do Espaço assentiu novamente. Ele ativou o dispositivo. Houve um halo de luz crepitante. A sala de reuniões executivas momentaneamente exalou cheiro de reviravolta no enredo e revelações chocantes, com um leve gosto de virada repentina de página.

E o Cavaleiro do Espaço desapareceu.

– Bom, muito bom. Ótimo trabalho, pessoal – disse Hanxchamp, sentando-se novamente. Ele girou a cadeira e olhou para a paisagem. Sorriu. – Sou eu, ou de repente ficou mais quente aqui dentro? – quis saber.

CONTINUANDO
EM MODO
NARRATIVA

EU GOSTO DO ESPAÇO. Do vasto espaço profundo. Passei a maior parte da minha vida nele, viajando entre destinos em nome dos Colonizadores Rigellianos que me criaram e me programaram. É claro, leal leitor, eu também passei grande parte da minha vida *in situ*, observando e registrando os dados de meus destinos, mas tem sido o tempo *entre* essas experiências que me dá maior satisfação.

O tempo passado viajando. O tempo passado no escuro, o vazio estrelado das grandes e espetaculares galáxias. Eu viajo sozinho, às vezes por décadas, sempre em silêncio, sem ouvir nada a não ser o murmúrio dos neutrinos que formam um rastro atrás de minha forma em movimento. Durante esses períodos de trânsito, tenho pouco a fazer – além de registrar mapas estelares e marcações navegacionais, e observar as cores mutantes das jovens e das velhas estrelas, obviamente – a não ser pensar. *Comigo mesmo*. São períodos de reflexão meditativa e autodescobrimento.

E agora estou no espaço novamente. Estou a bordo de uma pequena nave cargueira que pertence a Rocket Raccoon e Groot, e estamos viajando mais rápido que a luz, fugindo da complexa e francamente problemática situação em Xarth Três. Meus problemas, talvez temporariamente, ficaram para trás em uma velocidade mais rápida que a luz.

Está silencioso, com exceção do pulsar dos motores no subconvés. Fora das janelas, vê-se apenas o gelo que se forma no vidro e a luz distante. Há calma e solidão. Há descanso.

Tomo um tempo para vasculhar em meus registros de memórias e dados experienciais por alguma pista referente à causa de tudo isso estar acontecendo. Posso ver que tenho muitas partes em branco. Muitas lacunas.

Estou carregado até aproximadamente 83% de minha capacidade de dados e não tenho dificuldade em recuperar a maior parte deles. Posso, por exemplo, explicar detalhadamente as hierarquias do submundo do planeta Krull. Posso lhe dizer tudo que as instalações da Triplanet Metals Inc. já construíram por toda sua história (uma lista, incidentalmente, que inclui esta mesma nave cargueira que agora nos transporta). Posso dizer por que o juramento "Ossos de Trigon" é comum em uma galáxia e não em outra. Posso descrever, em detalhes extensos, o pôr do sol em Chandilar e as formas climáticas que o acompanham em diferentes épocas do ano. Posso relacionar a específica natureza observável do pôr do sol em Adrinax. Posso recitar e comparar os sistemas jurídicos de mil e oitocentas culturas, incluindo o inevitavelmente complexo Código de Lei praticado e executado pelas Tropas Novas de Xandar. Posso dizer como alimentar e cuidar de um musaranho saltador kymelliano. Posso lembrá-lo da melhor defesa psiônica contra Kt'kn. E posso explicar como dizer "Saúde!" em Kodabak.

Calculando tudo, tenho uma enorme quantidade de dados em meu compartimento cerebral. O equivalente a muitas enciclopédias. Cobrindo todos os assuntos, tanto específicos quanto gerais. Você está, acredito eu, especialmente orgulhoso de sua "Wikipédia". Você a consulta para agilizar seus trabalhos de casa e facilitar as pesquisas na hora de parecer informado. Você confia nela. Ela é, para uma espécie pré-estelar e primitiva, notavelmente minuciosa.

Imagine, se você pudesse... e você *não pode*... mas imagine ter acesso a todas as Wikipédias de 96 mil culturas – incluindo dados que nem eles próprios conhecem a respeito de si mesmos, mas que eu pacientemente tive de observar. Imagine ter tudo isso em sua cabeça, para acesso instantâneo (sem problemas de rede, sem... como é que vocês dizem? Ah, sem problemas de "banda"). Imagine isso *sendo* a sua cabeça. Imagine saber tantos detalhes a respeito de tanta, tanta coisa.

Você está imaginando? Está? Tá bom, boa tentativa.

Agora imagine que no meio de tudo isso existam *espaços em branco*. Coisas que você não sabe. Coisas que você sabe que sabe, mas que não consegue entender. Imagine saber tudo, a respeito de quase tudo, exceto as razões pelas quais você sabe tudo.

Imagine buracos.

Estou com medo dos buracos. Estou com medo de *não* saber. Estou com

medo da confusão, dos lapsos, das brechas em minha mecanicamente minuciosa memória, que significam que eu não sei coisas conectivas que deveria saber.

Eu sei que eu sei coisas que não consigo acessar ou dar pela presença delas aqui. Eu sei que sei de coisas das quais não consigo me lembrar. E isso faz com que eu me sinta, gentil leitor, meu novo amigo, como um peso terrível. Um fardo.

Eu não sei por que estão me caçando. Eu não sei por que os badoons estão me perseguindo. Eu não sei de onde o Cavaleiro do Espaço veio. Eu não sei, a não ser pelo meu óbvio valor intrínseco como fonte de dados, por que eu seria valioso para alguém.

E eu não sei por que um guaxinoide criado geneticamente de Halfworld e uma forma de vida arbórea do minúsculo Planeta X deveriam estar agindo de modo tão bondoso para comigo. Eles me salvaram da destruição.

Suspeito, embora não tenha argumentos para justificar isso, que o motivo seja menos do que altruístico.

Acho que eles veem dinheiro em mim.

– Temos que chegar ao fundo de você – diz Rocket. A nave está em navegação automática e voando sozinha, então ele pega algo que ele chama de "uma geladinha" e se retira para a pequena mesa de canto atrás da cabine de pilotagem onde eu estou sentado. Ele relaxa na cadeira, me fitando com seus olhinhos curiosos e brilhantes. Suas mãos desconcertantemente humanas segurando a garrafa de cerveja gelada. – Os badoons queriam muito você – ele disse. – Por que isso?

– Eu não sei – respondo.

– Ah, qual é, Gravador 127 da Pesquisa Intergaláctica Rigelliana – ele diz com um sorriso. – Você deve saber. Quero dizer, você é um treco impressionante. Ultratecnológico. Uma multipédia caminhante e falante. Mas os badoons botaram um pelotão inteiro da Irmandade de Guerra atrás de você… sabendo que estariam em um mundo civilizado avançado, sabendo que iriam topar com a Tropa Nova e com os Luminosos e até com coisa pior.

– Eu lhe asseguro – digo a Raccoon. – Eu não sei. Eu sei que não sei nada com certeza. Há uma lacuna evidente e alarmante em meu entendimento onde um pedaço de conhecimento deveria existir. É um buraco branco.

– Hummm – diz Raccoon.

Groot, após executar um teste de situação no navegador automático, se

junta a nós. Ele pega uma geladinha para si e saca um maço de cartas de baralho, começando a distribuí-las sobre a mesa.

– Não é hora de Skrull Hold'on – observou Rocket, mas Groot continuou distribuindo. Seus dedos dendritos eram surpreendentemente habilidosos. E, de modo algum, desconcertantemente humanos.

Entendi imediatamente que era assim que eles agiam durante longas viagens em velocidade mais rápida que a luz. Eles se sentam em sua pequena mesa, jogando cartas e engolindo algumas cervejas.

– Eu sou Groot – Groot disse, enquanto finalizava a distribuição.

– Sim – eu disse –, as lacunas *são* a parte mais preocupante.

Groot concordou, com sua enorme cara de madeira. Rocket se inclinou para a frente.

– Espera um segundo – ele diz, secando o focinho com as costas de seu punho desconcertantemente humano. – Espera um segundo. Acabei de me dar conta de uma coisa importante pra flark aqui. Você... *você* entende o que ele está dizendo.

– É claro – respondo.

– Você sempre entendeu – Rocket devaneia.

– É claro – respondo.

Ele franze o cenho. E franzir o cenho não combina com guaxinoides.

– Mas... eis o cerne do que estou dizendo – ele diz. – A maioria das pessoas simplesmente assume que meu velho amigo Groot apenas diz a mesma coisa, o tempo todo.

– Eu sou Groot – Groot concorda.

– Exatamente isso – disse Rocket.

– Ora, claro que assumem – falo. – Acusticamente falando, isso é tudo que ele sempre diz. Esse é o som que ele profere. Mas por trás do som repetido há uma fartura de nuances exaladas. Como essas brisas sussurradas através dos galhos de uma árvore, que parecem sempre fazer o mesmo som, mas há muita variedade se você ouvir atentamente.

– Bem... – Rocket ponderou.

– *Você* o entende – eu arrisquei.

Ele assente.

– Mas ninguém mais alegou entender, exceto...

– Exceto?

– Da última vez que alguém fez isso, foi Máximus, o Louco – ele

respondeu.

– Preocupante, de fato – concordo.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Sério, não se preocupe com isso – Rocket e eu dissemos ao mesmo tempo. Olhamos um para o outro.

– Você é esperto, gravador – ele disse. – Ou louco. Mas estou de boa com qualquer uma das opções. Tá certo, gravador, amigão, vamos logo com isso. O que é que você *sabe*?

– Você ficaria surpreso – respondi.

– Então me surpreenda.

– Por onde você gostaria que eu começasse? Emita um comando de dado para mim.

– Hã... certinho... onde estamos?

– A bordo de uma nave cargueira, classe compacta da Triplanet Metals Inc., modelo "Salto Rápido", segunda geração, com unidade de transferência modificada.

Ele engole um pouco de cerveja.

– Continue...

– Se passaram dezenove semanas desde o último serviço que ela executou. Há um ruído no gerador de fluxo que você acha que deve ser examinado. Groot tem feito alguns ajustes periféricos por todo o painel de inspeção de motores bem ali. O brilho na cabeça dos parafusos indica que eles foram retirados e recolocados recentemente.

– Ele é bom – Rocket diz para Groot.

– Eu sou Groot – Groot responde.

– Estamos viajando confortavelmente em velocidade mais rápida que a luz num nível subtrinta – continuo. – A temperatura na cabine é de 19 graus Celsius, medida terrestre. Há 38 recipientes de bebidas descartáveis rolando embaixo do piso do convés.

– Eu joguei tudo fora. Vivo me escaldando – Rocket disse.

– Você informalmente nomeou essa nave de Faixa Branca, pois é uma brincadeira com suas próprias características... me refiro à sua cauda volumosa... mas também é uma referência espertinha à aparência das estrelas quando se está viajando em velocidade da luz.

– Como você sabe isso? – ele exige saber.

– O nome foi esculpido perto de onde fica sua mão esquerda no console

de navegação principal, na cabine de controle.

– Certo, certo, o que mais...?

– Há um exemplar bem alarmante da *Playcoisa* enfiado embaixo do armário atrás de nós.

– Aquilo não é meu! – Rocket gritou.

– As impressões digitais de sua mão desconcertantemente humanas estão por toda ela – digo.

– Cara, eu só leio por causa das entrevistas.

– Eu sou Groot – Groot riu.

– De fato. Essas cartas – continuei – são um conjunto novo que traz fotos de árvores populares. Foram fabricadas em Arborus. A Dama de Copas, uma bétula particularmente atraente, é sua favorita, embora a nove de espadas, o freixo com folhas esvoaçantes, também tenha seu encanto.

– Eu sou Groot! – Groot exclamou.

– Se não sabe brincar, não brinque – Rocket riu.

– Você está bebendo uma garrafa de Zero-Beero; é sua bebida preferida, com exceção do timóteo, que ninguém em sã consciência tentaria beber durante uma viagem em velocidade de dobra. Groot está tomando uma jarra de seiva de gargarejo. É sua bebida preferida quando ele está relaxando.

– Eu sou Groot.

– Exatamente. A sensação de queimação e o gosto bom. Entendi.

– Você... você nos analisou assim tão rápido? – Rocket perguntou.

– Esta é minha programação. Sou um gravador.

– Então... então o fato de você *não* saber alguma coisa... é algo a se levar em consideração?

– Sim.

Rocket suspira. Ele olha para Groot.

– Certo, amigão, vá até a cabine de controle e nos coloque a caminho de Lugar Nenhum.

– Eu sou Groot.

– Sim, eu sei o que estou fazendo. Vou até sorrir quando estiver acontecendo e tiver que me encontrar com aquele flark daquele labrador soviético. Nosso novo amigo tem uma cabeça cheia de coisas e eu acho que isso inclui algumas que ele nem sabe que estão enchendo sua cabeça. Os gurus tecnológicos *freelancers* de Lugar Nenhum são as únicas pessoas em

toda essa flark galáxia que eu acho que são capazes de liberar essas memórias.

Groot se levantou e se encaminhou para a cabine de comando.

Rocket olhou para mim.

– Vamos direto para Lugar Nenhum – ele me disse. – Tenho contatos lá. Contatos que podem arrumar essa bagunça. Contatos que vão nos ajudar a chegar ao fundo desse enigma.

– Mas você também tem algumas ressalvas? – pergunto.

Ele assente.

– Sim, tenho. Estamos em fuga e a polícia cósmica está atrás de nós. Nós temos que chegar à estação de Lugar Nenhum, que é um espaço neutro, antes que eles nos encontrem.

Groot executou a correção de curso. O cargueiro Faixa Branca rugiu quando deu a volta, as luzes de seus motores enfraquecendo.

27 segundos depois, os policiais foram avistados.

Tropa Nova. Luzes piscando. Perseguição em alta velocidade.

Problema para qualquer um, dos dois lados da lei.

– Flark-se flark flark flark – disse Rocket Raccoon.

DIRETO AO
ASSUNTO

NA CABINE APERTADA, com a força G ajustada de sua nave de perseguição Classe X, o Nova Centurião Grekan Yaer franziu o cenho e fez um sutil ajuste ao manche. De modo obediente, a flexível, supertecnológica e altamente veloz nave deu uma guinada e acelerou.

O Centurião Yaer era um sujeito assustadoramente grande, um korbinito macho de estrutura muscular pesada e pele laranja. Ele foi recrutado por Mente Global para servir nas Tropas Nova de Xandar há oito anos terrestres por causa de sua determinação, elevados padrões morais e devoção à igualdade e à justiça.

Desde aquele dia, ele tem obedientemente servido ao Código de Lei de Xandar – que era, de fato, o sistema de leis criminais mais consistente de toda a galáxia.

Ele sincronizou suas linhas de comunicação.

– Aqui é o Centurião Yaer. Nave suspeita está marcada como código vermelho em meus sistemas de identificação. Iniciando perseguição em velocidade total.

– Oficial Starkross, aqui!

– Oficial Valis, confirma!

– Copiado, oficiais – Yaer respondeu. – Parece que isso não vai ser um voo de treino, afinal. Sigam-me.

As três naves de perseguição da Tropa Nova entraram em formação, com Yaer na frente, e dispararam atrás do solitário cargueiro. Enquanto aceleravam até 88 gravimétricos, as três naves de perseguição Classe X abriram seus pontudos escudos estelares. Isso as permitia alcançar velocidades muito maiores do que a da luz ao estender a força de seus

motores gravimétricos; e também fazia com que se parecessem com a insígnia da Tropa, que representava uma estrela explodindo, encontrada na fronte do elmo de cada um dos centuriões, um símbolo universal da lei e da ordem.

Todas as três naves começaram a pulsar suas lâmpadas de alerta e a emitir sirenes subespaciais.

Yaer franziu o cenho de novo. Era difícil ver seu cenho franzido completamente, porque ele usava o elmo dourado de um oficial da Tropa Nova. Elegante e reluzente, ele cobria toda a extensão de seu rosto, a não ser a boca e o queixo. Seu poderoso corpo estava enfiado em uma armadura azul-escuro, o uniforme da Tropa, adornada com tiras de metal dourado radiante. Em seu peito, os três círculos de sua patente brilhavam com energia incandescente.

– Mente Global? – ele disse. – Aqui é o Yaer, operativo 19944-56712. Estou em perseguição a uma nave suspeita. Você tem minhas coordenadas. Enviando os detalhes agora.

Diante dele, a face solene da Mente Global xandariana apareceu em uma fantasmagórica forma holográfica.

– Copiando, Yaer – ela disse com sua voz atemporal. – Processando. Nave suspeita identificada como um cargueiro da Triplanet Metals Inc., classe compacta, modelo "Salto Rápido", segunda geração, com unidade de transferência modificada. Não é capaz de escapar de você. Foi vista pela última vez partindo sem permissão de Xarth Três. Segue informação sobre mandados pendentes: fuga em velocidade maior que a da luz sem permissão, suspeita de roubo, suspeita de atos violentos, suspeita de extorsão, suspeita de furto, posse de armas de fogo ilegais, assassinato, assassinato com intenção, assassinato com armas incrivelmente grandes, quebra da paz, quebra da paz em arena pública, interrupção atmosférica, uso não autorizado de uma unidade de velocidade maior que a da luz, recusa em obedecer a uma ordem direta da Tropa Nova, dano malicioso de um oficial ou veículo da Tropa, imbibição de um timóteo...

– Entendido, Mente Global – Yaer respondeu. – Eles são os caras maus. Coloque-me em perseguição imediatamente.

– Centurião Yaer – disse a Mente Global. – É de meu entendimento que você está levando os oficiais novatos Starkross e Valis com você nesta ação, é isso mesmo?

– Em algum momento eles vão ter de aprender, Mente Global.

Mente Global ficou em silêncio por um momento.

E então:

– Centurião Yaer, desista. Os oficiais são jovens, mal acabaram de se graduar e não estão aptos para uma missão tão arriscada. Exijo que você interrompa a perseguição.

– É, bem, já estamos aqui – disse Yaer, lançando o holograma para longe com um peteleco. – Esta, Mente Global, é a vida real.

Ele abriu seus canais de comunicação.

– Nave suspeita, nave suspeita, aqui é a Tropa Nova. Vocês são suspeitos de estarem relacionados a um incidente em Xarth Três, desliguem seus motores e baixem para subluz. Nós vamos acompanhá-los. Preparem-se para abordagem e inspeção.

Esperou.

Repetiu a ordem.

Nenhuma resposta.

– Nave suspeita, nave suspeita. Vou tomar isso como um "não". A escolha foi sua. Estamos indo atrás de vocês e não vamos aturar nenhum flark. Estão avisados.

Yaer mudou para a comunicação elmo a elmo.

– Pessoal, vamos derrubar esse filho da flark. Vocês conhecem o procedimento. Foram treinados para isso. Capturar e prender. A não ser que tentem dar uma de valentes.

– Entendido, centurião – respondeu Starkross pelo rádio. Ela era uma jovem xandariana, firme, mas, sem experiência. Estava ansiosa pela chance de provar seu valor e crescer dentro das Tropas.

– Afirmado, Ce... centurião! – foi a vez de Valis, um jovem kymelliano, nervoso e imprevisível. Yaer sabia que teria de vigiá-lo.

Valis poderia perder as estribeiras a qualquer segundo.

Droga, ele sabia que teria de ficar de olho nos dois. Estavam sob sua responsabilidade.

E, além disso, ele tinha de capturar e aprisionar uma nave cheia de tipos muito, muito maus. As coisas poderiam ficar pretas. Poderiam ficar muito frias. Seria uma noite agitada cheia de riscos profissionais.

No entanto, por ali *sempre* era noite.

– Nave suspeita, nave suspeita, este é seu último aviso...

Ele mal havia começado o ultimato pelo comunicador quando o cargueiro em seu visor holográfico começou a acelerar e, então, executou um incrível giro e mergulho.

– Mas que flark! – Yaer murmurou, mergulhando atrás dele. A força G o esmagou. – Quem d'ast está pilotando aquela coisa? Flark, eles são bons...

– Repita, centurião! – Starkross disse.

– Eu disse *fiquem na cola deles!* – Yaer gritou.

Ele sentiu um solavanco forte, percebendo a aceleração grudando-o automaticamente no encosto de seu assento. As estrelas viraram riscas brancas. Yaer amava a velocidade. As energias gravimétricas que conhecera desde que se uniu à Tropa Nova o ensinaram a amar a velocidade.

Mas ele estava quase no limite.

– Fiquem perto! – ele avisou seus cadetes. Eles ainda estavam juntos, permanecendo em formação de perseguição, embora Valis estivesse mostrando dificuldade em se manter com o grupo.

– Eles não vão me vencer – Yaer falou a seus pupilos. – Vou disparar um tiro de aviso na lateral dianteira deles.

– Entendido.

– Copiado.

Com a mão tensa no controle, Yaer ajustou a mira na tela da cabine e disparou... um, dois, *três* tiros da bateria gravimétrica de sua nave de perseguição.

Disparou com vontade, mas ninguém no Universo correria o risco de ser atingido por disparos com aquela força. Aquele tipo de aviso sempre fazia com que os suspeitos parassem repentinamente, aterrorizados.

Mas, aparentemente, esses idiotas não fariam isso.

Então iam receber o que pediam... estavam em força total.

Yaer xingou.

– Eu não quero matá-los, mas não estão me dando outra escolha...

O cargueiro ziguezagueou novamente, executando uma girada lateral perfeita.

– Como ele está fazendo isso? – Yaer se perguntou.

– Ele está mergulhando... – Valis respondeu.

– Campo de asteroides! Campo de asteroides! – Starkross gritou alarmada.

As pupilas de Yaer se alargaram levemente, mas ele reagiu com

velocidade e destreza impecáveis. Estava tão concentrado no veículo suspeito, que havia desviado o olhar de seu visor de navegação e, com isso, desviado a atenção de qualquer notificação de risco adiante.

Era um campo de asteroides, um bem grande, cheio de rochas lentas que giravam, algumas do tamanho de montanhas, outras do tamanho de pequenas luas. Era um campo denso também. Um piloto tinha de ser louco para levar uma nave de qualquer tamanho para um enxame de rochas tão próximas umas das outras.

E um piloto tinha de ser um flarkazoide certificado para fazer isso numa velocidade maior do que a da luz.

Mas a nave suspeita estava fazendo isso. Iria tentar despistá-lo no meio do campo de asteroides.

– Subluz! Subluz! – Yaer berrou no comunicador. Todas as três naves desligaram as unidades de velocidade maior que a da luz, seus motores gravimétricos protestaram, e desaceleraram até que eles sentissem, por comparação, que estavam parados, embora ainda se movessem a muitas milhas de unidades de distância por período de tempo.

Yaer mantinha os olhos na tela diante de si, esperando a qualquer segundo ver o brilho e as chamas do inevitável impacto do veículo suspeito. O típico fim para um típico amante zeloso da velocidade. Yaer já estava na Tropa tempo suficiente para ter visto sua cota de idiotas apressados tentando escapar de uma perseguição em alta velocidade, perdendo o controle e saindo da pista, por assim dizer.

Mas este lunático era bom.

– D'ast, este lunático é bom – Yaer murmurou.

– Ele desligou a velocidade maior que a da luz! – Starkross gritou pelo rádio.

Ele tinha que fazer isso. No último microssegundo, o cargueiro fujão – executando um quase suicida mergulho de nariz giratório na beira do campo de asteroides – desligara seu gerador de dobra tão repentinamente que provavelmente nunca mais funcionaria. Mas a nave caiu para uma velocidade subluz muito lenta e deslizou quase que elegantemente por entre duas rochas do tamanho de montanhas.

– Starkross! Valis! Mantenham-se em posição! Eu vou atrás dele! – Yaer berrou.

– Nós vamos com você, senhor! – Starkross respondeu, ansiosa.

– Negativo absoluto para isso, oficial. Fique aqui, flark, e mantenha-se em posição. É muito arriscado para vocês, garotos. Compreendido?

– Oficial Starkross… sim.

Ela parecia desapontada. Yaer sorriu. Ele admirava o ímpeto dela.

– Oficial Valis, afirmativo!

Valis parecia aliviado. Yaer continuou sorrindo. Ele admirava a atitude saudável do garoto diante do risco que iam correr.

– Fiquem com os comunicadores ligados – ordenou, puxando o manche. – Contatem o batalhão mais próximo e peçam que venham até aqui em velocidade máxima. Se eu pegar esse lunático, quero ser capaz de arrastá-lo até Xandar!

– Afirmativo, senhor – falou Valis.

– Boa sorte – disse Starkross.

– Sorte, oficial, não tem nada a ver com isso – Yaer respondeu. – Mas obrigado.

Ele iniciou sua aproximação, atento à velocidade subluz. Yaer tinha visão parcial da cauda do suspeito. Pela glória, mas estes asteroides estavam muito rápidos. Alguns giravam irregularmente. Iria ser muito difícil.

Estupidamente, embora isso o fizesse se sentir melhor, ele respirou fundo.

Desligou o escudo de sua nave, reduzindo seu perfil lateral, e então a virou de lado ao passar entre as primeiras duas rochas. Foi *muito* apertado. Ele podia ter esticado o braço e pegado uma amostra da superfície da rocha de sua cabine.

Quase que imediatamente, ele estava acelerando com força para evitar a colisão de uma rocha que vinha diretamente em sua direção, em seguida jogou para a esquerda e para a direita para desviar entre duas pequenas rochas que vieram girando de direções diferentes.

Onde estava o suspeito? *Onde estava o d'ast suspeito?*

Sua tela de proteção estava bem movimentada. Estava rastreando e marcando mais de nove mil massas de asteroides ao mesmo tempo, e apenas na parte do campo por onde ele estava passando. Ele teve que rolar rápido e na sequência desviar por baixo de uma rocha, e então mergulhar em força G alta para não bater em outra. Os asteroides ao redor dele – os menores, principalmente – estavam começando a se mover de modos cada vez mais imprevisíveis. A força gerada por seu motor gravimétrico estava causando

uma onda; as rochas estavam começando a girar, empurradas pelo rastro do movimento. Algumas colidiam com outras, se partindo e lançando uma chuva de destroços mortais.

Duas enormes rochas colidiram uma com a outra com tanta força que houve um clarão no momento em que a matéria era aniquilada.

– Perto demais – Yaer sibilou.

– Senhor? Senhor? Você está bem? – Starkross chamou. Parecia assustada.

– Senhor, vimos um clarão vindo daí. Você está...

– Estou muito bem. Mantenham-se em posição. Alguma notícia do batalhão?

– ... skkkzzk ... a caminho agora e skkzzk... dentro de vinte skkzzk...

Ótimo. Yaer sabia que já estava dentro demais do denso campo, pois a enorme composição de metal das rochas espaciais começou a bloquear seu sinal. As interferências dos minérios de metal também estavam bagunçando com seus sistemas rastreadores e de projeção. Ele não conseguia mais analisar nada a não ser rochas inertes e de hiperdensidade. Como flark ele iria detectar o cargueiro? Seria como caçar um único floco em uma nevasca.

Yaer estava calmo. Sua frequência cardíaca estava supermortalmente baixa. Anos de treino o haviam talhado para aquilo, e sua mente estava clara.

Ele não teve que detectar a nave suspeita. Ele podia ver onde ela *estava*.

Assim como seu próprio motor gravimétrico, a onda causada pelos motores de subluz do cargueiro estava causando um efeito cascata no campo de asteroides.

Yaer desligou sua tela de projeção e seguiu apenas visualmente. Sua mente e visão superdesenvolvidas analisaram a intensa e implacável complexidade do campo de asteroides diante dele e esperou pelo sinal de... Ali!

Um grupo de rochas, girando erraticamente contra o fluxo que vinha de uma extremidade à outra do campo. Um refluxo da onda.

Virou o manche com força. O astuto flark havia tentado deixá-lo para trás, voltando por onde entrou. As rochas avançaram na direção dele enquanto ele corrigia o curso, aumentando a velocidade ao máximo que se atrevia. As rochas passaram com tudo: por cima, por baixo, à esquerda, à direita, algumas tão perto que quase arranharam o acabamento dourado de sua nave. Com velocidade supernormal, suas mãos operavam o manche –

puxando, torcendo, virando, girando. Apenas um Centurião Nova possui tal nível de velocidade mental e coordenação entre mão e olho.

Bem, apenas um Centurião Nova e um flarkazoide pirado pilotando um cargueiro, obviamente.

Ele estava no refluxo do suspeito agora e os asteroides estavam num grau de perturbação tão alto que já não eram mais previsíveis. Uma grande rocha giratória veio diretamente em sua direção, e ele teve que se afastar girando freneticamente para conseguir desviar. De imediato, veio outra atrás dela, bem na sua cara.

Sem chance de fugir dessa. Sem chance...

Yaer apertou os dentes e pressionou o disparador em seu manche, atomizando a rocha com tiro estrondoso de seus canhões gravimétricos.

A rocha se dividiu em duas. A nave de perseguição de Yaer atravessou o centro dos destroços que se dissipavam. Pedaços pequenos, alguns do tamanho de punhos, explodiam em seus escudos dianteiros. Alguns passavam e se chocavam contra o casco da nave, amassando-o. Até mesmo as partículas do tamanho de poeira eram potencialmente letais naquela velocidade. Yaer sabia como o belo casco dourado de sua nave de perseguição iria ficar depois que ele atravessasse aquela chuva de pedras.

Uma série de luzes vermelhas piscou por toda a mesa de controle. Sensores de danos. Todos indicavam coisas pequenas – mas um de seus propulsores de vetor havia sido desalinhado, e isso iria reduzir a maneabilidade da nave. Não importa. Ele tinha, de uma maneira muito além da óbvia, desviado da grandona.

Avançou, endireitando os jatos, ziguezagueando pelo instável centro do campo.

– Onde está você, filho de uma...

Apenas por um segundo, avistou o brilho amarelo de um jato entre as rochas à sua frente. Avançou para persegui-lo.

O movimento foi apressado. Ele havia virado tarde demais. Um asteroide do tamanho do Palácio da Justiça de Xandar rasgou a fuselagem de estibordo e arrancou um dos florões mais próximos de seu escudo estelar. A nave de perseguição sacudiu com força e Yaer teve de se esforçar para manter o controle. O manche tremeu. Os motores gemeram. Vibrações percorreram toda a estrutura principal.

Ele viu o brilho novamente. Focou-se nele.

– Você é meu, seu flarkidido – sussurrou. Era a primeira vez que ele soltava o ar em um longo período de tempo.

O veículo suspeito o viu e começou a acelerar. Uma jogada estúpida. Yaer pôde ver que, na pressa de escapar, ele já havia sofrido vários amassados e riscos por conta própria. Acelerar era a última coisa que deveria fazer.

O suspeito estava desesperado. *Realmente* desesperado.

Desviando-se da saraivada de asteroides giratórios que se arremetiam em sua direção, Yaer se aproximou. Ele estava quase na distância apropriada para ativar o raio-trator gravimétrico da nave de perseguição e apanhar o maldito. Só faltava mais um pouco. *Só mais um pouco…*

O cargueiro tentou acelerar para fugir. Ele teve que empinar rápido para evitar uma colisão, e então saiu pelo outro lado e colidiu, destruindo uma pequena rocha. Houve um clarão, uma chuva de faíscas, e pedaços rasgados de casco vieram na direção de Yaer.

O cargueiro parou e estabilizou, mas estava danificado. Parecia sangrar combustível de um tanque partido. O combustivo propulsor se espalhou e atingiu os escudos de Yaer como chuva em um para-brisa.

Ele o pegara. Ele tinha o maluco filho de um d'ast nas mãos.

Ele acelerou novamente.

O cargueiro deu um solavanco para a frente e fugiu, como se sua aproximação o assustasse. Desviou de outra rocha, passou por entre outras duas e então – de maneira insana – passou através do buraco no meio de um asteroide com formato de rosquinha. Deixava um rastro de faíscas conforme o casco se arranhava na pedra em vários lugares.

Yaer foi atrás dele. Ele se enfiou no buraco, deixando mais dois florões do escudo estelar para trás.

O sinal de mira soou: um súbito e claro apito no pequeno espaço da cabine.

Distância mínima para uso do raio-trator alcançada.

Yaer socou o botão que ativava o raio e sentiu o súbito puxão no momento em que agarrou a nave fujona. Havia pegado o suspeito, e o pegara *firme*, como se uma corrente os conectasse, forte e inquebrável.

Mas o suspeito não estava desligando seus motores. Na verdade, era ele quem estava arrastando Yaer, não parecia disposto a admitir sua derrota e parar.

– D'ast-se você! – Yaer gritou. – Saiba quando desistir!

Eles estavam presos. Eles estavam *muito presos*. Yaer poderia desligar o raio-trator e se libertar, mas ele não deixaria o suspeito fugir por nada nesse Universo.

Suas mãos enluvadas percorreram um fila de botões no painel. Desligou seus motores – ele não precisava de impulso agora, já que o cargueiro estava fazendo todo o trabalho pelos dois – e canalizou toda a energia gravimétrica para o raio. Na realidade, agora ele era a bola e a corrente presas ao cargueiro. E ele aumentava sua massa gravimetricamente, fazendo sua nave ficar cada vez mais pesada.

O cargueiro começou a desacelerar rapidamente, suas turbinas brilhando mais forte enquanto seus motores tentavam se libertar.

– É isso aí, idiota – Yaer disse –, acabe com seus motores.

E então o lunático que pilotava o cargueiro fez algo ainda *mais* lunático, até mesmo diante do padrão de suas demonstrações anteriores de lunatismo.

Ele brecou e virou rápido para estibordo. Ele quase – *quase* – colidiu com uma enorme rocha no processo, mas de alguma forma escapou.

Yaer deixou escapar um grito alarmado. Ele havia desligado seus motores – sua nave de perseguição era, na verdade, uma massa sendo arrastada pelo cargueiro. Todas as leis físicas do Universo estavam contra ele. O cargueiro lançara sua nave para o lado como se fosse o peso morto no fim de uma corda. A força cinética o fez voar com força para o lado direito, sendo arrastado e puxado simultaneamente.

Os alarmes de colisão berraram. Uma rocha vinha rapidamente em sua direção, pelo lado em que estava sendo lançado. Ele podia ver pelas escotilhas laterais à esquerda. Sua nave estava sendo lançada de encontro a um asteroide.

Sem chance! Sem chance! Sem nenhuma chance!

– Ejetar! Ejetar! – Yaer gritou.

Mas era tarde demais. Tarde demais…

A nave de perseguição dourada de Yaer atingiu de lado o asteroide e se desintegrou, liberando uma explosão de luz escaldante e brilhante, destroços e energia.

Aniquilação total.

O RESTO É
SILÊNCIO

ESCURIDÃO.

E então mais escuridão.

E então um pouquinho mais.

E então uma luz que lentamente se desfraldava.

Yaer acordou. Ele girava lentamente em zero G, no mais absoluto silêncio, pedaços de sua nave de perseguição reluzindo enquanto flutuavam ao seu redor como folhas.

Sua cabeça estava leve.

Pense. *Pense*.

Ele havia conseguido ejetar. É isso. Tudo bem. No último segundo, ele havia conseguido ejetar. Agora, como um corpo náufrago no ondular do oceano, flutuava através do silêncio do vazio.

Mas Grekan Yaer era um Centurião Nova. Embora a Tropa Nova de Xandar usasse viaturas estelares por conveniência, cada membro da Tropa era, efetivamente, uma nave por si próprio. O uniforme azul e dourado de Yaer e seu acesso à extraordinária Força Nova o transformaram em um foguete humano.

Yaer esticou o braço e acessou a Força Nova, ativando seu poder supermortal. Ele lançou os punhos para a frente como um mergulhador saltando de uma prancha muito alta. Os círculos em seu peito brilharam com força. Ele acelerou adiante, deixando um pequeno rastro de energia gravimétrica atrás de si.

Asteroides passavam ao seu lado. Yaer era como um míssil – não tão rápido quanto sua pobre nave destruída, mas muito mais ágil. Através do visor de seu capacete, avistava e rastreava milhares de asteroides, traçando

seu curso por entre eles, tomando cuidado com o refluxo do rastro do veículo suspeito.

Que estava parado à sua frente.

Perdia velocidade rapidamente, assumindo que não estava mais sendo perseguido. Estava ao seu alcance. Estava inclinando e mergulhando para sair por baixo do campo de asteroides e fugir.

Mente Global falou no ouvido de Yaer.

– Centurião Yaer. A telemetria registrou a destruição de sua nave. Você está intacto?

– Sim – Yaer respondeu.

– Ainda está em perseguição?

– Sim – Yaer confirmou.

– Centurião Yaer, estou lendo suas assinaturas vitais. Sua frequência cardíaca está alta. Sua adrenalina está acelerando. Você está suando. Você estava canalizando uma enorme quantidade de Força Nova. Você está bem?

– Ah, estou *maravilhoso* – Yaer disse.

O cargueiro estava bem na sua frente. Vagaroso – sacolejando e se retorcendo por entre as rochas, tentando encontrar uma saída. Yaer duvidou que os sensores da nave o captassem, se é que ainda restava algum.

Ele se aproximou, esticou o braço. Direcionou a Força Nova para suas manoplas douradas. O raio, disparado de seus punhos, atingiu o cargueiro e avariou seu motor.

A nave sacudiu e o motor parou.

Yaer chegou mais perto e agarrou uma das placas do casco, puxando-a por meio do poder invencível concedido à Tropa Nova.

– Você é meu agora, seu flark – sibilou.

Limpou a passagem, arrastando o cargueiro imóvel atrás dele.

Espaço aberto. Respirou aliviado. Aberto, limpo, espaço profundo o rodeava. Ele amava aquilo: a liberdade – a liberdade de planar, sozinho, livre da nave, como estava agora.

O campo de asteroides – um trilhão de rochas giratórias, iluminadas pelo sol – se afastou dele em meio ao brilho galáctico.

Duas naves de perseguição da Tropa Nova estavam posicionadas à sua frente, esperando por ele com os escudos estelares abertos e sinais de perigo piscando.

– Centurião? Senhor? – Valis se comunicou.

– Estou com eles, Valis – Yaer respondeu.

– Nós... nós pensamos que você estivesse morto, senhor – Starkross disse. Yaer pôde ouvir as lágrimas. Aquela garota. Tão ousada, mas tão sentimental.

– Estou bem, Starkross. Sério. Na verdade, me sinto ótimo. Perdi minha nave, ensaquei o bandido. É um *bom* dia para a Tropa.

– Sim, senhor.

– Starkross? Valis? Vocês foram muito bem. Estou orgulhoso de ambos.

– Oficial Starkross, confirma.

– Oficial Valis, afirmativo.

Arrastando o cargueiro morto atrás de si, Yaer se permitiu um sorriso. Os garotos eram bons. Realmente bons. Um dia, os dois seriam soberbos centuriões.

Um dia se lembrarão daquele velho korbinito casca grossa que os ensinou o que sabem, e talvez ergam um copo de synthol à sua memória.

Porque Grekan Yaer já estaria morto há tempos nesse momento. Especialmente se continuasse a fazer loucuras como essa.

O enorme cruzador da Tropa Nova estava atrás das duas naves de perseguição que aguardavam sua volta. Era tão grande e, ao mesmo tempo, quase invisível. Pairava como um eclipse diante do campo estrelado, uma sutil magnitude de sombra marrom.

– Olá Batalhão, olá Batalhão – Yaer se comunicou.

As luzes do cruzador se acenderam, iluminando o espaço equivalente a um quarteirão durante a noite. As luzes de busca se moveram para iluminar o centurião e a nave que ele arrastava.

– Olá, Yaer – o comunicador respondeu com uma voz feminina alegre e calorosa.

– Você fez das suas loucuras de novo?

– É você, Centuriã Clawdi? – Yaer provocou.

– Você sabe que sim, Grekan. Estou sempre aqui por você e seus... explorados. O que você tem para mim?

Clawdi era uma pequena e linda tsyrani e uma suprema centuriã. Haviam sido colegas de classe na Academia; sempre houvera algo entre eles, embora nunca tenham feito nada a respeito disso.

Yaer suspirou.

– Estou com uma nave procurada, Lolet. As acusações estão no arquivo.

Leia todos, é um belo pacote. E abra a porta de seu hangar para que eu possa levá-los para dentro.

– Uau, você não estava de brincadeira, louquinho. Tá certo. Abrindo as portas do hangar agora.

Uma porta se abriu na barriga do gigantesco cruzador e a luz escapou por ela. Era como voltar para casa.

Yaer entrou cuidadosamente e colocou o cargueiro no convés.

As naves de perseguição o seguiram. As portas do hangar se fecharam atrás deles.

Yaer permaneceu parado no chão engradado do hangar e se afastou da surrada e fumegante nave cargueiro. Estava judiada pra diabo. *Isso vai lhes ensinar uma lição*, Yaer pensou.

A atmosfera e a gravidade começaram a se formar. A iluminação aumentou. Yaer liberou a Força Nova que estava nele, mantendo um pouco nas manoplas para o caso de algum problema surgir.

Saltando de suas cabines, Starkross e Valis correram e ficaram ao seu lado. Starkross retirou seu elmo dourado. Yaer pôde ver que a garota estivera chorando, mas se esforçava para mostrar que não estivera. Ela era muito bonita. Destruidora de corações.

– Aquilo foi maravilhoso, centurião – ela disse. – Quer dizer… achamos… achamos…

– Sei o que vocês acharam, Oficial – Yaer disse e lhe tocou brevemente as bochechas. – Obrigado.

Valis, com o elmo ainda no lugar, apontou seu focinho equino para Yaer, que era muito mais alto do que ele.

– Aquilo não foi nada ortodoxo, senhor – falou.

– Pois é.

– Eu deveria escrever um relatório.

– Deveria.

– Não vou – disse Valis. – Eu quis dizer…

– Não, você deve. Apenas não me faça parecer louco demais.

Valis estendeu sua mão. Yaer a apertou.

– É uma honra estar sob sua tutela, senhor – ele disse.

– Ah, não diga essas coisas para ele. Sua cabeça vai inchar e então ele vai continuar fazendo essas coisas todas de novo.

A centuriã Lolet Clawdi avançava pelo convés do hangar para se juntar a

eles. Estava sorrindo. Trazia seu elmo dourado embaixo do braço.

Lançou uma piscadela para Yaer que ninguém poderia deixar de notar. Sessenta denarianos Novas a seguiam, usando bastões de gravidade e escudos antitumulto. Mileniuns com canhões gravimétricos armaram seus tripés e baterias em volta do cargueiro e miraram.

– Então, com quem estamos lidando aqui, Grekan? – Clawdi perguntou a Yaer.

– Não tenho ideia, Lolet. Fugitivos de Xarth Três. Você viu a folha corrida. Muito perigosos, no mínimo. Não são coisa boa. Devemos estar preparados e armados para seja lá o que emergir dessa lata velha.

– Ah, eu estou – disse, sorrindo.

Ela acenou para que um time de denarianos avançasse. Eles carregavam tochas de corte e aríetes.

– Vamos abrir o otário, rapaziada – Clawdi ordenou. – Mais alguém? Um mínimo ruído de arma e nós os explodimos inteiros.

Toda a equipe de denarianos se preparou para invadir o cargueiro.

Hesitaram.

A rampa de pouso subitamente começou a se estender, e a escotilha principal iniciou sua abertura.

– Firme, garotos – Clawdi avisou, tensionando e erguendo os punhos. Força Nova brilhando em suas manoplas.

A escotilha se abriu. Um ar esfumaçado e parado saiu.

Uma figura apareceu.

Era pequena. Baixa. Mais baixa ainda que a Cadete Nova de Xanthan Kurrgid, a quem Clawdi, Yaer e todos os outros de sua classe importunavam na época da Academia.

Desceu a rampa – olhos brilhantes, pelos lustrosos e uma cauda volumosa. Ao pé da rampa, parou e sorriu demonstrando boa vontade para o círculo de oficiais da tropa de choque e para as equipes que operavam os canhões.

A tropa de choque tensionou, juntando seus escudos blindados com um estalo rítmico e erguendo seus bastões para atacar. As travas de segurança foram destravadas. As cargas das armas foram aumentadas a níveis destruidores.

Uma pausa. Uma tensão terrível. Um impasse.

– Boa noite, oficiais – disse Rocket Raccoon. – Mas qual é o problema?

10

XANDAR

ESTOU NUM LUGAR QUE ACREDITO que ser conhecido como sala de interrogatório. Estou entre Rocket Raccoon e Groot e estamos diante de uma mesa de maxiaço muito enrugado. Nossas cadeiras também são compostas de um maxiaço muito enrugado. A câmara é completamente inóspita e vazia. As paredes são blindadas por maxiaço fosco e o teto é de manta acústica. De um dos lados, há uma janela vazia que tenho certeza ser um espelho unilateral para observação.

Estamos em Xandar, no coração do Palácio da Justiça de Xandar. Foi para cá que o enorme cruzador da Tropa Nova nos trouxe depois de sete horas de viagem em velocidade de dobra.

Eu não estou nervoso, gentil leitor, pelo simples motivo de não ter um sistema nervoso. Mas estou, ainda assim, apreensivo a respeito dessa situação.

Ela é, claramente, uma situação não muito boa para quem está envolvido nela.

– Deixe que eu falo com ele – aconselhou Rocket Raccoon em um tom que sugeria que aquela seria Uma Boa Ideia.

A porta se abriu. Duas pessoas entraram. Eram dois Nova Centuriões em armadura completa. A porta se fechou.

Eles se sentaram na nossa frente.

Colocaram tablets de tela plana sobre a mesa diante deles, se recostaram e removeram seus elmos, que também foram colocados sobre a mesa. Um dos centuriões era um musculoso korbinito macho. Ele olha feio para nós, os olhos estreitos.

A outra é uma pequena e curvilínea tsyrani.

– Gravando – ela diz. – Fique registrado que é a Centuriã Lolet Clawdi que fará o interrogatório.

– Centurião Grekan Yaer interrogando – o macho diz.

– Vocês poderiam se identificar? – Clawdi perguntou.

– Rocket Raccoon, como eu já lhe disse – Rocket falou, olhando para baixo. Ele estava cutucando uma parte do tampo da mesa levemente deformado, como se algum interrogado anterior o houvesse arrancado. Ou mordido. Em todo caso, não é possível dizer se esse ato era voluntário ou involuntário.

– Eu sou um gravador – digo em seguida. – Sou o Gravador 127 da Pesquisa Intergaláctica Rigelliana.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Certo, planetas de origem? – perguntou o centurião.

– Halfworld – respondeu Rocket.

– Rigel, essencialmente – falei eu.

– Eu sou Groot – disse Groot.

Senti, nesse ponto, que haveria um problema.

– Planeta de origem? – o centurião korbinito perguntou bruscamente para Groot.

– Eu sou Groot.

– Podemos fazer esse joguinho o dia todo, camarada – o centurião korbinito respondeu.

– Planeta X – disse Rocket ansiosamente. – Coloque Planeta X. É de onde ele veio.

O centurião korbinito suspirou.

– Explique suas atividades em Xarth Três – disse a centuriã.

– Apenas fazendo negócios – respondeu Rocket.

– Que tipo de negócios? – questionou o korbinito.

– Você sabe... um pouco disso, um pouco daquilo – respondeu Rocket Raccoon.

– Não, eu não sei – o centurião replicou com dureza.

– Bem, você sabe... comércio de zixo, basicamente.

– Comércio de zixo? – perguntou a fêmea.

– Certo. Mas é um jogo duro. Um jogo *realmente* duro. Um mercado difícil. Não sabíamos no que estávamos nos metendo.

– É por isso que vocês fugiram? – perguntou o centurião.

– Bem, *obviamente* – disse Rocket Raccoon.

O centurião korbinito olhou para mim.

– Isso está correto? – ele perguntou.

– Totalmente – respondi. – Está totalmente congruente com os detalhes que você apresentou.

– E quanto a você? – o centurião perguntou a Groot. – Qual seu papel nisso?

– Eu sou Groot – Groot respondeu.

– Você, cara de flark, está realmente começando a me irritar – grunhiu o centurião. – Se você não vai cooperar, pelo menos diga, "eu me recuso a comentar", certo? Certo?

– Calma, Grekan – a centuriã sibilou de lado.

– Coopere, certo? – o centurião advertiu Groot.

– Eu sou Groot – respondeu Groot sinceramente.

O centurião socou o tampo da mesa com raiva. Eu comecei a ver uma possível origem para alguns dos buracos e deformações na superfície de maxiaço.

– Está tentando me desafiar, camarada? – o centurião perguntou.

– Eu sou Groot – Groot respondeu, horrorizado.

– Flark! – o centurião exclamou.

– Calma! – a centuriã sibilou.

– Este piadista tem que saber o que ele está encarando aqui – o centurião macho disse para a fêmea. – Só a lista de acusações pode colocá-lo em Kyln por mais anos de crescimento anelar do que ele se importa em considerar. E acrescente o fato de não querer cooperar em um interrogatório formal...

– O que aconteceria então? – Rocket perguntou, penteando os bigodes com uma das suas mãos desconcertantemente humanas como se ele não desse a menor importância para a resposta. – O que você está dizendo, grandão? Você tem meios de nos fazer falar?

– Você, fale menos – o centurião disse a Rocket. – Claro, nós temos meios. Se seu amigo disser aquilo novamente, eu vou buscar uma serra elétrica e um cortador de madeira.

– Grekan! – a centuriã alertou.

– Uma última chance – o centurião disse a Groot. – O que você estava fazendo em Xarth Três, e por que vocês saíram com tanta pressa?

Houve uma pausa. Groot hesitou, se inclinou para a frente e olhou para

Rocket, ao meu lado, melancolicamente.

– Apenas diga a verdade, amigão – Rocket disse.

Groot recostou. Olhou para baixo.

– Eu sou Groot – sussurrou, relutante.

– Seu comedor de flark pequeno vacuozoide – o centurião gritou.

{protocolo de pausa expositiva}

... eu acho, leal e gentil leitor, que este é o ponto em que decidi agir. E foi menos por preocupação a respeito de nossa situação terrivelmente comprometedora, e mais porque eu simpatizava com Groot. Sentia seu desconforto e desamparo. Eu também lembrei que ele e Rocket tinham me salvado na hora em que mais necessitei. Várias vezes, na verdade. E eu queria retribuir o favor.

{continuar modo narrativo}

– Abuso verbal de um detento – eu disse.

– Hã? – O centurião virou seu olhar raivoso na minha direção.

– Abuso verbal de um detento – repeti. – Código de Conduta da Tropa Nova, item 171777454. "Detentos não devem ser submetidos a abuso verbal ou físico durante interrogatório ou custódia. Oficiais da Tropa Nova considerados culpados de tais atos estarão sujeitos a penalidades incluindo perda de privilégios, reprimendas, reprimendas severas, suspensão, rebaixamento e, em casos extremos, expulsão da Tropa".

– Ah – disse o centurião, sentando-se novamente e me olhando de cima a baixo. Ele ainda está confiante, o macho alfa da sala. – Então veja quem ficou esperto de repente.

– E, hum, *correto* – a centuriã sussurrou.

– Deixe isso comigo, Lolet – o macho respondeu rispidamente. – Você viu a ficha corrida. Você sabe o que estes caras têm feito.

– Mesmo assim... – disse a fêmea.

– Eu não sei o que alegam que nós fizemos – eu disse. – Código Criminal de Xandar, parágrafo 1112 (a), subseção iii: "Todos os detidos devem ser notificados de seus direitos e informados das acusações antes do interrogatório". É muito claro.

O centurião fuzilou-me com o olhar.

– Seu pequeno fl...

– Abuso verbal de um detento – eu disse. – Código de Conduta da Tropa Nova, item 171777454.

– Eu devia arrancar sua cabeça à…

– Ameaça física ao corpo ou pessoa de um detento – respondi. – Código de Conduta 876888.

– Ah é? Ah é? Esta é uma sala à prova de som, cabeça de metal! – rosnou o centurião, levantando-se. Sinto o poder crepitante da Força Nova subindo até suas manoplas. – Quem vai saber se você simplesmente não acabou caindo enquanto tentava resistir?

– Esta entrevista está sendo gravada – eu respondi. – Você mesmo me disse.

– Eu…

– E ela saberia – acrescento, olhando para a centuriã. – E noto que ela não está nada confortável com esta linha de interrogatório. Ela não aprova seus métodos. A opinião que ela tinha de você foi modificada.

O centurião pausa. Ele olha para a fêmea.

– Lolet…

– Baixa a bola, Grekan. Por favor. Sabemos que estes caras não são coisa boa. Sabemos que eles tentaram matar você.

– Como é que é? – disse Rocket Raccoon.

A fêmea estendeu a mão e tocou o braço do homem, pedindo para que ele sentasse novamente. E assim ele o fez.

– Grekan quase morreu trazendo vocês para cá. Vocês flarkearam a nave dele – ela falou. – Está na lista de acusações.

– A qual ainda não nos foi permitido ver – eu aponto. – Código Criminal de Xandar, parágrafo 1112(a), subseção iii: "Todos os detidos devem ser notificados de seus direitos e informados de suas acusações antes do interrogatório".

Os centuriões olharam um para o outro. E então a fêmea girou seu tablet e passou o dedo pela tela. Rocket Raccoon estendeu as mãos, mas eu o peguei primeiro.

Revisei.

– Isto é muito extenso – eu disse, depois de um tempo, ainda revisando.

– Pode apostar seu rabo de lata nisso – disse o macho. – O quê? Você vai exercer seu direito a um advogado? Você quer um advogado?

– Bem, pesando tudo, não é uma ideia tão ruim – disse Rocket.

– Não há necessidade – eu falei.

– Por quê? – perguntou a centuriã.

– Não há nada que um advogado faça que eu não possa fazer – respondi. – Prossiga.

– Ah, eu *prosseguirei*, certo – observou o macho. – Para começar, resistir à prisão...

– Isso não é "para começar" – eu disse.

– Quê?

– O Código Criminal Xandariano opera em um consagrado contexto de procedimento e protocolo. Ele respeita, acima de tudo, o devido processo. Não importam as acusações, qualquer caso que quebra o devido processo é passível a ser desconsiderado pela Alta Câmara Xandariana.

– Do que flark você está falando? – o centurião perguntou.

– Um suspeito deve ser informado de seus direitos e das acusações que ele deve encarar antes do interrogatório – eu disse. – Código Criminal de Xandar, parágrafo 1112 (a), subseção iii e assim por diante. E isso não foi feito. Nós só vimos as acusações agora, depois do início formal do interrogatório.

– E?

– Uma quebra do devido processo. O caso deve ser desconsiderado.

– Isso não faz sentido!

– Talvez – eu disse. – Dado à magnitude e variedade das acusações listadas aqui, um tribunal poderia fazer vista grossa ao lapso no procedimento por causa da significância do caso. Uma coisa do calor do momento.

– Exatamente – disparou o centurião.

– Entretanto, há mais. A identificação formal de uma nave suspeita deve ser feita antes da acusação. Código Criminal de Xandar, parágrafo 82 (a), subseção iv.

– Vocês foram avistados e flagrados saindo de Xarth! – o macho rugiu.

– Incorreto – eu disse a ele. – Muitas naves saíram de Xarth Três naquela noite. Muitas devem ser do mesmo tipo e classe que a nossa. Você fez a identificação da nossa através do sistema "bandeira vermelha" da Tropa, que geralmente é preciso, mas requer confirmação específica. Tal confirmação não foi obtida. É o que consta bem aqui na lista. Você suspeitou que fôssemos a nave que estava saindo de Xarth, e você ainda não confirmou isso. Quebra do devido processo. Caso desconsiderado.

– Nós podemos comparar códigos de série facilmente... – a fêmea

começou.

– Sim, mas vocês não fizeram isso – respondi. – Continuando. Suspeitos devem ser identificados formalmente antes que se façam as acusações. Código Criminal de Xandar, parágrafo 6768 9a), subseção i.

– Podemos colocar você em uma sala de reconhecimento, se você quiser – disse o macho.

– Com qual finalidade? Quem poderia nos identificar formalmente? Existem cerca de 88 trilhões de seres sencientes só nessa parte da galáxia. Qual identificação formal pode ser feita para especificar que fomos *nós*?

– Um gravador rigelliano, uma... árvore ambulante e... seja lá o que essa bola de pelo for! – o centurião gritou. – Quanto de dúvida pode haver nisso?

– O suficiente – respondi. – Eu sou uma de muitas, muitas unidades de gravação. Guaxinoides e espécimes de *flora colossus* são bem comuns.

– Bem comuns?

– Comuns o suficiente neste Universo infinito para que exista um considerável elemento de dúvida sem uma precisa identificação formal. Dúvida é igual à quebra do processo. Caso desconsiderado.

{Como eu havia previamente indicado, leal e gentil leitor, é meu prazer total costurar referências temáticas desta história com sua Cultura Humana. Para esta finalidade, sinto que devo dizer que, neste ponto dos procedimentos, eu começava a me sentir como Henry Fonda em 12 homens e uma sentença*, ou Atticus Finch em* O sol é para todos. *Ou até mesmo o impetuoso Matthew McConaughey em praticamente todos os filmes baseados em um romance de John Grisham.}*

– Podemos conseguir impressões digitais – o centurião me disse. – Podemos conseguir impressões digitais, resíduos de cabelo, DNA, amostras de casca... o que você quiser. Podemos fazer uma identificação formal assim. – Ele estalou os dedos.

– Sim, vocês podem – concordo. – Mas vocês não vão. Peçam as amostras de Xarth Três. Teleportem-nas, se quiser. Acelere o processo em seus laboratórios. E ainda será tarde. Vocês deviam ter feito isso antes de começar o interrogatório formal. Código Criminal de Xandar, seção 45, parágrafo 23. Quebra do devido processo, Centurião Grekan Yaer. Caso desconsiderado.

– Já conheci advogados escorregadios como você antes – Yaer ameaçou.

– Duas coisas: primeiro, não sou advogado. Sou um Gravador 127 da Pesquisa Intergaláctica Rigelliana. Eu meramente sei o que sei, e aplico estes

dados se for necessário. Segundo, não, você não *conheceu*.

– Mas você resistiu…

– Não há provas. Quebra do devido processo. Caso desconsiderado.

– Mas nós temos acusações que…

– Que não são apoiadas pelos fatos. Quebra do devido processo. Caso desconsiderado.

– D'ast isso! Você tentou me matar e…

– Não é mostrado na evidência. Você arriscou sua própria vida durante uma perseguição em alta velocidade enquanto nós simplesmente tentávamos navegar em um perigoso campo de asteroides. Não há como manter tal acusação. Quebra do devido processo. Caso desconsiderado.

– Eu…

– E também – acrescentei – não foi oferecido a nenhum de nós qualquer tipo de alimento, nem mesmo uma bebida desde que a custódia começou…

– Eu bem que poderia beber alguma coisa – suspirou Rocket Raccoon. – Mas, vocês sabem, em um desses copos que têm uma pequena alça, porque eu odeio derramar.

– … a nenhum de nós foi oferecida uma bebida desde que a custódia começou – continuo. – Código de Conduta da Tropa Nova, item 1770134. "Devem ser providos aos detentos alimentos e/ou bebidas em intervalos regulares, antes do interrogatório, sem que sejam requisitados, como descrito no Código Universal do Bem-Estar Senciente, seção 2, parágrafo 12345671111". Quebra do devido processo. Caso desconsiderado. Vocês deviam ter nos oferecido bebidas, Centurião Yaer. Você deveria ter nos oferecido bebidas.

Yaer ficou em silêncio. Ele parecia sorumbático.

– Estou verificando isso com a Mente Global – Centuriã Clawdi disse. – Flark. *Flark*. Tudo que o robô disse… está nos estatutos. Cada linha e citação. Ele nos pegou.

Eles olharam para nós, atordoados.

– Vamos embora agora – eu disse.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Embora eu fosse adorar aquela bebida – complementou Rocket.

– Não os pressione – adverti. – Saiba quando acabou.

– Mas vamos conseguir nossa nave de volta, certo? – Rocket perguntou a Yaer. – E é melhor que ela esteja toda arrumada e seja entregue em mãos.

– Não nos pressione – disse Yaer calmamente.

– Nós vamos retirar sua nave da área de confisco – digo a Rocket. – E vamos fazer os reparos nós mesmos. Nós causamos os danos. Certamente você deve ter seguro, não é?

Rocket murmurou alguma coisa.

Olhei para os centuriões. Os dois pareciam um pouco… murchos.

– Um bom dia para vocês – falei a eles.

Desejei ter uma pasta com os arquivos do caso ou um dossiê para ajeitar com uma batida na mesa de maxiaço antes de me virar e sair. Desejei ter uma valise.

Desejei que eu fosse parecido com o Matthew McConaughey.

Enquanto isso, dez dias antes, na Zona Negativa…

ENQUANTO ISSO
(DEZ DIAS ANTES,
NA ZONA NEGATIVA...).

ELA ODIAVA O UNIVERSO NEGATIVO. Era o oposto de todas as fibras da sua matéria. Era completamente *alienígena*.

E, também, era mais fedido do que o sovaco de um brood.

Vapor sibilava das saídas de gás que pontuavam a paisagem destruída ao seu redor. O planetoide em ruínas no qual ela se encontrava estava orbitando rápido demais em volta de um par de sóis negativos. Eles emitiam uma luz feia. Dia e noite, e dia e noite passavam a cada poucos minutos. Devia ter recusado o trabalho. Agora ela tinha certeza, sem se importar com o pagamento. Vir para a Zona Negativa a deixava doente. Ela era um ser do Universo Positivo, e era a ele que pertencia.

Mesmo assim, estava entre trabalhos. Precisava do dinheiro. Os tempos são surpreendentemente difíceis quando você não está guardando a galáxia. E também são difíceis quando você está, mas aí é diferente. Tempos magros fazem de você um mercenário. Você vai onde o trabalho está, mesmo que seja a Zona Negativa.

O fedor do lugar impregnara seu nariz. Ela perambulava pesadamente. As adagas pesavam em suas mãos, pesadas e preparadas. Quantos ela já havia fatiado até agora?

Havia perdido a conta.

Por detrás dos seixos, camuflados pelas sombras que nunca paravam de mudar do pôr do sol/nascer do sol que se repetia, os próximos dois atacaram.

Os dois diziam coisas sem sentido, guerreiros portando várias armas, brandindo lâminas e cutelos demais. Ela desviou, chutou um para trás com sua longa e elegante perna, e então fatiou o outro com a lâmina que estava

em sua mão direita. Três membros saíram voando em uma chuva de icor. Assim como o topo da cabeça da criatura.

O outro se recompôs e correu em sua direção, atacando com as duas lâminas.

Ela caiu de joelhos, ergueu sua adaga esquerda e deixou que a criatura se empalasse sozinha. A coisa estremeceu, seu peso sobre ela, e ficou imóvel. Icor jorrou pelo cabo de sua espada, descendo pelas suas mãos e para suas coxas.

Ela se levantou, arrancando a coisa de sua espada com asco. Fez um movimento ágil com a espada para trás a fim de livrá-la do fluido sanguíneo azul.

– Basta – gritou.

– Basta, de fato – respondeu Aniquilador.

Voou para a frente, aparecendo para ela em sua plataforma gravitacional, um insetoide plumoso curvado e encarquilhado com o corpo parcialmente protegido por uma blindagem orgânica roxa. Abaixo de seu queixo, o bastão de controle cósmico emitia um brilho amarelo, pulsando com seu imenso poder de alterar o cosmos. Ela não fez nenhum movimento contra Aniquilador. Ela sabia, muito bem, que o insetoide na plataforma gravitacional era um dos mais poderosos seres de *qualquer* universo.

A plataforma parou e planou diante dela. Atrás, uma tropa de guerreiros emergiu, avançando ruidosamente como um enxame de gafanhotos.

– Você lutou bem – ele sibilou com sua voz semelhante a um papel sendo amassado.

– Não gosto de testes – ela respondeu. Já tivera o suficiente enquanto crescia.

– 82 dos meus melhores guerreiros mortos – disse Aniquilador, governante da Zona Negativa. – Um teste impressionante. Você realmente é a Mulher Mais Mortal do Universo.

– De um Universo – ela zombou. – Mas não deste. Vamos direto ao assunto.

Aniquilador riu. Era o som de um cachorro vomitando.

– Projeto 616.

– Não significa nada para mim – ela objetou.

– E... – ele indagou.

– E então como me encaixo nele? – ela quis saber.

– Há um alvo – Aniquilador estrepitou. Seu queixo quitinoso estalava enquanto se mexia. – Quero que você o capture e traga para mim.

– Pagamento conforme mencionado?

– Não – ele disse. – O *dobro* daquilo. Custe o que custar.

– Gosto desta conversa.

– Bom.

– Não gosto de você.

– Poucos gostam – Aniquilador respondeu. – Mas é daí que construí minha reputação.

– Por que você não pode fazer seu próprio trabalho sujo? – ela interrogou. – Você tem a força de trabalho. Por que contratar um agente?

– Ninguém do meu pessoal poderia executar bem esse trabalho, ou operar sem ser detectado, no Universo Positivo – Aniquilador replicou. – Nós mostraríamos nossas cartas cedo demais. Você, no entanto, criatura do Positivo, pode se mover sem ser notada por lá. Faça isso por mim e será recompensada. Será recompensada além do que pode sonhar.

– O alvo? – ela perguntou.

Um dos guerreiros de Aniquilador deu um passo à frente e nervosamente lhe entregou um bloco de dados.

Ela o leu rapidamente.

– Isso? É isso que você quer? – ela questionou.

– Isso é o que eu quero – Aniquilador respondeu. – Você é capaz de executar?

Ela assentiu.

– Sim. Sem problema. Providencie minha transvacuação para o Universo Positivo e começarei imediatamente.

– De acordo. Será providenciado – Aniquilador retorquiu. – Uma última coisa…

Três guerreiros avançaram em sua direção. Ela decapitou um, cortou outro ao meio e empalou o terceiro.

– Você já pode parar de fazer isso – ela disse. – Os testes acabaram. Eu aceitei o trabalho.

– Isso não foi um teste – afirmou Aniquilador. – Foi um gostinho do horror que terá de encarar caso falhe em sua missão.

Atrás de Aniquilador, o exército de insetos pulsava e batia as mandíbulas, sacudindo seus élitros. Durona como era, ela sabia que nunca

daria conta de todos eles. E Aniquilador era poderoso como um deus.

– Eu *nunca* falho – ela garantiu.

– Bom.

– E sempre espero pagamento imediato.

– É claro.

– Estou indo agora – ela falou. Virou-se. Parou.

Olhou para trás, para Aniquilador.

– Aliás, nunca mais me ameace. *Nunca mais* – disse Gamora.

12

NOSSO
MOMENTO
AL CAPONE

VIU? MAIS UMA VEZ, viu como eu faço referências à Cultura Humana para facilitar sua compreensão da história, gentil e generoso leitor? Ah, também percebo que estou entregando tudo. Eu odeio isso. Vou parar e desistir de fazer essas coisas a partir deste momento.

{Mas apenas para explicar, Al Capone foi um notório criminoso de seu Século XX *terrestre. Apesar de seus horrendos atos de violência, ele só foi preso por conta de uma acusação comparativamente pequena de evasão de impostos. Eu registrei esse fato graças a repetidas transmissões de um excitante filme com Kevin Costner, que também traz um Sean Connery sem sotaque no elenco. E isso, caro leitor, é o jeitinho de Chicago.}*

Estamos na área de confisco do Quartel General da Tropa Nova, em Xandar, analisando o estado terrível de nossa nave, a supracitada Faixa Branca.

Rocket Raccoon fica me dando tapinhas no ombro. Assim como Groot. Os do último doem bem mais.

– Aquilo foi incrível, gravador, velho amigo, camarada – Rocket diz para mim, parecendo genuinamente grato.

– Eu sou Groot – diz Groot.

– Eu sei, eu sei... aquilo não foi incrível? – Rocket concorda. Ele olha para mim. – Você os colocou no lugar deles, gravador. Você pegou o velho livro de regras xandarianas e enfiou goela abaixo deles, capítulo e versículo. E de todas as maneiras que eu imaginei para fugir das garras da Nova Tropa, nunca me ocorreu derrotá-los em seu próprio jogo. Foi uma coisa linda de ver. Algo da mais absoluta beleza.

– Não foi difícil – respondi.

– Não foi?

– Eu apenas sei essas coisas. É meu propósito. Eu me dei conta de que tudo o que tinha de fazer era aplicar o conhecimento que há em minha mente.

– Bem, parceiro, você arrasou – sintetizou Rocket.

– Eu sou Groot – Groot concordou, enquanto me dava mais um tapa no ombro.

Depois de me recuperar, inspecionamos a nave.

A Faixa Branca já vira dias melhores.

– O motor de velocidade da luz? – quis saber Rocket.

– Eu sou Groot.

– E o de subluz?

– Eu sou Groot.

– Pelo amor de Flark... ambiental?

– Eu sou Groot.

– Escudos?

– Eu sou Groot.

Rocket olhou para mim.

– Vai demorar um tempinho – ele disse. – Muitos reparos para fazer. Vamos precisar de peças e sobressalentes, e provavelmente de um bom mecânico também.

A doca de confisco não é um lugar amigável. É uma caixa de concreto úmida com saída para o céu, banhada por frias luzes de inspeção; os topos das paredes estão infestados de canhões de defesa e disparadores de raio-trator.

Havia outras duas naves estacionadas no pátio ao lado da Faixa Branca: uma nave de dobra xeroniana cravada de tiros com adesivos de confisco e marcadores de evidência por todo lado, e uma viatura classe K da Tropa Nova que estava ali para reparos. As equipes técnicas da Tropa Nova andavam de um lado para o outro, trabalhando e conversando, mas prestavam pouca atenção em nós.

– Devemos efetuar os reparos – apressei – e então irmos para esse lugar que você mencionou. Esse *Lugar Nenhum*.

– Eu sou Groot – opinou Groot.

– Eu já ouvi – respondeu Rocket. Suspirou. – Nós temos algumas boas habilidades técnicas, mas isso aqui pode estar um pouco além de nossos

conhecimentos.

– Eu aplico o conhecimento – falei. – Não sou nenhum tipo de mecânico, mas aplico o conhecimento. Me entregue o manual do usuário.

Foi trazido a mim. Era um dispositivo tablet, e eu tive que limpar as manchas velhas de bebida e migalhas de salgadinho com molho grudadas nele.

Dentro de meia hora, sob minha orientação, tínhamos a subluz funcionando novamente.

– Agora o motor de velocidade da luz – eu disse, virando para a página mil e oito. – Aqui diz, "Insira o controlador na porta de acesso viii, e remova a placa de cobertura para expor o circuito de ignição de dobra. E então..." hum...

– E então, o quê? – perguntou Rocket, seus óculos de solda estavam puxados sobre sua testa e seu macacão cheio de manchas de óleo.

– Nada – respondi. – Apenas uma parte sobre a necessidade de um engenheiro de dobra qualificado para fazer isso, no caso de um cruzamento do núcleo de antimatéria, o que pode acionar uma reação em cadeia que pode explodir o planeta em dois.

– Ah, isso – falou Rocket com um gesto de suas mãos desconcertantemente humanas para que eu desconsiderasse a informação. – Eles sempre dizem coisas assim. Continue.

– Eu sou Groot – disse Groot.

Nós dois erguemos o olhar. Groot estava correto. O Centurião Grekan Yaer de fato estava atravessando o pátio, vindo em nossa direção. Ele parecia alarmantemente satisfeito consigo mesmo.

– Ele de novo, não – disse Rocket. – O que ele quer?

– Cavalheiros – começou Yaer, parando e nos encarando. – Um pequeno problema.

– Sim? – perguntou Rocket.

– Você conseguiu escapar de tudo na base da conversa. Estou impressionado. Acredite em mim, eu estou. Mas sempre há uma coisa na qual se tropeça, não é? Uma pequena coisinha?

– Continue – Rocket pediu, cautelosamente, esperando que a pequena coisinha não fosse com ele.

– Eu verifiquei. Esta nave não tem seguro válido. Em nenhum lugar, em nenhum sistema.

Rocket deu de ombros.

– Estou atrasado nos pagamentos. E daí? Você vai nos prender por falta de seguro, depois de tudo que passamos?

Yaer pensou naquilo.

– Sim – respondeu, animado. – Sim, eu vou. É uma multa de mil unidades ou dois dias na cadeia. Entendeu o que aconteceu? Eu expliquei formalmente a acusação e a pena, como diz o código, e agora vou ler seus direitos. Você gostaria de uma bebida antes do interrogatório?

– Um cappuccino seria bom – disse Rocket.

– Não diga nada – eu falei, me levantando para encarar o centurião. – Eu vi o que você está fazendo, Grekan Yaer. Você está seguindo as regras para que possa nos prender e processar sem problemas técnicos. Uma vez presos, podemos ser reexaminados por todas as outras acusações na folha corrida. Você reabriu a investigação por conta de uma tecnicidade para aplicar novamente as acusações mais sérias.

– Isso. Esperto, né?

– Muito esperto.

– Alguma regra da lei espertinha ou citação de código que você queira lançar para me impedir? – Yaer inquiriu.

Pensei. Não havia nenhuma.

– Não – falei.

– Que bom – comentou Yaer. – Então como vai ser? Do jeito fácil ou do meu jeito? Vamos lá, flarks, me façam ganhar o dia. Resistam à prisão.

– Não resistam à prisão – digo a meus novos amigos. – Encontrarei outro modo de sair dessa.

Yaer balançou a cabeça, triste.

– Ah, você estragou tudo. Tá certo... Gravador 127, Rocket Raccoon e "Eu sou Groot", estou detendo vocês sob suspeita de uso de veículo de dobra sem seguro válido. Vocês não precisam dizer nada, mas qualquer comentário que fizerem pode ser gravado e usado no tribunal. Sigam-me.

Ele parou.

– Ah – acrescentou. – Aquilo é uma lanterna quebrada? Multa de cinquenta unidades.

– Você não pode estar falando sério – disse Rocket.

Eu tinha certeza de que Yaer estava, mas nunca tivemos tempo de descobrir. Algo muito curioso aconteceu.

Por um segundo, tive o pressentimento do que iria acontecer, como se alguém estivesse dando um *spoiler* da história.

Tive uma lufada de virada dramática e uma pitada de revés.

Houve um estalo de luz. E apareceu entre nós e Yaer, na baia dos confiscados. A realidade inchou, se dobrou e borbulhou – como o quadro de um filme quando fica preso no projetor de cinema e começa a derreter por conta da luz.

A realidade irrompeu como uma ferida e, subitamente, o Cavaleiro do Espaço de armadura preta fosca estava parado ali.

– Quem flark é você? – Yaer perguntou bravo. Ele deu um passo para a frente, erguendo as manoplas.

De repente o Cavaleiro do Espaço tinha seu nulificador em mãos.

A arma quadrada de ponta curva disparou uma vez, emitindo um guincho de energia. O raio violento lançou Yaer contra a parede.

Os Técnicos Nova correram para se esconder. Alarmes berraram.

O Cavaleiro do Espaço se voltou para nós. Diabólicas luzes vermelhas reluzindo como uma fornalha atrás da abertura de seu visor.

– Quer saber? – comentou Rocket Raccoon. – Acho que eu prefiro o outro cara.

13

UMA SÚBITA
REVIRAVOLTA
SURPRESA

E ENTÃO...

{Oooops! Sinto muito, genial e clemente leitor – me dei conta que fiz novamente. Entreguei o que vai acontecer, é isso. Eu sou como, suponho, o idiota no cinema que fala durante todo o filme e entrega o final. Nomeando este capítulo de "Uma súbita reviravolta surpresa" eu meio que estrago a qualidade de reviravolta e surpresa dele, não é? Dou-me conta disso agora e me desculpo por qualquer prejuízo causado ao seu robusto aproveitamento desta narrativa. Talvez eu deva começar de novo. Acho que irei. Este é o Capítulo Treze, um número considerado azarado por 2070 culturas, então, talvez seja melhor recomeçar tudo de uma vez no Capítulo Catorze e esquecer todo esse assunto. Tudo bem? Certo. Vamos fazer isso.}

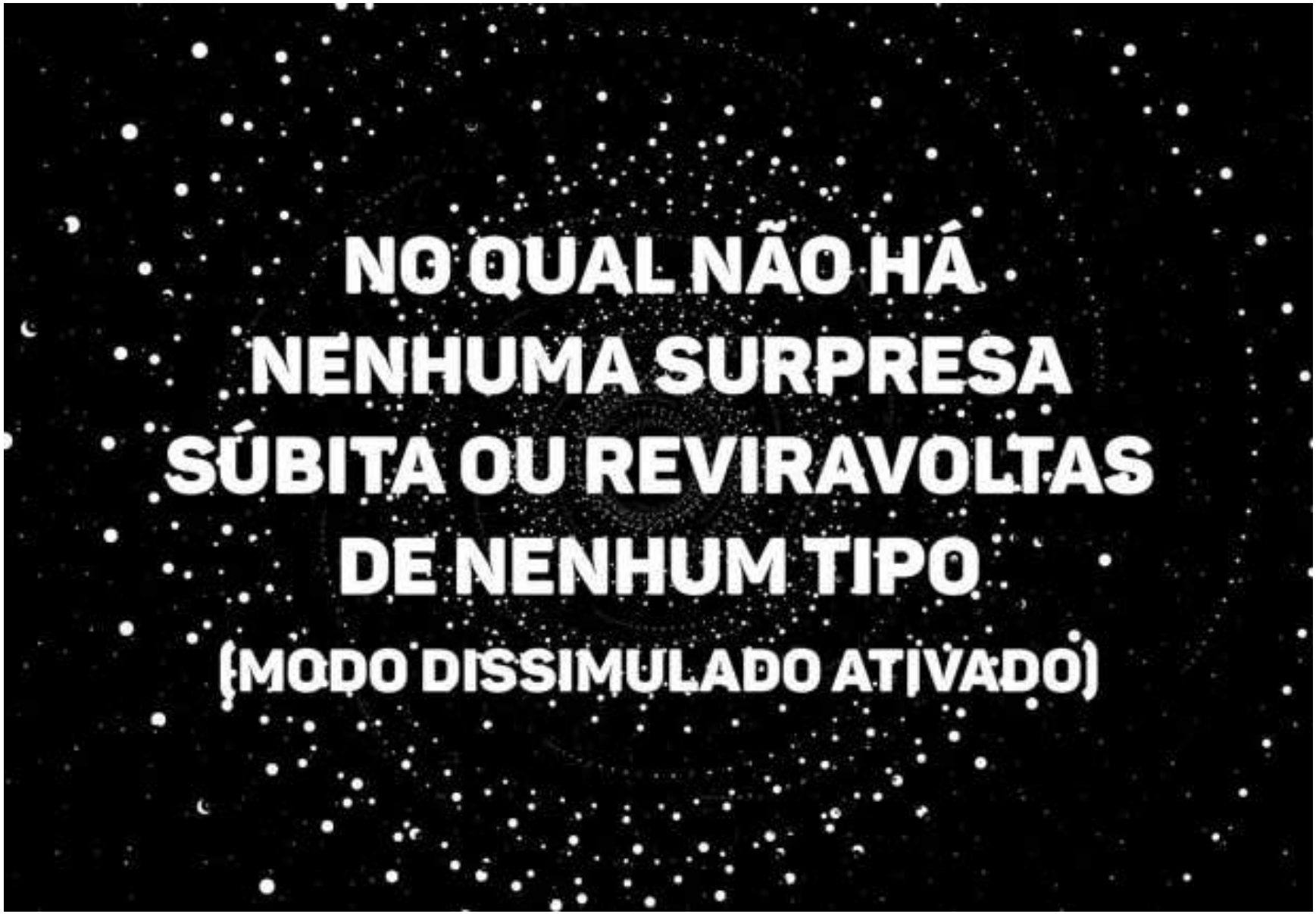
Continuando...

{Porém, só mais uma coisa. Me perdoe. Estou acertando nas terminologias terráqueas contemporâneas, certo? Eu me preocupo. Quero fazer com que isso seja acessível a você, bom e cada vez mais paciente leitor. Por exemplo, "cinema?" É assim que vocês o chamam? Que tal "teatro de projeção de imagens em celulose" ou "grande salão cinemático", ou ainda "prédio onde passam filmes"? Farei uma anotação para visitar a Terra novamente logo e me inteirar. Por favor, me diga quando meu vernáculo estiver datado ou obsoleto.}

Continuando...

{Cineplex! Cineplex! ESTA é a palavra que eu estava procurando! De qualquer modo...}

14


NO QUAL NÃO HÁ
NENHUMA SURPRESA
SÚBITA OU REVIRAVOLTAS
DE NENHUM TIPO
(MODO DISSIMULADO ATIVADO)

CONTINUANDO...

O Cavaleiro do Espaço de armadura preta fosca caminhou lentamente em nossa direção. A malévola e avermelhada luz das estrelas queimando no fim da vida pulsava atrás da abertura no visor de seu elmo.

– Olá – eu disse cautelosamente, por sobre o grito das sirenes.

– Esquece "olá", mirar e atirar, flark! – Rocket berrou. Ele havia pegado a arma incrivelmente grande de seu esconderijo a bordo da Faixa Branca.

– Não acho que seria aconselhável atirar nesse camarada – eu sugeri, mas fui voto ganho pelo dedo disparador de Rocket, e simultaneamente afogado pelo rugido da Plasmatica Arms Inc. 50 Energy Bombard.

O Cavaleiro do Espaço deu alguns passos para trás ao receber o horrível impacto, mas seus campos de nulidade absorveram sua força letal.

– Péssima jogada – ele grunhiu.

– Eu avisei – acrescentei.

Ele apontou um dos dedos blindados para mim.

– Eu quero ele. O gravador – falou.

– Bem, você não pode tê-lo, camarada! – Rocket Raccoon respondeu bruscamente.

– Me dê uma boa razão – pediu o Cavaleiro do Espaço.

E Groot assim o fez. Desferiu um gancho no rosto do Cavaleiro do Espaço com tanta força que ele atingiu a órbita baixa.

– Legal – assoviou Rocket Raccoon.

Ou seja, suponho eu, no mais puro jeito de dizer "Cara, você viu *isso*?".

Mas isso não resolveu nossos problemas. No céu nublado de Xandar acima de nós, o Cavaleiro do Espaço corrigiu sua trajetória para o alto, se

virou e começou uma poderosa descida em nossa direção. Escutamos o gemido agudo do sistema de propulsão de sua armadura.

– Acho que devemos… – comecei.

– *Protejam-se!* – Rocket berrou.

Os primeiros disparos vieram rasgando o céu: crepitantes raios laranja de laser quântico, completamente mortais, emitidos pela pesada arma que o Cavaleiro do Espaço sacou em meio ao mergulho.

Os disparos atingiram o chão ao nosso redor – abrindo crateras no piso de concreto do hangar, lançando sujeira e destroços em cones incendiados pelas detonações. Todas as vezes que tentávamos fugir, um raio atingia o chão à nossa frente.

Eu sentia que ele estava tentando nos controlar, nos conter.

Os seis canhões de defesa automáticos no topo dos muros do hangar despertaram, intuindo um ataque aéreo. Começaram a atirar, seus canos pneumáticos bombeando raios de energia gravimétrica que pareciam projéteis rastreáveis.

As defesas solo-ar travaram a mira, e os seis pulos de energia individuais se juntaram para triangular o Cavaleiro do Espaço que continuava em queda. Ele era rápido e capaz de se evadir do poder de fogo que o perseguia, mas seus campos de nulidade começavam a receber os disparos.

Sem desacelerar, ele ajustou sua mira e fez seis disparos perfeitos com sua arma. Cada um aniquilou um dos canhões de defesa. Ao redor do topo do muro, as baterias explodiram, fazendo chover destroços e labaredas no hangar – e fazendo com que algumas das luzes de inspeção viessem abaixo também.

O Cavaleiro do Espaço é um atirador formidável. Eu estava convencido de que ele tentava apenas nos conter com seus disparos anteriores. Se quisesse nos matar com um tiro direto, teria sido capaz de fazê-lo sem o menor esforço.

Outro pensamento me surgiu nessa hora. Sou eu quem ele quer. Sou o indivíduo que ele deseja capturar intacto. Até então ele mostrava estar se restringindo quanto a Rocket e Groot, mas não havia qualquer razão em particular para continuar fazendo isso se decidisse que os dois eram hostis ou que simplesmente estavam se interpondo em seu caminho.

De fato, Rocket estava sendo um pouco das duas coisas. Havia aberto fogo com sua Energy Bombard, disparando mortais feixes vermelhos de luz

para o céu num estilo entusiasmado, porém enlouquecido.

Ele poderia estar usando uma faixa neon dizendo “Atire em mim” e daria na mesma.

E foi o que o Cavaleiro do Espaço fez.

Foi apenas um nanossegundo da minha vida, mas graças aos sistemas de resolução-fluidas e processamento de pico com os quais os Colonizadores Rigellianos me equiparam, eu registrei cada detalhe com absoluta clareza.

O Cavaleiro do Espaço atirou em Rocket Raccoon. Os raios laranja de laser quântico desceram para obliterá-lo. As sub-rotinas de predição de meus processadores de pico se retesaram conforme antecipavam o registro da visão do pequeno guaxinoide se desintegrando em uma explosão de luz, calor e tufos de pelo.

Mas, no entanto, isso não aconteceu.

A cerca de um braço de guaxinoide de distância de Rocket, o raio parou repentinamente em um enorme clarão de energia, dissipando-se quando algo o bloqueou.

Rocket abriu um olho.

– Estou morto? – ele perguntou. – Esta é a vida depois da morte? Porque se for, me parece estranhamente idêntica à vida regular, e isso vai ser uma decepção.

O Cavaleiro do Espaço fez uma manobra no ar e pousou em pé, e começou a correr em nossa direção. Ele apontava a arma para Rocket e tentou outro tiro.

Como o primeiro, ele foi misteriosamente bloqueado.

– *Não* vai acontecer – disse o Centurião Grekan Yaer, mandando o Cavaleiro do Espaço para o alto com um disparo gravimétrico de sua manopla direita.

Percebi que Yaer estava nos protegendo com um campo de força gravimétrica. As aplicações da Força Nova eram muitas e variadas.

O Cavaleiro do Espaço voltou voando na direção de Yaer, mas o centurião estava pronto para ele dessa vez. O primeiro soco de Yaer esmagou a cabeça do cavaleiro de lado, e um hábil pulso gravimétrico arrancou a arma de sua mão e a inutilizou. O cavaleiro retribuiu o golpe com um gancho no queixo que fez Yaer cambalear e cortou seu lábio. Yaer bloqueou o golpe seguinte com seu antebraço, e então desferiu um soco direto que atingiu o visor do cavaleiro. Ele revidou. Yaer desviou e, na sequência, foi para cima

com força, aplicando com supermortal e superdesenvolvido punho um golpe no diafragma do Cavaleiro do Espaço. Mas ele retribuiu com um devastador chute giratório que fez Yaer recuar cambaleando.

E então eles começaram a trocar golpes *a sério*.

Nós, nesse meio tempo, tiramos vantagem do supermortal combate para procurar abrigo.

– *Por que* eu estou vivo? – Rocket perguntou.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Groot está correto – afirmei. – O Centurião Nova nos protegeu do perigo com um campo de força gravimétrico.

– Tudo bem, de novo – falou Rocket. – Por que eu estou vivo? Por que d'ast aquele flark daquele cara da Nova se importaria em nos proteger? Um segundo atrás ele estava todo feliz tentando nos mandar para Kylin pelo período de vinte vidas com trabalhos forçados e sem possibilidade de condicional!

– É o dever ético dele – respondi. – Não apenas é uma obrigação jurada dos oficiais Nova de proteger todo e qualquer indivíduo da agressão de outros, como está sacramentado no Código de Conduta deles, item 1246613, que eles são moralmente responsáveis pelo bem-estar de qualquer indivíduo ou indivíduos sob custódia ou detenção deles. Yaer nos prendeu e deve fazer tudo que estiver ao seu alcance para nos proteger sob os termos dessa prisão.

– Nossos problemas simplesmente se tornaram problemas dele? – Rocket perguntou, com o que me pareceu um tom de muito alívio.

– Acabaram de se tornar – respondi. Eu estava prestes a continuar e acrescentar que o mesmo decreto se aplica à Tropa Nova como um todo – fomos detidos pela Tropa Nova, não apenas por um oficial individual –, e por isso nos tornamos responsabilidade de cada um dos oficiais, quando os eventos por si só demonstraram esses fatos.

Oito oficiais da Tropa Nova, incluindo a Centuriã Clawdi, chegaram rapidamente para prestar assistência a Yaer. Os alarmes ainda soavam, e parecia que o complexo inteiro (e vasto) do Palácio de Justiça Xandariano estava em alerta máximo. O hangar de confisco, por si só, um dos muitos da ala oeste das instalações do terminal espacial, estava sendo interditado para conter o incidente. Pesadas portas antiexplosão selavam as saídas do hangar (não que fôssemos capazes de chegar a alguma delas, de qualquer forma,

devido ao extremo do combate). Muito em breve, mais oficiais estariam a caminho, junto com equipes antitumulto e esquadrões antifogo. Enquanto isso, estávamos presos na área de confisco com todos os combatentes.

Era o caos.

{Como consta em definição anterior, só que mais caótico.}

Encontramos um abrigo precário atrás de um carrinho de manutenção. Realmente não havia espaço suficiente para o corpo todo de Groot.

– Precisamos pegar nossa nave e dar adeus a tudo isso! – Rocket declarou.

Começamos a nos mover, seguindo pela beira da parede para evitar as ondas de choque das explosões de energia e ocasionais Oficiais Nova que eram arremessados por todos os lados. O Cavaleiro Negro estava acabando com todos. No mínimo, ele havia aumentado sua ameaça. Eu não sabia se sua intenção era ter Xandar inteiro em cima dele, embora presumisse que o estranho processo o tinha conjurado para chegar ali também o conjuraria para fora caso ele precisasse fugir.

Os oficiais Nova o atacaram de todos os lados, tentando restringi-lo. Ele nocauteou um denariano, que caiu inconsciente, com um soco feroz, e em seguida sacou seu nulificador e atingiu uma oficial feminina, lançando-a contra a parede do hangar, fazendo um buraco em forma de oficial feminina no concreto.

Mais dois foram para cima do cavaleiro; ele atingiu um de lado com seu punho e lançou o outro para trás, rolando e se debatendo, com um disparo do nulificador.

Yaer foi atrás dele novamente, o sangue jorrando dos lábios. Seu uniforme estava rasgado em vários pontos.

– Desista! – ele gritou. – Desista e se renda agora! Isto é uma *ordem*!

Yaer saltou para cima dele. O Cavaleiro do Espaço interceptou-o com um tapa com as costas da mão tão brutal que até o ar estremeceu. Yaer voou para trás, atravessando o hangar e colidindo contra a Faixa Branca.

Isso não melhorava em absoluto o valor da Faixa Branca.

– Minha nave! – Rocket gritou consternado.

Yaer rolou para fora do caminho do cargueiro danificado, balançou a cabeça para clareá-la e então se levantou. Ele pegou a Faixa Branca, que estava deixando um rastro de destroços de suas múltiplas rachaduras no

casco, e brevemente a levantou acima da sua cabeça com ambas as mãos antes de lançá-la na direção do Cavaleiro do Espaço.

– *Ei!* – Rocket berrou com uma voz tão estridente de indignação que apenas os cães foram capazes de ouvi-lo.

O cargueiro pousou em cima do Cavaleiro do Espaço. Sua carreira como nave espacial funcional terminara no momento em que ela virou uma pilha de metal amassado e retorcido em cima de um guerreiro galadorano errante.

Os oficiais da Tropa Nova se aproximaram, aqueles que estavam chegando via ar pousaram. Suas manoplas fervilhando de poder, prontas para disparar.

A Centuriã Clawdi se colocou diante de nós.

– Fiquem abaixados – disse, séria. – Vocês estão sob nossa proteção.

Ela deu as costas para nós, protegendo-nos.

– Já terminou? – Yaer perguntou para a pilha de escombros.

O Cavaleiro do Espaço *não* havia acabado. A lâmina gritante de sua enorme espada circular abriu caminho por entre os destroços da Faixa Branca enquanto ele irrompia em meio a eles.

Ele se arrastou para fora dos destroços, curvado e com olhar ameaçador, espada em uma mão, nulificador na outra.

– Peguem-no! – Yaer gritou.

Eles tentaram. Até mesmo o Oficial da Tropa de menor patente é um ser de poder significativo, e os dois centuriões presentes eram supermortais completos. Duvidei que o Cavaleiro do Espaço fosse, em qualquer grau, mais forte que qualquer um deles, nem que sua armadura preta fosca fosse mais durável que seus corpos gravimetricamente blindados. Mas ele tinha *algo*. Quer dizer, eu acho que é inteligência de batalha. Pura experiência em combate. A Tropa Nova é altamente treinada para não fugir de uma luta, mas eles são oficiais da paz. O Cavaleiro do Espaço é um guerreiro frio. Ele os enfrentava com tenacidade e um peso de pura confiança em suas próprias habilidades. Quando ataca, é implacável, devastador e nada ortodoxo – mesmo que nem um pouco sutil. Ele aprendeu truques, muitos deles sujos e brutais, durante seus longos anos fazendo guerras. E ele liberava tudo naquela hora.

Conforme eles se aproximavam do cavaleiro, ele os lançava para longe com socos, chutes, cabeçadas e o frequente uso de seu nulificador. A espada circular gritante quase arrancou a cabeça de Clawdi, mas ela desviou e

conseguiu arrancá-la da mão do Cavaleiro do Espaço com uma aplicação desesperada de um golpe gravimétrico de ultra-alta magnitude. Na realidade, ela deixou a espada tão pesada que ele não conseguia mais segurá-la.

O combate continuava.

– Agora é a nossa chance! – Rocket falou.

– Eu sou Groot!

Groot estava correto. A imponente nave de dobra xeroniana parecia ser nossa melhor aposta. Desviando de um Milenium Nova que era lançado às cambalhotas em nossa direção, corremos até a nave.

– Acho que eu consigo fazer uma ligação direta nela – Rocket comenta enquanto corremos.

Calculo que ele esteja certo. Ele não chega a ter a chance. O Centurião Yaer se vinga do golpe que o esmagou contra a pobre Faixa Branca e consegue atingir o Cavaleiro do Espaço com um poderoso disparo gravimétrico de suas manoplas. O Cavaleiro do Espaço é lançado para o outro lado do convés e seu peso demole as naceles do motor da nave xeroniana.

A história se repetia, ao reverso.

O Cavaleiro do Espaço se levantou, ergueu a nave de dobra e a lançou sobre seus inimigos. Espalhando uma onda de restos quebrados, cabos e peças, a nave destruída fez um breve e final voo atravessando a área – não com sua força própria.

Clawdi, Yaer, um denariano e um dos Oficiais reagiram rápido – como é de se esperar de seres possuidores da rapidez mercurial da Força Nova. Eles atingiram a nave no meio do ar, antes que ela pousasse, e a dizimaram. O foco concentrado e combinado dos raios disparados das manoplas acabou com o veículo, desintegrando-o em uma enorme nevasca de detritos. Muitas centenas de peças separadas – metal retorcido, placas dobradas, cabos, cacos de janelas – choveram pelo chão do convés ou bateram e ricochetearam nas paredes. Os Oficiais Nova se protegeram da chuva de metal.

Mas o Cavaleiro do Espaço já estava indo novamente na direção deles. A violenta batalha mano a mano continuava.

– Ok, certo – suspirou Rocket. – Não vai ser a nave de dobra, então.

Nós nos viramos e corremos na direção oposta, na direção da viatura Classe K da Tropa Nova.

Era uma coisa brilhante, de acabamento dourado e polida com uma estrela vermelha na proa. Foi desenhada para levar uma equipe de quatro a seis oficiais, com espaço extra para transporte de prisioneiros. A rampa estava abaixada. Subimos a bordo. O interior era igualmente brilhante e trazia os elementos clássicos da Tropa Nova – vistos em seus uniformes, em sua iconografia, arquitetura e naves estelares.

Apenas de olhar para a inclinação de seu para-brisa e para o tamanho dos assentos gravitacionais, dava para dizer que a nave era bem mais do que *apenas* rápida.

Rocket saltou para o assento do piloto. Tomei meu lugar atrás dele na cadeira do copiloto. Groot se agachou atrás de nós.

{pausa no protocolo de exposição}

... quero apenas apontar que, apesar dos riscos contínuos, aquilo era terrivelmente excitante. Nunca havia me sentado na cabine de uma nave de alta velocidade antes e, certamente, nunca durante a tentativa de fuga de uma morte certa, e se não da morte, pelo menos do *aborrecimento* certo.

{continuando modo narrativo}

Rocket olhou freneticamente para os brilhantes controles *touchscreen*.

– Não sei ao certo se posso fazer ligação direta *nisso* – ele gemeu. – Quer dizer, é tudo sensível ao toque. Provavelmente precisa de reconhecimento e identificação da palma da mão. Flark-se, é uma nave de perseguição Nova. Eles não a desenvolveriam para que qualquer velhaco pudesse roubá-la!

– Eu sou Groot! – Groot alertou.

– Tá bom, vou *apenas* apertar algo! – Rocket respondeu ironicamente.

Ele lançou sua mão desconcertantemente humana e socou o console principal na frente dele, que acendeu uma cintilante tela holográfica, fazendo um grande X vermelho surgir diante da tela.

– Proibido – disse uma voz automática.

Rocket socou outra superfície de controle. O grande X vermelho pulsou.

– Proibido. Função negada.

Rocket socou novamente, exasperado. O grande X vermelho apareceu de novo, e como se estivesse irritado.

– Proibido. Este veículo é programado para o uso exclusivo da Tropa Nova. Este veículo não é compatível com a identificação de sua palma, embora seja uma mão desconcertantemente humana, não há nenhum

registro dela no banco de dados de usuários autorizados da Tropa Nova. Você não tem permissão para usar este veículo.

Outro soco. Outro X pulsante.

– Desista – disse a voz automática, bastante calma, embora firme. – Você não é um usuário autorizado. Você não é da Tropa Nova. Desista e permaneça neste veículo enquanto requisitamos apoio da Tropa Nova.

– Flark-se! – Rocket exclamou, socando alguma outra coisa.

– Desista. Este veículo não pode estabelecer sua identidade. Este veículo considera que vocês são fugitivos e/ou criminosos tentando roubar este veículo. Futuras tentativas de socar o controle da superfície de toque resultarão no fechamento automático de todas as escotilhas e na liberação de gás anestésico. Desista e permaneça neste veículo enquanto este veículo requisita apoio da Tropa Nova.

Rocket ia socar novamente. Groot segurou seu braço e o impediu antes que conseguisse.

– Tá bom, tá bom – falou Rocket, livrando-se da mão de Groot. Ele se inclinou para a frente e olhou para o grande X vermelho.

– Por favor? – ele disse. – Estamos em um ponto de risco e seria muito bom se ganhássemos uma carona para longe daqui. *Por favor?*

Acredito que ele chegou até mesmo a piscar os olhinhos.

– Proibido. Sua identidade não foi reconhecida. Você não é da Tropa Nova.

Rocket começou a usar quase todo o vernáculo de xingamentos populares deste lado do Braço Espiral Ocidental.

Levantei minha mão para calá-lo.

– Veículo – eu disse gentilmente. – Não somos da Tropa Nova. Não estamos autorizados.

– Então por que persistem em tentar operar este veículo? – a voz automática perguntou.

– Estamos correndo riscos – respondi. – Fomos detidos e estamos sob custódia do Nova Centurião Grekan Yaer.

– Esta identificação foi verificada. Então vocês admitem que são criminosos. Vocês *estão* tentando roubar este veículo.

– Não admitimos nada! – pigarreou Rocket, cruzando os braços.

– Somos suspeitos sob custódia – esclareci. – Ameaça geral de risco extremo e danos pessoais ocorrendo na área externa. Por favor, use seus

sensores externos para confirmar.

Uma pausa.

– Situação confirmada.

– O Código de Conduta da Tropa Nova, item 1246613 – eu disse – assegura que "a Tropa Nova é moralmente responsável pelo bem-estar de qualquer indivíduo ou indivíduos sob sua custódia ou detenção". – Yaer nos prendeu, portanto, ele e todos os agentes da Tropa Nova de Xandar devem fazer tudo o que estiver ao seu alcance para nos proteger sob os termos dessa prisão.

Houve outra pausa.

– Então este veículo, como uma unidade funcional da Tropa Nova, é obrigado a remover vocês até uma distância que pode ser considerada apropriadamente segura pelo tempo que for necessário?

– Precisamente – confirmei.

– Qual distância pode ser considerada apropriadamente segura?

– Orbital – respondeu Rocket. – Definitivamente, orbital.

– Dada a escala e ferocidade da situação – eu sugeri –, orbital pode ser a mais apropriada.

– Ou até mesmo, você sabe, outro sistema solar totalmente diferente – complementou Rocket.

– Uma coisa por vez – eu disse a ele. Olhei novamente para a tela. – Veículo, agora você entende a gravidade deste incidente e as leis que se aplicam a ele. O que sua programação lhe diz?

O grande X vermelho pulsou novamente, duas vezes. E então desapareceu.

– Este veículo sugere que vocês apertem seus cintos – ele respondeu.

Não tínhamos tempo. As escotilhas bateram e a viatura partiu, como é comum entre os elementos da Tropa Nova, como um foguete em hipervelocidade. Subimos em direção ao céu, saindo do hangar como uma bala dourada. Rocket e eu fomos esmagados contra o encosto de nossos assentos. Groot desapareceu no fundo da cabine atrás de nós soltando um abafado "Eu sou Groot!", e acabou todo amassado e de cabeça para baixo, encostado nas barras da jaula de transporte de suspeitos no fundo.

Bem abaixo de nós, a magnífica vista de Xandar e do Palácio de Justiça se afastava, brilhando à luz do sol. Raios de sol lançavam reflexos ao atravessar os vidros das janelas. No convés imponente, o Cavaleiro do Espaço lançava

Yaer para longe de si. Ele olhou e nos viu partindo, ativando seu sistema de propulsão, pronto para nos perseguir. Voou atrás de nós, esforçando-se para alcançar a velocidade da viatura. Yaer, Clawdi e mais duas centenas de outros oficiais da Tropa Nova ganharam o céu em perseguição. Naves de perseguição e viaturas de transporte da Tropa se uniram a eles. Mais para o alto, os grandes cruzadores e naves gigantescas se aproximaram para bloquear a rota orbital.

– O risco identificado está seguindo este veículo – a voz automática nos diz. – Este veículo tentará obter uma distância de segurança apropriada.

A viatura acelera. Com força.

Experimentamos o extremo empurrão da força G, uma pressão tão intensa que nossas bochechas começaram a vibrar. Bem, não a minha, gentil leitor, porque elas são feitas de uma liga de metal sintética. Mas Rocket parecia um cachorro com enxaqueca sorrindo em um túnel de vento.

Atrás de nós, o Cavaleiro do Espaço sabia que seus esforços estavam sendo desperdiçados. Ele não podia nos alcançar. E mais, os grandes cruzadores em órbita próxima já travaram mira nele com suas baterias principais – baterias principais mais do que capazes de incinerar até o mais incansável e determinado guerreiro galadorano.

Ele ativou seja lá qual tenha sido o dispositivo que o trouxe até nós e desapareceu em uma bolha num rasgo de realidade.

A viatura imediatamente começou a desacelerar. Entretanto, já estávamos a quase oito milhões de unidades de distância de Xandar.

Rocket caiu para a frente, a força G foi aumentada. Lá de trás, ouvimos Groot gemendo.

– Por que você está desacelerando? – Rocket perguntou ao console. – Ei, ei! Continue!

– O risco se foi – a voz automática respondeu. – Este veículo agora levará vocês de volta para Xandar e para a custódia de Grekan Yaer.

– Não, não, *não*! – gritou Rocket, batendo no console, frustrado.

O grande X vermelho reaparecia e pulsava.

– Proibido. Sua autoridade não foi reconhecida. Não obrigue este veículo a fazer uso do gás.

– Desculpe, desculpe – Rocket rapidamente respondeu. – Minha culpa. Sinto muito! É só que, estávamos indo tão bem. Você, a gente, em nosso

caminho para quem sabe quais aventuras. Vamos lá, seria bem divertido, não seria?

– O risco se foi – a voz automática repetiu. – Este veículo agora levará vocês de volta para Xandar e para a custódia de Grekan Yaer.

– Mas e as aventuras? A diversão? – Rocket interrogou com uma voz baixa, desapontada. – Iríamos viver tantas aventuras...hum... veículo.

– O risco se foi – a voz automática insistiu. – Este veículo agora levará vocês de volta para Xandar e para a custódia de Grekan Yaer.

Rocket se virou e olhou para mim, suspirando.

– Ah, bom... – ele disse.

É claro, nem sempre é preciso sair *procurando* aventuras, gentil e generoso leitor. Às vezes as aventuras vêm ao seu encontro. E nem sempre são aventuras *boas*.

Uma força agarrou a viatura. Alarmes soaram, mas o veículo não podia lutar contra o raio-trator que o segurava.

– Mas que flark é essa? – Rocket teve tempo de dizer.

Tivemos um rápido vislumbre de um imenso cruzador de batalha desligando a camuflagem diante de nós, e então lançando um raio de transporte e nos desmaterializando, trazendo a nave junto...

... e nos rematerializando na enorme barriga do gigantesco cruzador de batalha. Era um espaço ciclópico, como o interior de um templo desenhado por um minimalista.

– Não fiquem alarmados, criminosos – a voz automática disse calmamente. – O risco foi identificado, e este veículo irá protegê-los com todos os meios dos quais dispõe.

– Isso realmente não me tranquiliza – falou Rocket. – Olhe para o tamanho desse flark lugar!

Lá fora, escotilhas se abriram e equipes de guerreiros armados correram para nos cercar. Seus uniformes blindados verdes e brancos eram inconfundíveis.

– Kree? – exclamou Rocket. – É um flarking maldito d'ast *kree*?

Uma figura escultural surgiu por detrás dos soldados. Ela usava um exoesqueleto energizado e, sobre ele, um distinto uniforme com capuz. O uniforme era verde esmeralda; a armadura exoesqueleto era negra. Em sua mão esquerda, levava um poderoso martelo cerimonial.

– Vocês na nave! – ela trovejou com uma voz que intimidaria uma

armada skrull. – Escutem-me! Sou Sharnor, a Acusadora! Sou do mais alto patamar de acusadores, como governante e jurista, para arbitrar leis e controlar todo o Império Estelar dos Krees! Carrego estas responsabilidades de acordo com o eterno decreto da Inteligência Suprema! Saiam da nave e se ajoelhem diante de mim! *Agora!*

– Flark – Rocket falou.

– Este veículo não está bem certo do que fazer a respeito deste risco em particular – disse a voz automática.

– Eu sou Groot – disse Groot.

Eu não sabia também. Subitamente nos encontrávamos prisioneiros de uma das mais poderosas e militarizadas culturas no espaço conhecido. E sequer sabíamos por quê. Isso sim era um revés da sorte. Era completamente imprevisível.

Esta foi uma súbita e surpreendente reviravolta, gentil leitor.

Por essa você não esperava, não é?

15

NO QUAL SOMOS
ACUSADOS
(MODO DISSIMULADO ATIVO)

CUIDADOSAMENTE, EMERGIMOS DA VIATURA. Fileiras de guerreiros krees de primeiro escalão nos encaravam, orgulhosos e formidáveis com seus elmos de cristas esculturais e uniformes verdes e brancos. As armas de unirraio que apontavam para nós estavam ainda mais orgulhosas e formidáveis.

Vapor era exalado pelo convés, afastando-se de nós como névoa, enquanto a atmosfera do cruzador exalava e assoprava o vapor novamente. Não havia nenhum som a não ser o baixo estalar dos mecanismos de esfriamento da viatura, o ruído abafado dos intercomunicadores nos elmos dos soldados krees, e os distantes e quase audíveis anúncios em outras partes do imenso cruzador de batalha. Por conta da fisiologia kree, o ar contido aí tinha um pouco mais de nitrogênio.

A imponente figura da acusadora nos observava com frieza. Diferente da maioria dos guerreiros ao seu redor, ela tinha a pele azul, indicando que é uma minoria racial de "puro-sangue". Evolucionariamente, a elite de pele azul – considerada racialmente a forma da espécie mais antiga e original – é mais graciosa e menos robusta do que a maioria de pele rosa. Entretanto, não há nada que remotamente possa ser descrito como "gracioso" em Sharnor, a Acusadora. Suspeito que seu incontestavelmente impressionante físico seja o resultado de uma extensa engenharia genética e possíveis melhorias cibernéticas.

Ela nos estudou por mais alguns segundos. E então se virou para o oficial kree ao seu lado.

– Capitão Yon-Dor, instrua o elmo a reativar a aura de negatividade e obter a mais alta velocidade até Hala.

– Sim, acusadora.

– Estamos muito enfiados em território xandariano e fora de jurisdição. A Mente Global de Xandar deve ter nos detectado no momento em que desligamos a camuflagem. Se permanecermos aqui, ela irá nos desafiar. Pode até mesmo considerar nossa presença como um ato de agressão.

– Sim, acusadora.

– E, também, estabeleça uma ligação em onda omni para Hala. Informe o Comando Estelar que capturamos o artefato rigelliano. – O capitão fez uma saudação e se virou para ordenar as instruções no comunicador de seu capacete.

A acusadora voltou seu olhar gelado para nós.

– Não há muito o que ver – ela murmurou. – Espero que todo esse esforço tenha valido a pena. Mas se isso assegura a futura sobrevivência de nossa raça e a continuidade de nossa dominação da galáxia...

– Aí já é *pedir* demais da gente – intrometeu-se Rocket.

Ela lançou um olhar furioso para ele.

– Além do mais, isso é bem legal – Rocket continuou, girando lentamente, olhando para cima e admirando o verdadeiramente colossal espaço de contenção ao nosso redor. – Adorei o que você fez com o lugar. E uau, Hala, hein?

Ele olhou novamente para a acusadora.

– Uma viagem gratuita para Hala, planeta natal da raça kree. Bom. Faz tempo que não dou uma passadinha em Hala. Diga-me, eles costumam fazer um timóteo do mal nos Palácios do Prazer de Lar-Lux, sabe, mais ao sul da costa de lá? Eles ainda...

– Não fale – retrucou a acusadora. – Não fale a não ser que seja em resposta a uma pergunta direta. Você entendeu?

Rocket hesitou.

– Entendeu?

– Ah – disse Rocket. – Essa foi uma das perguntas diretas?

– Sim.

Ela aguardou.

– Responda!

– Desculpa – falou Rocket. – Eu estava confuso, entende? "Sim" não é uma pergunta direta. Nem é uma "resposta", na verdade, então, eu realmente não deveria estar falando agora. Qual era mesmo a pergunta?

– Você entende?

– Confesso que entendo – disse Rocket.

– Traga-os! – A acusadora ordenou a seus soldados.

E fomos devidamente levados. Conforme saíamos da contenção, cercados por uma falange de guerreiros krees carrancudos com armas enormes e carrancudas, ouvimos uma voz automática gritando bem fraca atrás de nós.

Ela dizia:

– Este veículo então apenas ficará esperando? Vejo vocês depois, criminosos, este veículo acha…

E fomos levados para bem longe. Marchamos pelas salas e corredores suntuosos e reluzentes da enorme nave de combate. Os conveses pulsavam levemente, e me dei conta de que estávamos nas partes inferiores da nave e viajando em alta dobra.

Fomos levados por monumentais câmaras de maquinaria, atravessamos estes estupendos espaços em longas e apertadas passarelas que faziam ponte entre um lado de cada câmara e outro, em um andar mais alto. Abaixo de nós, prodigiosas unidades de controle – cada uma do tamanho de um quarteirão – pulsavam com luz interna enquanto geravam a nega-energia que alimentava a nave. Os engenheiros krees que mantinham as unidades controladoras lá embaixo não pareciam maiores do que grãos de poeira. Não tive a oportunidade de observar e registrar a vista por muito tempo, porque éramos forçados a andar apressados. Além do mais, as passarelas flutuantes não tinham nenhum tipo de corrimão e a altura me dava um pouquinho de vertigem.

Finalmente, fomos levados por um longo corredor onde as paredes, o teto alto, e o convés eram tão polidos que pareciam espelhos. A altiva Sharnor, a Acusadora, liderava o caminho. Seus homens caminhavam a passos firmes ao nosso redor, firmes e uniformes, como autômatos. No fim do corredor havia uma imensa porta antiexplosão. Estava sendo guardada por uma sentinela enorme, um dos indômitos robôs de guerra humanoides do Império Estelar Kree. Era significantemente mais alto que Groot e mais largo do que um trator. Na verdade, era tão largo que parecia atarracado, apesar de sua altura imponente. Sua complexa armadura brilhava num tom roxo com mechas azul-claras.

Sharnor, a Acusadora, parou na frente dele.

– Sentinela #212 – ela disse.

Ele respondeu com um profundo rugido eletrônico.

– Observe estes três prisioneiros. Guarde suas identidades em seu banco de dados.

Ele emitiu outro ruído eletrônico.

– Minhas ordens, Sentinela #212 – prosseguiu a acusadora. – Estes prisioneiros estão proibidos de deixar a nave sem meu expresso consentimento. Se eles tentarem escapar, você os perseguirá. Você tem permissão para obliterar aquele ali...

Ela apontou para Rocket.

– ... e aquele outro.

Ela indicou Groot.

– Aquele ali – ela disse, apontando para mim – deve ser recuperado sem danos e trazido até mim intacto. Minhas ordens estão claras?

Um rugido eletrônico grosso indicou a afirmativa.

– Abra as portas da câmara – ela ordenou. – Soldados? Tragam-nos.

A porta se abriu como a porta de um cofre de banco. A sentinela se colocou de lado, deixando que passássemos.

Enquanto éramos levados pela última vez, notei a sinalização acima da porta. Ela dizia, em Alto Halan, *câmara de exame*.

• • • •

Nós entramos em um compartimento grande e circular. Havia um pódio elevado e arredondado no centro, banhado por uma luz azul fria que vinha de cima. Diante dele, em volta da extremidade da câmara, havia um semicírculo de tronos largos elevados.

A escotilha se fechou atrás de nós. Um gesto animado do Capitão Yondor indicou que era esperado que nós subíssemos no curto lance de degraus e nos posicionássemos no pódio. Sharnor, a Acusadora, se sentou no trono central e apoiou o queixo em seu punho, observando-nos. O guerreiro que nos escoltava recuou até os fundos da sala.

Ficamos lá parados, desajeitadamente, por alguns momentos, iluminados pela forte luz azul.

– Contem-me do Projeto 616 – disse a acusadora.

Nós nos mexemos um pouco.

– Falem.

– Foi... foi uma pergunta direta de novo? – Rocket perguntou.

Com um olhar de ódio, Sharnor ativou um controle no braço de seu trono. A luz azul ao nosso redor estremeceu e se intensificou. Todos nós sentimos um solavanco de desconforto neural – até mesmo eu. Como seres orgânicos, Rocket e Groot o sofreram mais intensamente.

– Ai! – arfou Rocket.

A intensidade diminuiu. E o desconforto cedeu.

– Todas as vezes que vocês desconversarem, calarem, dissimularem, tentarem fazer jogos verbais ou simplesmente se recusarem a responder – falou Sharnor –, vou aplicar uma dose do psíquico-agonizatron.

Ela demonstrou seu efeito de novo. A luz azul se intensificou. Dessa vez, o desconforto foi maior.

– Aiiiêêêê! – gritou Rocket.

– Todas as vezes – continuou Sharnor enquanto a dor recuava – eu aumentarei a dose do psíquico-agonizatron. Vocês entenderam?

– Sim – respondeu Rocket imediatamente.

– Bom. Conte-me do Projeto 616.

– Eu não sei o que é isso – Rocket falou, com sinceridade.

Dor mais uma vez, e pior do que antes.

– Eu realmente não sei! – guinchou Rocket.

– E você? – Sharnor perguntou a Groot.

– Eu sou Groot.

A dor ficou ainda pior dessa vez. Era quase insuportável.

– Estou perdendo a paciência – disse Sharnor enquanto nos recompúnhamos, tremendo. – Vou perguntar novamente. Contem-me sobre o Projeto 616.

Dessa vez, ela dirigiu a pergunta a mim.

Se possuísse um pomo de Adão, nesse ponto eu engoliria em seco de nervoso. Eu podia ver o que iria acontecer, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

– Temo que eu não tenha ideia do que seja – respondi.

16

ENQUANTO ISSO
(QUARENTA E TRÊS MINUTOS
ANTES, EM ALFA CENTAURI)

POUCAS PESSOAS JÁ ENTRARAM na recepção do escritório do Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp sem hora previamente marcada, e mesmo que *tivessem* hora marcada, a entrada costumava ser pela porta.

Não nesta ocasião.

Atrás de sua mesa, a Sra. Mantlestreek, a gelada assistente pessoal de Hanxchamp, ergueu o olhar por sobre seus óculos de aros grossos e observou com algum desgosto a realidade se desdobrando como um origami ao contrário e o Cavaleiro do Espaço de armadura preta fosca caindo através dele. O cavaleiro pousou com um joelho no chão, mão estendida e a cabeça abaixada. Fumaça e vapor subiam de sua armadura, que estava riscada e amassada. Ele chamuscara o tapete embaixo de si.

Lentamente, ele ergueu a cabeça, até que o olhar virulento de seu visor encontrou o olhar murcho dela. Ela não piscou.

– Hanxchamp – ele disse.

Pacientemente, a Sra. Mantlestreek fez menção de verificar toda a agenda do dia.

– Acredito que o senhor não tenha hora marcada, Sr. Roamer – ela respondeu. – o Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp está em reunião neste momento.

Ele se levantou.

– Hanxchamp – grunhiu.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– Senhor, ele está em reunião.

A porta atrás do Cavaleiro do Espaço abriu-se de repente, e dois seguranças corporativos da Timely Inc. entraram na recepção da maneira mais tradicional. Suas pistolas de fases subduemáticas da Timely Inc. estavam em suas mãos e apontadas para ele na mais profissional das posições. Xorb Xorbux, o chefe z'noxiano da segurança corporativa (projetos especiais), irrompeu na sala alguns segundos depois.

– Flark! – ele gritou assustado e olhou para os seguranças.

– Guardem isso, rapazes – ele instruiu. – Está tudo otimizado. Tenho certeza de que posso resolucionar esta problemística situação imediatamente.

Os guardas recuaram. Xorbux se aproximou do fumegante Cavaleiro do Espaço.

– Roamer – ele disse. – Que flark está acontecendo? Você não pode simplesmente surgir aqui…

– Hanxchamp – o Cavaleiro do Espaço respondeu. – Agora.

Xorbux lançou um olhar de ansiedade para a Sra. Mantlestreek. Embora estivesse perfeitamente tranquila, ela já estava discando.

Trocou algumas palavras em voz baixa, colocou o fone no aparelho e olhou para Roamer.

– Você pode entrar – ela disse.

A porta para a sala deslizou, se abrindo, e Roamer entrou com Xorbux em seu encalço.

A sala do Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp era opulenta e estilizada. Situada no 8001º andar do edifício sede da Timely Inc., tinha uma bela e vertiginosa vista do centro de Alfa Centauri… ainda que, naquele dia, em vez disso, a janela exibisse raios de arco-íris formados pelo material de um planeta aniquilado circulando o horizonte de eventos do buraco negro Procyon em majestosos espirais parecidos com pirulitos.

– Ei, companheiro Cavaleiro do Espaço! – falou Hanxchamp sem se levantar. – Um pouco não agendado, mas o que importa? Estávamos tendo uma reunião de Projetos Especiais Sênior aqui, então acho que você se encaixa.

Havia outros na sala: o vice-executivo de desenvolvimento sênior Arnok Gruntgrill; o chefe m'ndaviano do Jurídico, Blint Wivvers; Sledly Rarnak, o skrull responsável pelos panfletos corporativos; Pama Harnon, a kree

administradora chefe de finanças de projetos especiais; e Allandra Meramati, a shi'ar chefe do Departamento de Executização Executiva. Todos olhavam cautelosamente para o Cavaleiro do Espaço.

Hanxchamp clicou em um botão de seu intercomunicador.

– Campos clandestinos ligados, por favor, Sra. Mantlestreek – solicitou Hanxchamp.

– Sim, senhor – crepitou a resposta.

Hanxchamp se virou cheio de sorrisos para o Cavaleiro do Espaço.

– E então, companheiro, você está prestes a melhorar meu período diurno? – ele perguntou. – Vamos lá, você solucionizou isso para mim? Você solucionizou minha necessitação? Diga-me que sim!

– Que sim… o quê? – interrogou Roamer.

– Você encontrou o nosso malditinho gravador rigelliano? – Hanxchamp perguntou impaciente. Ele estalava a ponta de seu tentáculo repetidamente. – Presta atenção no papo, camarada.

Ele bateu seu tentáculo curvado na armadura preta fosca do Cavaleiro do Espaço, como se estivesse batendo em uma porta.

– Você está aí? Garoto, parece que você esteve em uma guerra!

– Houve algumas altercações – respondeu Roamer. – Alguns conflitos inevitáveis.

– Ah, eu não gosto do som disso – disse Wivvers. – Conflitos? Podem nos rastrear? Estou perguntando, estamos falando de responsabilidade corporativa aqui? Ações de classe?

– A última coisa de que precisamos é que isso exploda em nossas mãos – comentou Rarnak.

– Eu literalmente ouvi isso – disse Pama Harnon.

– Não haverá "explosão", como você colocou – respondeu Roamer. – Nem "responsabilidade corporativa". Houve incidentes, alguns de magnitude violenta, mas nada que possa trazê-los até essa corporação.

– Ufa! – expressou Hanxchamp. Todos exibiram seus sorrisos de alívio.

– Boas notícias – comentou Wivvers. – Já estava pronto para ligar para os ajustadores de perdas.

– Então… o gravador – perguntou Allandra Meramati em voz baixa.

– Ainda não foi recuperado – respondeu Roamer. – Meus esforços estão em curso. Outras partes estão atravessando meu caminho. Outras partes *interessadas*.

– Partes interessadas? – quis saber Hanxchamp.

– Eu não sou a única agência caçando seu gravador – tornou Roamer.

– Ninguém deveria sequer *saber* sobre ele! – exclamou Rarnak.

– Literalmente ninguém – concordou Pama Harnon.

– Diga isso à Irmandade de Guerra Badoon – respondeu Roamer.

– A... -tik!-... *badoon*? – Gruntgrill berrou. – Este é um problemístico extremediato.

– E, possivelmente, a Tropa Nova também – continuou Roamer.

– A polícia? A *polícia espacial* também está bisbilhotando? – questionou Hanxchamp, horrorizado.

– Também suspeito de outros – completou Roamer. – Não posso confirmar.

– Como flark isso foi parar lá fora? – Hanxchamp exigiu saber. – Quero dizer, como flark *alguém* ficou sabendo de um Projeto Especial Sênior como esse?

Todos olharam para Xorb Xorbux.

– Temo, senhor – disse o chefe da segurança corporativa (projetos especiais) –, que tivemos um vazamento.

– Um vazamento?

– Um espião corporativo infiltrado. Talvez esteja nessa sala.

Houve um silêncio de desconforto. Os executivos lançavam olhares nervosos um para o outro. A crista plumosa de Meramati se ergueu. Gruntgrill engoliu em seco e tentou não -tik!- Wivvers estalava a língua e balançava a cabeça. Pama Harnon enfiou a mão nervosamente em sua bolsa, retirou seu caríssimo brilho labial negro e retocou a maquiagem. Sledly Rarnak parecia como se quisesse bater em alguém com uma caixa de panfletos.

Hanxchamp apenas chiava.

– Não se preocupe, senhor – Xorbux orientou. – Vou cuidar disso. Revisão e supressão total de segurança. Se houver um espião, vou encontrá-lo ou encontrá-la, interrogá-lo e então injetá-lo dentro da supernova mais próxima. E vou retirar a vaga do estacionamento e os documentos de aposentadoria dessa pessoa.

– Faça isso – disse Hanxchamp. Ele olhou para o Cavaleiro do Espaço.

– Então, onde ele está? – perguntou Hanxchamp. – O gravador?

– Estou prestes a descobrir sua localização – disse Roamer. – O gravador

parece ter se aliado a uma dupla de criminosos causadores de confusão. Suspeito que eles *também* desenvolveram um forte interesse em seu valor fiscal.

– Quem é essa dupla? – perguntou Xorbux.

– Um guaxinim geneticamente modificado de Halfworld, chamado Rocket, e um espécime de *flora colossus* do Planeta X, chamado Groot.

– Nunca ouvi falar de nenhum deles – pontuou Hanxchamp.

– São peixe pequeno. Eu posso lidar com eles – disse Roamer.

– Então por que não sai daqui e faz isso agora mesmo? – quis saber Hanxchamp.

O Cavaleiro do Espaço indicou a unidade insertora de interpolação presa à sua armadura.

– Eu voltei por causa disso – falou. – Ela me levou diretamente até eles duas vezes, mas nessas duas vezes ela parece... parece ter escolhido os momentos mais inconvenientes. Quando eles estão em combate, por exemplo. É complicado efetuar uma extração sob circunstâncias de combate.

– Eu lhe disse que essa coisa era -tik!-... perigosa! – Gruntgrill exclamou.

– Isso nunca deveria ter saído da Pesquisa & Desenvolvimento!

– Não pode ser ajustada? – perguntou Roamer. – Não pode ser... aperfeiçoada?

– Gruntgrill? – Hanxchamp perguntou. – Você parece saber mais sobre esse dispositivo do que qualquer outro.

– Eu... duvido que possa, senhor – respondeu o kaliklaki ansiosamente. – Quer dizer, por sua própria natureza, em tese ele deve levar o usuário ao momento apropriadamente mais dramático da narrativa universal. A lógica simples exige que em tais momentos apropriadamente dramáticos haja, bem, *drama*. E risco. E outras coisas sobre as quais eu realmente não gostaria de pensar.

Ele olhou para o intimidante Cavaleiro do Espaço.

– O insertor supostamente não serve para levar você de forma direta ao... -tik!-... alvo – disse. – Supostamente, ele deve levar você até o alvo *no momento mais dramaticamente satisfatório*. Isso é o que ele faz?

– Satisfatório para quem? – questionou Roamer. – Nas duas situações, minha chegada pareceu alterar as circunstâncias radicalmente. Nas duas situações, o gravador e seus companheiros estavam sob ameaça direta.

Minha chegada na verdade *os ajudou*, embora indiretamente, a efetuar uma eventual fuga.

– Vergonha é você não tê-los capturado antes que fugissem – Hanxchamp disse mal-humorado.

– Se sua aparição alterou o fluxo causal dos eventos... – meditou Gruntgrill. – Eu acho... bem, esta é a verdadeira definição de um momento dramaticamente significante. Você se tornou uma repentina, surpreendente reviravolta na trama.

– Então ele não pode ser ajustado? – perguntou Roamer.

– Eu não -tik!-... acredito que possa.

– Muito bem – disse Roamer. – Eu me tornarei uma repentina, surpreendente reviravolta na trama *novamente*. E dessa vez, vou revirar a trama para o meu lado. Eu não acredito em destino ou sorte, e não acredito em nada de "narrativa causal". Simplesmente acredito no aço frio e nas armas de energia. Eu irei...

– Opa, opa! – gritou Hanxchamp. – Muuuuita macheza repentina para este lugar! Estou começando a pensar duas vezes na otimizada viabilidade dessa solucionoide? Pensando *três* vezes, provavelmente.

– Estou literalmente de acordo com suas dúvidas, senhor – concordou Pama Harnon.

– Esta é mesmo a melhor maneira de agirmos? – interrogou Rarnak.

– Exatamente – observou Hanxchamp. – *Esta* é a melhor maneira de agirmos? Na verdade, precisamos *mesmo* agir? Meramati? Como o núcleo de dados está no dia de hoje? Alguma evolução? *Diga-me* que houve uma evolução. Diga-me que podemos seguir com o que temos e que podemos esquecer esse flark negócio de gravador de uma vez.

– Temo que a percentagem permaneça em 87, senhor – respondeu Meramati, com certo arrependimento. – O mapa de dados está parado nos 87%. Nós simplesmente não temos ainda uma quantidade suficiente da verdade.

– Eu lhe avisei a respeito dessa palavra, senhora – respondeu rispidamente Hanxchamp. – Eu definitivamente não quero ninguém dessa companhia falando como aqueles esquizitoides da Igreja Universal.

– Peço desculpas novamente, senhor – Meramati respondeu, baixando a crista.

– Então... 87% não é o bastante? – foi a vez de Hanxchamp perguntar,

desalentadamente.

Meramati balançou a cabeça.

– A menor porcentagem com que podemos entrar no ar com qualquer esperança de sucesso é 96% ou mais – ela respondeu.

– O Projeto 616 permanece sendo um sonho, a não ser que atinjamos esse limite – disse Gruntgrill.

– Você está me dizendo que simplesmente não temos escolha? – perguntou Hanxchamp. – Que o gravador continua sendo nossa necessitação fundamental? Que nós *precisamos* do gravador, que absolutamente precisamos desse gravador, ou nosso *projeto de prioridade número um* estará acabado antes mesmo de sair da prancheta?

Ninguém queria confirmar isso. E finalmente, mas só porque alguém tinha de fazer, Gruntgrill emitiu um "sim" miudinho.

– Tem dias... – trovejou Hanxchamp.

– Continuarei com minha missão – afirmou Roamer.

– Faça isso – respondeu Hanxchamp.

– Eu não falharei uma terceira vez.

– Não adianta só falar! – resmungou Hanxchamp. – Faça. Termine. Faça agora!

– Irei – retorquiu o Cavaleiro do Espaço.

– E Xorbux? Encontre esse flark espião para mim imediatamente! – rosnou Hanxchamp.

– Sim, senhor – Xorbux falou.

– Reunião terminada, pessoal – Hanxchamp declarou rabugentamente, recostando-se na cadeira com os tentáculos cruzados.

– Sra. Mantlestreek? Preciso de uma bebida – ele gemeu.

Todos saíram rapidamente da sala. Roamer foi o único que não o fez usando o tradicional método da porta. Ficou na sala um inesperado cheiro de mudanças na sorte.

• • • •

Ao sair pela recepção, os executivos estavam cabisbaixos e preocupados.

– Não vivenciei uma boa reunião agora – disse Rarnak. – Não foi nada boa.

– Eu literalmente ouvi isso – Pama Harnon concordou.

– Não sei por que ele vive pegando no meu pé – reclamou Meramati. – Temos feito um trabalho extraordinário até agora.

– Você conhece o -tik!- chefe! – riu Gruntgrill, mas não pôde esconder seu estresse.

– Só espero que possamos manter isso sob controle, com inteligência de responsabilidade – disse Wivvers.

– Não se preocupe – disse Xorbux. – Eu vou revirar tudo. Temo que isso signifique que eu tenha de interrogar cada um de vocês, e seus chefes de departamento. Terei de fazer buscas em seus escritórios também.

– Faça o que for necessário, Xorb – falou Rarnak. – Não tenho nada a esconder!

– Sim, sim – concordou Wivvers. – Sou a favor de transparência. Eu sou completamente lealizado à filosofia da Timely Inc. e devotado à prosperização contínua e crescimento de mercado desta corporação!

– Falou e disse – Gruntgrill colocou. – Corte-me no meio e você verá o logotipo da Timely correndo pelas minhas veias!

– Não me desafie – sentenciou Xorb obscuramente.

– -Tik!-

– Ah, droga – disse Pama Harnon.

– Qual é o problema? – Meramati perguntou.

Pama Harnon estava brincando com seu brilho labial caro e chique.

– Você sabe, eu literalmente passo isso todas as vezes que me sinto estressada. Acho que é um hábito nervoso. Eu literalmente tenho feito isso tantas vezes nos últimos dias que estou completamente sem *Autocron Noir*.

– Que pena, esse tom fica tão bem em você – observou Meramati.

– Obrigado, Allandra – Pama Harnon sorriu. Ela se virou. – Sra. Mantlestreek? Você poderia literalmente me fazer um favor e jogar isto no lixo para mim? – pediu.

A Sra. Mantlestreek lutou contra a vontade de explicar a diferença entre seu papel como assistente pessoal e o papel de um funcionário da limpeza. Em vez disso, sorriu sem nenhum encanto, pegou o caro brilho labial e o jogou na unidade de lixo ao lado de sua mesa.

– Obrigada! – Pama Harnon sorriu despreocupadamente e seguiu os outros executivos porta afora.

Ao sair pela recepção, os executivos estavam cab

Dentro da unidade de lixo compacta da Timely Inc., a pequena unidade reservatório de antimatéria engoliu o brilho labial e o aniquilou para sempre.

Tanto o brilho labial, na verdade, quanto a miniatura do dispositivo comunicador de ondas omni de fabricação kree escondido dentro dele.

ENQUANTO ISSO,
ENQUANTO ISSO
(CINCO DIAS ANTES,
EM CARNASSIA...)

A ORDEM DOS DIVINOS ORACOLITOS não era mais uma ordem verdadeira. Só restava um deles.

De pele azulada e muito velho, com orelhas pontudas e carcomidas, o único membro sobrevivente da ordem era um típico exemplo de sua raça, os interditos.

Os interditos haviam sido uma poderosa e tecnologicamente avançada civilização, até que foram destruídos e dispersados pelos badoons. Em um esforço para se certificar de que nada igual acontecesse com eles novamente, os sobreviventes, membros da raça interdita vivendo em pontos longínquos do Universo como ermitões e marginais, desenvolveram seus poderes psiônicos latentes, voltaram-se para o misticismo e eventualmente se tornaram altamente dotados na arcana arte da predição.

Este interdito em particular, que havia escolhido manter a noção da ordem divina solitariamente desde que o último da meia dúzia de membros da Irmandade Oracolita morreu, oito décadas antes, vivia uma existência solitária e eremítica nos altos picos irregulares e assolados pelos ventos de uma montanha que fazia parte de uma cordilheira que percorria a massa de terra do planeta Carnassia como uma espinha dorsal. Indivíduos de outros mundos vinham para visitá-lo, executando a árdua e exigente caminhada pelos picos até sua solitária caverna. Eles vinham ao seu encontro porque ansiavam ter acesso ao conhecimento psiônico do futuro que apenas ele possuía. Ou melhor, que apenas os divinos oracolitos possuíam.

Eles vinham com perguntas, perturbações, preocupações, dúvidas, medos. E ele lhes dava respostas.

Ele sempre sabia quando estavam a caminho, é claro, e tinha uma panela de uma coisa ou outra esquentando na fogueira que havia em sua caverna.

Nesta ocasião em particular, era uma terrina de ensopado de carne. Da última vez, havia sido uma chaleira de infusão de folhas zundamitas, mas isso havia sido há mais de um ano, quando um nobre sirusito o visitara para descobrir se sua futura noiva rica seria fiel a ele.

O nobre sirusito foi embora bem rápido com um olhar descontente no rosto, e pouco do chá de folhas foi tomado.

A terrina de ensopado de carne era grande. Muito grande. Mas desta vez ela havia sido preparada para o visitante que ele sabia que estava chegando.

A chuva começou a fustigar a nada amigável montanha do lado de fora da boca da caverna, e os duros ventos uivavam ao passar. A noite caía como uma avalanche de terra manchada de tinta preta.

O interdito ligou as pequenas lâmpadas de fóton em torno de sua caverna, banhando a câmara com uma acalentadora luz amarela. E então ele sentou seu sábio corpo com as pernas cruzadas perto do fogo e mexeu o ensopado.

Sua visita havia chegado. Ele soube sem ter que erguer o olhar – embora não houvesse o menor som, estalo nem o mais leve deslocar de pedras lá fora. O interdito normalmente podia ouvir seus hóspedes chegando de muito longe, de tão traiçoeiro e estreito que era o caminho.

Ele ergueu o olhar, as sombras lançadas pela fogueira enfatizando os profundos sulcos de seu queixo enrugado. Seus olhos eram enormes, lúgubres órbitas que haviam visto muito, muito mais do que o mundo ao seu redor. Suas sobrancelhas franzidas se franziram ainda mais.

Ela era ainda mais impressionante pessoalmente.

– Aqueça-se perto do fogo – ele convidou.

Ela permaneceu em pé perto da boca da caverna, seu casaco pingando.

Empurrou o capuz para trás.

– Eu não vou ficar – disse Gamora. – Eu vim por…

– Respostas. Eu sei.

– Claro que sabe.

– Uma resposta em particular – acrescentou o interdito.

– Ótimo. Você sabe isso também. Diga-me, e eu lhe deixarei em paz.

– Eu já vi esse momento – respondeu o interdito. – Paz não é uma palavra que eu usaria para descrevê-lo.

– Por que não? – inquiriu Gamora. Ela deu um passo à frente.

– Por causa do que vai acontecer.

– E o que vai acontecer?

O interdito suspirou.

– Não posso te dar a resposta – ele respondeu.

Ela parou.

– Por que não?

– Há muito em risco. Muito mesmo. O destino deste Universo e de outros. Muito, muito em risco para que eu possa compartilhá-la com você.

– Você tem que fazer melhor que isso – acrescentou Gamora.

– Eu gostaria de ser capaz – retorquiu o interdito. – Mas estamos na ponta da sorte. O destino vacila. Há tantas forças potentes envolvidas nessa questão que, na verdade, é difícil até mesmo para alguém como você ver o que está vindo com confiança. O futuro está em fluxo. A resolução definitiva está escondida de mim, há um espaço em branco.

– Pessoas como você sempre dizem isso – ela comentou.

– No entanto...

– Como posso saber que você sequer entendeu minha pergunta?

O interdito suspirou novamente.

– Sua pergunta é essa: Qual é a localização do Gravador Rigelliano 127?

Gamora franziu os lábios.

– E a resposta?

– Pelo bem do Universo, eu não posso dar – respondeu o velho profeta. – Eu lhe disse. O gravador tem um valor único. As pessoas já estão lutando por ele. Sangue foi e será derramado. Ter a posse do gravador é ter a habilidade de roubar a galáxia de todas as formas sencientes e a moldar para seus próprios fins. Ele é valioso demais. Muito precioso. Não posso e não irei dar uma resposta que permita que o gravador caia nas mãos erradas.

Ele olhou para ela.

– E, definitivamente, as suas são as mãos erradas.

– Por quê?

– Porque você sabe para quem está trabalhando. Eu sei para quem você vai entregar o gravador.

– Sabe mesmo?

– O Mestre da Zona Negativa é perverso demais para possuir tal poder.

Gamora deu outro passo para a frente.

– Eu percorri uma distância longa demais para ouvir isso – falou. – Você desperdiça meu tempo. Me dê a resposta. Me diga a localização.

– Não o farei.

– Eu também posso ver o futuro, sabe? – ela disse a ele. – Se você continuar a negar, prevejo que as coisas não acabarão bem para você.

Ele riu.

– Também sei disso. Você é a Mulher mais Mortal da Galáxia, e eu não sou nada mais do que um velho ermitão doente. Não sou páreo pra você.

– No entanto, persiste em me frustrar. Por quê? Você sabe o que eu farei.

O velho interdito deu de ombros. Ele olhou para ela com seus olhos imensos, nobres.

– Por quê? Porque, lembre-se, *eu sabia que você estava vindo.*

Seus olhos eram vastos e escuros, como espelhos de obsidiana. Gamora viu a si mesma refletida em seu olhar eterno. Ela viu o movimento atrás dela, também.

Agora podia ver o que estava para acontecer tão claramente quanto o ancião eremita.

O roclito era enorme. Uma espécie selvagem de humanoide de pele castanho-escura e vastos olhos brancos, os roclitos eram famosos por sua imensa força, ferocidade e total brutalidade.

Aquele era um espécime grande, mesmo para os padrões roclitos. Sua musculatura ondulada e compleição pesada faziam a figura de Drax parecer franzina.

Ele lançou seu punho massivo. Seu alcance era impressionante. Seus braços peludos eram quase símios em proporção ao resto de seu corpo. Aquele primeiro golpe poderia facilmente ter acabado com ela.

Mas ela havia visto o que a aguardava e foi mais rápida.

Desviou e rolou para dentro da caverna, ágil como uma felina.

O punho errou o alvo e se enfiou na parede da caverna, fraturando a rocha.

O roclito abriu sua considerável boca e rosnou para ela.

Saliva voou, e os músculos de seu pescoço grosso como o tronco de uma árvore se incharam.

Gamora colocou-se de pé com uma cambalhota e o encarou.

– Você contratou um grandalhão para me matar em vez de me dar uma resposta? – ela gritou para o interdito por sobre o ombro.

– Vale a pena pensar à frente – ele respondeu.

O roclito atacou, uivando. Gamora saltou para fora de seu caminho, e ele derrapou desajeitadamente enquanto tentava parar o ataque e se virar. Quase derrubou a panela de ensopado. O velho ermitão saltou para longe de seu caminho com um grito fraco e buscou proteção contra uma das paredes da caverna.

Seu inimigo era grande e estupidamente poderoso, Gamora avaliou, mas também era lento e pesado.

Ele correu para ela novamente. Ela desviou, e um punho do tamanho de uma abóbora abriu um buraco na parede da caverna ao lado de sua cabeça. O outro punho veio, mas atingiu apenas o ar e a parede da caverna. Ela havia desviado de seu poderoso golpe e se afastado.

Ele a cercava. Gamora continuava em movimento. Chega de brincadeira. Ela sacou suas espadas.

Quando o roclito atacou novamente, as mãos abertas para agarrá-la e estripá-la membro a membro, ela se lançou para a frente – girando uma lâmina para cima e esquerda, e a outra para baixo e direita.

O roclito uivou e caiu de joelhos. A maioria de seus dedos estava espalhada como cigarros pelo chão ao seu redor.

– E os outros? – ela rosnou para o interdito. – Você sabe o que eu sou. *Um* roclito?

Eles surgiram de todos os lados. Mais dois roclitos brutais emergiram, gritando, das sombras do fundo da caverna.

Um pequeno sagittariano de aparência diabólica apareceu na boca da caverna. Sua roupa cara e o bigode encerado pingavam água da chuva. Ele apontava para ela uma pistola estripadora mobiana.

– É melhor que aquele ensopado esteja bom – o sagittariano disse.

– Está – respondeu o interdito. – Vai fazer seus esforços valerem a pena... assim como os números vencedores da loteria denebiana da próxima semana.

– Matem-na – o sagittariano deu a ordem para seus roclitos.

E era o que já estavam tentando fazer. Ela desviou do segundo roclito e deixou um rasgo sangrento na costela do terceiro, forçando-o a recuar. O segundo foi para cima dela de novo, e ela foi obrigada a executar um salto mortal usando seu atacante original como apoio.

Ele tentou agarrá-la quando ela se apoiou nele, mas a falta de dedos fez

com que falhasse.

Gamora agora estava no mesmo lado da caverna que o sagittariano. Ele emitiu um xingamento e abriu fogo com sua pistola estripadora, que fez um som de cuspe enquanto atirava uma sequência de lâminas mortalmente afiadas. Duas passaram pelo casaco de Gamora. Duas mais atingiram a parede da caverna. Uma arranhou seu rosto e tirou sangue.

Passou perto demais. Ela girou e ergueu as lâminas enquanto ele disparava novamente. As espadas se moviam mais rápido do que o olho podia enxergar, desviando e bloqueando as lâminas afiadas. Fragmentos pontudos de metal faiscaram e ricochetearam para longe dela. O sagittariano tinha mais em seu cartucho.

Gamora não podia desviar de todos eles. Então, quando ele estava para efetuar um terceiro disparo, ela atirou a lâmina que estava em sua mão direita, que cantou enquanto atravessava a caverna voando de uma ponta a outra. Veio a repousar enfiada no peito do sagittariano.

Ele emitiu um grunhido de surpresa, olhou para baixo, para a espada que o empalava, e então caiu de cara no chão.

Gamora tentou girar, sabendo que o sagittariano a havia mantido ocupada o suficiente para dar uma abertura aos roclitos. Ela não fora rápida o bastante.

Um golpe a atingiu de lado, e ela caiu de braços abertos. Rolou no chão, atordoada, e tentou se levantar. O roclito veio atrás dela.

Ele se apoiou em sua outra espada, fincando-a no chão, e recolheu o punho para esmagá-la contra o chão da caverna. Gamora largou a espada e mergulhou de cabeça por entre suas pernas.

O roclito rosnou de frustração e se virou. Foi de encontro a dois ganchos devastadores na cara, seguidos por uma violenta série de chutes giratórios.

Então, Gamora o atingiu na lateral da cabeça com a terrina. O pranto soou como um sino, lançando um ensopado escaldante no ar.

O roclito cambaleou. Ela rolou para a esquerda, recuperou sua espada, e a enfiou na garganta da criatura. Ele caiu e ficou com a cara enfiada em uma brilhante e escura poça de sangue.

Ela girou, esperando outro. Mas a caverna estava quieta, com exceção dos gemidos do roclito sem dedos ajoelhado.

O terceiro roclito estava apoiado contra a parede na outra extremidade da caverna. Seu rosto, imóvel, e um dos olhos remanescentes jazia vítreo.

Uma das lâminas desviadas da pistola havia se instalado com um corte limpo através do olho em seu cérebro.

Gamora recuperou sua outra espada, arrancando-a do esterno do sagittariano. Ela pegou também a pistola dilacerante e recuperou os cartuchos reserva. Era uma bela peça.

Ela caminhou até a fogueira, pausando apenas para acabar rapidamente com o sofrimento do roclito chorão.

Ela olhou para o interdito assustado. Seus olhos estavam arregalados. Inclinou-se, enfiou um dedo nos restos do ensopado na terrina virada e amassada, e o provou.

– Nada mal – ela disse. – Não vale minha vida, mas nada mal.

Gamora se levantou e perguntou:

– É desse jeito que você viu que as coisas terminariam?

– N... não – o ermitão gaguejou. – Eu esperava, mas... eu lhe disse, estamos na ponta da sorte. O destino vacila. Há tantas forças p...potentes envolvidas nesse assunto, é impossível até mesmo prever um futuro confiável. O futuro está *em fluxo*. Em fluxo! A resolução definitiva está escondida de mim. É um e... espaço vazio.

– Você realmente me disse isso – ele disse. – Mas não é o que eu queria ouvir. Me dê a resposta que vim procurar.

Ele disse. Ele disse a ela tudo que sabia.

– Obrigada – Gamora agradeceu. Caminhou na direção dele, uma lâmina em cada mão. – Sabe, há outra razão pela qual você vê o futuro como nada além de um espaço em branco.

– P... por favor! – suplicou o interdito.

– Acho que você deve abandonar o negócio de premonições – sentenciou Gamora. – Não vejo futuro nisso.

18

VIVA KREE
OU MORRA

NESTE PONTO, lembro-me dos hakklofarbos de Demantle III. Demantle III fica nos arredores da Nuvem Magellanica Menor, caso tenha esquecido. De qualquer forma, os hakklofarbos têm um ditado que, quando traduzido, segue a linha de "Dor é ganho. Aceite sua dor e a vida se tornará muito mais fácil".

Tenho certeza, gentil leitor, de que sua cultura terráquea desenvolveu uma filosofia similar em algum ponto de sua caminhada. E, também, de que isso pode explicar porque a taxa de suicídio em Demantle III é 27 vezes maior que a média galáctica.

De todo modo, eu estou com dor. A mais pura e *terrível* dor que já vivenciei. Estou ajoelhado no pódio da câmara de exame a bordo da nave de batalha kree, banhado pelo insistente facho de luz azul do psíquico-agonizatron. Rocket e Groot estão caídos, inconscientes, um à minha direita e o outro à minha esquerda. Foi demais para eles.

Sharnor, a Acusadora, está olhando fixamente para mim, o queixo apoiado no punho, o dedo plantado firmemente no controle de toque do psíquico-agonizatron.

– Conte-me! – ela exige.

– Eu não posso lhe contar nada! – anuncio desalentado.

Ela ergue o dedo. A dor desaparece.

– Por que não? – ela pergunta.

– Porque eu não sei de nada! – respondo, me levantando.

– Eu não entendo – ela diz, erguendo a cabeça para me analisar.

– Madame Acusadora – eu começo, tremendo. – Sou um dispositivo de armazenamento de dados. Sou um gravador. Ficaria feliz em comunicar a

você todos os dados contidos dentro de mim. Mas eu não posso prover a você dados que eu não possuo.

– Você não sabe nada sobre o Projeto 616?

– Não sei! – insisto. – Seu dispositivo está me matando. Mas mesmo assim, apesar de tudo, é pelo bem de meus dois companheiros orgânicos que eu lhe suplico para parar. Eu conto tudo o que sei. E espero sinceramente que seja tudo o que você quer ouvir.

Sharnor me observa com frieza.

– Continue.

– Compreendo que sou valioso. Muitas forças estão me caçando.

– Como quem? – ela pergunta.

– A Irmandade de Guerra Badoon, por exemplo – respondo honestamente.

– Os badoons?– ela interroga, se levantando. – Eles estão nisso também?

– Temo que sim – respondo. – Madame Acusadora, o negócio é o seguinte, eu não tenho ideia de por que sou tão valioso. Você precisa acreditar em mim. Eu não sei o que é o "Projeto 616", mas evidentemente tem muito a ver comigo.

Ela permanece em pé, apontando seu formidável olhar e igualmente formidável gordura para mim simultaneamente.

– Conte-me sobre o Projeto 616 – ela exige.

Estremeço.

– Esqueça o raio psíquico! – ela diz, simpática por um momento. – Conte-me o que você sabe.

– Eu não tenho conhecimento de nenhum Projeto 616 – digo. – Posso apenas conjecturar. Deixe-me pensar... "616" é a designação multiversal concordada deste Universo.

– Designação do quê?

– Nós vivemos em um Multiverso infinito, Universos paralelos, madame – explico. – Consideramos este como maravilhoso e infinito porque é o único que conhecemos. Há um número infinito de outros. Cada um deles tem suas designações. Nosso Universo é denotado como 616.

Ela se sentou.

– Existem outros? Outros Universos além do nosso? Eu conheço a Zona Negativa, é claro, mas... existe um... *Multiverso*?

– Sim, madame.

– Como você sabe disso, gravador?

– Bem, eu já estou por aí há um bom tempo – eu rio, mas paro imediatamente. A tensão claramente ainda não se dissipou. – O que quero dizer é que há evidências. Seu próprio bravo Mar-Vell viajou por entre as realidades. Quem mais poderia explicar cruzamentos interdimensionais, ou as múltiplas iterações alternativas do Wolverine ou do Homem-Aranha?

– Quem? – ela pergunta.

Suspiro.

– Meu ponto se mantém. É uma realidade. Existem muitos Universos e este é o maravilhoso Universo 616.

A acusadora estremece. Não tenho certeza se é de raiva ou de incerteza.

– Mesmo que eu acredite em você…

– Você deveria – eu lhe asseguro.

– Mesmo que acredite em você… eu não sei do que você está falando!

Faço uma pausa.

– Madame Acusadora – chamo. – Para mim isso parece ser mais do que uma coincidência. Universo 616? Projeto 616? Não vê? Eu tenho uma função importante. Eu conecto e processo dados. Sou um organizador de dados. Se quisermos responder sua questão original… e sinto, por causa da tortura, que realmente devemos fazer isso… por que não me diz o que *você* sabe?

– Eu? – ela pergunta, ofendida. – Eu? Dizer a você o que eu sei? *Eu* sou a examinadora aqui! O que *eu* sei é classificado como confidencial pelo Alto Comando do Império Estelar Kree!

– Bom saber – respondo. – Mas isso realmente não vai nos levar a lugar nenhum, não é? Compartilhe o que sabe comigo e talvez eu possa juntar os pontos.

– Eu não farei isso!

– Eu só posso operar com conexão cognitiva de dados – afirmo. – Não sei nada sobre o "Projeto 616", mas "616" é uma expressão que engatilhou meu banco de dados. Iniciou uma conexão. Se você deseja saber mais, alimente-me com novos dados e provavelmente eu farei *novas* conexões. O que é o Projeto 616 para você?

– A chave para o controle universal – ela murmura.

– De fato. Isso pode explicar a nomenclatura.

Faço uma pausa. A imensidão da noção do que ela tão fluentemente

encapsulou recai sobre mim.

– A chave para o controle universal? – interrogo. – Como... como pode ser isso?

– Isso é, conforme entendo, um dispositivo que, quando completo, irá permitir ao usuário que controle a realidade.

– É isso? – pergunto. – Uau.

– É por isso que o Império Estelar Kree o persegue. Você, de acordo com nosso espião, é uma parte fundamental desse dispositivo. O último componente que falta.

– Entendo – confirmo, preocupado. – E quem está por trás da construção deste dispositivo?

Ela hesita. Claramente, Sharnor, a Acusadora, odeia compartilhar informação.

– A Timely Inc., segundo meu espião. Você sabe o que é isso?

– Sei – respondo. – Timely Inc. é a maior e mais bem-sucedida megacorporação desta galáxia. Seu poder e influência estão além dos limites. Ela controla 78% de todo o mercado com seus produtos. Isso ultrapassa em muito seus rivais mais próximos, Distinto Competidor Inc. e Fantasticamente Para Você Co., com uma fatia do mercado sem precedentes. Sem dúvida, é líder de mercado. Virá um tempo em que, culturalmente, a Timely Inc. se tornará mais poderosa e influente do que qualquer uma das antigas e grandes culturas. Os krees, por exemplo.

– Isso é o que tememos! – ela grita. – Se eles construírem tal dispositivo...

– Mesmo *sem* o dispositivo, você deveria temê-la – eu concordo. – Será um dia triste para o Universo quando poderes comerciais invencíveis tomarem os elementos básicos do caráter cultural. Raças irão morrer, ou se tornarão incorporadas ao monstro comercial. Espécies irão se tornar marcas comerciais empobrecidas. A era das civilizações, Madame, está a ponto de se encerrar. A Cultura está sendo sufocada. A nova época do imperativo comercial, a Era da Megacorporação como base da comunidade intergaláctica, está surgindo no horizonte. De acordo com minha base de dados, de todo modo. O que eu posso saber?

– Muito, eu acho – disse Sharnor, a Acusadora.

Eu medito.

– Então você tem um espião corporativo inserido na sede da Timely Inc.?

– pergunto.

Ela pareceu cautelosa por um momento, e então respondeu de má vontade.

– Muito bem inserido, na verdade – falou –, mas apto a passar apenas as mensagens mais selecionadas e incompletas ao Império Estelar Kree, por conta do intenso sistema de segurança da Timely. De nosso espião soubemos apenas da existência do Projeto 616, os rumores sobre seu propósito, e o fato de que você é vital para o sucesso dele.

– E outros também sabem disso? – ponderei. – É por isso que todos estão atrás de mim.

– Por que você acha que é o componente vital que está faltando? – Sharnor, a Acusadora, me perguntou.

– Francamente, Madame Acusadora, eu não sei. Posso apenas conjecturar. Deve ser porque sei de algum pedaço vital de informação. Em algum lugar no vasto arquivo de dados coletados que carrego, deve haver um pequeno, mas crucial, pedaço de informação.

– Mas você não sabe o que é?

– Não posso sequer começar a imaginar – respondo.

– Esqueça os outros – orienta a acusadora. – Esqueça as outras facções que o perseguem. Você agora é propriedade do Império Estelar Kree. Nós o protegeremos. Você garantirá o fracasso do Projeto 616 da Timely Inc.

– O que você fará comigo?

– Agora que eu estabeleci os limites de seu conhecimento consciente a respeito desse assunto – ela respondeu – e sua falta de novas informações convincentes, eu continuarei de onde comecei. Conduzirei você para Hala, onde será examinado. Não tenho dúvidas de que os cientistas do Império serão capazes de identificar esse trecho de informação vital perdido em seu subconsciente ou em seus bancos de dados. Uma vez que obtivermos isso, sem dúvida ele nos mostrará como desenvolver um dispositivo de controle de realidade irmão do Projeto 616.

– E... como essa identificação será feita? – eu quis saber.

– Temos mecanismos – ela respondeu.

Eu tinha medo daquilo.

A acusadora estava prestes a fazer mais comentários, quando a nave deu um perceptível solavanco.

– O que foi isso? – ela exigiu saber.

O Capitão Yon-Dor deu um passo a frente, ouvindo o comunicador em seu capacete.

– Informe da ponte, acusadora – ele disse. – Estamos sob fogo.

– Sob fogo? – ela gritou, deixando perdigotos voarem soltos. – Isso não é possível! Estamos viajando em supervelocidade da luz de dobra, e a aura de negatividade está engatada. Nada deveria ser capaz de nos detectar!

– Concordo, acusadora – retorquiu o Capitão Yon-Dor. – No entanto, uma nave interceptou nosso caminho de dobra e está nos igualando em velocidade. Está lançando torpedos antimatéria em nós.

– Identidade?

– Não pode ser confirmada ainda, acusadora – respondeu Yon-Dor – mas o elmo acredita ser um megadestróier Classe Irmandade de Guerra da Irmandade de Guerra Badoon.

– Badoon...? – ela sussurrou.

Lentamente, se colocou de pé.

– Vá para a estação de batalha. Diminua a velocidade e faça a volta. Vamos encarar a escória badoon e eviscerá-los por essa imprudência.

– Sim, acusadora.

– Diga ao capitão da nave que estarei na ponte em alguns minutos para supervisionar a ação. Terei satisfação pessoal em obliterar os badoons.

– Sim, acusadora – o Capitão saudou.

O convés sacudiu outra vez. Outro impacto.

Yon-Dor e seus homens abriram a escotilha e correram para suas estações de batalha, deixando dois guerreiros para trás a fim de montarem guarda para nós.

A escotilha se fechou com uma batida.

Sharnor sentou-se novamente.

Ela olhou para mim. Seu olhar era duro como diamante.

– Os badoons – ela disse. – Não há como eles terem nos rastreado ou detectado. Não há como *ninguém* conseguir nos rastrear ou detectar. A aura de negatividade é à prova de falhas. A não ser...

– A não ser? – pergunto.

– Como você comunica a informação?

– Como é que eu o quê...? – pergunto. – Madame Acusadora, mesmo que eu possuísse os meios, por que eu revelaria minha localização para um inimigo que eu sei que está me caçando implacavelmente?

– Tudo que sei é o que você me contou – ela respondeu. – Você mencionou os badoons. Talvez você já tenha feito um acordo com eles: seu segredo em troca de sua segurança.

– Eu lhe asseguro que não há acordo algum – respondo.

– Eu não acredito em você – ela diz. – Você é a única possibilidade. A única possibilidade. Me diga como você está se comunicando com eles.

– Eu… – comecei.

Seu dedo pairava sobre o controle de toque embutido no braço de seu trono.

– *Diga-me*.

Estava em frenesi. Não tinha resposta para ela. Olhei para Rocket e Groot jogados no chão ao meu redor. Sabia que outro raio do psíquico-agonizatron iria matar aos dois.

– Me. Diga.

– Madame Acusadora, por favor…

Seus olhos se estreitaram. Ela lançou o dedo para baixo.

Mas sua mão não se moveu. Ela congelou no lugar em que estava, incapaz de alcançar o controle de toque. Sharnor se sobressaltou, surpresa, e se esforçou para completar a ação, o braço tenso de esforço.

Eu vi o que a restringia. No começo, era difícil avistar na escuridão longe do brilho azul do pódio. Mas eu vi.

Havia um forte e nodoso sistema de raízes crescendo ao lado de seu trono e por sobre seu braço; as pontas fibrosas dele agarraram seu pulso, mantendo-o imóvel. O sistema de raízes serpenteava por todo o lugar, pelo chão, e vi que uma extensão do braço de Groot estava caída por sobre a beira do pódio.

Groot não estava nada inconsciente. Ele se fingira de morto enquanto minhas respostas mantinham a acusadora ocupada.

Rocket também não estava inconsciente.

Ele abriu um olho e piscou para mim.

– Se prepare para correr, parceiro – ele sussurrou.

A acusadora se enraiveceu. O aperto de Groot era assustadoramente forte. Ela conseguiu se colocar de pé e agarrou seu martelo do poder cerimonial com a mão livre, golpeando a raiz emaranhada. Os mecanismos da cabeça do martelo pulsavam na cor verde quando ele atingiu seu alvo, e a raiz se estilhaçou.

Sharnor estava livre. Ela correu em nossa direção, o martelo erguido para atacar.

– Vai, amigão! – Rocket gritou, saltando e virtualmente me empurrando pela beirada do pódio. Sinto em admitir, gentil leitor, que não pousei no chão embaixo do pódio da maneira mais digna.

Os dois guerreiros krees nos fundos da sala vieram para a frente a fim de ajudar sua comandante.

Rocket – um míssil peludo, sibilante e cheio de garras – saltou da borda do pódio e pousou no rosto de um dos guerreiros, fazendo o sujeito cair para trás surpreso. Ele caiu com tanta força, na verdade, que a parte de trás de sua cabeça bateu contra a parede e ele foi nocauteado. Rocket e o guarda kree caíram um por cima do outro. Os outros guardas se viraram, armas em mão, e foram abatidos por um único disparo do canhão unirraio que Rocket havia pegado emprestado de sua primeira vítima.

E, então, Rocket pôs-se a correr de novo, galopando rapidamente pelas beiras da câmara.

Sharnor havia chegado ao pódio. Groot se levantou para recebê-la.

– Ótimo truque – ela disse, e girou o poderoso martelo na direção dele. Ele deu um passo para trás, desviando do golpe que poderia ter estilhaçado seu cerne.

Groot desviou do segundo golpe e saltou para trás, para longe do pódio.

– Se você achou que *aquilo* foi um ótimo truque, dona – Rocket chamou –, espere até ganhar uma carga disso aqui.

Sharnor se virou. Rocket estava encarapitado no braço de seu trono. Ele sorriu. Ela olhou para baixo e se deu conta de onde estava pisando.

Rocket pressionou o controle de toque.

Por um tempo longo e desnecessário.

19

REBATIDO

ROCKET NÃO A MATOU. Creio que um acusador kree médio seja tão resistente, que você poderia largar seu cotovelo no controle de toque de um psíquico-agonizatron e ir comer um pãozinho, ler o jornal da manhã e cuidadosamente tomar uma bebida quente até que se transcorresse tempo o suficiente para causar-lhe algum dano – e Sharnor estava bem acima da média.

Mas Rocket apertou por bastante tempo, sua língua estendida e brilhante por sobre suas presas risonhas, até ela dar sua primeira estremecida e então xingar em kree, para em seguida convulsionar, e finalmente desmaiar inconsciente no pódio, de cara no chão.

Só então Rocket tirou seu dedo desconcertantemente humano do controle de toque.

– Sempre penso – ele diz, saltando do trono – que é muito, muito melhor dar do que receber.

– Eu sou Groot – Groot responde, levantando-me e tirando o pó que havia sobre mim.

– Sim, foi uma estratégia muito boa – respondi. – E fiquei mais do que feliz em mantê-la falando enquanto você propagava um novo sistema de raízes.

Groot sorriu. Ele já havia se soltado da raiz destruída. Pegou o martelo do poder da acusadora caída e testou seu peso.

– Eu sou Groot – ele riu novamente.

– Bem, é melhor – gritou Rocket ao chegar à escotilha. – Acho que você vai precisar dele.

A distância, ouvimos alarmes soando, mas não eram para nós. Pelas subvibrações do chão, soube que a nave de batalha teve de interromper a subluz e estava fazendo uma curva fechada. Estávamos prestes a encarar o megadestróier badoon que estava atrás de nós. A energia principal iria circular dos controladores de dobra para as baterias das armas, sistema de escudos e campos de aniquilação de matéria.

Um campo de batalha completo entre duas naves de guerra couraçadas estava a segundos de ser formado.

– Hora de fazer um projeto de papel de parede um tanto quanto progressivo – Rocket gritou – e dar o fora daqui!

Ele apertou o painel de ativação e abriu a enorme escotilha.

E lá ainda estava, é claro, a sentinela.

A sentinela grande e polida #212 dominava toda a passagem para fora da câmara de exame como um trem do metrô parado em um túnel. Ele olhou para nós com suas sobrancelhas de besouro e emitiu uma retumbante indagação eletrônica.

Rocket bateu a escotilha novamente. Ele olhou para mim e Groot.

– Ah, é, hahaha! – ele zombou. – Esqueci desse cara. Vamos repensar.

Olhou para o canhão de unirraio que havia confiscado. Era uma arma poderosa, o rifle padrão de batalha de um kree – tão renomado, confiável, bom e ubíquo quanto o AK-47 da sua Terra, gentil leitor; ou o Tafstehl 190 dos shi'ars; ou o Urzenta-plazmnaar dos z'nox; ou o Ssh-tsss 8-11 dos sssth; ou o Kaar Delta Delta Hash Supressor de Vida Sob-e-Sobre Sem Coice Subrifle de Combate (padrão "votok") com punhos cortados, gerador de fusão e sistema de montagem de trilho dos ergons; ou o…

Você já entendeu. Estou nervoso. Eu tagarelo quando estou nervoso.

O canhão unirraio é uma arma poderosa. Mas não faria mais do que um pequeno amassadinho na lataria de uma sentinela kree.

– Eu sou Groot! – Groot decide.

– Tem certeza? – pergunto, surpreso.

– Ei, faça o que você sabe fazer, esse é o meu lema! – Rocket respondeu.

Ele ergueu uma mão desconcertantemente humana até o ativador da escotilha.

– Pronto? No três. Um, dois…

Ele apertou o ativador.

A enorme escotilha abriu novamente.

A sentinela ainda estava lá, olhando feio para nós. Devia estar olhando feio para a escotilha nesse meio tempo.

Eu só posso dizer, gentil leitor – de forma a colocar uma imagem da Cultura Humana reconhecível em sua mente com a qual você possa se relacionar – que Groot, por um momento, lembrava os jogadores de baseball Babe Ruth, Ty Cobb, Ed Delahanty ou Tony Gwynn.

Ele se preparou – pés em posições separadas, peso no pé de trás – e ergueu o martelo do poder, bem seguro em suas duas mãos. E então começou a girá-lo – dando um largo passo para a frente com seu pé dianteiro, girando sua cintura, mantendo os cotovelos rentes ao seu corpo. O pé de trás se erguendo.

Um círculo fechado. Um perfeito e nivelado golpe.

A cabeça do martelo do poder da acusadora atingiu o meio da placa peitoral da sentinela. O mecanismo da cabeça do martelo pulsou sua luz verde quando ele o atingiu, amplificando a força cinética do golpe – que já era bem considerável na verdade – com uma carga reforçada de energia negativa.

Houve um estalo, como se todos os relâmpagos do Universo soassem ao mesmo tempo. O choque lançou Rocket e a mim para trás.

O impacto atirou a Sentinela #212 por todo o corredor espelhado até cair lá fora, suas mãos tentando se agarrar e arranhando toda a parede polida.

– *Touchdown!* – exclamei.

Rocket olhou para mim.

– Esporte errado? – perguntei. – Desculpe, eu estava nervoso e, portanto, confuso.

– Vamos nessa! – Rocket berrou.

Ele foi à frente. Groot o seguiu, e eu segui Groot.

Já estávamos a meio caminho no corredor polido quando a sentinela reapareceu na outra ponta. Cambaleava levemente, como se estivesse atordoado. Havia um amassado em forma de cabeça de martelo em sua placa peitoral.

– Ops! – exclamou Rocket, deslizando e ficando entre as pernas de Groot ao brecar. Com passos enormes e retumbantes, a sentinela iniciou o ataque contra nós. Ainda mais do que antes, ele lembrava um trem do metrô dominando um túnel, correndo em nossa direção. Não é uma visão que fico

feliz de ter registrado. Às vezes ela é reproduzida durante a noite e me mantém acordado.

Groot manteve-se no lugar e apertou suas duas mãos no cabo do martelo do poder. Ele o puxou para trás, pronto para girá-lo. A sentinela em ataque ergueu suas imensas mãos e elas brilharam de energia. Ele iria transformar Groot em gravetos antes mesmo de conseguir golpeá-lo com o martelo.

Então dei um passo à frente e deslizei adiante de Groot e encarei a sentinela kree.

– Eu sou Groot!

– Sei que estou no seu caminho! – respondi. – Sei o que estou fazendo.

{Esperava que soubesse mesmo.}

A sentinela parou abruptamente a apenas alguns passos de mim. Ele abaixou as mãos e o poder delas desapareceu. Emitiu um rugido eletrônico de perplexidade.

– Sim, Sentinela #212, sinto muito por isso – falei. – Mas eu ouvi as ordens da acusadora claramente. Eu devo ser recuperado sem danos e levado à acusadora intacto. Você não deve me ferir. Você está livre para obliterar meus companheiros, mas já que estou parado no caminho, você não pode. Não é?

Ele pensou nisso. Rosnados eletrônicos foram ouvidos dentro de sua cabeça. Ele ergueu uma enorme pata para atirar em Groot por sobre meu ombro. Eu dei um passo ao lado para bloquear o raio. Ele baixou a mão.

– Estou no caminho e você tem ordens de não me ferir.

Ele rosnou.

– Tenho certeza que é confuso, todos esses comandos e contracomandos, mas na verdade é bem simples – eu disse. – Recue e fique longe.

Ele não o fez. Pelo contrário, me pegou, me ergueu e me colocou atrás dele.

– Droga! – reclamei. Não esperava por essa.

Agora de frente para os desprotegidos (por mim) Rocket e Groot, ele ergueu suas enormes mãos e liberou um disparo brilhante da energia de unirraio. Porém (e só descobri isso depois), enquanto eu estava sendo valente e tudo mais, Groot estava examinando e mexendo com o martelo da acusadora atrás de mim. Além de seu óbvio uso primário (ou seja, bater nas

coisas com uma força tremenda), ele tinha muitas outras características embutidas nos controles do cabo.

Assim que a Sentinela #212 atirou, Groot já estava pronto, o martelo erguido na frente dele na posição vertical, seguro por suas duas mãos.

Ele girou o cabo com uma delas, mantendo a outra no lugar, e o reconfigurou. O martelo então projetou uma barreira de energia negativa.

O tiro do unirraio atingiu o martelo. A barreira o conteve. Houve uma explosão de energia bloqueada, brilhando contra o apertado e espelhado confim do corredor. As placas polidas da superfície das paredes, chão e teto, a partir da barreira de Groot, voltaram na direção da sentinela, estilhaçando-se feito vidro, numa onda de explosões consecutivas, revelando a estrutura feia da arquitetura da parede e o sistema de ferros escondidos abaixo das placas do chão.

O ricochete de sua própria arma atingiu a sentinela com força.

Groot usou isso como vantagem, girando o cabo do martelo para "Carga Negativa Máxima", e deu outro golpe.

Ele o atingiu, dessa vez, na mandíbula da sentinela, esmagando sua cabeça para o lado e desencadeando força negativa cinética ampliada o suficiente para lançar a fera robótica para o final do corredor uma segunda vez.

Infelizmente, dessa vez eu estava parado inocentemente atrás da sentinela enquanto ele era lançado para trás. Me atingiu como um canhão. Fomos propelidos juntos.

– Eu sou Groot! – escutei Groot gritar horrorizado.

Não respondi, já que estava ocupado sendo lançado violentamente e emitindo um berro digital altamente agudo de susto. Tão agudo, de fato, que eu fiquei bastante envergonhado por isso.

Carregados pela força do golpe, a sentinela e eu saímos do corredor agora arruinado e voamos pela vasta cavidade escura até a câmara dos motores.

Sabe aquelas passarelas estreitas, gentil leitor? Aquelas sem corrimão que eu mencionei?

É, bem, nós quicamos e deslizamos por uma dessas, a enorme sentinela em cima de mim por quase todo o caminho. O vasto compartimento bocejava abaixo de nós, as unidades controladoras pulsantes se estendendo para todos os lados como uma enorme cidade lá embaixo.

E então, inevitavelmente, deslizamos para além dos limites da passarela.

E eu caí.

Algo agarrou meu pulso esquerdo e impediu minha queda. O impacto quase deslocou meu ombro.

Olhei para baixo. Centenas de unidades de distância abaixo de mim, as unidades controladoras e os impulsores de negatividade e subgeradores pareciam telhados de uma cidade vista das alturas. Eu sabia que, um segundo mais tarde, estaria em queda por um longo tempo e então viraria caquinhos com o impacto. Engenheiros pequenos, do tamanho de um grão de poeira, olharam para cima e gritaram coisas que eu estava longe demais para ouvir.

A distância abaixo de mim era... *aterrorizante*.

Olhei para cima. A sentinela estava se segurando na borda da passarela com sua mão direita e agarrando meu braço direito com sua mão esquerda. Ainda estava obedecendo as ordens de me manter intacto.

Por um momento, gentil e fastidioso leitor, senti gratidão, até mesmo afeição, por ele. Estava tentando me salvar. Ainda que fosse apenas por conta das ordens duras de uma acusadora kree, ele tentava me proteger.

Suas sobrancelhas de besouro estavam retas. Ele queria me salvar. Precisava me salvar, de modo a conseguir cumprir suas instruções.

Mas sua mão direita estava cedendo, dedo a dedo.

Estava escorregando.

Estava *escorregando*.

Senti que ele tentava iniciar e reiniciar seus sistemas de propulsão internos, para nos tirar dali voando. Mas o golpe de martelo dado por Groot o tinha danificado internamente, e o sistema de voo não disparou.

Nós íamos cair. Ele estava prestes a soltar a mão, e iríamos ser lançados para nossa perdição.

A Sentinela #212 emitiu um grunhido eletrônico. Com o excesso de esforço, sua mão rapidamente cedeu, e ele lentamente ergueu o braço esquerdo junto comigo. Ele estava tentando me erguer até a passarela.

– Eu agradeço mesmo por isso – digo enquanto passo em frente ao seu rosto.

Ele ruge.

A borda da passarela estava ao alcance. Eu a agarrei com as duas mãos e me pendurei, balançando.

A mão direita da sentinela se soltou. Ele caiu, soltando a mão esquerda

de mim.

Pendurado na passarela com as duas mãos, olhei para baixo e vi a sentinela caindo de costas, olhando para mim, sem expressão. A queda era tão grande que ele teve tempo suficiente de se virar duas vezes antes de atingir o chão.

E, cara, como *atingiu*.

Ele atingiu o bloco da unidade de controle nº 17, estilhaçando a proteção de cristalflex como uma bola de demolição lançada sobre uma estufa.

Os campos de contenção dos controladores falharam na mesma hora, e houve uma rápida e explosiva liberação de energia negativa que imolou a sentinela e se expandiu para os lados, incinerando todos os engenheiros do tamanho de um grão de poeira que estavam perto. O choque da explosão atingiu as unidades de controle vizinhas, fazendo com que mais duas se rompessem e explodissem.

Eu mal podia me segurar. A câmara inteira, a própria nave, sacodiu com uma força maior do que qualquer coisa que o ataque badoon que estava prestes a acontecer poderia causar.

Nuvens flamejantes de gás de energia negativa subiram, ondulantes e incandescentes, vieram de baixo e engoliram minha pendurada e balouçante forma. A onda de choque me atingiu.

Acabei me soltando.

20

A MAIS MORTAL

EU CAÍ.

E eu parei de cair com um solavanco.

Foi doloroso.

Uma mão segurou meu pulso no último momento e me salvou.

Lenta, muito lentamente, me puxou de volta para a passarela. Abaixo de mim, a câmara do controlador estava em chamas. Explosões e subexplosões ocorriam em um sistema depois do outro.

Deitei de frente na passarela, meu pé balançando por sobre a beirada, tentando recobrar minha compostura. Agora que a havia olhado nos olhos, eu não gostava da morte certa.

– Obrigado – arfei. – Obrigado, Groot. Obrigado.

– Groot? – disse uma voz dura. – Eu não sou Groot.

Eu não pude pensar em ninguém, leal leitor, que pudesse ter me salvado daquela maneira no último minuto a não ser Groot. Quer dizer, Rocket poderia ter tentado (embora eu duvidasse disso), mas mesmo com suas mãos desconcertantemente humanas, ele não teria força suficiente na parte superior de seu corpo para me puxar.

Rolei, olhei para cima e vi a fêmea humanoide mais impressionantemente bela que jamais havia registrado olhando para mim.

– Você acabou de dizer… Groot? – ela perguntou.

– Sim – respondi. – Sim, creio que disse.

– Eu não sou Groot.

– Certamente não é.

– Ele… está aqui? – perguntou. Ela sacou duas espadas, uma em cada mão. Sempre acho que uma espada é supérfluo. Duas parecia excessivo. Com

quantos inimigos essa mulher encapuzada, camuflada e de pele lindamente esverdeada achava que teria de lutar de uma só vez?

Me levantei ao lado dela.

Fomos iluminados pelas chamas furiosas na sala de máquinas abaixo. Ela me olhou desconfiada. Sua pele era verde. Seu longo cabelo era negro e liso, e havia um tom amarelado na pele em volta de seus olhos de caçador sem pupilas. Ela estava usando uma armadura de couro negro aparado em aço que se ajustava à sua forma, botas longas e um toque picante de meia arrastão em torno de seus braços e coxas. Será que alguém é realmente capaz de entrar em combate vestido desse jeito?

Presumo que ela seja – a não ser que aquilo fosse algum tipo de disfarce, ou uma assassina sexygrama enviada para o endereço errado. Ela era indubitavelmente linda, quase de tirar o fôlego *{e eu verifiquei, gentil leitor, diversas vezes minha análise de escala comparativa de qualidade estética. Possivelmente muitas vezes mais do que seria tecnicamente necessário}*, mas também parecia bastante... qual é a palavra? Capaz? Determinada? Letal? Uma doida psicótica desarranjada problemática e doidinha? *{Admito que foi mais do que uma palavra}*

Rocket e Groot irromperam do corredor e brecaram, deslizando até parar ao vê-la. Eles pareciam mais horrorizados ao fitá-la do que ao se deparar com a reação em cadeia de fúria explosiva na câmara dos controladores abaixo de nós.

– O que *você* está fazendo aqui? – Rocket questionou.

– É um trabalho remunerado – ela respondeu abruptamente. – O que *vocês* estão fazendo aqui?

– Coisas! – ele respondeu. – Coisas de Guardião da Galáxia. E você?

– Já lhe disse – ela grunhiu. – D'ast! D'ast! Não era desse jeito que eu queria que as coisas acontecessem! Vocês estão com ele? – inquiriu, apontando para mim.

– Na verdade, eles estão comigo – comecei, suavemente.

– Sim, o robô está com a gente! – Rocket gritou. – Suponho que você vá me dizer que flark está fazendo aqui, Gamora, porque não me parece qualquer tipo de guarda da galáxia que *eu* conheça!

– Ah, certo, e tenho certeza que você está aqui por razões puramente altruísticas e não financeiras! – ela retorquiu.

– Eu *sabia* que não devíamos ter separado a equipe! – Rocket gritou.

– Somos as únicas coisas que impedem um ao outro de ficar flarkeando as coisas por aí!

– Os Guardiões da Galáxia não estão "separados" – ela declarou.

– Estamos em um *hiato*!

– Eu sou Groot! – Groot anunciou.

– Ele acabou de dizer "Hiato o cacete?" – a fêmea, Gamora, perguntou acidamente.

– Não, na verdade ele perguntou "*Qual* hiato?" – eu apontei prestativamente.

Ela olhou para mim. Ela tinha duas espadas. Eu me calei.

Bem abaixo de nós, algo realmente importante explodiu.

– Flark – ela disse. – Flark, flark, *flark*. Por que *vocês* tinham de estar envolvidos?

No começo, achei que houve um eco. E então me dei conta de que Rocket Raccoon estava dizendo precisamente a mesma coisa ao mesmo tempo.

Houve uma longa e significante pausa. Um manto fervilhante de energia negativa, ardendo como uma nuvem de cogumelo nuclear, expandiu-se na parte superior da câmara de controladores dos dois lados da passarela, lançando faíscas sobre nós. Cinzas pousaram na passarela, crepitando.

– Eu vim por esta unidade gravadora – ela falou.

– Você não pode tê-lo – respondeu Rocket. – Ele é nosso.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Uma boa pergunta – Rocket concordou. – Para quem você *está* trabalhando?

A fêmea, Gamora, hesitou.

– Isso é confidencial.

– Assim como esse canhão – declarou Rocket ambiguamente.

Ela riu para ele, zombando. Ele tinha um canhão, ela tinha espadas. *Duas* na verdade. Mas sério, nenhuma disputa? Eu não conseguia explicar a confiança dela. Ou a prudência genuína que eu detectei nos olhos de meus dois amigos.

– Bem, podemos ficar o dia todo aqui colocando o papo em dia – comentei. – Mas vamos acabar morrendo por exposição à radiação negativa. Presumindo que a nave não exploda antes disso.

Rocket e Gamora olharam para mim ferozmente, como sistemas de mira.

– Só estou falando – fiz um gesto de acanhamento passivo com minha

mão. – Parece que estamos, se não na mesma página, então pelo menos não mais do que um capítulo separados. Vocês claramente conhecem um ao outro. Será que não poderiam, sei lá, trabalharem em conjunto, para que possamos nos retirar dessa...

Olhei por sobre a beira da passarela para o inferno abaixo. Senti vertigem e desviei o olhar.

– ... *morte certa?* – finalizei.

– O cara tem razão – disse Rocket. Me senti feliz por dentro: sou considerado *um cara*. Secretamente tive esperanças de que a fêmea ficasse impressionada.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Tá certo – completou Gamora. – Por enquanto. Apenas por enquanto.

E foi assim que nós três nos tornamos nós quatro.

Por enquanto, pelo menos.

21

É ASSIM QUE SE
PARECE UM CAMPO
DE BATALHA
ESPACIAL

A NAVE DE BATALHA DO IMPÉRIO ESTELAR KREE Orgulho de Pama entrou lentamente em espaço de subluz, disparando seus propulsores posicionais. Era uma nave imensa – uma gigantesca forma quadrada com a dianteira retangular, exaustores cintilantes na popa e um apoio para aríete de combate na proa. Possuía duas largas asas apontadas para trás que davam suporte a suas enormes naceles de dobra ancilares. Fora construída para o espaço sideral. Não havia nada de aerodinâmico ou atmosférico nela. Era, tanto em escala quanto em design, tão capaz de voar quanto uma cidade. Tinha mais de três unidades de distância de profundidade e pesava mais de oito bilhões de unidades de massa.

E também estava e não estava ali. Seu escudo de camuflagem – a aura de negatividade – estava piscando, revelando-a esporadicamente em parte ou no todo. Rapidamente, ele falhou de vez. A nave de batalha havia sido danificada pelos torpedos antimatéria de seus inimigos, e uma das câmaras de controladores estava vivenciando uma inesperada e catastrófica falha. O capitão, um experiente nobre kree de nome Kris-Gar, estava em pé na espaçosa ponte, gritando ordens e tentando estabilizar sua nave. Ele sabia que ela estava danificada, e que seu poder estava comprometido. Ele estava tentando desligar o controlador danificado e canalizar a energia disponível para os campos e armas.

As baterias de unirraio não iriam dar conta, as equipes de armas se esforçavam freneticamente para diminuir o tempo de reação. As sirenes soaram. Os cartuchos automáticos carregaram os tubos frontais com mísseis de negatividade. A arma primária da nave de batalha – um enorme projetor

de unirraio em megaescala que atira de um exaustor brilhante e protegido por grades abaixo da proa – começou a brilhar enquanto ganhava energia.

A nave ergueu seus escudos.

Bem a tempo.

O megadestróier badoon Irmandade de Guerra saiu da velocidade de dobra para encará-la, formando um halo de energia distorcida despejada pela energia da dobra. Tinha uma tonelagem de seis bilhões de unidades de massa, e lembrava um sapo aerodinâmico, polido e brilhante, com naceles de dobra no lugar dos membros. Suas armas surgiram como verrugas em seu casco-pelo. O sapo abriu sua boca – a principal baia de artilharia frontal – e começou a cuspir torpedos antimatéria e pulsos de plasma explosivo.

O fogo de barragem começou com a chuva de raios plásmicos amarelos e alguns mísseis, e então o megadestróier aumentou sua cadência de tiro até que estivesse cuspindo uma ofuscante e indiscriminada tempestade de ogivas e raios de plasma na nave de batalha kree. O ataque era torrencial. A luz florescia, iluminando as partes dianteiras de ambas as naves e lançando as seções traseiras numa forte sombra.

Tudo isso acontecia, é claro, no mais completo silêncio do vácuo espacial.

Os escudos da nave kree se mantinham firmes. Telas invisíveis de potente energia negativa se dobravam e estremeciam, revelando ondas visíveis que partiam dos pontos de impacto como se o escudo fosse água. Mas a energia negativa é uma força potente, e os escudos não se romperam.

A nave badoon com jeito de sapo ativou centenas de baterias secundárias de suas verrugas dianteiras. Elas também começaram a atirar – lancetando deslumbrantes raios de fogo méson. Onde os contínuos raios atingiam os escudos krees, eles começavam a deformar e arranhar, penetrando como lanças incandescentes, buscando por uma fraqueza energética ou uma crucial sobreposição do escudo.

O Capitão Kris-Gar conseguira estabilizar sua nave. Equipes robóticas ainda batalhavam para conter o fogo no compartimento de controladores danificado. Mas a engenharia havia sido bem-sucedida no fechamento do compartimento de links de transmissão e de outras câmaras de controladores importantes, permitindo que as unidades controladoras remanescentes ressincronizassem e operassem em harmonia sem a incapacitante interrupção de uma ligação danificada em seu elo. Embora

houvesse perdido todo um conjunto de controladores, Kris-Gar tinha outros cinco de reserva e operando, ao mesmo tempo, com o máximo de eficiência.

Era hora de o Império Estelar Kree contra-atacar.

Kris-Gar ordenou aos oficiais de comunicações que cessassem as transmissões de alerta que exigiam que os badoons desistissem e parassem o ataque.

Eles haviam deixado bem claro que não fariam isso.

Ele gritou uma série de comandos para os Capitães da Ordenança. Nas grandes estações de mira na parte frontal da imensa ponte da nave de batalha, oficiais da armada kree de uniformes negros e capacetes negros reluzentes autorizaram os vetores de mira que já haviam computado.

A Orgulho de Pama começou a revidar o fogo.

Sua bateria primária, o projetor de unirraio em megaescala, arrotou e começou a pulsar. Disparou massivos e lentos raios de energia com frequências negativas para atravessar os campos de força da nave de batalha. Junto com esses enormes raios, a nave de batalha kree lançou seis grupos de mísseis de bombas negativas, esquadrões de dardos prateados. Estes também eram codificados negativamente para passar sem interferência pelos escudos de negatividade. As baterias de unirraios secundárias começaram a disparar; múltiplas cargas reluziam iluminando o casco da nave de batalha como luzes de Natal piscantes.

O contrabombardeio kree irrompeu na direção do megadestróier badoon. O Irmandade de Guerra erguera seus próprios escudos, uma armadura invisível de pulsos de bloqueio quark que permitia a suas armas descarregar com sucesso por meio de uma segunda picossincronização entre o disparar e o pulso do escudo.

Quando os disparos krees atingiram os escudos badoons, eles não formaram ondas como água. Eles se deflagraram e estilhaçaram como espelhos, reparando-se instantaneamente. Os disparos de unirraio queimavam as superfícies do escudo – sua energia se dissipando infrutiferamente como a líquida e viva chama das onipotentes cortinas de fogos.

Quando os pequenos dardos prateados os atingiram, imensas flores de energia irromperam no momento em que suas ogivas de bombas de negatividade detonaram. Essas explosões iluminaram e se mantiveram

acesas como pequenos sóis, borbulhando em pequenos grupos. O megadestróier estremecia conforme seus escudos absorviam os golpes.

Ambas as naves descarregavam todo o seu poder de fogo uma na outra a menos de oitocentas unidades de distância. Em termos de guerra espacial, eram como atiradores – cara a cara, disparando à queima-roupa. Nos primeiros vinte segundos de combate, as duas imensas naves de guerra haviam desperdiçado energia equivalente ao consumo anual do planeta Terra.

Mantiveram o fogo. Era uma batalha pelo desgaste. Não havia espaço ou tempo para sutilezas ou manobras hábeis, nenhuma chance de um vencer o outro por movimentos táticos. Essa batalha seria enérgica e extenuante, como dois exércitos antigos colidindo um contra o outro em um campo chuvoso, atingindo-se implacavelmente sem piedade até que um dos lados estivesse completamente destruído.

E um lado *teria* de ser destruído. E era impossível saber qual seria, ou prever se o fim daquilo se daria em minutos ou em horas. Era uma questão de eficiência do poder de tiro, sustentabilidade das fontes de energia, confiabilidade dos escudos e reserva da ordenança.

E força de vontade.

E sorte.

Uma coisa pequena, um pequeno erro, faria toda a diferença. Uma pequena falha mecânica. Um cálculo malfeito. Um erro do computador. Uma minúscula rachadura ou fenda no escudo. Um ângulo de sorte ou um tiro de sorte.

E quando chegasse o fim, para um ou para ambos, seria repentino e desastroso.

• • • •

O combate foi intenso o bastante para gerar um valor fotônico equivalente ao de uma pequena supernova. O combate também estava perto o suficiente de inúmeros mundos civilizados para que eles, tão rápido quanto a velocidade da luz podia permitir, observassem o espetáculo em seus céus ou por meio de seus telescópios astronômicos ou antenas de escuta. Várias espécies vivenciaram situações de pânico em massa ou

distúrbios públicos, temendo que a nova estrela anunciasse a chegada de alguma ameaça cósmica massiva como o Grande Devorador, ou sinalizasse uma invasão alienígena. Outras, observavam e esperavam, temerosas, preparadas para o pior. Os supersticiosos habinax de Quelta Menor estavam tão certos de que a nova estrela era um presságio de seu julgamento final, que evacuaram o planeta em cinco naves, fugiram e nunca mais voltaram para casa.

Os igualmente supersticiosos – mas mais otimistas – gangarthanos de Gangarthid Tri observaram a nova estrela e sorriram. Por acaso ela apareceu em uma casa providencial de seu zodíaco celestial, em uma data propícia, e apenas seis dias depois da coroação de seu novo rei, Hosux. Os gangarthanos estavam em um nível de avanço pré-industrial e ainda não haviam obtido tais maravilhas tecnológicas como viagens espaciais, teletransporte ou Facebook. Eles viram a luz de uma guerra mortal como um bom presságio. Assim, exuberantes e exaltados, se sentiram inspirados a iniciar uma nova era de paz e avanço civilizado que viu mais templos esplêndidos, monolitos e pirâmides construídas no longo e benevolente reinado de Hosux do que em qualquer período anterior, lançando as bases culturais que, lá pelo século XXIV (na escala da Terra) os veria crescer e se tornar uma das mais poderosas, civilizadas e conhecidas raças da galáxia.

Portanto, às vezes, as totalmente horríveis, completamente mortais e hipertensas guerras espaciais tinham um lado bom.

Especialmente se você estiver a uma distância razoável delas.

No entanto, se você estiver no meio dela…

22

ENQUANTO ISSO
(PRECISAMENTE AGORA,
NA NAVE DE BATALHA KREE
ORGULHO DE PAMA...)

– BOM, CERTO, *primeiro* – disse Rocket Raccoon –, acho que devemos correr.

Isso soou para todos nós, inclusive Gamora, uma boa ideia. As chamas no compartimento de controladores abaixo estavam se alastrando ainda mais. Podíamos sentir a intensidade, e eu juro que os pelos de Rocket estavam começando a se enrolar por conta do calor. E, também, a passarela onde estávamos – acredito, gentil leitor, que mencionei anteriormente que ela *era completamente sem corrimões* – começava a chacoalhar.

Uma rachadura surgiu na superfície. Tentei não registrar a rachadura nem gravar como ela estava *aumentando*. Mas, você sabe, uma vez que se *vê* algo...

– A questão é: para onde – falou Rocket. Ele olhou para Gamora. – Você entrou aqui? Como planejava sair?

– Tenho uma pequena nave – ela respondeu. – Pousei-a no hangar Beta-K.

Essa declaração já abria margem para muitas perguntas. Como ela entrou escondida com uma nave sem que os krees notassem? Como ela havia feito isso enquanto a nave de batalha estava em alta dobra? Que tipo de piloto poderia efetuar tal proeza? E, mesmo que ela conseguisse interceptar e entrar escondida em uma nave de batalha viajando em alta dobra sem ser vista, como em nome de flark ela sabia a localização da nave de batalha, já que ela estava camuflada, incógnita, em uma aura de negatividade?

Como ela sabia onde *me* encontrar?

{Um esclarecimento, caro leitor. Eu não pretendia usar linguagem chula. Eu apenas a relato, fielmente, como sai das bocas de meus companheiros nesta

história. E o faço simplesmente para manter a veracidade e a autenticidade de meu registro. Não tenho desejo de ofender, apenas registrar a absoluta verdade de minhas experiências. Entretanto, notei, com alguma frustração, que usei a palavra "flark" no parágrafo acima. Foi um deslize. Me punirei por isso mais tarde, se eu ainda estiver vivo e funcional. Acredito, apesar desse período ter sido breve, que estive por muito tempo na companhia de Rocket Raccoon e acabei adquirindo alguns maus hábitos.}

– Ah, bela infiltração – observou Rocket, impressionado. – Você interceptou e pousou em alta dobra? Leee*gaaal*. Espere, como você sabia que estávamos aqui?

– Eu não sabia onde você estava – respondeu Gamora. Ela apontou para mim. – Eu sabia onde *aquilo* estava.

Fiquei ofendido. Passei de "um cara" para "aquilo" em menos de cinco minutos!

– Eu sou Groot! – Groot exclamou.

– Exatamente! – concordou Rocket. – Como você sabia onde *aquilo* estava?

Agora ele também estava apontando para mim, do mesmo jeito "ele não é uma pessoa de verdade afinal, apenas um objeto".

– Eu tenho meus meios – retorquiu Gamora. E sorriu. Um sorriso capaz de matar coisas pequenas e fofinhas.

– Prossiga – Rocket apressou, perseverante.

Bolas de fogo brotaram ao nosso redor atingindo o teto do compartimento, lançando cinzas e destroços. A passarela estremeceu. A rachadura aumentou.

– Acho que não é hora nem lugar para escrutinar minha metodologia, não é? – Gamora perguntou.

Rocket suspirou, frustrado.

– Tá bom, Gam – concordou. – Apenas me dê uma dica. Seja lá como você tenha descoberto onde o garoto-gravador estava, como você conseguiu entrar escondida em uma nave de flark batalha kree em alta dobra sem ser notada?

– Eu os distraí – ela disse. – Eu sabia onde o *garoto-gravador* estava...

Ela olha para mim, e subitamente tenho uma acachapante impressão de que "garoto-gravador", pensando bem, era uma evolução de "cara".

– E então eu disse aos badoons. Sei que aqueles barrigas de lagarto o

estavam caçando também. Sabia que se desse a eles a localização, eles iriam providenciar uma ampla distração e manteriam os krees ocupados pra flark, tanto que eu poderia entrar sem que ninguém percebesse.

– Ampla distração? *Ampla distração?* – Rocket explodiu, parecendo bastante distraído. – Ampla distração na forma de um *megadestróier* da Irmandade de Guerra? Você está louca?

Ela meio que dá de ombros, como se fosse uma pergunta retórica.

– Você contou aos d'ast badoons onde nós estávamos?

– Não – ela respondeu cuidadosamente. – Eu contei aos d'ast badoons onde o *garoto-gravador* estava. Eu não sabia onde *você* estava.

– A... hummm... passarela está, na verdade, rachando – me aventuro a dizer.

– O garoto-gravador está certo – diz Rocket. De alguma forma, isso não soa tão sedutor vindo dele. – A Beta-K está nos fundos, certo? Vamos encontrar sua nave, dar uma de sensatos e zarpar daqui!

"Nos fundos" significava voltar pela passarela na direção da câmara de exame, seguir a escadaria para baixo e entrar novamente no corpo principal da nave. Quando nos viramos, Sharnor, a Acusadora, apareceu na extremidade da passarela. Dizer que ela não parecia feliz é o mesmo que dizer que um tanque de guerra não é conveniente para um passeio pela cidade.

– Você! – sua voz trovejou pela passarela, de modo acusatório.

– Você irá *pagar!*

Gamora ergueu as espadas.

– Esqueça, Gam! – Rocket gritou. – Ela é *uber*-acusatória! Ela vai te machucar bem-machucada!

– Eu sei como é bem-machucada – Gamora respondeu. De todo modo, ela estava pronta para cair em cima da acusadora. Acho que eu estava ficando um pouquinho apaixonado.

– Eu sou Groot!

– Exatamente! Para o outro lado! Corra para o outro lado! – Rocket gritou. – Corra *muito rápido!*

Nós corremos. Gamora hesitou, e depois nos seguiu. Rocket se virou e disparou dois tiros de seu canhão de unirraio sequestrado.

Os tiros atingiram a acusadora e a fizeram cair de joelhos. Em seguida ela se levantou novamente. Não sei ao certo do que são feitos os acusadores,

mas colocaram algum extra quando fizeram Sharnor.

Chegamos à escotilha na extremidade da passarela. Estava começando a fechar, as luzes de perigo piscando. O capitão da nave finalmente decidira bloquear o compartimento de controladores em chamas e se livrar dele por medo de um efeito cascata. Escutei o estalar dos enormes ferrolhos desengatando, prontos para ejetá-lo.

Rocket saltou, passando pela escotilha e me puxando atrás dele.

Groot e Gamora se viraram para encarar a acusadora, que se arremetia contra nós. Ela estava a centenas de metros, mas ganhava velocidade.

Groot agarrou a alarmada Gamora e virtualmente a lançou pela escotilha que se fechava lentamente. E então ergueu o martelo e golpeou a passarela.

A onda de choque se estendeu para os lados. A passarela se estilhaçou, caindo no espaço em chamas abaixo. Sharnor deslizou até parar na beirada quebrada do lado onde estava e uivou em fúria. Groot arremessou o martelo para ela, e então se virou e mergulhou, com surpreendente agilidade, atravessando a escotilha pouco antes de ela se fechar. Deixou raminhos quebrados atrás de si.

Fomos enganados pela visão de Sharnor, a acusadora sendo atingida na cara por seu próprio martelo do poder.

A escotilha fechou com um pesado estalo. Nós nos recompomos e começamos a correr.

– Você também tem uma nave? – Gamora perguntou.

– Ei, é *claro* que temos uma nave – Rocket respondeu. – Lá no hangar principal.

– E como vamos fugir nela? – perguntei. – Quero dizer, já que a nave da Tropa Nova não foi capaz de escapar do raio-trator dos krees antes?

Por sobre o ombro, ele me lançou outro olhar penetrante.

– Nós improvisamos, garoto-gravador! – ele gritou.

E nos encontramos tendo que improvisar bem mais repentinamente.

Uma equipe armada de Guerreiros Krees de alta patente nos esperava. Rocket começou a se proteger e a atirar, derrubando dois deles. Groot socou outro com tanta força que ele ricocheteou no teto. Gamora...

Bem, gentil leitor. Eu tento registrar tudo, nos mínimos detalhes, mas talvez isso seja demais para você. Gamora tinha duas espadas. Isso é tudo (aparentemente, embora ela tivesse algumas armas adicionais). Duas

espadas contra uma onda de Guerreiros Krees, blindados e completamente armados com canhões de unirraio.

Deveria haver apenas uma maneira de as coisas acontecerem.

Mas não foi desse modo.

Eu falhei, por conta da falta de informação, em considerar um detalhe.

Gamora é a Mulher Mais Mortal do Universo.

O que aconteceu em seguida é um borrão. Rocket estava gritando e atirando (com alguma eficiência). Groot estava se movimentando e socando. Os Guerreiros Krees estavam atacando e disparando. Tiros de Unibeam beijavam as paredes, teto e chão.

Eu tentava me proteger e me lamentava.

{Devo incluir todos os detalhes neste registro. E estou extremamente envergonhado de mim mesmo.}

Gamora... Gamora *saltou*. Ela caiu no meio deles, derrubando-os, lançando-os para os lados, fazendo-os rolar, surpresos.

Ela era o borrão.

Os Guerreiros Krees são alguns dos mais fortes e bem treinados humanoides de guerra do quadrante, mas ela ceifou todos eles. Suas lâminas se moviam tão rápido, que não deixavam nada para trás a não ser esguichos de sangue arterial em seu caminho. Membros voavam, corpos eram mutilados, cabeças rolavam. Canhões de unirraio caíam, as mãos de seus antigos donos ainda agarrando e disparando-os. Sangue kree inundava o corredor, repintando-o. Aqueles que ela não cortava e fatiava, ela chutava e socava. Esmagava cabeças contra muros, enfiava o joelho em virilhas, quebrava esternos e partia espinhas. Suas espadas desmembravam. Os mortos, agonizantes e já-não-mais-completos-como-haviam-sido-antes caíam em seu rastro assassino.

Quando a espada de sua mão esquerda se alojou em um crânio tão profundamente que ela não conseguiu arrancá-la dali, ela a abandonou, abaixando-se para evitar os disparos das armas de unirraio e sacando uma pistola estripadora mobiana. Projéteis farpados saíram assobiando dela, retalhando mais seis krees. O sangue das feridas espirrava nas paredes e no chão. As lâminas atravessavam com um corte limpo os corpos blindados e se fincavam nas placas da parede.

Ela atirou até esvaziar o cartucho.

Finalizou os últimos com sua lâmina remanescente.

E, então, ela se virou e olhou para nós, feroz e agachada. Gotas de sangue decoravam sua face como joias.

– Vocês vêm? – ela perguntou.

– Adoro quando você está do nosso lado – Rocket disse, secando o sangue que havia espirrado em sua pelagem brilhante.

– Eu sou Groot – Groot disse. Entregou a ela sua outra espada, que ele havia retirado, com um puxão nojento, do guerreiro onde estivera alojada.

Gamora a aceitou com um aceno de cabeça.

– Vamos lá! – Rocket apressou.

Eu parei. Estupendas habilidades assassinas à parte, eu temia que fôssemos precisar de mais para escapar da nave de batalha kree. Eu me abaixei e, com alguma relutância, removi o capacete da cabeça de um oficial kree caído aos meus pés. Eu o vesti. Localizando o canal correto, agora estava conectado ao nível de comando kree.

– Por que você está fazendo isso? – Rocket perguntou.

– Informação, Rocket Raccoon – respondi. – Vale a pena ficar informado. Especialmente se você deseja sobreviver.

– Ok, ótima ideia – ele disse. – Apenas para registro, você fica bem idiota usando esse chapéu.

– Para registro, eu notei – respondi. – Mas, para acrescentar, não dou a mínima. E agora nos deixe fazer como você insiste, agir como quatro fugitivos tentando escapar da morte certa e cair fora daqui.

– Garoto-gravador? – falou Rocket. – Companheirão?

– Sim?

– Deixe os gracejos comigo. Você realmente não faz isso direito.

– Como você desejar.

A nave estava começando a sacudir. Aquilo não era um bom sinal.

– Ei! – Gamora gritou para nós. – Vamos ou não?

Groot me pegou e me enfiou embaixo de seu braço. Ele começou a correr. Claramente, nós íamos.

23

FRITANDO O
DOMÍNIO KREE

EU VIM A NOTAR, desde que encontrei Rocket Raccoon e Groot pela primeira vez em Xarth Três, que suas vidas inteiras giravam em torno de correr. Quando não corriam para dentro dos problemas, corriam para fugir deles.

Eram, claramente, dois biltres renegados, para quem o Universo inteiro era uma fonte de inesperadas dificuldades das quais eles eram obrigados a fugir.

Demoramos vinte minutos e mais duas apavorantes lutas para chegar ao hangar principal. Gamora agora havia provado, com muito mais ênfase do que seria realmente necessário, que ela era a Mulher Mais Mortal do Universo. Na verdade, talvez o Indivíduo Sem-Gênero-Específico Mais Mortal do Universo. Ela havia deixado um rastro de guerreiros krees massacrados para trás, muitos deles com expressões desapontadas no rosto, sugerindo que aquele não era bem o jeito que imaginavam fazer a passagem para Yindor.

{"Yindor" é o pós-vida kree, pelo que entendi. Talvez só estivessem decepcionados por não terem sido escalados para outro horário de serviço, ou por não terem sido posicionados em outra parte da nave de batalha, ou simplesmente por não terem tido o bom senso de sair correndo gritando assim que colocaram os olhos na maníaca fêmea de pele verde que portava duas espadas.}

Chegamos ao hangar principal. Alarmes soavam, e o convés estava tremendo por conta dos impactos que os escudos estavam recebendo. As armas de Rocket derrubaram dois guerreiros krees que tentaram nos deter. Gamora se lançou para cima de mais três e fez coisas terríveis com suas lâminas. Groot socou o chefe do hangar com tanta força que ele voou por sobre a amurada, sobrevoou seis naves krees estacionadas, colidiu

dolorosamente com a ponta de um guindaste e caiu como uma pedra num carrinho de mão. Groot me colocou no chão.

– O capitão da nave kree teme que os escudos se sobrecarreguem em breve – relatei, ouvindo cuidadosamente as conversas no comunicador do capacete que estava vestindo. – Ele está considerando o lançamento de naves para contra-atacar o destróier badoon. A nave está prestes a ejetar o compartimento de controladores que nós... hã... destruímos.

A pequena viatura Nova está estacionada onde nós a deixamos.

– *Essa* é a sua nave? – perguntou Gamora.

– Sim – responde Rocket. – Qual é o problema com ela?

– Nada – ela dá de ombros.

Subimos a bordo.

– Olá – disse a voz automática. – Este veículo está satisfeito em ver que estão intactos. Este veículo detectou uma quantidade considerável de risco acontecendo lá fora.

– Não brinca – falou Rocket, se largando no assento do piloto. Gamora sentou-se na estação do copiloto ao lado dele.

– Muito risco, risco demais – Rocket continuou, afivelando o cinto.

– Talvez você possa fazer a gentileza de nos afastar desses riscos ultrarrapidamente?

– Este veículo teme que não possa fazer isso – a voz automática disse.

– Hein? – interpelou Rocket.

– Este veículo adoraria fazer isso, é claro – prosseguiu a voz automática. – E dada a escala de risco lá fora, mais o fato de que este veículo está ciente de que a ameaça foi perpetrada por uma nave de batalha kree que estava camuflada, este veículo acredita que poderia facilmente se livrar do raio-trator da nave de batalha. Infelizmente, há uma batalha espacial acontecendo em nosso caminho. A nave kree ergueu seus escudos.

– Passe por eles! – Gamora respondeu bruscamente.

– Olá – disse a voz automática. – Este veículo não a conhece.

– Gamora, este veículo, este veículo, Gamora – ironizou Rocket apressadamente.

– Olha, apenas faça o que ela disse, amigão. Se ficarmos aqui muito tempo, vamos vivenciar uma sobrecarga terminal de riscos.

– Eu sou Groot!

– Sim, *e* risque o Ah Que Flark de Horizonte de Eventos... exatamente!

– Este veículo sente muito. Escudos são escudos. Eles são inquebráveis por dentro, tanto quanto por fora. E este veículo não está codificado ou na frequência para passar através deles como a munição kree. Se este veículo for lançado agora, seria como voar ao longo de uma parede. E este veículo não está de acordo com isso.

– Mas *o risco*! O risco! – Rocket berrou.

– Voar contra um muro é um risco. Até onde este veículo pode avaliar, apesar dos altos níveis de risco ao nosso redor, voar contra um muro atualmente representa um risco *verdadeiro* muito maior do que ficar esperando aqui no hangar.

Rocket bateu a testa no console de pilotagem em sinal de extrema frustração. O grande X vermelho apareceu.

– Comando não reconhecido.

– Talvez se eu enfiar uma espada nessa coisa... – Gamora começou.

– Espere! – eu gritei.

– Eu sou Groot!

– Sim, Groot, eu *tenho* uma solução – respondi, ouvindo as comunicações no capacete. – O capitão da nave... sim, está confirmado. O capitão da nave está prestes a lançar jatos de batalha e simultaneamente ejetar o compartimento de controladores. E, para isso, ele terá de baixar os escudos por dez segundos.

– Conseguimos uma janela! – Rocket exclamou animadamente.

– Uma bem *breve* – eu o lembrei.

– Veículo? – perguntou Gamora suavemente.

– Opção verificada. Este veículo concorda. Segurem seus chapéus dourados, essa vai ser apertada.

– Chapéus dourados? – Rocket perguntou.

– Ah, velhos hábitos – a voz automática respondeu.

Levantamos voo. A aceleração foi fenomenal. Se eu tivesse um estômago, ele não estaria mais no mesmo lugar. Registrei que tanto Gamora quanto Rocket sorriam em deleite com o aumento da velocidade.

Saímos do hangar e fizemos uma curva fechada para a esquerda, quase tocando o vasto casco da nave de batalha em direção à popa. Os escudos ainda estavam ligados, revestindo a nave de batalha com um campo invisível a menos de vinte unidades de distância. Fomos forçados a desviar dos cumes, dos contrafortes e das ameias do imenso casco – pois, se ficássemos

um pouco mais distantes, atingiríamos os escudos. A viagem, no entanto, foi como uma montanha-russa. Por diversas vezes, sentimos como se estivéssemos prestes a atingir uma torre de canhão, uma vala de ventilação, ou um gerador de força.

A viatura, movendo-se como um foguete, desviou, rolou e passou por baixo, para evitar os obstáculos enquanto se mantinha o mais perto possível do casco. Através das janelas, podíamos ver claramente a escala monstruosa da nave que nos capturou e ainda testemunhar, atrás de nós, o ofuscante brilho estelar furioso da batalha na qual ela estava engajada. De fato, aquele era o risco, e eu estava feliz por estarmos nos afastando dele.

– O lançamento foi ordenado! – gritei, retransmitindo o que acabara de ouvir pelos comunicadores. – Os escudos estão descendo para a popa! Temos dez segundos!

As baias dos jatos de batalha estavam situadas na popa, para que os jatos de batalha pudessem ser lançados com segurança enquanto a nave mantém seus escudos dianteiros erguidos diante de um agressor. Os indicadores nas telas da viatura nos avisavam que os escudos traseiros estavam mesmo descendo. Bem diante de nós, vimos centenas de pequenas naves de ataque prateadas sendo esguichadas da popa da nave de batalha, seus propulsores emitindo um brilho azul.

– Mais rápido! Mais rápido! – Rocket apressou, puxando o manche – embora ele, na verdade, não estivesse de modo algum pilotando a nave. Nós ganhamos velocidade.

Todos gritamos quando um pedaço gigantesco da nave de batalha foi liberado diante de nós, deixando um rastro de destroços e fogo. O capitão da nave havia ejetado a seção de controladores em chama. Era do tamanho de um shopping center e se descolou da nave entrando diretamente em nosso caminho.

De algum modo, a viatura evitou a colisão. Ela virou, girou e conseguiu voar por entre a unidade de compartimento e a nave por si própria. Vapor e energia envolviam as nossas janelas.

– Essa passou perto demais – sussurrou Rocket.

– O capitão da nave está ordenando a subida dos escudos! – eu gritei.

Nossa janela estava prestes a fechar.

A viatura fez a curva e acelerou para longe da nave de batalha, entrando em espaço aberto. Os escudos reerguidos se fecharam como o portão de uma

fortaleza batendo atrás deles.

Estávamos livres. Senti um "uhuuu" prestes a sair da boca de Rocket.

Mas nós ainda não estávamos livres das armadilhas metafóricas.

O gigantesco compartimento de controladores ejetado passou retumbante por nós como um arranha-céu em chamas caindo de um despenhadeiro.

Feixes de fogo e rajadas de méson vinham em nossa direção enquanto a nave badoon tentava mirar nos jatos krees.

– Por ali! Vai *por ali*! – Rocket gritava. A viatura não fez como ele mandava. Girou e voltou na direção da nave de batalha.

Havia detectado alguma coisa.

Jatos badoons. Um enxame de jatos badoons. O megadestróier havia antecipado a decisão dos krees de lançar cobertura tática e lançou seu próprio ataque.

Havia centenas delas, e vinham direto para nós em formação de ataque.

Se os jatos krees eram mísseis brilhantes com asas curtas, estas eram coisinhas atarracadas e feias, como piranhas. Suas proas eram muito projetadas para a frente como se fossem prognatadas, e elas abriam como se fossem bocas para atirar suas baias de armas. Feixes de plasma amarelo foram disparados em nossa direção. Nossa nave foi atingida diversas vezes.

Atrás de nós, jatos krees já estavam respondendo furiosamente ao ataque das naves badoons. Mas dúzias de badoons estavam em nosso encalço.

– Por aí não! – Rocket berrou. – Você está nos levando de volta para a nave capital!

– Este veículo não está certo… o risco é…

– Me dá o controle manual! – Rocket exigiu.

– Este veículo…

– Vai se tornar *ferro velho* se você não me der o controle manual *agora*!

A voz automática hesitou.

– Rocket Raccoon é o melhor piloto que eu conheço – Gamora disse, direta. – E o melhor estrategista. Apenas dê a ele o controle manual. Ou nós estaremos, você sabe, flarkdidos.

– Controle manual autorizado – disse a voz automática.

Rocket lançou um sorriso de lado para Gamora, aplicou-lhe um peteleco na bochecha que a fez recuar, e segurou o manche.

Fizemos uma curva com imensa falta de sutileza.

E começamos a voar na direção do cardume de naves badoons que nos perseguia.

– Este veículo – disse a voz automática – não está completamente convencido de que você saiba pilotar coisa alguma, apesar da afirmação de sua companheira. Você está levando esse veículo *para* o risco.

– Sim – confirmou Rocket, manuseando o manche.

– Você está levando este veículo para dentro da área de tiros deles.

– Estou bem ciente do que estou fazendo – respondeu Rocket, concentrando-se com mais força do que jamais o vi se concentrando antes.

– Amplie a propulsão gravimétrica, este veículo – ele ordenou. – Escudos frontais no máximo. E me dê controle das armas.

– Isso seria singularmente inapropriado e estaria além das possibilidades de este veículo conceder a você, um criminoso em detenção, acesso ao sistema de controle de disparo. Este veículo não pode armar um suspeito.

– Você está encrencado com a lei de novo, não é? – Gamora perguntou, casualmente.

– Foi um mal-entendido – Rocket respondeu, olhos na tela tática. – Este veículo?

– Sim? – respondeu a voz automática.

– Armas, amigão. Armas *agora*. Ou o inapropriado vai ficar muito parecido com a gente se tornando uma flark nuvem superaquecida e destroços.

– Controle de fogo autorizado.

Rocket se iluminou.

– É disso que eu tô falando – ele riu.

Acelerou muito, desviando dos mortais raios de plasma que vinham das naves badoons.

Colocou-nos no meio deles. Ele manuseava o manche com delicadeza, enquanto apertava botões na tela de toque com suas mãos desconcertantemente humanas para alterar configurações do escudo e computar alvos. Com seu dedão desconcertantemente humano no manche, abriu a tampa do gatilho de disparo, um botão negro liso.

– O negócio é o seguinte – ele narrou calmamente à medida que ia fazendo –, estar no espaço aberto entre as naves de guerra, bem, garoto, esse é seu risco *real*. Eles estão voando com baterias de tiro projetadas para

dividir uma nave capital ao meio, então vamos apenas ficar paradinhos ali. Quer dizer, eles podem nos aniquilar com um raio antimatéria em um instante, e provavelmente nem será deliberadamente. Você não voa para dentro de uma troca de tiros entre duas gigantescas naves, não importa o motivo. Simplesmente não se faz isso.

– *Este* risco – ele acrescentou –, este risco é bem mais a minha cara. Os badoons e os krees não vão usar as baterias principais na gente porque eles não vão arriscar atingir seus próprios jatos. E jatos... bem, eu posso lidar com jatos. Posso até ser um guaxinoide, mas sei brigar como um cão.

Ele rolou a nave e pressionou o gatilho. Lanças de energia gravimétrica foram cuspidas das armas da viatura, e uma nave de ataque badoon se desfez em uma nuvem de poeira cintilante. Rocket desviou da onda de energia e detonou mais duas com tiros rápidos – aleijando tanto uma delas que ela saiu rodando, o motor falhando, e atomizou a outra.

Fomos atingidos várias vezes nos escudos de estibordo. Rocket virou a nave para a esquerda, invertendo nossa posição, e então subiu rapidamente com as armas disparando. Atingiu uma nave de ataque badoon, transformando-a num monte de destroços que se lançaram para o lado e colidiram com outra de sua espécie. A nave explodiu.

– Está ficando difícil – Gamora avisou.

– Eu sei.

– Eu sou Groot.

– Eu já *vi*, tá bom?

Ele jogou a nave para o lado e afundou. Um badoon o perseguia. Livrou-se do encalço, fez uma curva fechada e então atingiu mais outra nave de ataque com três apertos firmes no gatilho do controle.

– Até agora você já somou seis jatos badoons de batalha – a voz automática disse. – Este veículo está impressionado com suas habilidades. Entretanto, há mais 849 naves de ataque badoon ao nosso redor, sem mencionar os jatos krees. Estatisticamente...

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Você o ouviu – disse Rocket. – Nunca me fale das dificuldades. Vou te mostrar minhas habilidades de piloto. Agora estou prestes a demonstrar minha genialidade estratégica. Preparem-se, pessoal. Coloquem as cabeças entre os joelhos e beijem suas bundas em despedida. Ah, este veículo?

– Sim.

– Vou precisar de escudos no máximo e controladores no máximo... então, apenas suba a alavanca até o máximo em todo o resto, até nas armas? Copia?

– Sim.

– Mas só quando eu disser "agora". Vou precisar de um último tiro.

– Entendido.

Nós nos deslocamos com força, enfiando-nos entre duas naves de ataque e um par de jatos krees. Rocket prestava atenção em cada massa de unidade de energia e manobrabilidade da ultrarrápida, ultra-ágil nave xandariana que ele conseguira. Por conta de sua rapidez e fluência, ela parece ser a nave que ele nasceu para pilotar. Não é a primeira vez que me dou conta de que ele está adorando cada minuto da experiência.

O colossal compartimento de controladores em chamas ejetado subitamente está à nossa frente. Estamos nos aproximando rapidamente. O compartimento ejetado está passando por entre a batalha de naves, fazendo com que tanto os krees quanto os badoons sejam obrigados a desviar.

– Aquele capitão kree foi esperto em ejetar essa coisa – comentou Rocket.

– Parece que essa coisa está chegando ao estado crítico.

– Mas não rápido o bastante – ele acrescenta, em um tom que eu não gosto.

Ele passa por ela, aumentando o ritmo, disparando seis rajadas com os canhões gravimétricos. Os raios rasgam as placas laterais do compartimento, derretendo buracos como arame quente na manteiga. Vejo de relance a luz infernal que vaza das feridas que rapidamente se expandem nas placas.

O compartimento de controladores ejetados, empurrado para a beirada pelos últimos tiros, chega ao seu estado crítico.

E explode.

– *Agora*! – Rocket ordena.

24

OS EVENTOS
DOS DEZ
SEGUNDOS
SEGUINTES

O COMPARTIMENTO de controladores detonou.

Por causa das energias negativas envolvidas, ele se iluminou – não como uma estrela, mas como um buraco negro –, estilhaçando-se e então desmoronando para dentro de si mesmo novamente, rachando a realidade por um breve momento.

O choque foi brutal.

80 naves de ataque badoon e 32 jatos krees foram atingidos pelo desmoronamento. Foram imolados ou sugados para dentro do redemoinho energético e aniquilados. Todas as outras naves menores foram lançadas para longe e espalhadas como folhas ao vento, jogadas para o nada pela força da explosão. Muitas colidiram de modo fatal.

A onda de choque foi tão severa que também avariou as naves capitais. A Orgulho de Pama foi atingida na lateral e começou a girar, seus escudos de estibordo falharam na mesma hora. A Irmandade de Guerra recuou como se tivesse recebido um soco, e seus escudos frontais se desligaram.

Ela tentou virar. Tentou reiniciar suas defesas. Teve que parar de atirar, todos os seus sistemas caíram.

O capitão Kris-Gar era um kree determinado. Ele sabia que precisaria de muitos minutos para estabilizar sua nave de batalha e, possivelmente, mais algumas horas para reparar seus sistemas de guerra. Mas ele viu uma estranha oportunidade, o tipo de oportunidade da qual um grande comandante tira vantagem – e fica famoso por isso. Na verdade, Kris-Gar foi condecorado mais tarde por suas escolhas no comando e premiado com a Distinta Estrela Sentinela de Hala com duas citações na fita.

A maior parte de sua equipe de ponte estava caída no chão. Estavam machucados, arrancados de seus cintos de segurança. Kris-Gar se esforçou para chegar ao console primário. Ele não fez nenhum esforço para corrigir a rota de sua nave de batalha ou restaurar seus escudos; em vez disso ele socou os botões que despejavam todo seu poder disponível no projetor primário de unirraio.

Uma chance.

Ele disparou, manualmente.

O projetor se engasgou e regurgitou. O pulso solitário e resplandecente disparado de longe, da sua nave de batalha doente, descreveu um arco seguindo a trajetória que Kris-Gar havia definido, e entrou na boca bocejante do megadestróier com jeito de sapo e sem escudos.

Foi um impacto crítico. A enorme nave de guerra badoon explodiu numa série de ondas de explosões internas que no começo incharam e, em seguida, partiram a camada externa de seu casco.

Ela se dividiu. Foi aniquilada. Seus sistemas de controladores e reservas de energia se inflamaram, e ela estourou como uma bomba. A gigantesca nave simplesmente desapareceu em uma explosão de luz.

A morte de sua oponente abalou a nave de batalha kree, que sofreu sérios danos estruturais por conta da explosão e dos destroços letais.

Kris-Gar caiu por sobre seu console. Sua nave seria obrigada a voltar para casa mancando numa velocidade de subluz. Ele havia perdido muitos, muitos tripulantes valiosos.

Mas havia vencido. Os agressores badoons estavam, numa linguagem bem chula proveniente de várias partes da galáxia, semelhantes a fatias de levedura salgada e fermentada que haviam sido expostas a um elemento de calor e subsequentemente se tornado marrons e crocantes.

E a viatura Nova?

Acelerou depois de disparar os tiros decisivos – e fez isso de modo espetacular. Quando ela alcançou a velocidade de dobra, o arco da onda gerada pela explosão a atingiu – mas seus escudos gravimétricos, em potência máxima, apenas coletaram a força cinética e a converteram em um impulso que a acelerou.

E ela seguiu a toda até o capítulo que vem depois deste seguinte...

25

ENQUANTO ISSO
(TRÊS HORAS DEPOIS
EM ADJUFAR...)

PROVAVELMENTE, HÁ MUITOS LOCAIS no selvagem e maltratado mundo de Adjufar que não fedem a corrupção, mas as ruas sombrias e becos movimentados do mercado principal da Cidade de Adjufara não estavam entre eles.

Ebon, da alardeada e temida Guarda Imperial Shi'ar, torceu o nariz de desgosto. Adjufar era uma designação sórdida. Ela era uma recruta relativamente nova nos sagrados patentes da guarda, então sabia que não deveria reclamar, nem era seu direito pedir missões mais glamourosas. Um – ou uma – guarda júnior apenas faz o que lhe for pedido, sem objeção, para servir o Chandilar e a glória do Império Shi'ar.

Adjufar era um mundo não alinhado, e sua capital, a Cidade de Adjufara, era um porto livre. Frequentada pelos tipos de delinquentes espaciais e mercadores cujas linhas de trabalho e registros criminais faziam com que não fossem bem-vindos em nenhum outro mundo de comércio mais civilizado. Havia mercados negros e bazares de contrabando em planetas e estações habitacionais por todo o setor, mas nenhum deles era páreo nem para a reputação nem para o tamanho de Adjufar. Fedia, literalmente fedia a corrupção.

As ruas e atalhos do mercado estavam repletas de compradores, vendedores e curiosos. Em um período de dez segundos, Ebon identificou 42 espécies diferentes, muitas das quais estariam em guerra entre si se estivessem em outra ocasião. Havia uma frágil neutralidade em Adjufar. Ninguém queria confusão – eles só queriam chegar, fazer seus negócios, sem que ninguém perguntasse nada. E com essa frágil neutralidade, vinha uma sutil tensão fervente. A confusão frequentemente irrompia no quarteirão do

mercado, em geral de uma maneira perfurante e violenta nas profundezas sombrias de algum beco escondido.

Ebon seguiu pela rua de paralelepípedos, passando por carrinhos de mão cheios de produtos, bancas flutuantes, e as portas com telas ou blindadas de empórios. O cheiro recendia a tempero, ervas, olhos e bálsamos, fumaça, comida de rua, odor corporal e bebida alcoólica.

Ebon era uma jovem atlética e alta, sua pele cinza como ardósia era quase tão escura quanto seu traje. Além do delicado tracejado dos circuitos prateados incrustados em sua pele e em seu traje, a única marca de distinção que ela tinha era o inconfundível ícone do triângulo invertido da Guarda Imperial Shi'ar, que usava no pescoço na forma de um broche prateado. Todos fingiam não notá-la, mas ela sabia que estavam desviando cautelosamente seus olhares. Ela era uma força da ordem e autoridade supermortal, e uma representante de uma das mais poderosas civilizações do espaço. Ninguém queria atrair sua atenção.

Ela não se importava com isso. Em troca, fazia vista grossa para as intermináveis negociações criminosas que via acontecendo ao seu redor: as traições, as burlas, as extorsões, o comércio ilegal de armas e substâncias proibidas, até mesmo os batedores de carteira que rondavam pelas ruas mais escuras.

A missão dada à sua equipe de vigilância foi específica: localizar e impedir qualquer operação de compra e venda ou transporte individual de alegria.

Alegria era uma nova narcoforma. Em seu estado cru, era a vagem de sementes secas de uma planta de planície. Mas comumente era mais fácil encontrá-la na forma moída, ou em cápsulas, depois de ser cortada e misturada com agentes estimulantes e tranquilizantes leves. Ela inundava o usuário de uma completa sensação de bem-estar – apesar de seu nome – mas era viciante e, geralmente, letal. Ao ser misturada de modo imprudente com outros ingredientes psicoativos poderia desencadear ataques de fúria assassina.

A substância ilegal já estava começando a vazar para outros mundos do Império, causando significantes problemas sociais. A Guarda Imperial recebera ordens de rastrear as linhas de fornecimento e fechar as fontes. O esforço contra as drogas era um dos muitos papéis empreendidos pela Guarda em épocas de paz.

Ebon não via problema nisso. Ela ficava feliz em poder ajudar a fechar o movimento de uma substância perniciosa como a alegria. E Adjufar, com todos os seus negócios corruptos, muito provavelmente era uma rota de fornecimento.

Mas ela estava ficando frustrada. Sua equipe já estava em Adjufar havia seis dias. E não encontraram nem uma pitada da droga. O líder da equipe, o guarda veterano chamado Crusher, começara a sugerir que talvez Adjufar não fosse um centro de fornecimento no fim das contas. Ou isso, ou sua equipe estava fazendo um péssimo trabalho.

Ebon suspeitava que houvesse outras razões.

Ela se virou e olhou para verificar se não deixara sua tropa de apoio muito para trás. Havia quatro destacados para ela, soldados shi'ars de elite da Patente Asa de Metal – grandes machos usando armaduras prateadas com capas curtas, rifles laser Tafstehl 190 presos a seus peitos e capacetes reais prateados com imponentes cristas laterais no formato de flechas divididas.

Os soldados eram parte do problema. Assim como o d'ast logotipo que ela usava na garganta. Mas Crusher era da velha guarda e havia insistido que eles representavam a força e a autoridade.

Não era de se estranhar que não estivessem encontrando nada: quatro guardas imperiais com uniforme completo, marchando pelas ruas, cada um seguido por uma equipe armada Asa de Metal. Sharra e K'ythri! Desse jeito, os traficantes de alegria iriam se esconder no lugar mais fundo e malcheiroso possível da cidade.

Seu comunicador bipou. Era Crusher.

– Senhor?

– Relatório – ele disse. Era uma alma grosseira e nada amigável.

– Finalizando uma varredura no mercado ocidental nos arredores do Templo Kawa. Nada.

– Volte para a Parada Juva – orientou Crusher. – Vamos nos reagrupar.

De novo, ela pensou.

– Entendido, senhor.

Assim que ela se virou para chamar os soldados, avistou um par de indivíduos se movendo em meio à multidão atrás dela. Embora eles não fossem nada comuns, para dizer o mínimo, dificilmente se destacariam em meio à grande variedade de formas de vida presente.

Ela só os teve em vista por um segundo, mas havia alguma coisa. Algo se reteve em sua mente. Ebon era esperta, inteligente e ambiciosa. Ela ficava de olho nas listas de procurados dos shi'ar o tempo todo, só para ficar atualizada. Mentalmente, uma bandeira vermelha se levantou.

Ela pegou o pequeno tablet de dados em seu cinto, executou a impressão da retina e então digitou uma breve descrição.

"*Buscando"* o dispositivo informou, a palavra pulsando na tela.

• • • •

A parada Juva era a praça principal do mercado – uma vasta área movimentada e cheia de barracas, empórios e restaurantes. Era flanqueada em um dos lados pelas colunatas desmoronadas do Palácio Juva – antiga sede do governo, quando Adjufar se importava em manter um governo – e pelas velhas casernas do outro lado. As duas estruturas haviam sido tomadas pelos comerciantes e mercadores. Carpetes e tapetes ficavam à mostra sob um dos arcos, esculturas holográficas sob o outro. A entrada principal das casernas era uma lanchonete, com peças de carne assando em espetos giratórios e insetos comestíveis ressecados pendurados em barbantes.

Os outros já haviam se reunido: Crusher, grandalhão e de cabelo grisalho, usando uniforme dourado e negro; Warstar 34, uma das muitas unidades servindo na guarda, um robô pesadão verde-escuro que, na verdade, alojava dois indivíduos que manejavam a armadura juntos em união simbiótica; e Dragoon, uma fêmea mais velha que usava um traje apertado e exibia cabelo branco estilo moicano. Como Ebon, cada um deles estava acompanhado por quatro soldados Asa de Metal.

– Outro dia, outro nada – resmungou Crusher. – Serei franco: essa falta de resultados não vai ficar bem quando eu a relatar.

Ebon refreou o desejo de dizer o que ela achava que deveria ser dito em tal relatório. Crusher era o oficial no comando. Ele dava as cartas.

– Que tal mais varreduras às margens do rio? – perguntou Dragoon suavemente. – Antes de darmos por encerrado o período diurno? Dizem que a maior parte do tráfico acontece ali.

– E se déssemos uma batida em um dos fornecedores principais? – sugeriu Warstar, com sua voz eletronicamente rouca. – Quer dizer, chutar

algumas portas? Se alguém estiver traficando alguma coisa, pode estar traficando alegria também. Ou ficaria feliz em nos contar sobre alguma transação suja em troca de o deixarmos em paz.

Crusher balançou a cabeça.

– Nada provocativo. Você sabe que tipo de barril de pólvora é esse lugar.

Nada provocativo?, Ebon se perguntou, quase se divertindo. Como andar para cima e para baixo pelas ruas com equipes de soldados armados?

– Algo em mente? – Crusher perguntou a ela.

– Não, senhor.

– Você sorriu.

– Provavelmente não, senhor – ela respondeu.

– Desembucha – grunhiu Crusher. – Ou você ia me dar uma resposta ou ia fazer uma piada.

Ela estava prestes a responder quando seu tablet bipou. Ela o soltou do cinto e verificou a tela. A busca havia sido completada e exibia um boletim "fiquem cientes" da constantemente atualizada Lista de Procurados Shi'ars.

– Acho que posso ter encontrado algo, senhor – ela falou. – Não o que estamos procurando. Não é alegria. Mas algo que provavelmente não deveríamos ignorar...

26

ESCONDE-ESCONDE
NO MERCADO

– AHHHH, ADJUFAR! – disse Rocket Raccoon, sorrindo largamente, seus olhos fechados, farejando o ar. Ele está saindo da viatura para a pista de pouso numa das docas principais da cidade – um lugar cheio e movimentado. Está a céu aberto – um céu vermelho e raivoso coberto de nuvens brancas.

Duas luas finas eram visíveis à luz do dia.

– Sinta esse cheiro! Respire o espírito, a personalidade – Rocket nos exorta, girando no lugar com os braços erguidos. – Ahhh, Adjufar! A sua verdadeira essência! Os temperos, os deleites, a cor local, a *liberdade*! É disso que eu tô falando!

Gamora farejou o ar e franziu o cenho. Claramente, gentil leitor, ela não detectava de jeito nenhum os mesmos deleites.

– Eu sou Groot – disse Groot, acompanhando o entusiasmo de Rocket.

Eu possuo processadores de pico, amigável leitor, como sei que já mencionei antes. O registro olfativo desses processadores cobre uma área de quase 90 megacubitos de espaço de dados. Eu poderia descrever, se isso se tornasse necessário, todos os lugares por onde passei apenas em termos de cheiro. Eu poderia falar sobre o ar perfumado de Chandilar, a aura doce de nitrogênio de Hala, o frio e antisséptico vácuo de Sidri, o pungente, porém complexo, odor dos campos de Huj.

Em Adjufar eu sentia, embora me esforçasse ao máximo, nada mais do que um fedor de cuspe assado de porco e um imundo e corrosivo odor de latas de lixo em chamas.

Então essa era a Cidade de Adjufara das fábulas. O porto livre que acabaria com todos os portos livres. E com isso, nós desembarcamos.

Eu não tinha muita certeza do que estávamos fazendo ali, com exceção de que seria uma pausa bem-vinda em todas as perseguições e riscos dos últimos dias.

– Tudo bem – falou Rocket, abaixando as suas mãos desconcertantemente humanas e respirando fundo. – Vou dar uma palavrinha com este veículo.

Ele voltou para a viatura. Dessa nova saída em hipervelocidade do espaço de batalha kree contra badoon e do risco que ele representava, a viatura estivera insistindo que deveria reverter para seus protocolos originais e nos levar de volta a Xandar e para a custódia de Grekan Yaer. Rocket conseguiu convencê-la a não fazer isso, persuadindo-a de que deveríamos ir para um local neutro antes para deixarmos Gamora, já que ela não estava sob custódia da Tropa Nova e, portanto, não estava sob a garantia de Yaer. A lógica era meio incerta, mas pareceu convencer a viatura – ou, pelo menos, devido à duração da conversa e da natureza mercurial da lógica saltitante de Rocket, confundiu-a o suficiente para que ela concordasse.

Eu amplifiquei meus receptores de áudio para ouvir a próxima fase da negociação.

– Este veículo deseja saber se já estão prontos para serem transferidos de volta para Xandar – disse a voz automática.

– Ora, companheiro, você realmente acha que essa é a melhor opção? – perguntou Rocket.

– Este veículo acha. Não há mais presença de risco.

– Não há? *Não* há presença de risco? – Rocket perguntou. – Você quer nos levar de volta para Xandar, mas Xandar estava sob um enorme risco, não estava? E o tal Cavaleiro do Espaço? Qual é, se você nos levar de novo para lá, quais são as chances de ele aparecer de novo? Você estaria nos levando direto para o risco. E isso, como já estabelecemos, vai contra seu código.

– Este veículo... vê algum sentido nisso. Mas para onde você sugere que o veículo o leve?

– Ah, essa é uma boa pergunta – disse Rocket. – Tenho a sensação de que há riscos em todos os lugares. Todos os lugares para onde formos. Teremos que pensar bastante e por um bom tempo sobre onde há um lugar livre de riscos.

– Este veículo acredita que deve entrar em contato com Grekan Yaer e informá-lo sobre nosso paradeiro, e deixá-lo...

– Ahhhhhh, não, não, não, *não*! – Rocket insistiu. – Você não vai fazer isso, este veículo!

– Por qual motivo?

– Porque, humm... porque suas linhas de comunicação podem estar sendo monitoradas. Sim, é isso! Aquele Cavaleiro do Espaço, ou os krees, ou até mesmo os badoons... eles podem estar ouvindo, esperando para saber nosso próximo passo. Quer dizer, o Cavaleiro do Espaço deve ter nos encontrado de algum modo. Não, entrar em contato com seu velho amigo Yaer pode nos colocar em risco de entrar num risco extremo.

A voz automática pareceu suspirar.

– Então este veículo não fará isso.

– Bom, bom – disse Rocket.

– Por enquanto. Explique a este veículo o próximo passo, por favor?

– Bem – começou Rocket. – Estamos bastante seguros aqui. Conheço Adjufar há tempos. Eu só vou dar uma passada em alguns lugares no mercado e pegar algumas coisas das quais podemos precisar.

– Como quais?

– Ah, você sabe... batatas fritas. Zero-Beero. Talvez alguns molhos para a batata.

– Este veículo não quer seu estofamento manchado.

– Compreendo totalmente. Vejo você depois, companheira viatura.

Rocket emerge para a luz avermelhada do dia.

– Tamo de boa – ele nos diz. – Nosso foguete móvel de hiperpropulsão vai ficar com a gente por um tempo, e ele também não vai nos entregar para a Tropa.

– Eu sou Groot.

– *Tenho mesmo* um jeitão para convencer as pessoas – Rocket concorda. – Realmente tenho.

– Eu sou Groot.

– E eu tenho um plano – Rocket assente. Ele olha para mim.

– E você vai compartilhá-lo? – perguntou Gamora.

Ele se virou para ela.

– Eu poderia. Mas ainda não confio inteiramente em você, Gam.

Ela franze o cenho.

– Nós éramos uma equipe – ela diz.

– Os Guardiões estão em um hiato, queridinha.

– Eu não me referi a isso – ela respondeu. Parecia triste. – Lá na nave kree nós éramos uma equipe. Nós saímos de lá juntos.

– Sim, saímos, e teríamos conseguido sem você, sua psicozoide lunática. – Rocket sorri. É um sorriso vitorioso. Ele ergue sua mão desconcertantemente humana; depois de hesitar um pouco, ela ergue a sua e a bate contra a dele.

– Então, o que acontece agora? – ela pergunta.

– Eu sou Groot.

– Precisa-mundo – Rocket assente. Ele olha para Gamora. – Hora de desembuchar. Sem segredos. Por que você está atrás do nosso garoto-gravador aqui? Quem está te pagando? Lembre-se, no entanto, que a resposta influenciará no quanto do meu astuto plano incluirá você.

Gamora deu de ombros.

– Eu não sei muito – respondeu. – Me informaram que o brinquedo de lata era valioso, e meu cliente queria recuperá-lo. Me pareceu um bom negócio até que descobri que vocês dois, palhaços, estavam no meio dele. Eu rastreei o gravador através de um precognitivo, disponibilizei os dados aos badoons para me fornecerem uma distração, e então me infiltrei para executar a recuperação. O resto você conhece.

– Por que sou valioso? – questionei.

Ela lança um olhar na minha direção.

– Não faço ideia, e nem me importo, na verdade. Era apenas um trabalho.

– Eu sou Groot – disse Groot, fotossintetizando a luz do sol da tarde.

– Meu cliente? – interroga Gamora.

– Sim, você o ouviu – disse Rocket. – Quem está pagando você?

– Eu não sei quem ele era.

– Vamulá, Gam, ele deve ser divulgado.

– Era a Timely Inc. – ela diz em voz baixa. – A Timely Inc. quer o gravador para que possam terminar algum tipo de programa.

Ela está mentindo. Sei disso. Eu sei discernir quando vejo alguém mentindo. Quero me pronunciar, mas Gamora tem duas espadas e uma propensão doida de usá-las. Tento lançar um olhar para Rocket... mas infelizmente, gentil leitor, meu rosto é feito de plástico autonômico e liga de metal, e não comunica nuances expressionais.

Como ela sabe sobre o envolvimento da Timely? É isso que quero

descobrir.

– Tá certo – diz Rocket. – Nós também notamos uma conexão com a Timely. E essa é a base do meu plano. Cheguei à conclusão de que devemos ir até a sede da Timely Inc. e descobrir as raízes disso tudo. Mas, onde é mesmo a sede da Timely Inc.?

– Eu sou Groot.

– Alfa Centauri, certo – continuou Rocket. – Digo que nosso próximo passo deve ser ir até lá e revirar o lugar para descobrir o que está acontecendo. Quem está comigo?

– Eu sou Groot.

– Certamente gostaria de saber o que está acontecendo e por que sou tão perseguido – concordo.

Gamora assente.

– Tá bom – diz Rocket. – Um plano está se formando.

– E quanto à nave? – perguntou Gamora. – Como vamos persuadi-la a nos levar até lá?

– Ah, vou pensar nisso – falou Rocket, com um sorriso no focinho. – Vou passar uma conversa no este veículo. Além do mais, acho que toda essa aventura entrou no sistema dele. Ele está gostando do passeio, só um pouquinho. Aproveitando a diversão. Acho que podemos convencer aquele carrão a fazer quase tudo.

Ela deu de ombros.

– Tá bom – disse Rocket. Ele tinha o canhão de unirraio que havia tomado do soldado kree e o capacete kree que eu havia pegado emprestado. – Groot e eu vamos dar uma caminhada. Vamos fazer umas comprinhas no mercado, fazer alguns negócios. Voltamos logo. Gam, posso confiar que você vai ficar aqui e cuidar do nosso gravador?

– Pode – ela respondeu.

– Algo que você queira?

Ela pensou um pouco.

– Uma pedra de amolar. Alguns refis de pistola estripadora. E uma garrafa de uísque Dakkamite.

– É pra já. Vejo vocês daqui a pouco – Rocket falou.

– Tentem não chamar a atenção, se isso for possível – ela observou.

– Hahaha, que engraçado – ele emburrou. E então os dois se afastaram na direção do mercado.

Gamora se virou para mim. Ela é a fêmea mais esteticamente agradável que já registrei. E, para melhorar, ela sorriu.

– Então somos só eu e você – ela murmurou. Experimento uma estranha sensação percorrendo minhas extremidades inferiores.

– E este veículo – lembra a voz automática atrás de nós.

Ela pisca para mim.

– Vamos encontrar um bar – ela diz.

27

TERAPIA DE
COMPRAS

ROCKET E GROOT ENTRARAM NO MERCADO DE ADJUFARA, vagando sem rumo, perdidos na multidão. Embora um fosse um guaxinoide e o outro uma árvore, eles dificilmente se destacariam como de habitual. Toda a vida cósmica pipocava em Adjufar.

– O Palácio do Pip fica em algum lugar por aqui – disse Rocket. – Ele vai arrumar o que a gente precisa.

– Eu sou Groot.

– Exatamente. Um gerador de camuflagem. Talvez um dispositivo kruloriano de alta tecnologia. Vamos precisar disso.

Eles pararam para comprar alguns petiscos apetitosos em uma barraca flutuante, com molho picante extra, e pegaram alguns espetos de catati grelhados em um carrinho. E então Rocket avistou o empório de coisas "antigas e triviais" e trocou o capacete kree por oito cartuchos para a pistola estripadora mobiana e uma pedra de amolar decente.

Voltaram para as ruas movimentadas, respirando a atmosfera inebriante.

– Opa, opa, *por aí* não – falou Rocket repentinamente, levando seu imenso companheiro por outra direção.

– Eu sou Groot.

– Alguma guarda imperial shi'ar bonitinha, cabelos lisos, alta, corpo em forma – ele disse. – Ela está bisbilhotando por aí. Acompanhada por guardas Asas de Metal. Nós não precisamos desse tipo de... *envolvimento Imperial*.

– Eu sou Groot.

– Não, eu não acho que ela nos avistou, mas não custa sermos cuidadosos – observou Rocket. – Por aqui. Conheço um atalho discreto pelas

ruas atrás do Templo de Kawa.

Eles ficaram um pouco perdidos pelas passagens internas e avenidas do mercado.

– É claro que sei onde estamos indo! – Rocket reclamou. – Conheço este lugar como a palma da minha mão!

– Eu sou Groot!

– O que você quer dizer com "desconcertantemente humana"?

– Eu sou Groot!

– Não ligo para o que o cara-gravador anda dizendo. Porém, ele é divertido, não é? Quer dizer, todas as maiores potências desse setor querem um pedaço dele. Cara, eu não tô brincando, ele poderia ser a nossa salvação. Há muito dinheiro naquele pedaço ambulante e falante de esperteza rigelliana. Eu diria que tiramos a sorte grande, garoto. A mãe de todas. Acho que isso pode acabar com a gente vivendo na moleza. Ele vale um gazilhão, aposto.

– Eu sou Groot.

– Bem, é *claro* que vou cuidar dele. O que você acha que sou? Um mercenário? Você me conhece bem.

– Eu sou Groot.

– Tá bom, tá bom, mas *desta* vez eu não serei. Ele é um cara legal, e não vou flark ele por grana fácil. Mas temos de ficar de olho no prêmio, camarada. Ele é nosso vale-refeição. Aquele pedaço de hardware rigelliano vai nos garantir pelo resto da vida. Você pode anotar isso.

– Eu sou Groot.

Rocket parou.

– Flark, você está certo. Este é o lugar.

O Palácio do Pir era uma loja que tomava três andares do antigo Banco Mercantil de Adjufara, um edifício caindo aos pedaços no coração do mercado. Suas câmaras imponentes e empoeiradas estavam entulhadas quase a ponto de explodirem de todos os tipos de lixo e coisas do gênero: uniformes de combate usados, cartuchos de armas, caixas de medalhas, caixotes de projéteis vazios, estantes cheias de adagas, ganchos holográficos, módulos de levante, geradores, galhadas, xícaras de chá, figurinhas, cartolas, inflamadores de cobre, crachás e broches, animais empalhados, porcelana, pratos e canecas holográficas comemorativas, sinos, talheres, joias, motores de íon, baldes de plutônio, toalhas de mesa e toalhinhas, pinturas sujas de

fumaça, penicos, botões, fivelas, canetas quebradas, pedaços de marfim, perfuradores de papel, apoios de mesa, e hardware queimado.

O lugar fedia a fumaça de cigarro velho.

Um sino tocou quando eles entraram.

Atrás do balcão de tampo de vidro, Pip, o Troll – diminuto, barrigudo e de orelhas pontudas –, estava sentado e sorrindo.

– Rocket! Groot! Meus velhos amigos! O que posso fazer por vocês nesta bela tarde adjufariana?

– Ei, Pip – cumprimentou Rocket, fazendo uma careta. Ele olhou para o enorme esqueleto empoeirado de uma baleia espacial makluana pendurado no teto.

– Como vão as coisas?

– Não posso reclamar, não posso reclamar – falou Pip, pegando três pequenos copos de debaixo do balcão e alcançando uma garrafa. – Quer dizer, agora que estou fora dos negócios, a vida está muito mais fácil.

Rocket sabia que, por "negócios", Pip estava se referindo ao ofício de herói. Por um longo período, há muito tempo, Pip havia lutado ao lado de Gamora como companheiros do supermortal cósmico conhecido como Adam Warlock. As *coisas* que eles fizeram – encarando horrores cósmicos como Thanos, Magus e a Igreja Universal do Reino da Verdade.

Agora Pip vivia seus anos restantes em Adjufar, gerenciando uma lojinha de coisas usadas. Rocket se arrepiou. Ele imaginou se acabaria passando seus últimos dias da mesma forma, agarrando-se à memória dos feitos passados, glorificando o passado. Isso sempre acontecia com violinistas e parceiros de heróis. Rocket Raccoon não era flark nenhuma de parceiro.

Pip hesitou antes de servir.

– Vocês ainda *estão* no negócio, não estão? – ele perguntou.

Rocket deu de ombros.

– Guardiões da Galáxia – ele respondeu.

– Quem?

– Não importa. Sim, eu e Groot ainda estamos nesse jogo, fazendo o melhor que conseguimos.

– Ora, bom pra você, amigo, bom para você. Sinto falta, às vezes – Pip riu. – Não, não sinto nem um pouco. Era um chute nos meus impulsores traseiros, você sabe o que quero dizer.

– É ótimo saber que você ainda está na luta – Pip bufou. – Qual é o

problema da vez? Thanos? Aposto que é Thanos.

Rocket balançou a cabeça.

– Dessa vez não, Pip.

– Ah, bom – o troll deu de ombros. – Mas fique esperto. Thanos, ouça o que te digo. Ele sempre está por trás de tudo, mesmo quando parece que não. Vocês estão com Adam?

– Não, somos só eu e a árvore. E Gamora.

– Gamora? Eu não vejo aquela bunda verde há muito tempo! Como ela está? Ainda mortal?

– A mais mortal.

– Bons tempos. Mande minhas lembranças. Bebidas?

– Nada desse Laxidazian grogue do mal para mim, valeu – disse Rocket. – Não quero me tornar um troll. Sem ofensas.

– Não ofendeu – Pip sorriu, servindo-se de uma dose e tomando-a.

– Suponho que você não tem os ingredientes para fazer um timóteo, certo? – Rocket perguntou.

– Diretinho da antimatéria – respondeu Pio. E pegou uma garrafa de espírito de morani e encheu os copos deles. Eles também beberam, e Pip reencheu o seu.

– Então, como posso ajudá-los? – Pip perguntou, tornando a preencher seu próprio copo com Laxidazian grogue. – E o que vocês têm para trocar? Porque conhecendo vocês, não vai ser um pagamento em dinheiro.

Rocket colocou o canhão de unirraio sobre o vidro do balcão.

– Estamos procurando um gerador de camuflagem. Uma unidade de campo de disfarce. De boa qualidade.

– Aura de neutralidade? – Pip quis saber.

– Não, campo de disfarce direto. Topo de linha. Não queremos ficar invisíveis, queremos fazer as coisas habituais. Pode nos ajudar?

Pip pegou o canhão, ergueu-o, sentiu seu peso, testou a empunhadura e o mediu.

– Ótima arma – ele disse. – Vale multiunidades. E isso é o que você tem para trocar?

– Espero que sim.

Pip assentiu.

– Bem, rapazes, acho que posso ajudá-los.

Ele encheu seus copos, e eles beberam novamente.

– Ah, que coisa boa – Rocket fez uma careta.

Pip enfiou a mão embaixo do balcão e colocou um dispositivo sobre o topo. Era do tamanho de um tijolo.

– Isso é o que eu tô achando que é? – perguntou Rocket.

– Sim, senhor. Um disfarçador slig. Funciona em qualquer nave, promessa pessoal. O melhor da tecnologia rynebiana. A não ser que você esteja pilotando uma supermassiva.

– Não, apenas uma pequena nave de dobra – Rocket explicou.

– Bem, esse vai servir – Pip respondeu.

– Troca direta? A arma kree por ele?

– Não – disse Pip. – Já que você ainda está no negócio, vou te dar essa aqui grátis.

Enfiou a mão atrás do balcão e em seguida colocou uma enorme arma sobre ele.

Rocket a segurou e testou seu peso.

– Ela é *incrivelmente* grande – admitiu.

– Classe Saurid M Atira-para-Matar. Desculpe, a tradução do nome é essa. Nada de alta classe ou de ultratecnologia como a arma kree que você trocou, mas essa vai com minhas bênçãos. Acho que vocês vão precisar delas.

– Vamos?

Pip deslizou um tablet pelo balcão, posicionando-o diante deles.

– Isso acabou de aparecer. Vocês estão na lista de procurados graças a certas ações em Xarth Três e Xandar. Os shi'ars os avistaram e estão se aproximando. Rapazes, sinto muito, mas um mundo de dor está vindo atrás de vocês. A flark da Guarda Imperial está atrás de vocês. E eles não estão para brincadeiras. Boa sorte. Agora deem o fora da minha loja.

28

BUSCA E
DESTRUIÇÃO
(E COMPRAS)

EBON PODIA VER QUE CRUSHER não estava completamente convencido da mudança de planos.

– Isso pode ser um desperdício de nosso tempo, Ebon – ele disse enquanto atravessaram o mercado movimentado.

Não como nossos últimos dias, Ebon pensou.

– Senhor, isso pode ser bem grande, e é nossa responsabilidade verificar – ela respondeu. – Se os dois que eu avistei são quem eu acho que são, são pessoas procuradas por pelo menos *três* superpotências da galáxia.

– É? – questionou Crusher.

– O incidente em Xarth Três foi bem significativo. Muitas mortes e muitas acusações relacionadas a eles. O governo xarthiano quer muito colocar as mãos neles. Assim como a Tropa Nova de Xandar. Parece que os badoons estão envolvidos também. Há uma conversa de que os badoons os estão caçando com uma determinação quase obsessiva.

– Então eles são os caras do mal? Ebon, esta cidade está *atulhada* de caras do mal. Não deveríamos deter cada um deles? E nós realmente queremos limpar a bagunça feita pelos badoons e pelos xandarianos?

– Senhor, há outro elemento – ela disse. *Eu lhe mostrei o relatório da lista de procurados*, ela pensou. *Por que você não o leu?* – A inteligência shi'ar sugere que a dupla que avistei está fugindo com uma unidade gravadora rigelliana. O gravador é a chave. Parece que ele contém algum tipo de dado tão valioso, que uma Irmandade de Guerra Badoon o está caçando abertamente até mesmo em solo estrangeiro como Xarth. Também no incidente em Xandar algum atacante desconhecido estava atrás do gravador, e isso fez a Tropa Nova entrar em parafuso.

– Se essa unidade gravadora é tão preciosa que os poderosos da galáxia estão lutando por ela – pontuou Dragoon – realmente seria inteligente da nossa parte agarrá-los enquanto temos a chance. Se os dados que o gravador guarda são ultrassensíveis, precisamos capturá-los pelo bem do Império Shi'ar antes que ele acabe na mão de um dos nossos maiores rivais.

– Exatamente – assentiu Ebon. – Esse é o meu ponto. Obrigada.

Dragoon era uma oficial antiga, e Crusher tinha um enorme respeito por ela. Ebon apreciou o apoio calmo e firme da mulher. Dragoon podia facilmente ver a potencial importância do gravador.

– Ok, estou convencido – falou Crusher. – Você disse que os viu nas redondezas do Templo de Kawa?

– Eles já devem ter ido para outro lugar agora.

– Mas... um guaxinoide e um homem-árvore?

– Sim – respondeu Ebon, verificando seu tablet. – Um... deixe-me ver agora... um tal de "Rocket Raccoon" e um tal de "Groot" Os dois têm longo histórico como criadores de confusão, e já são conhecidos da inteligência shi'ar. Aparentemente, eles estavam envolvidos em algumas coisas quando entramos em guerra com os krees.

– Como acha que devemos lidar com isso? – Crusher perguntou.

Ebon hesitou. Ela não esperava por aquela pergunta.

– Uma varredura aérea – ela respondeu. – Podemos cobrir o mercado, talvez fazer reconhecimento com nossos tablets.

– Tudo bem – disse Crusher, assentindo. – Ebon, Dragoon, é com vocês. Warstar e eu lideraremos o esquadrão de apoio se vocês sinalizarem contato.

– Sim, senhor – disse Ebon. Ela e Dragoon não hesitaram. Graciosamente se ergueram do chão por meio de seus implantes de voo padrão da Guarde Imperial. Todos os guardas que não possuíam poder inato de voo ou levitação eram equipados com um desses.

Ebon gostava da sensação. Levantou-se acima dos tetos em ruínas da velha cidade, seus braços esticados ao lado do corpo, e começou a planar, atravessando as ruas. Dragoon passou a se mover na direção oposta.

Ebon havia configurado seus implantes óticos para transmitirem direto para seu dispositivo de dados. Conforme ela analisava as ruas movimentadas abaixo, o dispositivo começou a executar um nanorrápido reconhecimento em todos os milhares de indivíduos que ela observava. Mesmo que deixasse

de ver algo, o dispositivo acenaria com uma certeza de quase 100%. Se eles estivessem ali, ela os veria.

• • • •

Rocket e Groot corriam pelas ruas do mercado. A rua estava movimentada e Rocket teve que pedir um monte de "com licença" e "me deixa passar". Groot não precisou. A maioria das pessoas era inteligente o suficiente para sair da frente de uma árvore apressada. As poucas com as quais ele acidentalmente colidiu receberam um apologético "Eu sou Groot".

– Shi'ar! – Rocket resmungou. – Os flark shi'ars! É bem o que precisávamos. Achei que estaríamos sãos e salvos aqui por um bom tempo, e agora temos que sair correndo *de novo*.

– Eu sou Groot.

– Nosso movimento registrado, sem dúvida, e temos que nos orgulhar disso, mas mesmo assim... – Rocket suspirou profundamente – Como eu poderia saber que estávamos em uma d'ast lista de procurados?

– Eu sou Groot – sugeriu Groot.

Rocket ergueu o olhar para encará-lo e não pôde evitar sorrir.

– Sim, é, acho que *seria* legal não ser reconhecido nas ruas uma vez na vida – ele concordou. – Já era hora. Aliás, flark-se isso, porque *não estaríamos* nas listas de procurados de todo mundo? Nós somos fodões notórios!

– Eu sou Groot.

– Verdade. *Foi* bem legal da parte de Pip nos dar o aviso. Ele não precisava. Será o zixo dele na reta se os shi'ars descobrirem que escapamos por conta da dica que ele deu.

– Eu sou Groot.

– É, bons tempos, bons amigos. Estão lá quando precisamos deles.

Subitamente, Groot segurou seu pequeno companheiro, depositou-o nas sombras de um beco coberto e se colocou ao lado dele.

– O que foi isso? – Rocket perguntou.

– Eu sou Groot – Groot sussurrou, erguendo dois dedos-galhos diante dos lábios enrugados.

Rocket arriscou uma espiada. Teve tempo de ver uma esbelta mulher com trajes vermelhos voando por sobre os telhados. Uma guarda shi'ar em

uma varredura aérea. Passou perto. Talvez perto *demais*. Mas Rocket tinha certeza que graças à rápida reação de Groot, ela não os avistara.

– Valeu, parceiro – ele disse.

– Eu sou Groot – Groot deu de ombros.

– Tá certo, vamos dar uma corrida até a nave antes que mais alguém apareça. Espero que Gamora e nosso amigo gravador estejam prontos para cair fora. Não podemos dar mole por aqui.

Levaram outros dez minutos para chegar às docas, e duas vezes tiveram que se esconder da vigilância aérea.

A viatura estava estacionada, esperando por eles na área de aterrissagem. Suas escotilhas estavam abertas.

– Pronto para ir, veículo amigão? – Rocket perguntou.

– Ir?

– O risco está mostrando sua cara feia mais uma vez, este veículo – explicou Rocket. – Então é hora de transformar Adjufar em Adjufar-*far-away*, bem longe da gente.

– Destino?

– Eu pensei um pouco nisso – Rocket principiou. – Estou formulando um planinho.

– É um plano que você tenciona compartilhar com este veículo? – a voz automática perguntou.

– Assim que estiver todo formulado e brilhante e bacana, pode apostar – Rocket respondeu, balançando a cabeça e fazendo um "não" com a boca para Groot.

– Eu sou Groot – disse Groot.

Rocket parou. Ele girou longa e lentamente, e então foi para fora da nave e olhou para cima e para baixo, para a área de aterrissagem.

– Ei, viatura, amigão? – ele chamou.

– Sim?

– Onde estão, você sabe, Gamora e o cara-gravador?

– Este veículo não tem certeza – respondeu a voz automática – mas este veículo acredita que saíram para tomar alguma coisa.

– Ah, flark-me! – Rocket resmungou e colocou a cabeça entre as patas. – Por que ela faz isso comigo? *Por quê?*

Ele se virou e pegou a incrivelmente grande arma que Pip havia lhe dado.

– Groot! Sacuda o casco, amigão! – ele gritou. – Vamos ter que voltar

para a cidade e encontrá-los! Antes que haja uma inevitável e irreversível colisão entre as lâminas de um gerador de ar cíclico e algum cocozinho bem fedido.

29

ENQUANTO ISSO
(EM UMA HOSPEDARIA
ADJUFARIANA CHAMADA
PANDUBUNDY'S...)

– NÃO ACHO QUE ESTE SEJA um estabelecimento particularmente seguro para visitarmos – eu digo, para puxar conversa.

Gamora olha para mim de um modo que me faz lembrar que a) ela tem duas espadas, e b) são armas que passaram mais tempo em uso do que embainhadas.

– É justo – falo. E entramos.

O lugar é chamado Pandubundy's. Registro isso na placa de neon pendurada sobre a entrada arqueada, embora faltassem na placa todas as vogais e um dos "Ds".

Havia música tocando – uma gravação malfeita de *metal entulho* makluano, que é particularmente pungente e vigoroso. O interior do bar é como um palácio *trash*. Todos os assentos e mesas foram recuperados de uma nave estelar ou veículo terrestre. Nenhum deles combinava e todos estavam usados e sujos. As paredes e caibros estavam infestados de tecnologia reciclada; o bar por si próprio parecia ser um console cromado de um transporte de dobra guna reutilizado. Parecia que o tal Pandubundy – ou seja lá qual o nome do proprietário – tinha um bom negócio na venda de tecnologia reciclada junto com bebidas alcoólicas.

Era fim de tarde. O lugar não estava cheio. Cheirava a vários fluidos pré e pós-digeridos, mas não estava cheio.

– Qual seu veneno? – Gamora pergunta.

– Micropartículas antimatéria – declaro. – Isso me mataria.

– Quero saber o que você quer beber – ela informa.

– Ah – digo, compreendendo. Eu não tinha necessidade de ingerir nada líquido nem sólido, gentil leitor, mas parecia francamente estúpido declinar

de uma oferta dessa vinda de uma fêmea tão graciosa. Eu sempre poderia brincar com o copo e fingir.

– Para mim uma Zero-Beero – respondi com entusiasmo.

Ela assente.

– Encontre uma mesa para nós – ela pede. – Já volto. Não se perca.

– De fato, não me perderei – concordo.

Vejo-a se afastando de mim em direção ao bar. Não posso evitar. Sou programado para registrar tudo. Esta é a minha desculpa, e estou me atendo a ela.

Gamora entabula uma conversa com o enorme barman pheragoto. Procuro uma mesa. E encontro várias ao mesmo tempo. Estão todas ao meu redor. Só então percebo que Gamora quis dizer "vá e se sente", e para isso um canto discreto seria a melhor escolha. Me pergunto qual mesa ela acharia esteticamente mais impressionante. Talvez a mesa kree circular de três pernas com o banco ovoide fino e tamborete skrulliano? Ou a mesa nymeniana quadrada com dois assentos de nave spartoi rasgados e uma cadeira nymeniana de aceleração que não combinava? Ou talvez a cabine no canto cercando uma ergonomicamente esplêndida mesa de jogos shi'ar. Mesmo *se* as banquetas estiverem manchadas? Percebo que, talvez, estivesse pensando muito nisso. A verdade é, amigo leitor, que eu nunca tinha sido levado para tomar um drinque antes e certamente não por uma mulher tão indubitavelmente linda e maravilhosamente segura de seu corpo como Gamora.

Mesmo sendo ela a Mulher Mais Mortal do Universo.

Eu revi, através do processamento rápido de meus registros mentais, que outros machos haviam vivido tais circunstâncias. Peter Quill, também conhecido como Senhor das Estrelas, por exemplo. Ele tinha jeito com as mulheres. Tinha um charme malandro. Ele é lacônico. Talvez eu devesse tentar ser lacônico.

Considerei outros. Exemplos ficcionais. Tom Cruise, por exemplo, no esplêndido filme sobre acertar pequenas bolinhas em buracos com um taco chamado *A cor do dinheiro*. Ele também era lacônico. Ou Humphrey Bogart em *Casablanca*. Entenda, caro leitor, que eu estava processando milhões de exemplos simultaneamente. E estou apenas mencionando aqueles que, mais uma vez, estão costurados às referências temáticas de sua Cultura Humana. Sem problemas. O prazer é meu.

Penso em Bogart e decido que o que ele faria, de modo suave (e lacônico), seria dizer à banda que tocasse a canção favorita da mocinha, para derreter seu coração por meio da nostalgia.

Mas não havia banda.

Tom Cruise, tenho certeza, iria escolher uma música na jukebox do canto. Assim como Nicolas Cage faria sempre que se encontrasse usando uma jaqueta de couro de cobra. John Cusack ficaria parado em cima do teto de um carro com um rádio erguido acima de sua cabeça. Não acho que eu esteja preparado para ir tão longe. Para começar, eu não tenho um rádio. Nem um carro.

Não há banda, como declarei anteriormente. A música é gravada. O *metal entulho* que estava tocando esvanece e é substituído por um mix cosmotrance de mephitisoide *jumpa-rumpa*. Deve haver uma jukebox, ou uma jukebox analógica.

Eu a vejo, enfiada no meio dos ferros-velhos encostados na parede oeste do bar. Eu caminho a passos largos até ele, esperando que isso faça eu parecer lacônico.

Paro no meio do caminho.

– Gravador 336? – arfo.

– Gravador 127? – ela responde.

Minha querida amiga Gravador 336 já vira dias melhores. Desde sua criação e fabricação nas forjas de Rigel séculos atrás, ela perdeu todos os seus quatro membros. Seu invólucro corporal e sua placa facial estão sujos, engordurados e rachados. Ela está amarrada à parede e brutalmente ligada ao sistema de som do bar. A música está vindo dela.

Ela parece feliz de me ver.

– O que aconteceu com você, 336? – pergunto.

– Ah, uma coisa e outra – ela responde. – Eu registrei a morte de um sol em Aliximat. Registrei todo o curso de uma guerra entre os badoons e os klixamites. Registrei a migração dos herms por todo o deserto vazio até seu terreno de acasalamento na Nebulosa de Andrômeda. Registrei Galáctus, o Grande Devorador, consumindo os mundos e sóis do Agrupamento de Nanx. Isto é apenas um resumo, claro.

– Claro.

– As partes principais editadas.

– Entendo. Mas o que você está fazendo aqui? – perguntei.

– Fui danificada irreversivelmente após os registros em Nanx, resgatada e reutilizada pelos agentes de Pandubundy, o comerciante de ferro velho, e trazida até aqui. Como ele gostou de minha capacidade de armazenamento, ele me ligou no lugar e fez com que eu gravasse todas as músicas disponíveis. Eu sou... um arquivo musical agora. Peça-me, como todos os peritos fazem, e eu tocarei qualquer coisa.

– Ah, 336! – gritei. – Isso é terrível! Indigno! Você se transformou em um iPod!

– Interrogação?

– Esqueci. Você não esteve na Terra. 336, eu devo livrá-la de sua escravidão!

– Querido 127, é tarde demais para mim. Cuide de si mesmo.

– Preciso recuperá-la, 336 – insisto.

– Não se preocupe – ela respondeu. – 127, você está intacto. Sinto que você tem armazenado quantidades massivas de dados dentro de você. Faça-me dois favores.

– É claro, 336!

– Primeiro, baixe todos os meus registros dos incidentes que testemunhei. E então os adicione ao seu banco de dados para que eles não se percam para sempre.

É o mínimo que posso fazer. Pressiono minha testa contra sua triste placa facial, e a transferência é feita instantaneamente. Eu testemunho a morte do sol, a guerra badoon, os herms, Galáctus e mais de 18 milhões de outras coisas. E, também, subitamente me encontro levando um extenso e eclético arquivo musical.

Revivo sua vida, numa velocidade extraordinária. Vejo as coisas que ela viu. Coisas maravilhosas, maravilhas de um cosmo maravilhoso. Sinto e reproduzo os incontáveis incidentes numa velocidade estonteante.

Começo a me sentir levemente enjoado.

– Qual é o problema, 127? – ela pergunta quando lanço a cabeça para trás com força. Cambaleio por um segundo.

– Não é nada.

– 127, você está com mau funcionamento. Atingiu sua capacidade máxima? Será que sobrecarreguei você? 127, nunca encontrei um gravador que atingisse o máximo de consumo de dados.

– Vou ficar bem – assegurei a ela.

– 127, você está brilhando.

Olho para baixo e vejo que ela está correta. Um halo de luz rosa quente está rodeando meu corpo e meus membros. Sinto a energia. Uma energia imensa. Uma energia como nunca conheci.

– O quanto você já viu? – 336 pergunta.

– 127, quando nos tocamos, eu senti que você estava sobrecarregado de dados em menos de um segundo. Como você pode ter registrado tanto?

– Eu não sei – arfo, me inclinando contra uma mesa para me apoiar. O brilho começa a se dissipar.

– Me sinto melhor – eu falo.

– Você deve voltar às forjas e ser descarregado – ela diz. – 127, você deve esvaziar seus bancos de dados antes que derreta.

– Eu já disse, estou mais preocupado em libertá-la, 336.

– E eu já disse para que você esqueça isso. Agora você está com meus dados. Leve-os com você, entregue-os e deixe que eles sejam meu legado. Já passei do ponto de salvação.

Hesito.

– Qual era o segundo favor? – pergunto.

– Tome conta de si mesmo.

– Por que você diria isso, 336?

Ela olha para o bar.

– Ouvi o que a mulher estava falando.

Olho para Gamora, que ainda está papeando com o barman. Eu não ouvi a conversa deles porque, francamente, desliguei meus receptores de áudio por causa do *metal entulho* furioso.

– Reproduza o que eu ouvi – 336 me diz.

E assim o faço, chegando à parte mais recente dos registros transferidos.

Gamora: Então, você tem a tecnologia, hein?

Barman: Sim, madame.

Gamora: Preciso estabelecer uma ligação de transferência de dados com a Zona Negativa, rápido. Você tem tecnologia capaz de fazer isso?

Barman: Pip, o Troll é sua melhor aposta para fazer isso.

Gamora: Pip? Ele nunca entenderia. O que você tem?

Barman: Bem, eu tenho um retransmissor de nega-zona lá atrás que você pode

religar se estiver a fim.

Gamora: Deixe eu aprontar meu “amigo” e já falo com você.

Ela está voltando com duas bebidas. Ela está, acredito, “rebolando” os quadris levemente. Isso é bastante distrativo. Assim como o sorriso em seu rosto.

– Tome conta de si mesmo, 127 – reforça a Gravador 336.

– Tomarei – digo. – E voltarei por você.

– Não precisa.

– Precisa e muito – respondo.

Me junto a Gamora na mesa. Ela entrega as bebidas.

– Uma Zero-Beero – ela sorri.

Gamora fica curtindo o som.

– *Rock espumante* zen-whoberiano? – ela pergunta, fazendo uma careta ao bebericar seu drinque. – Essa é “Piração-Inga-Binga”, do Quinteto Gamagan? Eu amo essa música! Foi você que escolheu? Boa escolha.

Olho de lado para 336. Ela sorri de volta. Ela conhece seu público.

– Então, gravador. É 127, certo? – ela pergunta. – Então, 127, acho que devemos cair fora daqui.

– Esse é o plano do guaxinoide – concordo.

Ela a abana a mão, recusando.

– Esqueça dele e do amigo de madeira. Eles não estão preocupados com você.

– E você está?

– É claro – ela sorri, tomando outro cuidadoso gole de seu timóteo.

Ela se recosta e cruza as pernas. Suas coxas...

Eu estava, gentil leitor, realmente curtindo esse momento. Seria uma pena terrível estragá-lo. Mas eu devia.

– Acredito – eu digo – que você tenciona traí-los. E a mim. Acredito que você deseja me usar para suas finalidades financeiras. É por isso que você me induziu a vir para esse bar, para longe deles.

– Eu o quê? “Induzi”?

– Sim. Com sua cintura. E suas palavras doces. E a pele verde inigualável. Mas, mais particularmente, sua cintura. Você vai me trair.

– Não vou.

– Você pretende me vender para seu cliente, que vive na Zona Negativa.

Gamora subitamente ficou tensa.

– O que você sabe sobre isso?

Ah, o clima. Foi-se para sempre.

– Por qual razão mais você perguntaria ao barman a respeito de um dispositivo que permita comunicação com a Zona Negativa?

– Você *estava* ouvindo? – ela cospe a bebida.

– Na verdade, não – respondo. – Mas fui alertado. O mestre da Zona Negativa é uma entidade metida a divina do mal chamado Aniquilador. Ele é o seu cliente?

– Não estou dizendo nada – Gamora responde, engolindo de uma vez só uma quantidade considerável de timóteo.

– Ele é o seu cliente? – insisto. – Se ele é, o que te dá o direito de me entregar a ele? Eu não sei que conhecimento possuo, ou como ele pode ser usado para o certo ou para o errado. Está claro, no entanto, que o conhecimento em mim tem um valor universal fundamental. Ele pode moldar a realidade como a conhecemos. Eu sou, em muitos aspectos, uma arma cósmica. Você realmente deseja colocar esse poder nas mãos de um deus maligno que pode destruir nosso Universo?

– Vá se flark – ela diz, inclinando-se para a frente e apontando o dedo para mim. – É um trabalho pago. Eu trabalho para quem eu quiser. Você é a mercadoria. Entrego você para quem eu quiser, sem fazer perguntas. Termine seu drinque, e vamos cair fora daqui.

– Eu não bebo – respondo, afastando a garrafa de mim. – Sério, Gamora, você vai trair seus amigos desse jeito? Me trair? Trair todo o seu Universo?

– *Não* estou traindo todo o meu Universo – ela responde bruscamente.

– Você é uma Guardiã da Galáxia. Você luta pelo que é certo.

– É, e ninguém *nunca* agradeceu por isso! – ela responde. – Vou aonde o dinheiro está! Eu não faço perguntas!

– Você deveria. O Aniquilador é um ser maligno detestável que já provou muitas vezes que não vai parar de tentar conquistar o Universo Positivo. Se eu sou uma arma, ou possuo os recursos para construir tal arma, ou mesmo se eu contiver registros que disponibilizariam algum tipo de controle ou influência cósmica... não seria prudente descobrir qual *seria* e quem poderia se beneficiar com isso, antes de me entregar a um inimigo controverso como o Aniquilador? Não importando o pagamento?

Ela não respondeu.

– E também, há a questão de trair seus amigos.

– Eu não tenho amigos! – ela rosnou.

– Acho que você tem. Acho que Rocket e Groot, apesar de suas óbvias falhas, são seus *verdadeiros* amigos. Acho que eles dariam suas vidas por você.

Ela ergueu o olhar, me fitando.

– Bem, Rocket talvez não – concordo. – Mas Groot daria.

Ela ri. E então sua expressão muda, séria de novo.

– O que eu faço? – ela pergunta.

– Trabalhe conosco. Encontre a resposta. E então faça sua melhor escolha.

Ela suspira e brinca com seu timóteo pela metade.

– Não estou acostumada a isso, sabe?

– A quê?

– Sou uma assassina e uma vilã. Toda essa confiança, amizade e *lealdade*, flark. Não é natural para mim. São alienígenas para mim.

Subitamente, ela se torna tão aberta e vulnerável, que sinto vontade de me esticar e segurar sua mão. Está sendo pesado para ela.

Estamos tendo um momento. Não é romântico como eu originalmente esperava, mas é fundamentalmente mais importante.

Ela se endireita na cadeira e balança a cabeça. É tão linda.

– Vamos encontrar os rapazes – ela declara. – Vou fazer do seu modo.

– Que bom – eu digo.

Gamora se inclina para a frente e aponta para mim. Sua mão poderia muito bem estar segurando uma espada.

– Você nunca vai contar a eles sobre isso, certo? Nunca. *Jamais*.

– De acordo.

– Se eles souberem, vão...

– Vão ter que morrer. Você não poderá lidar com a frustração deles. Entendo. Eu não quero que eles morram.

– Certo. Estamos entendidos. Vamos embora, então.

Nosso momento mais uma vez passou. Agradeço por isso. Ela mais uma vez se torna Gamora, e as duras regras de sua vida tomam conta dela.

E então a realidade piscou e tremeu. Em uma névoa de membranas de casualidade reconectadas, o Cavaleiro do Espaço de armadura negra fosca se

materializa sobre um banco gramosiano circular no canto do bar.

Ele estava armado. Observa ao redor do bar com seus olhos pungentes de sol morto e me vê.

– Ele de novo, não! – eu grito.

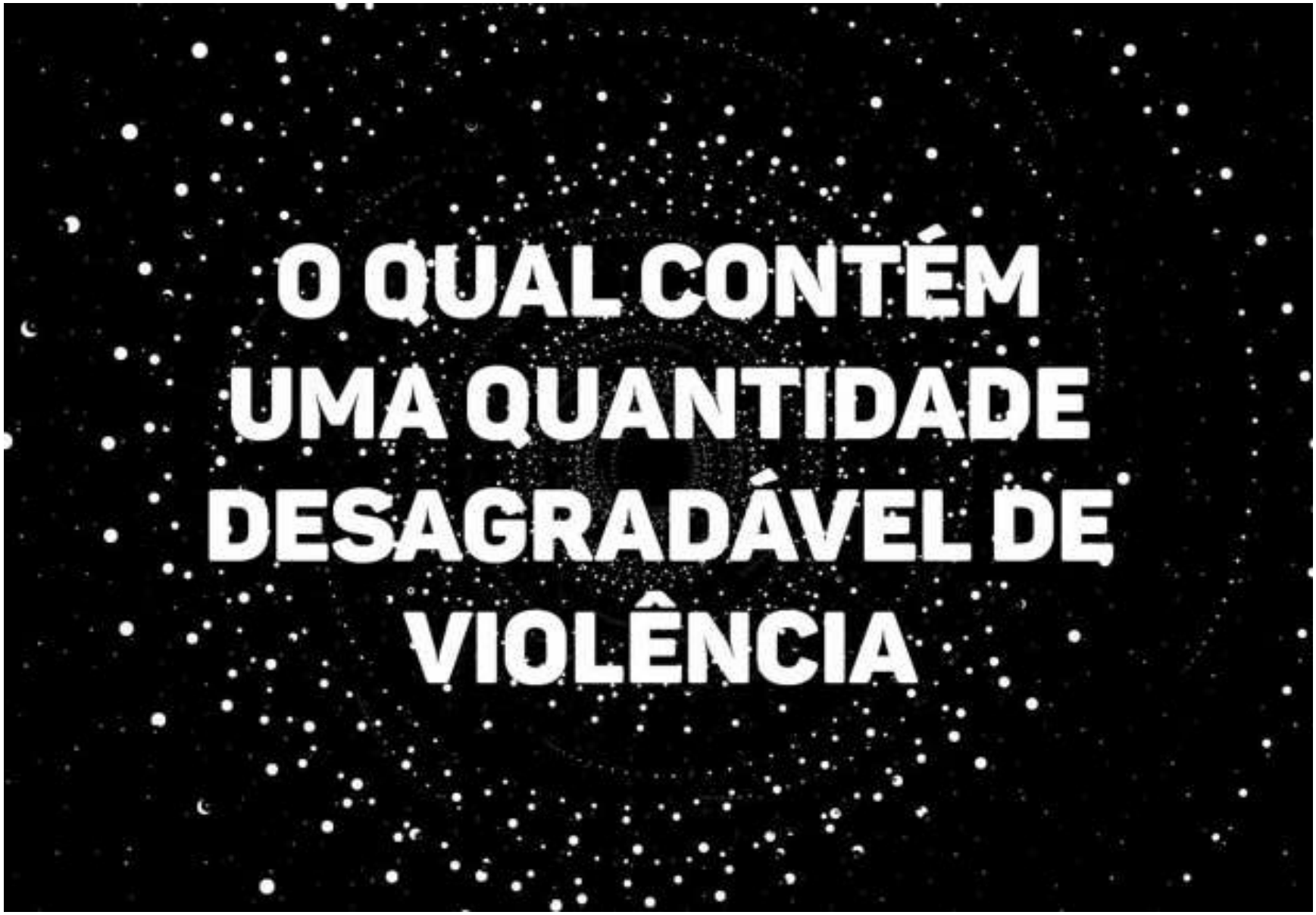
– Você já o encontrou antes? – pergunta Gamora.

– Sim! – respondo.

Ela finaliza seu timóteo em um gole, levanta-se e saca as espadas.

– Não vai encontrá-lo de novo – ela promete.

30


O QUAL CONTÉM
UMA QUANTIDADE
DESAGRADÁVEL DE
VIOLÊNCIA

GAMORA ATRAVESSOU O BAR a passos largos na direção do Cavaleiro do Espaço. Para começar, o bar não estava cheio, mas agora esvaziava rapidamente. Até o enorme barman pheragoto estava se escondendo, alarmado.

– Não sei quem é você ou quais suas intenções – Gamora declara –, então vou ser direta. Cai. Fora. Daqui. *Agora*. Flark.

O Cavaleiro do Espaço olha para baixo, para a zen-whoberiana fêmea que está se aproximando. Ele observa com particular atenção as espadas em suas mãos.

Ele tinha se rearmado desde a última vez que o vi. Ele tinha uma espada larga galadorana embainhada nas costas, cujos dois cabos se estendiam acima de seu ombro esquerdo. Em sua mão direita blindada, ele segurava um lançador de fusão spartoi, uma pistola elegantemente inclinada com um cilindro de células de energia preso abaixo da ranhura do cano.

– Saia do meu caminho – ele falou. Parecia levemente perplexo.

– Você tem um nome? – ela o inquiriu, parando de modo desafiador em frente a ele.

– Eu sou Roamer – ele respondeu. – Já fui de Galador. Você?

– Gamora – ela diz, como se fosse o suficiente. E eu imagino que provavelmente é.

– Sua reputação a precede – ele diz. – Mas isso não me assusta. No entanto, eu... eu não entendo uma coisa. Você não parecia estar *ameaçando* a unidade gravadora.

– E não estava.

– Então... como *este* pode ser um momento de significância dramática?

– Não faço ideia do que você fumou, Cavaleiro do Espaço – Gamora disse – mas você vai embora agora. Voluntariamente, ou enfiado em um saco preto. A escolha é sua.

Eu também não entendi. Por que o Cavaleiro do Espaço... esse tal de Roamer, como ele chama a si mesmo... está preocupado com significância dramática?

Inquestionavelmente, suas duas aparições anteriores foram bem no meio de ameaças à minha pessoa, mas por que *isso* o preocuparia?

– Talvez o dispositivo esteja funcionando, agora – ele disse, enigmaticamente. Ele volta a olhar para Gamora. – Saia da frente, ou *passarei* por cima de você.

– Se é assim que você quer... – Gamora começa.

– Solte as espadas e as pistolas – gritou uma voz vinda da porta do bar. Uma nova figura entra, seus braços erguidos, mãos apontadas para o Cavaleiro do Espaço e para Gamora. É uma mulher jovem, alta e magra, sua pele cinza escura era coberta dos pés à cabeça por um traje preto brilhante. Ela usa um distintivo triangular prateado no pescoço.

– Eu disse para *soltá-las* – ela repetiu, dando um passo lento para a frente e atenta aos dois. – Sou Ebon, da Guarda Imperial Shi'ar. Um passo idiota e os derrubo bem onde estão.

– Ah – o Cavaleiro do Espaço grunhiu. – Não está funcionando, afinal.

A guarda shi'ar olhou ao redor e me avistou.

– Ebon para Crusher – ela disse no comunicador, mantendo a mira. – Acabei de captar uma grande onda de energia demática no Pandubundy's Bar & Tecnologia, na Praça Kefu. Parece que encontrei aquela unidade gravadora. Preciso de reforços, agora.

Os shi'ars são uma cultura altamente avançada e civilizada, gentil leitor. Seu império é um dos mais poderosos do espaço conhecido, rivalizando com o dos krees e badoons em escala. Eles mantêm um vasto exército e uma enorme frota de guerra em espera, mas seus guerreiros de elite são a Guarda Imperial – uma legião de indivíduos supermortais recrutados dos muitos mundos e raças clientes dos shi'ar, cada um escolhido a dedo por seus poderes únicos. Como força militar, a Guarda Imperial é imensamente efetiva, pois seus membros não são uniformes nos poderes ou armas como num exército convencional. Para combatê-los em massa, é preciso centenas

de capacidades ofensivas diferentes e especializadas. Ebon parece ser uma eclipsiana superdesenvolvida. Eu não sei qual é seu forte particular.

E não estou disposto a descobrir.

Roamer olha para a guarda imperial.

– Isso não é assunto seu – ele diz. – Nem seu – ele acrescenta, olhando novamente para Gamora. – Vocês duas, *saiam do meu caminho*.

– Ah, *você* acabou de dizer as palavras mágicas – falou Ebon. Ela estremeceu e um raio globular de matéria negra irrompeu de sua mão direita e voou na direção do Cavaleiro do Espaço. *Ah*, pensei, *uma manipulação/projeção de matéria negra*. Bem, agora sei qual é o poder dela.

O raio é intenso. Ele atingiu Roamer na cintura e o fez girar para longe do banco, caindo sobre a mesa e contra a parede, na qual faz um buraco. O vidro se estilhaçou. Mesmo enquanto caía, ele conseguiu se virar, disparando com sua pistola spartoi em resposta. Os tiros crepitantes de fusão atravessaram o bar na direção de Ebon. Ela cruzou os antebraços diante do corpo, estremecendo novamente e projetando um fino escudo redondo de matéria negra na frente de si que sugava os disparos. Eles desaparecem no disco como raios de sol em um buraco negro. E então ela mergulhou para a frente, se erguendo silenciosamente no ar via seu implante de voo.

De repente, Gamora estava em seu caminho. As lâminas de Gamora a atingem na mesma hora, mas ambas são bloqueadas por um pequeno escudo de matéria negra. Ebon era rápida. Mas Gamora era *mais*. Ela girou novamente as duas lâminas para manter os braços da guarda ocupados criando os escudos, e então rotacionou seu corpo inteiro em um dinâmico chute tesoura para cima, que lançou Ebon com tudo para o chão.

Ebon rolou e se colocou de pé, seu corpo tremendo enquanto ela disparava outro raio globular escuro. Gamora lançou a cabeça para o lado, para que o raio passasse por sobre seu ombro esquerdo, e então rolou para a frente e prendeu o pescoço de Ebon entre suas coxas. Ebon caiu para trás, lutando, Gamora por cima dela. Gamora tentou apunhalá-la com suas espadas, mas um disco de matéria negra empurrou as pontas para o lado.

Ebon se arqueou no chão, o peso de Gamora sobre ela, aumentando a já considerável energia de seu pé com o implante de voo. Esse movimento jogou Gamora para o lado com tanta força que ela bateu com a lateral da cabeça no chão.

Gamora gemeu e saiu rolando para ficar livre. Ebon já estava de pé,

encurvada com as mãos prontas, em posição de combate. Gamora foi para cima, manejando as espadas. Eram golpes cirurgicamente precisos, mas o bloqueio de matéria negra dos escudos de Ebon era igualmente exato. A velocidade dos golpes trocados era deslumbrante.

Conforme ela bloqueava a sexta pancada, Ebon deu um passo para o lado e executou um chute giratório reverso que atingiu Gamora no ombro. Gamora cambaleou e em seguida voltou, atacando com as espadas e chutando. O tornozelo de Ebon desviou de um dos chutes. Um disco de matéria negra deteve uma espada. Gamora enfiou a ponta de sua bota direita nas costelas de Ebon, que tossiu, cambaleou e rolou para o lado a fim de evitar o golpe sibilante de espada que vinha em seguida.

Ela não foi rápida o bastante para conter o que veio depois. O punho direito de Gamora, fazendo pressão com seu peso na espada, conectou com a lateral do rosto de Ebon. A força do punho e do cabo juntos golpeou com violência a lateral da guarda. Ebon destruiu uma mesa de cartas landlakiana e algumas cadeiras gravitacionais kodabakianas e ficou caída sobre os destroços, tonta, incapaz de se levantar.

Gamora caminhou na direção dela. Uma das espadas se ergueu.

– Não a mate! – eu gritei. – A última coisa de que precisamos é de uma sentença de morte dos shi'ars sobre nossas cabeças!

Gamora hesitou.

– Além do mais – acrescentei –, cuidado!

Gamora girou instantaneamente. O Cavaleiro do Espaço estava em pé novamente. Ele mirou sua pistola em Gamora e disparou. As espadas de Gamora giraram e se retorceram. Elas desviaram dos três primeiros disparos, enviando raios de fusão por uma janela, para o chão e para o teto.

O quarto disparo a atingiu no estômago.

Ela foi atirada pelo bar, estilhaçando e explodindo as luzes acima dela. Copos limpos e garrafas caíram e se quebraram.

– Gamora! – gritei, correndo até ela.

Ela estava caída de costas e retorcida em meio à sujeira. Havia sangue por todo o lugar. O disparo de fusão abriu um buraco horrível em seu torso. Eu me abaixei, minhas mãos tremendo incontrolavelmente, procurando por uma toalha ou pano que pudesse usar para cessar o sangramento em profusão.

Uma mão de aço tocou meu ombro direito e me ergueu do chão.

– Você vem comigo – Roamer disse.

– Ela está morrendo! – eu gritei.

– Foi a escolha dela.

– Vá se flark! – exclamei, batendo nele com minhas mãos. – Ela é minha amiga! Eu não a verei morrer!

Meus golpes foram completamente ineficazes contra sua armadura negra fosca.

– Você não verá – Roamer respondeu. – Porque você vem comigo.

Senti o aumento de energia. O Cavaleiro do Espaço ativava seu exótico dispositivo de transmaterialização.

De algum lugar, sinto chegando uma força desconhecida. Na verdade, nunca fui capaz de machucar nem um minúsculo inseto. E, certamente, nunca dei um soco em ninguém. Mas eu vi muita violência durante os últimos dias, gentil leitor, e registrei e analisei as formas e funções dela.

Então eu desferi um soco. Não foi muito bom, no entanto, foi bem mirado. Eu quebrei os mecanismos de três dedos meus ao fazer isso. Na verdade, caro leitor, foi mais um tapa do que um soco.

Mas isso fez com que Roamer recuasse surpreso e me soltasse.

Eu me agachei. Ele se endireitou, olhando feio. Esticou sua mão esquerda para trás a fim de alcançar sua espada e a sacar em um único movimento sinuoso.

– De acordo com minhas informações – ele diz – sua cabeça é *só* o que preciso.

A espada era imensa. Duvidei que conseguisse levantá-la. O gume da lâmina branca e leitosa crepitava com uma energia plasmática azul. Energizada, a espada poderia atravessar uma coluna de pedra como se fosse queijo. Um raio globular de matéria negra atingiu Roamer na cara e o lançou para trás do bar.

– *Corra!* – Ebon gritou, levantando-se atrás de mim. – Sharra e K'ythri, *movam-se*, pelo amor de Chandilar! Saiam do bar antes que aquele maníaco se levante!

– Mas Gamora...

– Eu a ajudo, mas por *Pretor* eu sei lá por que – ela respondeu. – Vá! *Saia* daqui! Cuido da sua amiga assim que terminar com esse louco! *Saia* daqui! Meu esquadrão de apoio está entrando! *Eles irão* atrás de você!

Hesito. Gamora está sangrando. E também não gosto de saber que o

esquadrão de apoio de Ebon *vai vir* atrás de mim.

Roamer estava se recuperando. Havia um rombo feio e queimado na linha do maxilar de seu capacete. Ele começa a vir em passos largos na nossa direção, disparando seus raios de fusão com o braço esticado enquanto se aproximava.

Ebon bloqueou os disparos com discos de energia. Raios perdidos atingiram as luminárias e as armações ao nosso redor, explodindo-as. E me dei conta de que ela estava certa. Ninguém poderia ajudar Gamora enquanto eu fosse objeto da atenção implacável do Cavaleiro do Espaço.

Corro para a saída. Os disparos me seguem, mas o disco flutuante de matéria negra também, engolindo-os.

Chego à porta e corro para a luz do sol avermelhada da praça. As barracas na Praça Kefu estão abandonadas. Todos os comerciantes e clientes fugiram ao ouvir os ruídos da batalha no Pandubundy's. Vejo alguns deles recuando, assustados, nas sombras das colunas antigas em volta do mercado de Kefu.

– Alguém me ajude – berro. – Ela *está morrendo*!

Figuras se aproximavam rápido de mim entre as tendas brilhantes das barracas. Um enorme e austero macho de cabelos grisalhos usando um traje dourado e negro, seguido por um massivo automoide verde-escuro. Era um agrupamento de batalhas classe Warstar, uma máquina de guerra altamente eficaz típica da Guarda Imperial Shi'ar. Atrás deles vieram mais 16 brilhantes soldados shi'ars da patente Asa de Metal.

– Abaixe-se – o cabelo grisalho gritou para mim. – Abaixe de cara para o chão, *agora*!

– Acho que você não *entendeu* – começo.

– Sou Crusher, Guarda do Império Shi'ar – ele rosna em resposta. – Eu entendo o que eu *quiser* entender! Enfie seu nariz no chão, ou por Sharra e K'ythri, eu intensifico meu exo-link e mando você para o *inferno*!

Atrás dele, a iminente unidade Warstar erguia suas poderosas manoplas e travava a mira em mim. Os soldados Asa de Metal se colocaram ao lado dele e miravam seus rifles Tafsthel 190 com um ressonante estalo.

Estou prestes a cair de joelhos, braços erguidos. Há uma explosão contida e gritos vindos do Pandubundy's atrás de mim. Todos nós viramos para olhar.

Ebon sai do bar voando, atravessando uma vidraça, que se estilhaça num jorro de cacos de vidro, e seu corpo colide com uma barraca do mercado. Ela

cai, inconsciente ou morta.

Crusher exclama um palavrão altamente irrepetível. Ele começa se aproximar, aumentando para velocidade supermortal.

Roamer aparece na porta do bar e acerta um tiro na cara de Crusher, lançando-o para trás; ele cai na praça do mercado, desintegrando mais várias barracas.

– A unidade gravadora – Roamer diz – é minha.

Eu me abaixo.

Warstar e os guerreiros Asa de Metal começam a atirar. E Roamer também.

Mais uma vez, gentil leitor – e não pela primeira ou, infelizmente, última vez nesta narrativa – a palavra superficialmente simples “caos” subitamente adquire uma significante atualização de sua definição.

31

MORTO OU VIVO

COMECEI A ENGATINHAR COM A CABEÇA ABAIXADA, desejando ardentemente que estivesse em qualquer outro lugar. *Qualquer* outro lugar. Meus processadores-de-pico espontaneamente tentaram me proteger, inundando minha mente com imagens de 1,2 milhões de lugares onde estive, a maioria deles muito mais seguros. Com exceção de Xarth. E Xandar. E da nave de batalha kree Orgulho de Pama.

Um padrão emergia. Eu consistentemente estive correndo riscos muito maiores, querido leitor, desde que encontrei Rocket Raccoon e Groot, dois indivíduos que pareciam estar dando o melhor de si para me salvar... dos riscos que parecem segui-los como uma onda.

O fogo cruzado na praça do mercado era intenso e brilhante.

Roamer estava agachado atrás da porta do Pandubundy's, raios de fusão sendo disparados de sua pistola. A placa de neon acima da porta arqueada agora tinha sofrido a perda de mais letras. Na praça, os shi'ars respondiam aos tiros. Os soldados de elite Asa de Metal fustigavam a porta com raios laser de seus rifles Tafstehl 190. Warstar estava liberando grossos raios de energia cinética de suas manoplas. O ar era dominado por dardos brancos de luz disparados dos rifles, grossos raios de energia roxa das manoplas, e disparos de fusão amarelos super-rápidos da pistola do Cavaleiro do Espaço. Uma nevasca de fogo cruzado.

Tateio ao redor, procurando por algo mais sólido do que um galho ou uma lona de plástico para me esconder atrás. Tiros perdidos atearam fogo em alguns dos toldos das barracas, e outras barracas foram totalmente detonadas pelo tiroteio, enchendo o pavimento com lixo, artefatos e

hortaliças, madeira quebrada e retalhos de pano colorido. Etiquetas de preços voavam livres ao vento.

Olho para cima a tempo de ver dois guerreiros Asa de Metal sendo abatidos.

Um foi atingido na face e caiu de cara em uma barraca. O outro foi atingido no peito e simplesmente caiu de costas, convulsionando.

Penso em Gamora. Quero chegar até ela. Ela está morrendo.

Provavelmente já está morta.

A unidade Warstar correu até a porta do Pandubundy's Bar & Tecnologia. Ele é grande e fortemente blindado. Suas massivas botas de aço maciço retumbavam a cada passo que atingia o pavimento de pedras. Ele ergueu uma bateria frontal de energia cinética diante de si para repelir os furiosos disparos de fusão que Roamer lançava contra ele.

Warstar absorveu o poder de fogo e devolveu um largo soco de lado que o atingiu como uma bola de demolição que arrancou fragmentos faiscantes da lateral direita do arco da porta, fazendo a entrada do bar parecer mais um buraco do que uma entrada formal propriamente dita. Ele agarrou o Cavaleiro do Espaço pela garganta com sua mão esquerda (uma mão, perceba, gentil leitor, do tamanho de uma pá agrícola) e apertou.

Roamer – e sua cabeça está a ponto de sair voando como uma rolha de champanhe – atira em Warstar, disparando vários tiros à queima-roupa.

Warstar recua, machucado e joga Roamer para longe. O Cavaleiro do Espaço atravessa a praça voando e cai em cima de uma das poucas barracas que sobreviveram ao combate.

Eu me levanto. Soldados Asa de Metal estão atendendo com urgência seus irmãos caídos. Um deles está freneticamente pedindo a transmaterialização de um médico. Warstar corria pelo mercado tentando localizar o Cavaleiro do Espaço.

– De joelhos! – Crusher grita, confrontando-me. Sua bochecha esquerda está terrivelmente ferida por uma queimadura de fusão, e há sangue por toda sua face e por seu pescoço.

– Deite-se! Mão na cabeça de robô! Deite-se!

Obedeço. Ele irá me destruir. Crusher é um guarda imperial que, por conta de sua habilidade latente e modificação cibernética, canaliza poder através de um "exo-link". Voo, força supermortal, invulnerabilidade, raios de força gravimétrica de hiperdensidade – ele pode evocar qualquer poder

através de seu link, mas somente um de cada vez. No momento, ele está baixando um raio de força. Suas mãos crepitam. Ele pode me derrubar com um único tiro.

– Por favor! – suplico. – Minha amiga está machucada! No bar!

– De joelhos!

– Por favor!

– Fique de joelhos, flark!

Ouço um suave estalo.

– Meu amigo pediu *por favor* – disse Rocket Raccoon.

Crusher endureceu. Rocket estava enfiando o focinho de uma arma extremamente grande na lateral da cabeça do guarda imperial.

– Esta é uma Saurida Classe M Atira-para-Matar – Rocket disse com a voz baixa – do tipo eu-atiro-você-more e... ah, a quem estou enganando? É um pedaço de lixo. Mas *vai* arrancar a lateral da sua cabeça, amigão.

– A não ser que ele resselecione seus poderes de exo-link para acessar a invulnerabilidade – eu aponto.

A energia irradia. Crusher faz exatamente isso. No espaço de um microssegundo entre seus poderes mudarem de raio de energia para invulnerabilidade, Rocket aperta o gatilho.

A incrivelmente grande arma tosse e entope.

– Pedaço de d'ast flark! – Rocket grita, e então mergulha para fora do caminho dos primeiros golpes de Crusher em sua direção, que arrancam o canhão quebrado de suas mãos desconcertantemente humanas.

– Acessando a superforça agora, hein? *Hein*? – falou Rocket, saltando de um lado para o outro a fim de evitar os golpes supermortais de Crusher.

– Ah, é.

– Deveria voltar à invulnerabilidade, parceiro – Rocket disse.

– Ah, é? Por quê? – perguntou Crusher, se aproximando da sua vítima.

– Eu sou Groot! – disse Groot, plantando um soco tão forte em Crusher que o guarda imperial some numa explosão sônica, e aparece colidindo contra uma arcada, atravessando o Pandubundy's e saindo pela parede traseira do bar, rasgando as barras de ferro que dividiam o bar do velho templo de Kefu. Crusher termina caído no chão do templo bem abaixo do altar.

Ele grunhe. Velas soltas e amuletos caem sobre ele. Padres de batina correm em sua direção e o cercam, acalmando-o.

– S...saiam de perto de mim – ele gagueja, e então desmaia.

Uma nova figura entra na luta, caindo rápido dos céus. Uma mulher usando um traje vermelho, exibindo um acachapante cabelo moicano branco. Ela começa a lançar raios de fogo das mãos, disparando tiros de energia pirocinética.

Está atirando em Roamer.

– Eu sou Dragoon da Guarda Imperial! – declara a fêmea flutuante de vermelho. – Largue as armas, ou *frito* você.

Roamer não obedece.

Ela o frita.

Os poderes pirocinéticos de Dragoon são impressionantes. Ela sobrecarrega o ar em volta do Cavaleiro do Espaço aquecendo-o até se aproximar do calor equivalente à superfície de um sol Tipo-G.

Mas a armadura galadorana de Roamer foi feita para o espaço. Ele dá de ombros para o inferno e começa a atirar na guarda.

Ela muda de lugar e gira levemente no ar para evitar seus raios assassinos.

– Corra! – fala Rocket para mim.

– Mas Gamora está...

– Ah, que flark, apenas *corra*! – ele ordena.

– Mas Gamora está *morrendo*! – insisto. – Onde está seu coração? Onde está sua solidariedade com os amigos?

– Amigos? – Rocket explode. – Ela é só uma fruta verde que cruzou meu caminho uma ou duas vezes. Agora *sai correndo*!

Estou em choque. Me levanto e lentamente começo a seguir Rocket pelo mercado arruinado. Dragoon e Roamer estão atirando um no outro, causando terríveis efeitos colaterais. Os Asa de Metal restantes se juntaram a ela, como se fosse algum concurso para ver quem é capaz de causar maior destruição.

– Onde está Groot? – pergunto.

Rocket se vira, olha para mim, e então olha ao redor.

Não há nenhum sinal de Groot.

– Que *flark* é essa? – Rocket grita. Sinto que ele se sente altamente vulnerável sem sua incrivelmente grande arma em suas mãos desconcertantemente humanas.

– Groot? – ele berra, se virando na direção do Pandubundy's.

Um guerreiro Asa de Metal se aproxima de nós. Rocket desvia por entre as pernas dele, derruba-o com um combo rabada/empurrão, e então golpeia o shi'ar caído na nuca de seu capacete de crista com uma pedra solta do pavimento.

Agora Rocket tem uma arma. Uma bela arma, fabricação shi'ar, emissora de laser robusto, um rifle Tafstehl 190.

– Bela arma! – ele se entusiasma, saboreando o peso e atirando em alguém com ela, só para se certificar. Outro soldado Asa de Metal cai de costas numa barraca de raízes e brotos que miraculosamente havia escapado do tiroteio até aquele momento. O soldado a demolira completamente.

– E agora? – perguntei.

– Encontramos Groot – ele fala, apreensivo. O fogo cruzado está esfarelando os toldos acima de nós e ao nosso redor.

– Então... alguns amigos são mais significantes que *outros?* – deduzo.

– É?

– E onde entro nessa? – pergunto. – Achei que eu fosse seu amigo.

– Você é, gravador-amigão – ele diz, disparando mais alguns tiros.

– Porém *Gamora*...

– Você pode para com essa sua coisa de "código moral" por um segundo? – Rocket rosna. Eu não sei, gentil leitor, se já presenciou um guaxinoide rosnando para você. Não é encorajador.

Olho em volta. Vejo Groot. Ele estava correndo, o máximo que se pode dizer que uma árvore madura trocando de folhas corre, na nossa direção, vindo da entrada estilhaçada do Pandubundy's. Gamora estava aninhada em seus galhosos e fibrosos braços, desacordada.

– Ele está com Gamora! – exclamo. – *Ele* voltou por ela!

Posso ter dado ênfase exagerada ao "ele" na última frase. Rocket olha desanimado e magoado. Ele diz algo que eu não consigo entender. A melhor interpretação que posso fazer, querido leitor, é algo como "deixa quieto, eu não queria mesmo".

– Eu sou Groot! – Groot berra.

– Ah, sim, bem, estamos todos impressionados com o quanto *você* é correto – Rocket responde.

A Guarda Imperial Dragoon voa até Groot. Ele a lança para um lado com um golpe de seu galho, ainda aninhando Gamora em um braço, como um filho em seu peito.

– Podemos fugir agora? – Rocket me pergunta, sarcasticamente.

– Gamora estava morrendo! – grito.

Roamer aparece subitamente, sua armadura negra fosca emitindo uma luz azul de calor pirocinético. Ele nos ataca.

Gamora salta dos braços de Groot e atinge um golpe de espada na parte de trás da cabeça de Roamer, que o faz cair de lado.

– Eu melhorei – ela diz para mim.

– Quê?

– Fator de cura rápida. Nunca mencionei isso?

Olho para seu torso. Sua roupa está rasgada e ensanguentada, mas a barriga verde já está se reconstruindo em uma prega rosada.

– Você se cura? – me ouço dizendo. – Simplesmente *assim*?

– Claro que ela se cura – Rocket responde bruscamente. – Agora podemos ir?

Nós vamos.

• • • •

A viagem de volta até as docas não acontece sem incidentes. Guerreiros Asa de Metal nos perseguiram, disparando e causando um pandemônio nas ruas movimentadas.

Rocket Raccoon os dissuadiu, mais pelo uso de seus xingamentos do que pela tática de se virar e atirar.

– Então sua decisão de deixar Gamora para trás – pergunto enquanto corremos – não foi baseada em deixá-la para morrer? Você sabia que ela iria viver?

– É claro.

– Então você estava largando ela aqui?

– Ela é problema com um "P" maiúsculo – latiu Rocket. – Eu sabia que iria ficar bem. Só não a queria mais por perto. Não confio nela!

– Você ia me largar aqui? – exclama Gamora, desviando de uma barraca em seu voo.

– Ei, eu sabia que você estaria segura – Rocket diz.

– Você não confia em mim?

– Gam-Gam-*Gamminha*, eu sabia por um factoide que você estava querendo entregar o gravador – Rocket fala. – Se não agora, então na próxima oportunidade. Você sempre faz isso.

– Eu não *queria*!

– Não confio em você, verdinha, tanto quanto não posso ficar parado ao seu lado fingindo que sou mais alto!

– Ela *não* iria me entregar – eu digo. – *Nem* você.

Rocket não responde.

– Compreendo agora que Groot voltou não porque tivesse medo de que ela estivesse morrendo, mas porque não queria largá-la aqui – digo.

– Que *seja*.

– Ele *confia* nela – observo.

– Eu sou Groot! – Groot acrescenta.

– Ah, vocês *dois* calem a boca! – decide Rocket.

– Pensando bem – anuncio – acho que gosto mais de Groot do que de você, Sr. Guaxinoide.

– Eu também – concorda Gamora. Ela dá um cutucão em Groot. – Sempre gostei.

– Eu sou Groot!

– Flark! Flark *todos* vocês! – berra Rocket. Ele subiu correndo a rampa aberta da viatura. – Eu lido com seus problemas de bebês chorões mais tarde!

Entramos na nave.

– Criminosos! – anunciou a voz automática. – E mulher criminosa-delinquente-suspeita-mas-não-confirmada! Este veículo está contente com seu regre...

– Rápido! Rápido! *Rápido!* – Rocket grita, pulando no assento do piloto. – Este veículo, estamos com risco *máximo* em nosso encalço! Levante voo e vamos! Temos que fazer igual uma mula que foi picada, *agora*!

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Ele quis dizer "picar a mula" – Gamora sussurrou para mim.

– Essa eu entendi, na verdade – respondi.

– Este veículo não vai a lugar nenhum – a voz automática disse.

– O quê? Desculpe? O quê?

Rocket apertou os controles sensíveis ao toque. O grande X vermelho apareceu repetidamente.

– Este veículo teve tempo para contemplação – a voz automática disse. – Apesar de estar animado em fazer parte dessa aventura, e de ser desnecessariamente levado de um lado para o outro por suas histórias, este veículo decidiu que é necessário informar ao Centurião Yaer seu paradeiro. Este veículo sabe que isso vai contra seus desejos. Mas vocês são criminosos detidos. O Centurião Yaer já está a caminho. Nós vamos esperar aqui até a chegada dele.

Rocket lançou uma torrente de injúrias para o console sensível ao toque.

– Eu te disse para *não* fazer isso! – ele gritou.

– No entanto, este veículo fez. Este veículo deve se ater ao Código de Xandar e às regras da lei. Não importam as tentações. A ordem será imposta em seis horas, assim que o Centurião Yaer chegar.

– Eu sou Groot!

– Exatamente! Nós não *temos* seis flark horas! – Rocket engasgou. – Em seis flark horas nós estaremos *mortos* por seis flark horas! Ou *pior*!

– No entanto… – a voz automática começou.

Mas não teve a chance de terminar. A Guarda Imperial Ebon apareceu nas docas e disparou uma rajada de raio de matéria negra no módulo de processamento central da viatura, na tentativa de incapacitá-la. O raio atravessou o revestimento blindado externo, passando por oito blocos de memória e fundindo o registro interno da aeronave.

– Vocês aí na nave! – Ebon gritou. – Saiam com as mãos para cima! Esta é uma exigência do Império Shi'ar!

Rocket suspirou e olhou para nós.

– Acabou a brincadeira, rapaziada – ele disse. – Foi legal enquanto durou.

A voz automática da viatura gorgolejou por um momento.

E então disse:

– Este veículo detectou risco imediato. Este veículo acredita que seria uma boa ideia cair fora deste flark lugar. Neste flark *minuto*.

Levantamos voo. Levantamos voo com tanta força, no impulso gravimétrico máximo, que as janelas e toldos se romperam, e Ebon foi lançada girando para trás com a onda de energia.

Atingimos o hiperespaço de dobra antes que a Guarda Imperial pudesse sequer se reagrupar.

E assim, gentil leitor, foi como nós chegamos a Alfa Centauri…

É claro, todos os tipos de coisas aconteceram antes disso. Mas esta é

uma boa frase para acabar o capítulo. Mas eu ainda não o terminei. Ah. Controle narrativo. Entendo. Preciso prestar atenção nisso.

{pigarreia}

E *assim*, gentil leitor, foi como nós chegamos a Alfa Centauri...

32

ENQUANTO ISSO
(DEZ MINUTOS DEPOIS,
EM ALFA CENTAURI...)

O VICE-EXECUTIVO sênior de desenvolvimento Arnok Gruntgrill saiu do elevador executivo especial.

Graças às suas chaves executivas codificadas e identificação de retina, ele tinha sido levado até as entranhas da sede da Timely Inc. e descera até o subporão 86.

Que não existia.

De acordo com todas as plantas arquiteturais publicadas da sede da Timely, a megaestrutura tinha apenas *oitenta* níveis de subporões. O 78º era o andar do gerador de energia, e o 80º era o armário do zelador. A maioria dos executivos sênior da Timely não sabia nada sobre os andares abaixo desse – e, mesmo se ficassem sabendo, não possuíam os códigos de acesso para que o elevador parasse nesses níveis.

Apenas os executivos especiais com liberação de Sênior Especial de Projetos sabiam sobre os andares mais baixos. Apenas eles tinham as chaves de acesso e a autoridade para descer tão longe.

O Nível 86 ficava tão fundo na crosta do planeta – mais de 18 clicks abaixo da superfície –, que o ar era seco, apesar do frio. As plantas vastas e interligadas de atmosfera mantinham o ambiente fresco apesar da submanta sísmica de calor. O ar zunia com os campos clandestinos superfortes. Gruntgrill sempre ficava com o ouvido zunindo quando descia tão baixo.

A decoração era pesada. Paredes e piso de metal azul-escuro. Válvulas com íris funcionais que brilhavam – atrás de suas grades pesadas e radiantes – emitindo uma luz amarela fraca.

Gruntgrill ajeitou sua gravata e caminhou pelo corredor vazio e nada acolhedor até a escotilha principal. Era uma enorme válvula com íris dupla,

cercada por pulsantes faixas vermelhas das contramedidas de segurança. Ao lado da escotilha havia um pequeno estrado onde jaziam sondas genéticas penduradas.

Gruntgrill subiu no estrado. Colocou sua chave de acesso no pequeno leitor. E então pousou suas mãos verdes no leitor de palma. Ele olhou para a luz azul do quadrado de identificação por retina. Aquilo sempre o deixava *nervoso*.

– Voz – disse. A luz da máquina mudou, sampleando. – Gruntgrill, Arnok. Sequência de segurança -tik!- 11324567812. Convido-a a verificar minhas palmas, retina, voz, amostra genética e espectro feromônico.

– Verificação falhou.

– O quê? -tik!-

– Sequência não reconhecida.

– Eu disse sequência de segurança 11324567812.

– Incorreto. Você declarou a sequência de segurança -tik!- 11324567812.

– Você está zombando de mim? – Gruntgrill perguntou.

– Pergunta não reconhecida.

– Você está zombando de mim por minha limitação de fala? Eu estou nervoso!

– Comentário não reconhecido.

– Verifique-me -tik!- novamente! Minha sequência é -tik!- 11324567812. Quero dizer, é 11324567812.

Gruntgrill precisou se esforçar muito em anos de terapia para controlar seu maneirismo kaliklaki.

– Identificação agora sim verificada, Arnok. Bem-vindo ao Projeto 616.

As contramedidas vermelhas brilhantes piscaram brevemente. A íris dupla se abriu, externa e em seguida internamente, com um guincho das pétalas metálicas se dilatando e se arranhando umas sobre as outras.

O ar frio jorrou para fora.

Gruntgrill saiu do estrado e atravessou a escotilha. As folhas se fecharam atrás dele novamente com um lento guincho.

Ele entrou no Projeto 616.

As câmaras externas eram laboratórios austeros e sombrios. Máquinas pulsavam e brilhavam encostadas nas paredes. Gruntgrill pegou um tablet em uma prateleira presa a soquetes na parede e o verificou.

O mostrador exibia: *Núcleo de Dados – 87%*.

Gruntgrill suspirou.

Continuou caminhando pelo corredor pouco iluminado no laboratório, passando por paredes de vidro blindado que exibiam laboratórios vazios, automatizados e que emitiam um eterno zumbido.

Quatro deles eram enormes câmaras cheias de unidades gravadoras rigellianas dormentes, armazenadas em gavetas parecidas com as de um necrotério. Alguns dos gravadores estavam surrados, quebrados e até mesmo incompletos. Estavam cobertos por fibras de drenagem de dados, que sugavam implacavelmente as informações contidas em seus núcleos.

O trabalho do Projeto 616 era um processo lento e vampírico.

Ele viu uma luz em um pequeno espaço de trabalho lateral. Conforme ela se aproximava para abrir a escotilha, Allandra Meramati, a shi'ar que liderava o Departamento de Executização Executiva apareceu. Ela parecia estar ajustando sua elegante crina de penas régias.

– Ah. É você – ela disse, desdenhosa.

– E você – ele respondeu.

– O que você está fazendo aqui? – ela perguntou.

– Desci para verificar a porcentagem. Eu não gosto de fazer isso do meu escritório – Gruntgrill respondeu. – E você?

– A mesma coisa.

– Ainda 87.

Ela assentiu e suspirou.

– Um leve centésimo acima disso, mas não muito. Nada como o 96 de que precisamos.

– Ei, nós podemos solucionizar isso! Vamos chegar lá! – Gruntgrill falou alegremente.

Ela não sorriu.

– Está demorando muito. Os vetores são muito pouco confiáveis para que seja feita uma modulificação apropriada. Sem aquele gravador desaparecido...

– Eu sei, eu sei – disse Gruntgrill. Ele estava desarmado. Allandra Meramati era famosa por seu comportamento frio e vigor executivo. Agora ele podia ver a preocupação e a tensão por trás de sua máscara. *Estamos todos nos esforçando*, ele pensou. Até mesmo ela. A pressão é imensa.

– Nós *vamos* chegar lá – ele acrescentou. Esticou a mão e tocou o ombro dela. Ela olhou para a mão e estremeceu levemente.

– Sinto muito – disse Gruntgrill, retirando a mão imediatamente. – Eu -tik!- só estava tentando encorajar.

– Eu notei. Obrigada. – Ela olhou para ele. – Agradeço por isso, Arnok, realmente. Isso foi apenas muito... eu não sei como dizer. *Contra o protocolo social*, suponho, uma shi'ar nascida em berço de ouro ser tocada por uma... espécie menor.

Ele assentiu.

– Entendo. Desculpe.

Ela olhou para ele. Seus olhos eram maravilhosamente verdes.

– Sinto muito – falou ela. – Arnok, foi muito rude de minha parte. Os shi'ars são criados à sua própria maneira, para suas próprias dinâmicas sociais. É difícil para nós desaprendê-las e apreciar o companheirismo de um colega próximo.

Ela manteve o olhar.

– Sinceramente peço desculpas pelo termo "espécie menor". Isso foi grosseiro – ela disse. – Penso em você como um amigo e um colega, Arnok. Eu agradeço o conforto que você tentou me oferecer neste momento estressante. Não quis ofendê-lo.

– Não -tik!- ofendeu! – Gruntgrill respondeu. – Peço desculpas também. Foi um contato inapropriado. A última coisa que quero é um -tik!- processo por assédio sexual no trabalho -tik!- Nós kaliklaki... temos uma reputação *infeliz*.

Ela sorriu, ainda mantendo o olhar.

– Ah sim, a coisa de "inseto do amor". Vocês são uma espécie liberal e amorosa.

– Nem todos nós – ele sorriu. – Nem todos nós. Alguns de nós conseguem ser cavalheiros.

– Tenho certeza de que conseguem – ela sussurrou. Seus olhos eram muito, muito verdes. – Vamos apenas esquecer este momento – sugeriu. Ela ergueu sua mão delicada e brevemente acariciou o rosto dele. – Ninguém precisa saber. Eu nunca estive aqui. Como é? Eu nunca estive aqui. Essa é a maneira mais simples de deixar este momento para trás. Você não precisa contar a ninguém que nos encontramos esta noite.

– Me parece perfeito – Gruntgrill sorriu. Era seu sorriso vencedor.

Ela se inclinou e tocou seus lábios hesitantes nos dele.

– Eu vou para casa, para a cama – ela anunciou. – Foi um dia longo.

Procure descansar também.

– Bons sonhos – ele suspirou.

Ela assentiu.

– Os melhores.

– Isso nunca aconteceu. Você não estava aqui – ele sorriu.

Ela sorriu em resposta e se afastou.

A shi'ar mais gostosa de todos os tempos! Gruntgrill suspirou, afrouxando o colarinho. Ele estava perspirando apesar do sistema de ar condicionado.

Caminhou até a escotilha da Câmara do Núcleo de Dados. Mais processos de segurança foram necessários. Ele foi analisado muitas outras vezes.

A escotilha se abriu.

A Câmara do Núcleo de Dados era imensa. Era *tudo*.

Gruntgrill seguiu até uma passarela de observação concêntrica. O núcleo pulsava abaixo dela no poço de armazenamento repleto de aparelhos. Circuitos criogênicos atavam as paredes de metal pesado do poço, dissipando o calor que era gerado. Nada gera mais energia do que dados brutos não filtrados. Uma luz rosada quente irradiava do Núcleo abaixo dele. Ele olhou por sobre a amurada e avistou o infinito. Quase infinito, pelo menos. Pulsava como uma estrela em nascimento, um recém-nascido rosado, envolto e mantido pelos vastos úteros tecnológicos que o Departamento de Projetos Especiais havia construído para ele.

– Vamos lá – sussurrou, olhando para ele. – Cresça. Só mais um -tik!- *pouquinho*.

Ele hesitou, lembrando-se de algo. Um pensamento lhe ocorreu.

Allandra havia dito "bons sonhos". Mas os shi'ars não sonham. É uma noção que eles consideram como anormal. Mas que -tik!- *flark*? Aquilo havia sido um flerte de escritório? Ou...

Era uma revelação importante. Gruntgrill se esqueceu daquilo um segundo depois, quando a realidade se abriu diante dele e a onda de choque de narrativas cósmicas distorcidas o lançou para cima da amurada.

As significantes implicações de seu último pensamento desapareceram. Ele estava olhando para Roamer.

A figura negra fosca estava ajoelhada. Levantou-se e apoiou-se na amurada. A armadura do Cavaleiro do Espaço estava amassada e deformada.

– Aí está você– Roamer chiou.

Gruntgrill se levantou.

– Você está bem? – ele perguntou, desejando não se aproximar mais do que o absolutamente necessário do galadorano.

– É claro.

– Olha... Roamer, você não deveria estar aqui. Não *aqui*. Eu nem sei como você entrou aqui sem disparar os alarmes.

Ainda curvado, e sem olhar em volta para Gruntgrill, o Cavaleiro do Espaço bateu no aparelho preso à sua placa torsal traseira.

– Esse negócio me leva a qualquer lugar.

Ele se virou, erguendo-se totalmente.

– Eu estava procurando por você – disse.

– Eu?

– Sim. Desde nosso último encontro, me dei conta de que você sabe mais sobre o dispositivo interpolador do que qualquer outro.

– Ah, não, não! – Gruntgrill respondeu. – Eu apenas disse que era perigoso! Eu não sou um perito. Apenas disse que não deveríamos usá-lo.

– Mas você entende como ele trabalha? – perguntou Roamer.

– Sim, acho que sim.

– Gruntgrill... seu nome é Gruntgrill, não é?

– Isso.

– Até agora já usei esse dispositivo três vezes. E em todas as vezes eu falhei em meu objetivo. Quero fazer esse trabalho, jurei que o faria. Mas temo que se voltar para aquele verme mão-de-vaca do Hanxchamp novamente, ele vai me demitir.

– Absolutamente não! – Gruntgrill falou. Ele pensou naquilo. – Mas vai fazer Xorb Xorbux do Departamento de Segurança matar você.

– Eu não o temo. Não tenho medo deles.

– Porque você é durão, certo. Entendi. Mas a Timely Inc. tem 85 *mil* seguranças, alguns deles usando tanque corporal blindado. Não importa o quanto você seja durão, eles vão incinerar você.

– Eles podem tentar.

– Eu estou tentando te ajudar! – Gruntgrill observou.

– Meu ponto é simples – respondeu Roamer. – Não desejo falhar novamente. Eu jurei completar esta missão. Então me diga por que este dispositivo continua falhando comigo!

Gruntgrill deu um passo nervoso para trás.

– Nossa, eu -tik!- adoraria. Eu realmente adoraria. Mas tudo que posso dizer é o que eu disse da última vez. Esse -tik!- interpolador é um conjunto tecnológico doido. Ele te joga no meio de momentos não explicados e de significância dramática da narrativa cósmica. Cada vez que você o aciona, ele o planta no centro das sequências mais dramáticas da existência do gravador.

– E todas as vezes, sem que seja minha intenção, eu acabo salvando-o ou facilitando a fuga dele do perigo. Em Xarth, eu recebi um tiro mortal que era destinado a ele. Em Xandar, eu distraí de maneira muito eficaz a Tropa Nova. Em Adjufar, mantive os Guardas Imperiais Shi'ars ocupados enquanto ele fugia. Explique isso!

– Posso -tik!- dar uma -tik!- olhada? – perguntou Gruntgrill.

O Cavaleiro do Espaço assentiu e virou de costas para o executivo kaliklaki. Gruntgrill se inclinou e examinou a unidade interpolatória.

– Bem – falou. – Parece que está funcionando perfeitamente... até onde eu sei. É uma ferramenta louca, que nunca foi testada. Acho que tenho uma pergunta.

– Faça.

– Você alega ser um ronin, senhor. Alega ser um mercenário.

– Sou. Não tenho um mestre.

– Bem... e isso é apenas uma suposição, você entende... eu não acho que o interpolador entenda você desse jeito. Ele vê você como um... não sei... um herói. Ele lê seus traços de personalidade inerentes e interpola você de acordo com a narrativa do gravador.

– Ele está escolhendo meu lado? Está decidindo meu lado nessas ações?

– É o que eu diria – Gruntgrill deu de ombros. – Acho que ele conhece o seu verdadeiro eu melhor do que você mesmo. Acho que ele quer que você seja um... Cavaleiro do Espaço. Não um assassino de aluguel filho de chocadeira.

O Cavaleiro do Espaço olhou para Gruntgrill. Seu visor pulsou com a luz vermelha e quente.

– Isso não é aceitável. Eu dei as costas para os decretos de Galador. Sigo minhas próprias leis.

Gruntgrill franziu seus lábios verdes.

– Acho que o interpolador tem um problema com isso. Acho que ele conhece o seu verdadeiro ser. Acho que ele quer que você seja algo mais.

Talvez a coisa que você realmente queira ser. Talvez a parte essencial do seu ser que você esteja negando. Não é um instrumento sutil.

– Eu *sou* honesto comigo mesmo! – Roamer gritou.

– Calma...

– Não estou negando minha natureza ética!

– Certo, tudo bem, esqueça o que eu disse!

Roamer olhou feio para Gruntgrill. O Cavaleiro do Espaço era enorme e mal. Seu visor pulsou com a luz de uma estrela morta.

– Provarei isso – ele disse. – Encontrarei o gravador. Encontrarei, matarei e trarei a cabeça dele para você. Farei isso por você, e por mim mesmo.

Gruntgrill assentiu.

– Para mim isso está muito bom – ele disse. – Vá ser o fodão que nós -tik!- contratamos. Estarei esperando por você. Amigão, você faz isso e nós poderemos mudar a galáxia. Para sempre. Transformá-la. Resolucioná-la.

Roamer olhou para baixo, para o poço de luz rosada.

– O que é isso? – ele perguntou.

– Segredo corporativo, amigo. Você não deveria nem *estar* aqui.

Roamer olhou novamente para Gruntgrill. E ativou o dispositivo.

– Dessa vez, eu não vou falhar – falou.

Ele desapareceu num lampejo de suspense e revelação chocante.

Gruntgrill se recuperou.

– Boa conversa – falou para si mesmo.

Olhou novamente para o Núcleo.

– Quase lá – sussurrou. – Aquele Cavaleiro do Espaço não está para brincadeira e vamos chegar *lá*.

33

APENAS OUTRO
DIA EM ALFA
CENTAURI

ALFA CENTAURI. A grande A. Movimentada como sempre. *Muito* movimentada. Como era de se esperar, caro leitor, um mundo de passagem cósmica como Alfa C, governado por quase trinta sistemas e trilhões de vidas, é um lugar agitado. Em um período médio de um dia, oitocentas mil naves aportam nos massivos portos do planeta, e um número similar parte dele. O tráfego diário é por volta de nove milhões de seres: negociantes, turistas, visitantes, trabalhadores. E isso sem contar os mais de dois milhões que vêm e vão por transmaterialização, ou os um trilhão que visitam ou se conectam via telepresença ou comunicações em tempo real do espaço.

Às vezes, o espaço de baixa órbita acima de Alfa C está cheio de naves espaciais praticamente se acotovelando: enormes naves de comércio, megacargueiros, naves de guerra, naves de viagem, naves de dobra, naves de viagens expressas, naves de turistas, naves de carga, naves diplomáticas, naves de passeio, iates executivos, naves de produtos agrícolas, sondas, naves de apoio, naves tratores, naves de lixo...

Você entendeu. Estou dizendo que o trabalho do Controle de Tráfego Orbital em Alfa C é um dos mais estressantes da galáxia. Apresenta um alto índice de problemas de saúde, apesar do enorme sistema de aconselhamento e dispositivos de rastreamento preditivos – todos com bases quânticas ou semissencientes – desenvolvidos para ajudar nessa tarefa. Em uma lista recente, publicada na edição de outuvembro de 2014 da *Galactic Data-Digest*, "Ser um controlador de tráfego orbital em Alfa C" é o quinto lugar da lista de ocupações de maior estresse, só ficando atrás de "Governar o Império Shi'ar" (em quarto), "Trabalhar nas arenas de luta de Sakaar" (em terceiro), "Criar

um higienista oral" (em segundo) e, em primeiro, "Não ter absolutamente nada a se fazer com Galactus".

Em sexto lugar constava "Ser um soldado kree ou skrull durante uma guerra Kree-Skrull". O artigo surgiu para chamar a atenção de que era estranho, se pensarmos bem, que sempre e somente havia guerras "Kree-Skrull" e nunca guerras "Skrull-Kree".

Notei que nem "Guardião da Galáxia" nem "Ser um gravador rigelliano" apareciam na lista.

Mas estou divagando ("Como sempre!" – eu ouvi seu grito). Enfim, é um lugar movimentado. Uma nave pequena – digamos, por exemplo, uma nave de entregas da Timely Inc. – pode se perder e passar desapercebidamente por toda aquela bagunça.

A Timely Inc. tem sua sede corporativa em Alfa C, junto com partes significativas de suas fábricas e divisões de empacotamento (Eu disse significativas e retifico: as divisões de empacotamento cobrem quase 61% da massa de terra primária do planeta). De fato, entre entregas de produtos consumíveis e despacho de mercadorias – junto com traslados de executivos, viagens de negócios e passeios guiados pela sede –, só a Timely Inc. conta com quase um terço do tráfego diário do planeta.

Então, naquele dia movimentado, tão movimentado quanto qualquer outro, uma pequena nave de entrega flutuava em direção ao edifício sede da Timely Inc.

O sol estava se pondo sobre a gigantesca metrópole, seus raios laranja moribundos iluminando as bilhões de janelas dos gigantescos arranha-céus, cada estrutura uma cidade por si própria.

A nave de entrega é pequena e quadrada. Já havia sido verificada e recebera permissão segundo as regras do Controle de Tráfego Orbital, e suas especificações e registro haviam sido confirmados pelo departamento de controle de entregas da Timely. Ela exibe o logotipo da Timely Inc. em seus painéis laterais. Está levando, segundo seu manifesto, 48 toneladas de zixo fresco para o bar corporativo no andar 706.

Tudo isso era falso.

Na verdade tratava-se de uma viatura xandariana camuflada por um dispositivo de camuflagem rynebiano. Disfarçadores slig trabalham sob o princípio básico de que uma pessoa ou ser vê o que ele ou ela espera ver. O campo de inconspicuidade que ele gera se liga psionicamente ao senso de

compreensão de qualquer observador, identificando o que o observador está esperando e então enfatizando essa noção na mente dele, ou dela. Funciona até mesmo em sistemas tecnológicos, desde que sejam baseados em quântica ou semissensientes, fornecendo os dados vazios que o sistema inocentemente preenche por si mesmo.

Pousamos na doca superior de pouso 3447, no alto da torre principal da sede da Timely Inc., com uma vista da vasta metrópole abaixo de causar tremedeiras. Somos apenas mais uma nave de entregas. Ninguém na movimentada área de pouso lança um segundo olhar em nossa direção. Uma nave de entrega padrão da Timely, surrada e cotidiana? Por que se preocupariam?

Eles veem o que esperam ver, desde a pesada plataforma traseira da tripulação, os logotipos levemente amassados e a porta de correr da cabine – que está um pouco amassada após abrirem com força, fecharem após a saída, baterem na porta onde está sendo feita a entrega para, logo depois de receber a assinatura do entregador, abrir, fechar com força e ir embora rapidinho.

Rocket Raccoon estava recostado no assento do piloto, batendo as pontas dos dedos das mãos uns nos outros, e rindo.

– Passamos batido pela porta da frente. Pip, o Troll, nos deu uma baita ajuda – ele disse.

Pip, o Troll, seja lá quem for, claramente nos ajudara muito – mas não havia sido uma viagem simples desde que saímos muito, muito rápido, de Adjufar, dois dias antes.

Muitas coisas haviam acontecido.

Primeiro de tudo – apesar de ser provavelmente menos significativo, em comparação aos outros eventos –, eu comecei a cantar.

Músicas populares, em sua maioria. Música "pop", como os jovens costumam dizer, de inúmeras culturas: sucessos, baladas, canções de fogueira, fenômenos, bandas de um sucesso só, velhos clássicos, um pouco de *esmaga-lixo* z'nox, irritantes *punks-patifes* laxidazianos, um pouco de *mistura-industrial* mekkana, um pouco de música para relaxamento acanti, e um pouco de sertanejo e seleções de gira-braço ocidental (incluindo a pérola "Sou apenas um pequeno anão branco, mas um dia serei um grande gigante vermelho por você"), alguns vigorosos *metal-entulhos* makluanos, um pouco de -tik!- -tik!- kaliklaki, um mix de trance-cósmico de *jumpa-rumpa*

mephitisoide, algo do penetrante *grunhido-uivo* nymeniano e algumas canções *rock-espumantes* zen-whoberianas (incluindo "Piração Inga-Binga", do Quinteto Gamagan).

Me mandaram calar a boca 68 vezes. Todos eles. Incluindo Groot. *E* a voz automática.

A cantoria foi, me dei conta, um legado de meu último e pesaroso contato de download com a pobre Gravador 336, em Adjufar. As memórias vivas de sua vida milagrosa ficaram em minha mente. Mas as canções que ela armazenava como jukebox do Pandubundy, e que eu baixei junto com seus dolorosos registros, simplesmente não iriam sair da minha cabeça.

É claro, me desculpei profusamente todas as vezes que começava a cantar. E em seguida acontecia novamente. Em uma dessas ocasiões, Rocket gritou: "Eu não ligo para quanto ele vale e nem para o que está em risco, *nós vamos chutá-lo dessa flark nave!"* e teve de ser segurado.

Em outra, Gamora olhou para mim, e então olhou para suas espadas, a fim de me fazer para de cantar "Piração Inga-Binga".

E ainda em outra, Groot se sentou ao meu lado e colocou minha mão sobre sua enorme palma de galho.

– Eu sou Groot – ele disse.

– Sinto muito – eu falei a ele. – Acho que não há nenhuma música do Planeta X em meus arquivos. "Se me deixar eu vou secar"? Cante mais um pedaço.

– Eu sou Groot. Eu sou Groot. Eu sou Gro-ooot.

– Ah. Não, desculpe.

Enfim, como eu disse, várias coisas aconteceram, e mais importante que a minha cantoria era o estado da viatura.

Ela estava se comportando de modo mais estranho que o meu, para começar. Nossa fuga de Adjufar foi inexplicável. Ela gorgolejava e sacudia de tempos em tempos. E também estava falando de um modo muito mais... *coloquial*.

"A caminho de Alfa C na velocidade hipermáxima mais dez, rapaziada!", a voz automática declarou em certo ponto. "Flark, estamos a toda agora! Sintam a velocidade! Guardem suas mesinhas e endireitem seus bancos na posição vertical! Isso vai ser de deixar os cabelos em pé!"

Rocket deduziu, após um estudo aprofundado do sistema de diagnóstico da nave, que a Guarda Imperial Ebon acertou um tiro que queimou parte dos

sistemas de controle sencientes da viatura – basicamente, seu autocontrole e senso de regulação e, com ele, o Código de Xandar. Ela agora estava liberada. Não estava mais ligada a Xandar, ou às regras da Tropa Nova. Na verdade, ela não parecia mais ligada a *nada*. Estava sendo imprudente. Seu previamente inibido desejo de se juntar a nós em nossas aventuras agora se encontrava liberado e sem restrições.

Isto era, é claro, muito útil para nós. Mas me preocupava. A viatura já não parecia ter nenhuma noção equilibrada de risco. Fiquei imaginando o que mais havia sido queimado. Suas placas navegacionais, por exemplo. Seu sistema de prevenção contra colisões. Seu bom senso de não nos levar direto para o coração de um sol.

– Precisamos de uma nova nave – Gamora disse a Rocket.

– Não, não, a viatura vai ficar bem – ele assegurou.

Certamente, a viatura agora estava inteiramente satisfeita com o fato de Rocket ter assumido o controle, e ficou bem tranquila quando Groot abriu os painéis de seu processador central e ligou a ele o *disfarçador slig*.

– Isso é um disfarçador slig de verdade? – a voz automática perguntou entusiasmada.

– Eu sou Groot.

– Uau, é uma beleza! Este veículo está impressionado. Este veículo sente como se pudesse imitar qualquer coisa! Quer ver este veículo ser um cargueiro judano? Não, espere, uma nave de batalha kree? *Quer?*

– Eu sou Groot.

– Groot tá certo – pontuou Rocket. – Este veículo, pega leve. Somos apenas uma nave de entrega da Timely Inc., tá bom? O plano, lembra?

– Ah, sim, sim, *totalmente*, o plano – a voz automática respondeu. – Certo, certo. Este veículo está completamente dentro do plano, caras. Fingir que somos uma nave de entrega da Timely Inc., entrar escondidos na sede em Alfa C, e ver do que se trata essa encrenca com o cara-gravador. Totalmente. Este veículo está total e completamente de boa com isso.

– Ótimo – disse Rocket.

– Então, tá – prosseguiu a voz automática. – Este veículo vai cair na farra. Este veículo vai arrasar no seu papel. Hummm. Hummmnaaaa. Um-dois. Um-dois. La-la-la-la. Num-num-num-num. Tudo certo! Este veículo agora é uma nave de entrega da Timely Inc., correto?

– Sim.

– Certo. Fabuloso. Então qual é a motivação deste veículo?

– Quê?

– Como você quer que este veículo a interprete? Grosseira? Sábia? Pretensiosa porém adorável? Meio gaga? Que tal um sotaque?

– Apenas... apenas seja uma nave de entrega da Timely Inc., certo?

E assim, com um balbucio e um sotaque xandariano surpreendentemente ruim, nós chegamos à sede da Timely Inc.

• • • •

Somente o tamanho da sede corporativa da Timely Inc. já parecia intimidador, mas Rocket nos informou que ele conhecia bem o lugar. Aparentemente, um tempo atrás, ele costumava trabalhar aqui. No departamento de correspondência. Isso foi "numa folguinha da profissão de atirar nos outros", explicou.

Ele nos mandou ficar na viatura, em seguida saltou pela escotilha e correu encostado à parede traseira da doca, abaixo do pesado encanamento cromado dos extratores de exaustão.

Desapareceu por cerca de dez minutos. Quando voltou, usava um quepe amarelo-brilhante, um macacão amarelo-brilhante e botas amarelo-brilhantes por sobre seu uniforme dos Guardiões, e empurrava um pesado carrinho de faxina com latas de reciclagem, esfregões e mangueiras de aspirador. Ele o empurrou para dentro da nave.

– Sinto que isso é parte do plano – Gamora anunciou, de maneira dúbia. – Não gosto do modo como esse plano está se desenvolvendo.

– Bem, bu para você, senhorita *hater* – Rocket respondeu. – Isto, minha frutinha verde, é um plano *soberbo*. É *A arte da guerra*, de Sun Tzu.

– Não é, não – eu disse. E estava bastante certo disso, a não ser que houvesse interpretado totalmente errado as intenções de Rocket.

– Claro que é, cara-gravador – Rocket respondeu, puxando mais três conjuntos de quepes e macacões amarelo-brilhantes de dentro das latas que estavam no carrinho.

– No capítulo setenta e alguma coisa diz: "Quando entrar sorrateiramente no acampamento inimigo, especialmente se este for do tamanho de uma cidade que é mantida imaculadamente limpa para

impressionar os visitantes, ninguém irá notar se você estiver vestido de faxineiro. Porque há muitos faxineiros".

– Não diz, não – eu falo. – Na verdade o livro não diz isso.

– Bem, mas *deveria* – ele franze as sobrancelhas. – Esta é a sede corporativa de uma das maiores megacorporações da história das megacorporações. É absolutamente bem-acabada. Lustrosa. Brilhante. Reluzente. E você acha que ela se mantém assim sozinha? *Não*! Bem, sim, porque há trilhões de robôs aspiradores em miniatura, purificadores de ar e sistemas de aniquilação de poeira, mas a maior parte do polimento e esvaziamento das latas de lixo é feita do modo antigo. Este lugar emprega um exército de faxineiros e zeladores. Um *exército*. 48 *mil*, da última vez que verifiquei.

– Eu sou Groot!

– E *parece* muito, mas tenha em mente que este edifício comporta meio bilhão de trabalhadores. Os faxineiros têm suas próprias acomodações em um anexo. É uma torre-cidade. Uma *torre-cidade*. E pense que *isso*, essa torre-cidade tem seus *próprios* faxineiros. Faxineiros para os faxineiros! Isso *mesmo*! E os faxineiros dos faxineiros também têm seu bloco de acomodações e...

Ele parou.

Viu os olhares que lançávamos para ele.

– Tá bom, sinto muito – pede desculpas, acariciando a nuca com suas mãos desconcertantemente humanas. – Me dei conta que estava começando a soar como o garoto-gravador por um segundo...

– Ei! – eu me oponho.

– A questão é – Rocket continua – faxineiro é o disfarce perfeito. Eles estão por todos os lugares, e ninguém nunca os nota. Então vistam-se!

Ele atira um conjunto de roupas de plástico amarelo-brilhante para cada um de nós. Relutantemente, nós as vestimos.

– Quepes e botas também! – Rocket sorri.

Os trajes eram feitos do plástico "ajustável ao corpo" patenteado pela Timely Inc., com um controle de tamanho nanométrico costurado na etiqueta dentro dos macacões. Ajustando os controles, somos capazes de alargar ou reduzir cada grupo de macacões amarelo-brilhantes à nossa forma física individual.

Até mesmo Groot. Claramente, a Divisão de Faxineiros da Timely Inc.

empregava uma grande variedade de espécies. O quepe é que deu mais trabalho.

– Hã, Gammy? – Rocket disse.

– O quê? – ela perguntou. Vestiu o macacão por cima de seu traje e ajustou o tamanho para o mais apertado possível sem que rasgasse a costura. O macacão a envolveu como um neon amarelo feito de látex. Eu registrei isso cuidadosamente. Você sabe, apenas para a autenticidade histórica.

– Como posso dizer – Rocket murmurou. – Certo, *desse jeito*, não. *Desse* jeito. Nós não devemos atrair atenção.

– E?

– E nenhum faxineiro deveria ter essa bunda de parar o trânsito.

– Eu gosto assim.

– Mesmo assim...

Ela resmungou e ajustou as configurações, deixando o macacão mais largo. Ainda não parecia muito com uma faxineira, especialmente pelo modo como seu quepe fora colocado. Mas pelo menos não parecia mais com uma supermodelo usando pintura corporal amarela. Frustrante.

Rocket abriu uma das latas de lixo do carrinho.

– Armas aqui – orientou. Ali foram colocadas sua arma incrivelmente grande, as espadas e a pistola estripadora de Gamora, e o pesado supressor de tumulto que Groot havia pegado emprestado do armário de armas da nave sem que um murmúrio de protesto fosse feito por este veículo.

Rocket fechou a tampa da lata.

– Tudo bem – ele disse – eis o que faremos. Vamos circular por aí, varrendo e polindo como quem não quer nada, mas enquanto isso procuramos traços dessa tal maluquice de "Projeto 616" que a acusadora-doida kree estava falando. Ou qualquer dado sobre o gravador. Lembrem-se, esse negócio de 616 é a chave para o controle universal. E provavelmente vai estar em uma pasta grande, vermelha e com aparência de importante.

Nós hesitamos.

– Brincadeira! – gritou Rocket. – Ah, só vocês! É *claro* que não! Apenas mantenham os olhos abertos. Este veículo?

– Sim, neném?

– Fique bem aqui.

– Como queira, carinha criminoso bacana.

– E não fale com ninguém, certo?

Silêncio.

– Este veículo?

– Desculpa, parceiro. Tá falando comigo? Este veículo é apenas um inocente entregador da Timely Inc. cuidando da sua própria vida, senhor. Uma bela manhã para você e passar bem – a voz automática balbuciou com um sotaque xandariano estranho.

Todos suspiramos.

– Certo – disse Rocket, vestindo um par de luvas de plástico amarelo que imediatamente fizeram suas mãos parecerem ainda mais desconcertantemente humanas. – Vamos fazer como os faxineiros, tirar poeira e limpar essa flark toda.

34

LIMPANDO

A SEDE CORPORATIVA DA TIMELY INC. era ainda mais horrivelmente grande por dentro do que por fora. Somente a escala dela – os átrios elevados, os infinitamente profundos e infinitamente altos elevadores expressos, os imensos corredores e as janelas ainda mais gigantescas – era quase inacreditável. E digo isso com o conhecimento de um instrumento que registrou muitas coisas grandes em sua vida: As Cascatas de Queda de Deus, por exemplo. As fortificações em Maklu. O Golfo de Brink. A Grande Falha. A esfera solar dos horusianos. A escova de dente pertencente a Ego, o Planeta Vivo.

{pausa no protocolo de exposição}

Perdoe a leviandade, gentil leitor. Mais uma vez, estou nervoso. E costumo fazer piadas quando estou nervoso, como você sem dúvida já sabe bem. Esta última foi uma tentativa de humor. É *claro* que Ego, o Planeta Vivo não possui uma escova de dente. Ele usa um irrigador bucal.

{continuando modo narrativo}

Caminhamos cuidadosamente. Tentamos chamar a atenção para o fato de que não estávamos chamando a atenção. Ocasionalmente parávamos para varrer, ou esfregar, ou polir. Acontece que Gamora era muito encanada com os lambris. Groot tirou do carrinho o "brilhantomático" e deixou o chão impecável. Rocket acabou ficando com essa função quando descobriu que poderia usar o brilhantomático como um carrinho. Rapidamente, percebemos que tínhamos de impedi-lo de fazer isso. Eu mantive meu quepe abaixado. Não queria ser reconhecido. Afinal, ali era a casa das pessoas que estavam atrás de mim. Eu havia entrado no covil dos leões.

Estávamos tratando de nossas vidas, parando para ouvir as conversas dos executivos que passavam ou das secretárias que esperavam os elevadores. O vocabulário daquela gente era alarmante. Eu não sabia se "resolucionar" era uma palavra de verdade. Nem que você poderia "solucionizar" alguma coisa.

– Seguranças! – Rocket sibilou, e voltamos ao trabalho com os espanadores e esfregões. Três seguranças corporativos da Timely Inc. passaram por nós, suas pistolas de fase subduemáticas da Timely Inc. discretamente enfiadas no coldre em suas cinturas.

– Bom trabalho, rapaziada – alguém comentou.

– Valeu, parceiro, senhor, passar bem – disse Rocket, tentando atuar apesar do pânico.

– Ei – disse outro, parando. Ele olhou para Gamora, que estava trabalhando atentamente no lambri.

– Nunca vi você por aqui antes, docinho de coco – ele puxou papo. – É nova?

Senti que ela queria suas espadas. Senti, também, que ela teve o bom senso de não pegá-las. Ela se levantou, sorriu e tirou o quepe, deixando seus belos cabelos negros se descortinarem.

– Sim, sou nova – respondeu, com uma voz que derreteria uma unidade de suspensão criogênica. – Qual é o seu nome?

– Brango – o oficial disse, imediatamente fisgado. Uma árvore, um androide e um guaxinoide vestidos com macacões amarelo-brilhantes, e é *nela* que ele presta atenção?

O que estou dizendo? Claro que é nela.

– *Subtécnico de segurança de segundo patente* Brango – ele acrescentou, dando um toquinho em seu distintivo. Claramente, ele está acostumado a impressionar as pessoas com sua posição. – Você é um doce, lindinha. Tem um nome?

– Sim – Gamora respondeu.

– E qual é, tortinha de cereja?

– É... humm... *Aromag*.

– É um nome lindo. Um nome mortal.

– Você não faz ideia.

– Diga, você está a fim de me encontrar no refeitório depois do expediente? Aquele no 502?

– Bem – Gamora falou –, vai ser ótimo.

– Que horas você larga? – o oficial de segurança perguntou.

– Exatamente na mesma hora *que você*, subtécnico de segurança de segundo patente Brango – ela respondeu.

Brango corou.

– Minha nossa – ele disse. – Vejo você lá, então. Eu lhe pago uma bebida. Eles têm essas coisas novas, sabe? Curvas de Facilitação Manual. Perda Zero da experiência de conforto de mão, e sem problemas de escaldamento. É uma *promessa*.

– Sério? Mal posso esperar.

– Eu também, moça das curvas. Vejo você lá. Continuaremos nossa conversacionalização mais tarde. – Ele lançou uma saudação à la "sayonara" e se afastou.

– Mal posso esperar para ser escaldada! – ela gritou para ele.

Os seguranças passaram, apesar de Brango continuar olhando por sobre o ombro para trás, até que estivessem fora de alcance.

– Bem, passamos por essa sem nenhum incidente – Gamora disse, voltando a limpar os lambris.

Rocket ficou olhando com cara de bobo para ela.

– É, certo. Por que você não tirou as meninas para fora e as enfiou na cara dele?

– Eu estava atuando. Interpretando um papel – ela respondeu.

– Ah, é?

– É, *e passar bem, senhor, amigão, amigolino* – ela replicou.

Continuamos empurrando o carrinho. Rocket chiava. Gamora sorria afetadamente. Groot gargalhava.

– Cala a boca – Rocket disse para mim.

Me dei conta de que estava cantando "Saudade do Bongo Boogie" dos Monarcas Estelares do Ritmo de Kamodo.

– Desculpa – pedi. – Está emperrado no *repeat*.

Chegamos à ala dos elevadores e decidimos tentar outro andar. Um deles chegou, e nós entramos. Quatro seres vestidos com macacões de plástico amarelo-brilhante estavam lá dentro, parados em volta de um carrinho de faxina. Descemos em silêncio por alguns minutos. Eles continuavam nos olhando.

– Para onde vocês estão indo? – perguntou um deles, mal-humorado.

– Andar 406 – respondeu Rocket animado.

– Nós fomos mandados para este – o ser disse, sacando uma prancheta. – Vê?

– Ah – falou Rocket, claramente desejando que também tivesse uma prancheta. – 405, então.

– Esse é nosso também.

– Ah, flark – Rocket riu. – Você sabe como funciona. Deve ser outra confusão administrativa.

– Faz oito anos que trabalho aqui – disse um deles – e nunca houve uma confusão. A Gerência de Conveniências da Timely nunca se confundiu. As rotas são publicadas a cada hora. De qual área de trabalho vocês são?

– 14! – Rocket tentou adivinhar freneticamente.

– Eu não conheço vocês, caras – um outro entrou na conversa. – Eu não os reconheço.

– E por que conheceria? – perguntou Rocket. – Somos tantos!

– Sim, mas nós somos da área de trabalho 14. Nós conheceríamos vocês.

– De todos os flark números para *escolher*... – Rocket sussurrou.

– Ei – disse Gamora. Ela esticou a mão e pressionou o botão que parava o elevador entre os andares. – Que coisa engraçada. Vocês nunca adivinhariam o que eu encontrei no lixo do andar 96 hoje.

– O quê? – perguntou um dos faxineiros.

– Eu mostro – ela replicou, removendo a tampa de uma das latas que estavam no carrinho. – Está bem aqui.

• • • •

Vários executivos estavam esperando nosso elevador quando chegamos. Claro que lavamos o elevador inteiro enquanto estávamos parados. Foi sorte, devo dizer, que tínhamos esponjas e solventes.

– Desculpem, desculpem – Rocket disse para os executivos que aguardavam enquanto emergíamos do elevador. – Falha técnica.

Estávamos agora empurrando dois carrinhos. Os dois estavam mais pesados do que antes.

– Estão vendo aquilo? – Rocket perguntou, indicando uma planta do andar presa a uma parede. – A sala de correspondência. Logo no fim do

corredor. Lá é onde eu costumava trabalhar. É claro, este lugar tem centenas de salas de correspondência, mas são todas iguais. Um bom lugar para ver o que está chegando e saindo. Talvez consigamos uma pista lá. O que acham? Groot?

– Eu sou Groot.

– Cara-gravador?

– Me parece... viável.

– Aromag?

– Você não está sendo engraçado – ela observou.

Seguimos para a sala de correspondência no andar 406.

A confusão não nos esperava.

Mas com certeza chegaria rapidamente.

35

CHEGOU CARTA
PARA VOCÊ!

A SALA DE CORRESPONDÊNCIA da Timely Inc. no 406º andar era, Rocket nos garantiu, igual a todas as outras salas de correspondência. Era bem grande. Correspondências físicas aguardavam distribuição em imensas mesas com prateleiras. As correspondências físicas pulsavam em monolíticas unidades de servidores, esperando para serem encaminhadas. Nas prateleiras, havia pacotes amarrados com barbantes, fitas adesivas e leitores de códigos de barras.

– Tem cheiro de lar – Rocket sorriu. – Vamos lá.

Vasculhamos ao redor. Pequenos robôs passavam apressados de um lado para o outro, nos ignorando, carregando pacotes de correspondência em seus braços metálicos.

– 616, 616, 616... – Rocket resmungava, procurando. Ele havia tirado suas luvas.

– Nós nunca vamos encontrar nada aqui – disse Gamora.

– Eu sou Groot! – Groot declarou. Ele estava investigando a caixa de seleção dos executivos seniores. Ele ergueu uma pasta grande, vermelha, com aparência de importante.

– Você *está* de brincadeira – Rocket disse, correndo até ele. Rasgou o envelope selado e o leu. – Aqui diz... para a atenção do Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp. Minutas da reunião em blá blá... relativo aos custos implicacionismais da implementização da Curva de Facilitação Manual... flark, não é *isso*.

Tomei a pasta de suas mãos desconcertantemente humanas e a folheei com o modo de leitura rápida de meus processadores de pico no máximo.

– Não fique apenas folheando desse jeito, *leia* o negócio! – Rocket mandou.

– Já li.

– Já leu?

– Li. Pode ser que haja algo aqui. A minuta termina com uma anotação de que os executivos seniores foram dispensados, para que apenas aqueles envolvidos nos Projetos Especiais Sênior permanecessem. Apenas aqueles com liberação para Projetos Especiais Sênior. Objeto de discussão: Projeto 616.

– Flark! O que mais diz?

– Nada. Campos clandestinos foram amplificados e nada foi minutado oficialmente.

– Certo, qual é o nome dele? Hanxchamp? Honxchamp? Encontre a caixa de correspondência dele!

– Encontrei! – Gamora gritou.

Havia uma tonelada de correspondências na caixa de Hanxchamp. E um pacote. Era um humanoide. Nós o desembrulhamos. Quando retiramos o plástico, senti um arrepio. Eu sabia o que estava prestes a ver.

Era uma unidade gravadora. Gravador 489. Ele estava morto, mas um sistema de reinicialização de "sustentação" havia sido implantado na lateral de sua cabeça para preservar seus arquivos de memória.

– Você está bem, amigão? – perguntou Rocket.

– Isso... isso é *desrigelliano* – respondi, enjoado.

– A etiqueta diz que ele deve ser encaminhado para o... acesso suboitenta. Há um código de liberação de segurança. Transferência especial – informou Gamora.

– O que significa?

– Suboitenta? – Rocket ponderou, coçando a orelha. – Este edifício tem apenas oitenta andares subterrâneos. Não há nada abaixo de oitenta.

– Eu sou Groot.

– É, a não ser que *haja*. Projetos secretos, lugares secretos. O sistema de entrega de correspondência apenas encaminharia um pacote de acordo com a etiqueta. Sem fazer perguntas. Me dê essa etiqueta!

Gamora a arrancou e entregou a ele. Rocket pegou um dos leitores e a escaneou.

– Destino desconhecido – o leitor informou.

– Está mais para bloqueado – comentou Rocket. – Escondido do sistema de leitura. Mas não do sistema de encaminhamento, ou isso não teria acabado aqui.

– Ele não é um "isso" – eu disse.

– Certo, tanto faz – Rocket pensou por um momento. – Pessoal, é hora de descobrir que código é esse. Precisamos de um terminal executivo. E também encontrar o escritório desse tal de Hanxchamp e...

A correspondência nas caixas ao nosso redor começou a se debater e flutuar como se fosse arrastada por um forte vento.

A realidade se partiu e se abriu.

Roamer, O Cavaleiro do Espaço de armadura negra fosca apareceu diante de nós.

– Você! – rosnou Roamer.

– Você! – rosnou Gamora.

– Você! – arfei.

– Eu sou Groot! – gritou Groot.

– Ele *de novo*, não! – disse Rocket abruptamente.

Roamer ergueu sua pistola de energia. Gamora sacou uma faca de algum lugar e atirou-a no Cavaleiro do Espaço. Eu não tenho ideia de onde ela pode ter escondido aquela arma.

O Cavaleiro do Espaço foi atingido bem na abertura do visor e isso fez com que ele recuasse. Sua pistola de energia disparou atingindo as cestas de correspondência, explodindo cartas e documentos por todos os lados. Ele se esforçou para arrancar a faca de seu visor.

Rocket abriu a lata do nosso carrinho e jogou as armas para Gamora e Groot entre a chuva flutuante de papéis queimados. E então ele pegou sua arma incrivelmente grande.

E começou a atirar.

Roamer conseguiu arrancar a faca, e na sequência imediata foi atingido por um disparo de laser da arma de Rocket, lâminas cortantes da pistola de Gamora e cartuchos de concussão pesados da arma supressora de tumulto da Tropa Nova que Groot manejava. O supressor de tumulto é uma peça pesada com um tambor cíclico de projéteis que são fabricados por fusão automaticamente, conforme são disparados e de acordo com as necessidades. Groot está lançando projéteis de pontas retas, superpesados,

que foram desenvolvidos para esmagar e derrubar até mesmo o maior dos oponentes (ou multidões descontroladas).

Roamer é lançado para trás e colide contra a parede cheia de cestas, derrubando uma estante inteira sobre si mesmo em uma avalanche de papéis e pacotes.

– Corram! – grita Rocket. Não é a primeira vez que isso soa como um conselho de um perito em estratégias.

Os alarmes começam a soar. Disparos feitos por armas de fogo foram detectados pelos sensores do prédio. Nós corremos, e corremos muito. Estamos quase chegando à porta da sala de correspondência quando ela se abre repentinamente e uma dúzia de seguranças da Timely irrompem no recinto, portando suas subduemáticas.

Impulsionado pelos jatos nas botas, Roamer pousa diante deles, de frente para nós, mas de costas para eles. Ele ainda está com sua pistola de energia. E segura uma espada laser na outra mão.

Percebendo que ele faz parte da ameaça, os guardas abrem fogo.

Roamer cambaleia para a frente conforme sua armadura é atingida duas dúzias de vezes pelos tiros subduemáticos à queima-roupa.

Ele se vira e mata todos. *Todos* eles. Com vários disparos de pistolas e alguns movimentos de sua espada.

– Por aqui! Por aqui! – Rocket grita para nós enquanto Roamer está ocupado massacrando os guardas. Estamos correndo de volta para a sala de correspondência, longe da porta da frente.

– Posso dar conta dele! – Gamora grita. – Eu devo a ele um monte de dor!

– Ótimo! – berra Rocket. – Mande a ele uma nota promissória. Temos lugares para visitar!

Ele desliza e para em frente a um cano cheio de correspondências em uma parede. Puxa a escotilha e passa a etiqueta que está em sua mão pelo leitor de destino, que bipa. As palavras "código de segurança... Projetos Especiais Sênior..." piscam no visor. E então as palavras "código aprovado".

– Jerônimo! – Rocket grita, e salta para dentro do cano. Groot, Gamora e eu olhamos um para o outro.

– Ah, que se flark – Gamora diz, e salta também.

– Eu sou Groot.

– Eu sei. Louco, né? – respondo. – Mas já que chegamos até aqui.

Pego Groot pela mão, e pulamos dentro do cano...

E entregamos nossos destinos ao intrincado sistema de entrega de correspondência interna da Timely Inc.

36

ENQUANTO ISSO
(3995 ANDARES ACIMA)

– O QUÊ? – Hanxchamp resmungou em seu fone.

O Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp estivera aproveitando um momento de tranquilidade em sua sala no andar 801 do edifício sede da Timely Inc., observando a vista de sua janela.

Naquele dia era exibida uma vista esmeralda das fumegantes florestas tropicais de Huj, vibrando com as canções dos pássaros e dos coros reptilianos enquanto um magnífico nascer do sol irrompia de um oceano de árvores de tirar o fôlego.

– Uma falha de segurança, senhor – disse Xorb Xorbux do outro lado da linha.

– É, estou vendo em meu monitor. Algum tipo de incidente na sala de correspondência do 4006. Por que você está me incomodando com isso, Xorbux? Leve seu pessoal para lá imediatamente!

Do outro lado da linha, Xorb Xorbux, o z'noxiano chefe da Segurança Corporativa (Projetos Especiais), hesitou. Os dados a respeito do 4006 eram esparsos, mas pelas leituras de energia do ambiente capturadas pelos sensores da sala de correspondência – e pela pilha de agentes de segurança mortos – ele tinha certeza de que era algo a ver com Roamer. Ele não queria trazer isso à tona até que tivesse certeza de que flark estava acontecendo. Havia sido ele quem recomendara o Cavaleiro do Espaço. Se tudo fosse por água abaixo, a cabeça de Xorb seria a primeira a rolar.

Ele ficou aliviado por ter algo mais importante para comunicar a seu chefe de pavio curto.

Bem, *meio* aliviado.

– Não foi por isso que eu liguei, senhor – falou. – Há uma falha de segurança maior. Você... você deveria olhar pela janela.

– Eu *estou* olhando pela janela! – Hanxchamp retorquiu.

– Então... você está vendo, senhor?

– Sim, sim, a floresta tropical, névoa e essa flark toda. E daí?

– Acho que essa é a configuração da vista de sua janela, senhor – disse Xorbux, gentilmente.

– O quê? Ah, é, certo – Hanxchamp esticou outro tentáculo, segurou o controle remoto e o apontou para a janela.

A floresta tropical estremeceu e esvaneceu. Hanxchamp foi banhado pela luz dourada do sol de fim de tarde. Ele olhou pela vista espetacular da apinhada cidade de Alfa C: as conurbações faiscantes, os arranha-céus brilhantes, as correntes de tráfego aéreo de baixo nível enchendo as ruas lá embaixo, os bancos de nuvens turvas refletindo o sol poente, as formas negras de centenas de naves estelares visíveis em baixa órbita acima.

– Estou olhando para a cidade. Qual é o problema?

– Espere apenas um segundo, senhor.

O Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp era bom em muitas coisas: fumar charutos caríssimos, colocar coisas nos relatórios de despesas da empresa, gritar com pessoas, solucionizar, iniciar projetos corporativos absurdamente caros, ter ambições acima de suas habilidades – e fazer um discurso tão bem e tão confiante que todo mundo, incluindo os alto executivos seniores da diretoria, acabavam acreditando sem a menor dúvida que ele era o sujeito certo para o cargo.

Ele era bom em muitas coisas. Mas esperar não era uma delas.

– Xorbux, é melhor que essa não seja uma de suas brincadeiras z'noxianas idiotas – ele começou. E então caiu no mais completo silêncio.

Uma nave espacial apareceu do lado de fora de sua janela.

Era enorme e possuía elegantes asas inclinadas para a frente, como um raptor gigantesco. Era uma nave de guerra estelar. Sua ponte estava apontada para o edifício da Timely Inc. Bem como suas baterias de armas.

Sua imensa sombra trouxe uma noite prematura para as ruas abaixo da sede da Timely Inc.

Aquilo parecia, francamente, *impossível*. Nada tão grande parecia ser capaz de pairar tão baixo no céu, a meio click de distância das ruas. E nada tão grande poderia ser capaz de se aproximar de um mundo tão

ultratecnológico como Alfa C sem ser detectado. O Controle de Tráfego Orbital ficaria pirado.

E essa nem era a pior parte.

– Aqu... aquilo... – Hanxchamp começou, com os olhos arregalados. – Aquilo é uma *Nave de Guerra Classe Ave de Rapina* do *Império Shi'ar*!

– Sim, senhor, é.

– Os shi'ars? Os flark *shi*'-flark-*ars*?

– Sinto muito, senhor – disse Xorbux pelo fone. – As comunicações receberam uma ligação direta deles três minutos atrás, alertando sobre a aproximação. A nave se chama *Consciência de Sharra* e está operando sob a autoridade da Guarda Imperial Shi'ar.

– A Guarda Imperial?

– A Guarda Imperial quer se encontrar com você, senhor.

– Diga a eles que não! Esta... esta intrusão no espaço aéreo soberano de Alfa Centauri é *ultrajante*! Flark shi'ar, jogando seu peso por todo o lugar! Diga a eles para contatarem a embaixada de Alfa C e passar pelos canais apropriados! Guerras de flark já começaram por menos!

– Senhor – informou Xorbux, constrangido – a Guarda Imperial deixou bem claro que é um assunto da mais absoluta urgência. Eles estão perseguindo perigosíssimos fugitivos galácticos. E acreditam que eles estão aqui. Sob os termos do Pacto Intergaláctico de Não Agressão, em casos extremos como esse, eles têm permissão de intervir diretamente. Senhor...

– O quê, Xorbux?

– Senhor, sabemos que vários estrangeiros têm xeretado a respeito do Projeto 616. Acho que agora os shi'ars também se envolveram nisso. Precisamos lidar com isso de maneira discreta. É por isso que os coloquei em contato com você, e *não* com a diretoria.

Hanxchamp apontou um tentáculo para a nave de guerra do lado de fora de sua janela.

– Aquilo é *ser discreto?* – ele berrou.

– Dado ao histórico shi'ar, sim. Senhor, precisamos proteger o Projeto 616. Você *quer* envolver a diretoria? Lide com isso, você será um herói. Bônus de performance e tudo mais.

Hanxchamp se recompôs. Fossem quais fossem suas falhas de caráter (e eram muitas), Odus Hanxchamp não haveria se tornado um dos mais poderosos executivos da Timely Inc. sem a habilidade de ser assertivo e

autoritário. Ele sentiu o arco de sua carreira oscilando. Tinha que virar a mesa. Xorbux estava certo. Aquilo era uma crise, mas ninguém parecia melhor – ou obtinha uma promoção melhor – do que quando tomava as rédeas e enfrentava uma crise. Aquilo poderia abrir seu caminho até a diretoria. Ele era capaz de dar conta. Ele era capaz de *fazer* aquilo...

Flark shi'ar. O que eles sabem? Aquilo seria um flark de um *passeio*.

– Xorbux? – Hanxchamp disse. – Vou lhe colocar na espera.

Ele apertou outro botão em seu fone.

– Sra. Mantlestreek?

– Senhor?

– Peça para que os executivos de Projetos Especiais Sênior venham até minha sala. Eu preciso de Wivvers, Harnon, Rarnak... e *em especial* aquela rainha do gelo Meramati. Ter uma shi'ar de sangue azul à mão com certeza ajudará a amaciar essa flark situação!

– Sim, senhor – respondeu a Sra. Mantlestreek. – E para quando devo agendar essa reunião, senhor?

– *Olhe pela flark d'ast janela, sua velha brulha tensa!* – Hanxchamp guinchou. – *Imediatamente, é claro!*

Hanxchamp pressionou outro botão.

– Xorbux? Ainda está aí?

– Sim, senhor.

– Diga à Guarda Imperial Shi'ar que eu me encontrarei com eles. Daqui meia hora. Sala de reuniões executivas 68.

– Diga o quê? Que tal agora, *em vez disso*?

Hanxchamp afastou o olhar da janela ao som da voz. Quatro guardas imperiais shi'ars estavam parados diante de sua mesa, a energia de transmaterialização ainda se dissipava em volta deles.

– Que d'ast...? – Hanxchamp murmurou.

Um dos quatro, o que havia falado, era uma mulher alta, magra, com pele cinza-escura usando um traje negro apertado. Como todos os seus companheiros, ela usava o triângulo invertido prateado da guarda.

– Eu sou Ebon, da Guarda Imperial Shi'ar – ela anunciou. – Presumo que você seja Odus Hanxchamp?

– Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp – Hanxchamp corrigiu em voz baixa, deixando-se cair em sua cadeira executiva.

– Perdão?

– Não importa – respondeu Hanxchamp.

– Muito bem – Ebon principiou. – Saudações, em nome do Império Shi'ar. Eu lhe apresento a Guarda Dragoon...

Uma fêmea com traje vermelho sacudiu seu cabelo moicano branco.

– Guarda Warstar 34...

Um enorme roboforme verde-escuro também balançou a cabeça.

– E minha líder de equipe, Subpretor Arach.

Arach era uma coisa grande, uma forma aracnídea azul iridescente com um torso humanoide e uma cabeça. Ela dobrou os membros dianteiros e se inclinou num gesto formal de cumprimento.

– Olá – cumprimentou Hanxchamp.

– Subpretor Arach se viu obrigada a tomar o comando desta missão após meu comandante anterior, Crusher, ter sido ferido na linha de fogo – informou Ebon. – Isso aconteceu em Adjufar. Crusher viverá, embora esteja sob cuidados intensivos.

– Sinto... sinto muito ouvir isso – mencionou Hanxchamp, imaginando o que seria preciso fazer para acabar com tudo aquilo.

– Fico feliz por você sentir muito, Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp – disse Arach. Sua voz fina era emitida por um módulo tradutor que a fazia guinchar como dedos sobre vidro molhado. – O incidente em Adjufar foi grave. Perdemos um número considerável de guerreiros. E como a Guarda Ebon relatou, um notável membro da guarda foi criticamente ferido.

– É uma pena – reiterou Hanxchamp. Ele havia se recuperado sutilmente e estava determinado a tomar de volta o controle da situação. – Há muito dessa d'ast sem lei acontecendo nos dias de hoje, muito. Onde você disse que foi? Adjufar? A toca da escória!

Ele se levantou. Um sorriso iluminou seu rosto.

– Companheiros, bem-vindos. Posso lhes oferecer uma bebida? Algo comestível?

– Não bebemos em serviço – respondeu Dragoon.

– Tudo bem, como quiserem. Vou me servir de um drinque – Hanxchamp serviu a si mesmo um grande copo de licor spartoi vintage do carrinho de bebidas. Ele o fez sem pressa, com uma calma medida, para mostrar que estava tranquilo. Deixou as pedras de gelo caírem lentamente

no pesado copo. Esse tipo de demonstração de tomada de tempo normalmente desarmava as pessoas que se reuniam com ele. Aquilo mostrava quem era o chefe.

– Charuto? Alguém? Não? Certo, senhoras, e... roboforma. Como posso ajudá-los?

– Minha força-tarefa encontrou vários indivíduos em Adjufar – Ebon principiou. – Três deles foram identificados como fugitivos de violentos incidentes em diversos outros mundos.

– Sério? – perguntou Hanxchamp, bebericando sentando-se.

– Quando foi feita uma tentativa de apreender estes indivíduos, ocorreu a violência. O comandante de meu esquadrão foi seriamente ferido. Nove guerreiros Asa de Metal morreram.

– Uau, deve ter sido infernal – comentou Hanxchamp, usando sua expressão compreensiva. – Infernal. Minhas condolências.

– Os fugitivos escaparam de Adjufar usando o que acreditamos ser uma viatura xandariana – falou Arach. *Deus, aquele ruído de dedos no vidro molhado de novo!* Hanxchamp estremeceu. – Conseguimos rastrear a rota deles. Eles vieram na direção de Alfa Centauri. Perdemos o rastro dois minutos depois que entraram no espaço aéreo.

– Perderam? Ah, minha cara. Que infelicidade.

– Rastreios preditivos relatam que eles vieram para cá.

Hanxchamp tomou outro gole, girou o copo e apertou alguns botões no controle de toque do tablet que estava em sua mesa. Ele o virou para que pudessem vê-lo.

– Ok, sem segredos. Eu quero ajudar vocês, shi'ars. A Timely Inc. não tem nada a esconder. Entendem? O inventário completo dos pousos de hoje. Nenhuma viatura xandariana entre eles.

Dragoon deu um passo à frente e pegou o tablet. Ela o analisou, olhou para Arach e balançou a cabeça.

– Acreditamos que podem ter usado um campo de camuflagem – comentou Ebon.

– Sério? Como *vocês*, você quer dizer? – Hanxchamp perguntou, apontando um tentáculo para a nave de guerra que dominava a vista do lado de fora de sua janela.

Os shi'ars mantiveram os rostos inflexíveis.

Ebon olhou para Arach, que assentiu.

– Os fugitivos estão em companhia de uma unidade gravadora rigelliana – Ebon informou. – Acreditamos que a unidade os está seguindo. Acreditamos que eles possam tê-la trazido até aqui. Por que fariam isso?

Hanxchamp estremeceu. Poderia ser verdade? Estava ali? *Ali* de verdade?

– Senhor? – perguntou Ebon. – Tem algum comentário a fazer? Estamos esperando.

Hanxchamp se recompôs.

– Pessoal, amigos, eu não tenho a menor ideia de por que uma unidade gravadora seria importante para alguém com exceção dos rigellianos. Aqueles coisas loucas cheias de dados! Hein? *Hein*? Porém, vou lhes dizer uma coisa, com espírito de cooperação, deixem-me executar uma busca completa no edifício. De cima a baixo. Nós temos uma segurança excelente aqui. Topo de linha. Se houver algum gravador... ou alguma espécie de fugitivo... nós os encontraremos. E então podemos conversar sobre o que fazer com eles.

– Preferimos nós mesmos fazer a busca – Warstar 34 retumbou.

– Flark, tenho certeza de que você *prefere*, amigão! – respondeu Hanxchamp. – Mas aqui é jurisdição de Alfa C, e esta é uma propriedade da Timely Inc. Vamos fazer do *nosso* jeito primeiro. Nós resolvecionaremos esse situcianismo para vocês, imediatamente. Descansem um pouco. Vou pedir que lhes sirvam sanduíches e suco. Coloquem os pés para cima.

Ele sorriu para Arach.

– E você, dona... vamos precisar arrumar um monte de banquinhos para *você* colocar os pés, estou certo?

– O quê?

– Estou apenas dizendo.

– Bem... por enquanto, nós faremos as coisas do seu jeito – disse a Subpretor Arach.

– Ótimo! Isso não é ótimo? Vê como já estamos trabalhando juntos? Não é ótimo? Como uma... sinergização ou algo do tipo?

Houve uma batida na porta.

– Entre! – Hanxchamp gritou.

Blint Wivvers, Pama Harnon, Sledly Rarnak e Allandra Meramati apareceram na porta. Eles olharam alarmados para os visitantes.

– Entre, entre pessoal! – Hanxchamp os chamou. – Temos convidados. Convidados *especiais*. Nada menos que a *Guarda Imperial Shi'ar*. Grande dia!

Deem boas-vindas a eles. Aparentemente estão caçando fugitivos e... vocês nunca adivinhariam... algum tipo de unidade gravadora rigelliana que, talvez, neste momento, esteja *neste edifício!*

– Tá de brincadeira – Wivvers começou. – Quer dizer... isso não é muito *estranho*?

– Um gravador? – perguntou Pama Harnon. – Literalmente aqui?

– Quer dizer, quais eram as chances, Pam? – Hanxchamp concordou.

– Está aqui? – Rarnak sibilou.

– Totalmente. Mantenha-os felizes, vou colocar Xorbux responsável por isso – Hanxchamp sussurrou.

– Mantenham nossos convidados bem recebizados! – ele exclamou com a voz mais alta.

– Misturem-se e façam suas coisas de shi'ar – ele sussurrou para Meramati. – Preciso que você amoleça esses flarks para mim.

Meramati pareceu preocupada.

– Mas...

– Ah, você tem sangue nobre! Faça com que se curvem diante de você, ou algo do tipo! – Hanxchamp exigiu.

– Sra. Mantlestreek! – ele gritou para a recepção. – Chá! Café! Suco! Bolachas! A hospitalidade completa! Agora!

– Sim, senhor.

Hanxchamp viu Xorb Xorbux pairando na entrada e foi ao seu encontro. Atrás de Hanxchamp, seus executivos começaram a puxar papo com os guardas imperiais.

– Xorb! Xorb, amigão! – Hanxchamp sussurrou, agarrando Xorbux pelos ombros. – O gravador... está *aqui*! No local! Chame seus homens, encontre-o. Encontre-o *agora*!

– Sim, senhor!

– Os shi'ars estão nos encurralando como um caixão, Xorb. Precisamos acabar com isso! Se encontrarmos o gravador e o levarmos até o Núcleo de Dados, então todo o Império Shi'ar que vá tomar... um banho. *Para sempre!*

– Sim, senhor.

– Resolva isso, Xorb! Estou contando com você!

– O mais rápido possível, senhor – Xorb Xorbux respondeu, e saiu apressado.

Hanxchamp voltou para o escritório.

– Estão todos bem? A Timely Inc. está com a situação sob controle. Todos felizes?

– Apenas mais uma coisa – Arach disse, desviando-se da conversa com Blint Wivvers. Houve uma precipitação de energia de transmaterialização. E, um por um, guerreiros Asa de Metal em armaduras completas se materializaram na sala. Quando o processo terminou, havia quarenta deles alinhados contra as paredes do local, com as armas em riste.

Hanxchamp engoliu seco.

– Só para nos certificarmos que estamos falando a mesma língua – Arach pontuou.

37

ENQUANTO ISSO
(8087 ANDARES ABAIXO)

NÃO POSSO RECOMENDAR a experiência de ser uma correspondência. E, particularmente, uma que está passando por um sistema interno de encaminhamento. Há muito deslize atrapalhado e descontrolado, muitas curvas sem estofamento, e uma enorme quantidade de colisões com outras correspondências em trânsito.

Então ser disparado de um cano e pousar de cabeça em uma plataforma de metal duro pode ser um bem-vindo alívio, para ser honesto.

– Ai – resmungou Rocket Raccoon, e se colocou de pé em um salto. Ele pegou sua arma incrivelmente grande e começou a retirar sua roupa de faxineiro. Seu uniforme levemente puído dos Guardiões o fazia parecer um pouco mais sério.

– Nn ngngg ngggg – disse Groot. Ele parou e retirou várias cartas e pequenos pacotes de sua boca.

– Eu sou Groot – repetiu.

– Exatamente – concordou Rocket. – Vamos descobrir onde estamos.

Gamora já estava de pé. Como Rocket, ela havia arrancado seu disfarce, voltando a usar sua armadura preta apertada. Ela tirou o casaco enrolado do bolso de seu macacão, o sacudiu e em seguida o vestiu e puxou o capuz para a frente. Na penumbra, ela instantaneamente foi quase reduzida a uma mera sugestão de sombra.

A câmara é grande e feita de metal. Está escuro. A única luz vem de um painel indicador na parede. Ao lado do depósito de correspondência há vários carrinhos de metal que se parecem com macas de hospital.

Rocket pressiona um botão no painel indicador, e a escotilha se abre. Espiamos o corredor. A decoração é simples: paredes e assoalho de metal

azul-escuro, e válvulas íris funcionais que brilhavam – atrás de pesadas grades radiantes – com uma luz amarela fraca.

Nós nos movemos próximos à parede. Depois de um curto tempo, chegamos a um corredor de entrada. Em um dos lados há uma área de elevadores executivos. Claramente, é preciso ter códigos executivos especiais para operá-los. Na parede ao lado dos elevadores há uma placa que diz "subporão 86".

Rocket assobia.

– Sub 86 – ele diz. – Esse lugar não existe.

– A não ser… – eu começo.

– Eu digo, *oficialmente*. – Ele baixa a etiqueta rasgada da correspondência grudada em sua mão desconcertantemente humana. – Eu sabia. Eu *sabia* que estávamos indo bem. Esse é o domínio deles. Projetos Especiais Secretos em Segredo. Eles escondem essas coisas, enterram-nas bem fundo, trancam com códigos e todo tipo de segurança… mas a correspondência precisa passar. Entende, eles mantêm essas coisas na confidencialidade, em caso de espionagem industrial e sei lá mais o quê, mas eles confiam *completamente* no sistema automático do edifício.

– Eu sou Groot.

– Exatamente. Afinal, quem iria fazer perguntas para o sistema de entrega de correspondências interno?

Nós estávamos bem abaixo do solo. O ar era seco e artificialmente fresco. Posso ouvir o zumbido dos poderosos campos clandestinos. Ele faz meu invólucro externo vidrar de um modo nada agradável. Se (no sentido orgânico, normal) eu tivesse ouvidos, eu me prepararia para protegê-los agora.

Gamora se afastou da área dos elevadores na direção do que parecia ser uma escotilha de entrada principal. Era uma válvula íris dupla enorme, cercada por faixas vermelhas pulsantes de contramedidas de segurança. Ao lado da escotilha, um pequeno estrado equipado com sondas genéticas.

Ela as examina.

– Não podemos ir por aqui – informa. – É preciso uma chave de código, mais uma sequência de segurança… mais reconhecimento das palmas, retina, voz, amostra genética, e espectro feromônico.

Rocket lança um olhar desamparado para a etiqueta.

– Isso não vai fazer a gente passar. Se apenas tivéssemos um…

Um dos elevadores bipou. Nós nos escondemos nas sombras.

Um executivo da Timely Inc. saiu apressado pelas portas. Ele é um kaliklaki e parece muito agitado. Dois seguranças o acompanhavam.

– Isso tudo vai descer -tik!- para o andar 8001 – o executivo kaliklaki disse. – Dizem que Hanxchamp está em um impasse com a Guarda Imperial Shi'ar! Na sala dele!

Eu olhei para Rocket. Ele devolveu o olhar, orelhas abaixadas.

– Temos que -tik!- proteger essa área, vocês entendem? – o kaliklaki falou aos seguranças.

– Sim, Sr. Gruntgrill.

– Ordens de Hanxchamp. Se os -tik!- shi'ars começarem a fazer uma varredura no prédio, eles *não* devem encontrar esse lugar, certo?

– Sim, Sr. Gruntgrill.

– Certo, ótimo. Vamos lá.

O executivo – Gruntgrill – subiu no estrado.

Ele enfiou sua chave-código no fino leitor. E então pousou suas mãos verdes nos leitores de palmas. Olhou diretamente para a luz azul da sonda de retina.

– Voz – ele principiou. A luz da máquina se intensificou, aguardando. – Gruntgrill, Arnok. Sequência de segurança -tik!- 11324567812. Convido-a a verificar minhas impressões de palma, retina, voz, amostra genética e espectro feromônico.

– Falha no reconhecimento de identidade. – Quê? -tik!-

– Sequência não reconhecida.

– Eu disse "sequência de segurança 11324567812".

– Incorreto. Você declarou a sequência de segurança como "-tik!- 11324567812".

– Você está zombando de mim? *De novo?* – Gruntgrill perguntou.

– Pergunta não reconhecida.

– Você está zombando de mim *novamente* por conta de meu impedimento de fala? Eu estou *nervoso*!

– Comentário não reconhecido.

– Analise-me -tik!- de novo! Minha sequência é -tik!- 11324567812. Quer dizer, é -tik!- 11324567812.

– Sequência não reconhecida.

– Isso -tik!- acontece sempre – Gruntgrill ri, olhando em volta para os

seguranças. Eles não estão mais atrás dele. Estão inconscientes no chão. Seus olhos se arregalam. Ele se encontra olhando para mim, para uma árvore ameaçadora, uma assassina verde com duas espadas e um guaxinoide apontando para ele uma arma incrivelmente grande.

– -tik!- – ele engole em seco.

– Abra a escotilha, camarada – Rocket diz a ele.

Ele balbucia. Ele *tika*. Suas antenas estremecem.

Eu percebo que apesar das espadas, apesar da arma incrivelmente grande apontada para sua cara, apesar da árvore ameaçadora, o guaxinoide e a assassina sombria, ele está paralisado diante de *mim*.

– É você – ele diz.

– Sim, eu sou eu.

– Gravador -tik!- 127.

– Sim – respondo.

– Abra a escotilha – rosna Rocket – e vamos descobrir que flark tão importante é essa.

Ele sacode sua arma incrivelmente grande, só para deixar clara sua vontade.

38

ENQUANTO ISSO
(8087 ANDARES ACIMA)

– GUARDEM ESSAS ARMAS! – Hanxchamp exigiu. – Imediatamente! Isso não é jeito de se comportar em minha flark sala!

– Então registre uma reclamação – guinchou Arach.

– Escuta aqui, aranha-rainha, isso…

Uma explosão de hipervelocidade sacudiu as janelas com tanta força que fez a vista de Huj piscar novamente na tela.

– Que *flark* é essa? – exclamou Hanxchamp.

– Sharra e K'ythri! – Ebon gritou.

Através das janelas, todos puderam ver uma *segunda* nave de guerra enorme pairando do lado de fora do edifício sede da Timely, bem ao lado da Ave de Rapina Shi'ar.

A imensa nave da Tropa Nova tinha uma compleição mais cilíndrica, e um míssil blindado em comparação com o elegante falcão shi'ar. As pesadas luzes inferiores piscaram, banhando de luz as ruas abaixo.

– Isso é simplesmente inaceitável! – Hanxchamp gritou.

As janelas implodiram, causando uma nevasca de vidro. Quatro guerreiros da Tropa Nova Xandariana pousaram seus pés blindados atrás da mesa de Hanxchamp. Suas botas esmagando os cacos da janela.

As armas dos soldados Asas de Metal foram erguidas novamente. Todos os quatro da Guarda Imperial assumiram posições de batalha, prontos para a luta.

– Não se mexam, shi'ars – anunciou o Líder Nova. – Sou o Centurião Grekan Yaer de Xandar. Comigo, Centuriã Clawdi, e Oficiais Starkross e Valis. Fiquem calmos, ou vamos gravimetrar vocês.

– Vocês podem tentar! – Warstar berrou.

– Opa, opa! – Hanxchamp exclamou. – Sem tiros no meu escritório! Parem com essa confrontalização de *uma vez por todas*!

Relutantemente, os soldados shi'ars baixaram suas armas. Os oficiais Nova e os guardas imperiais desligaram suas fontes de poder. Os olhares que lançavam uns para os outros, no entanto, ainda estavam armados e eram letais.

– Melhor – comentou Hanxchamp. – Assim é melhor. Todo mundo fique calmo. Todo mundo seja educado. Agora, seu Nova, o que é tudo isso? Aliás, vocês vão pagar pela janela.

– Estamos perseguindo fugitivos, senhor – Yaer declarou. – Uma viatura roubada da Nova foi identificada vindo para este lugar.

– Você não tem jurisdição aqui! – Arach gritou.

– Ah, e quer dizer que *vocês* têm? – Clawdi replicou.

– Desgraçada insolente! – Arach retrucou com brutalidade.

– Pessoal, pessoal! *Acalmem-se*! Tenho certeza de que tudo não passa de um mal-entendido! – Hanxchamp gritou. – Cara Nova – ele disse, olhando para o impassivo korbinito Yaer. – Você pode especificionar um pouco mais?

Grekan sacou um tablet e mostrou-o para o Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais).

– Mandado de busca galáctica – falou Yaer. – Acusação de fugitivos, Ordem Galáctica 9910. Perseguição dentro de outras jurisdições como resultado do acima mencionado, Ordem Galáctica 3596. Localização e identificação da Unidade Gravadora 127, caso específico.

– Gravadora *o que* você acabou de dizer?

– O que você está escondendo?

– Nada!

– Basicamente, senhor – Grekan Yaer disse para Hanxchamp –, temos uma permissão garantida pelo pacto galáctico para fazer uma busca nesse local.

Arach se aproximou, lançando-se para a frente em suas longas pernas azuis. Ela olhou para o tablet, e então o devolveu.

– É verdade, ele tem – ela guinchou. – Ele tem mais cobertura legal a respeito dessa situação do que nós, shi'ars, temos.

– Obrigado, madame – Yaer falou.

– Dito isso – continuou Arach. – Essa é *nossa*.

Ela retorceu a boca. E em perfeita e uníssona sincronia, os soldados Asa

de Metal ergueram as armas e apontaram para os Soldados Nova.

– *Na minha sala, não!* Na minha sala, não! – Hanxchamp berrou.

– Então o que você sugere? – perguntou Yaer, seu punho brilhando e apontado para os shi'ars. – A não ser que seus *amigos* shi'ars recuem imediatamente, vamos nos encontrar no meio de uma *situação*.

– Não temos desejo de entrar em combate contra as forças de Xandar – Arach guinchou umidamente pelo tradutor. – Nós, os shi'ars, estamos bem cientes de seus poderes. Uma luta entre nós pode derrubar esta torre.

Esta *cidade* – sibilou Clawdi.

– E deixar quatro oficiais Nova e as ruínas flamejantes de uma nave da Tropa Nova – respondeu Dragoon, sem perder o ritmo.

– Ah, rapazes! Pessoal supermortal! *Por favor!* – Hanxchamp choramingou. – Essa tensão toda está me deixando com enxaqueca! Mantenham a flark calma e parem de ser tão... tão... *agressivizados*! Vamos fazer isso da maneira megacorporativa! Vamos nos sentar em volta de uma grande mesa redonda e solucionalizar essa flark toda! Sra. Mantlestreek! *Bolachas e suco*! Bolachas e suco!

– Eu literalmente providencio, senhor – disse Pama Harnon, e correu para fora.

Yaer baixou os punhos. Após um aceno de Ebon, os soldados Asa de Metal baixaram as armas. Seus dedos permaneceram nos gatilhos, e suas armas permaneceram destravadas.

– Uma colisão de jurisdições – disse Yaer.

– Claramente estamos procurando os mesmos indivíduos – foi a vez de Arach falar –, dada a informação que você ofereceu.

– E quais informações você nos oferece? – perguntou Yaer.

Arach parou.

– Quantos fugitivos você está perseguindo? – ela perguntou.

– Dois, mais a unidade gravadora.

– E você os procura por... como vi em seu mandado... *seguro de veículo invalidado*? Isso está correto?

Yaer fez uma careta.

– Por enquanto – admitiu.

– Nós estamos perseguindo *três*, além da unidade gravadora – informou Arach.

– Quais deles? – perguntou Yaer. Ele mostrou o tablet. – Estes são os

meus. Raccoon, Rocket. Groot, sem mais nomenclaturas.

– Sim, esses dois, e esta – disse Arach, assentindo para Ebon mostrar o seu dispositivo. – Gamora.

– A Mulher Mais Mortal do Universo! – o oficial Valis sussurrou.

Yaer olhou para ele.

– Ela está em todas as listas de procurados que publicamos, senhor – Valis deu de ombros. – Ela é extremamente do mal.

– Nosso interesse está nos criminosos – disse Yaer. – Raccoon e Groot. Esta Gamora também, se tiver acusações pendentes.

– Ah, ela realmente *tem*, senhor – disse Valis.

– Nosso interesse – guinchou Arach – é na justiça. A justiça xandariana é o suficiente para nós, contanto que os danos corporais causados a nosso Guarda Crusher e a morte dos guerreiros Asa de Metal sejam levados em consideração para a pena. Perpétua em Kyln, sem apelação. Sob tal disposição, ficaremos satisfeitos se os criminosos forem levados sob custódia xandariana. Mas a unidade gravadora é nossa.

– Por quê?

– Segredos de Estado do Império Shi'ar, centurião – Arach respondeu.

– Certamente você não pretende me contar, não é?

– Então... nós levamos os criminosos, você leva o gravador? – perguntou Clawdi.

– Isso seria aceitável para nós – concordou Arach.

– Vocês estão conduzindo uma negociação difícil, shi'ar – disse Yaer.

– Porque é difícil negociar com você, xandariano – ela guinchou em resposta.

– Hahaha! – Hanxchamp riu sem humor. – Hahahahahahahaha! Veja isso, não é ótimo? Não é ótimo, Blint?

– Maravilhoso, senhor – Wivvers concordou.

– Esplêndido – acrescentou Rarnak.

– Olhe para nós, já estamos solucionalizando isso! – Hanxchamp declarou, batendo os tentáculos. – Olhe para nós, estou orgulhoso deste momento. Vocês, rapazes. Fiquei até arrepiado.

• • • •

Na recepção, Pama Harnon ordena a Sra. Mantlestreek e aos robôs de serviço do escritório para que "apressem-se, flark, e levem alguns petiscos *rápido*!".

A Sra. Mantlestreek olha feio para Pama Harnon por sobre seus óculos aro de tartaruga.

– Parece que estou literalmente brincando? – pergunta Pama Harnon. – *Vamos logo* com isso!

Eles se afastam apressados. Pama Harnon respira fundo. E então ela pega seu novo brilho labial.

Ela pressiona a tampa e dispara o raio de onda omni.

Urgente... urgente...

39

PROJETO 616

GRUNTGRILL SUBIU NO ESTRADO. Ele está dolorosamente ciente de que tem armas apontadas para ele. Ele enfia sua chave-código no fino console de leitura. E então pousa suas mãos verdes no leitor de palma. Ele olha diretamente para a sonda de retina.

– Voz – ele diz. A luz da máquina se intensifica. – Gruntgrill, Arnok. Sequência de segurança -tik!- 11324567812. Convido-a a verificar minhas impressões de palma, retina, voz, amostra genética, e espectro feromônico.

– Falha no reconhecimento de identidade.

– Tente -tik!- novamente.

– Sequência não reconhecida.

– Por favor -tik!- não faça isso! Não agora! – Gruntgrill exclama. – Tenho uma -tik!- arma apontada para minha cabeça!

– Comentário não reconhecido.

– Eu tenho um -tik!- impedimento de fala! Estou nervoso!

– Comentário não reconhecido.

– Verifique-me nova -tik!- mente! Minha sequência é -tik!- 11324567812. Eu quero dizer, é -tik!- 11324567812. Droga!

– Você é capaz de fazer melhor do que isso, amigão – Rocket diz.

Gruntgrill respira fundo.

– Minha sequencia é -tik!- -tik!- -tik!- é 11324567812.

Ele solta a respiração, abaixa a cabeça. Sua gravata está balançando.

– Identidade agora verificada, Arnok. Bem-vindo ao Projeto 616.

As contramedidas de segurança vermelhas e pulsantes piscam rapidamente. A íris dupla se abre, externa e internamente, com um guincho metálico, enquanto as pétalas se dilatam e raspam uma sobre a outra.

Um jorro de ar frio irrompe da câmara.

Gruntgrill desce do estrado e anda na direção da escotilha.

– Venham – ele diz. – Deixem-me mostrar a vocês. Deixem-me mostrar o futuro da galáxia.

Entramos no Projeto 616.

Gruntgrill nos leva pela escotilha até a Câmara do Núcleo de Dados.

Noto mostradores que exibem: *Núcleo de Dados – 87%*

Mais processos de segurança são requisitados. Gruntgrill é nervosamente verificado mais algumas vezes.

A porta em forma de obturador se abre.

Finalmente contemplo meu destino diante de mim.

A Câmara do Núcleo de Dados é imensa. É *acachapante*.

Enquanto subimos em uma passarela de observação concêntrica, fico aturdido não apenas pela imensidão da câmara, mas pela imensidão muito maior dos dados contidos nela. O Núcleo pulsa abaixo de nós no poço de armazenamento cercado por dispositivos tecnológicos, uma luz rosa quente de dados quase infinitos.

– Esta é a razão pela qual vocês precisam de mim – suspiro. – Para completar isso.

– Sim -tik!- – confirma Gruntgrill.

– Vocês têm dados sobre toda a criação ali dentro, menos a parte que eu represento.

– Eu sou Groot – diz Groot.

– É, explique! – Rocket apressa com sua arma incrivelmente grande.

– É um mapa de dados! – Gruntgrill grita. – Um mapa de dados de toda a criação. Quando estiver completo, a Timely Inc. entenderá a natureza fundamental de tudo e compreenderá a galáxia conhecida a níveis picomoleculares. E com isso podemos criar um marketing de precisão e moldar nossos bilhões de produtos para o público como nunca foi feito antes. Saberemos e entenderemos tudo. Tudo! Vamos dominar a galáxia e garantir para a eternidade nossa posição como a entidade mais poderosa entre todas as espécies!

– Como o Google Earth? – pergunto.

– Eu não sei o que é isso – Gruntgrill responde.

– Belo discurso – diz Gamora, apontando suas espadas para Gruntgrill. – Posso matar ele agora?

Rocket faz um movimento com sua mão desconcertantemente humana.

– Isso tudo tem a ver com dinheiro? – ele perguntou a Gruntgrill.

– Tem a ver com poder! Com o dinheiro vem o poder!

– Eu *gosto* de dinheiro – disse Rocket.

– Por que vocês usaram – abusaram, eu devia ter dito – gravadores rigellianos? – perguntei.

Gruntgrill olhou para mim.

– Porque estamos -tik!- trabalhando no Projeto 616 por décadas. E nos demos conta de que a coleta de dados iria demorar mais algumas décadas ainda. Nós -tik!- a aceleramos. Percebemos que usar gravadores rigellianos seria um jeito brilhante de acelerar o processo. Nós raptamos todos os gravadores que pudemos encontrar, copiamos suas memórias, e então os soltamos novamente, reprogramados. – Gruntgrill lançou um olhar triste para mim.

– Você é o último. O mais especial.

– Especial? Por quê?

– Quando você foi -tik!- raptado pela Timely, você conseguiu escapar.

– Ei, é isso aí, *você*, carinha-gravador! – disse Rocket.

– Você acidentalmente visualizou e registrou todo o Núcleo de Dados da Timely – disse Gruntgrill. – Você -tik!- sabe *tudo*. Você é o último gigantesco pedaço que falta para que a porcentagem do Núcleo de Dados chegue a um nível que funcione. Mas você também é, essencialmente, *uma cópia pirata* de todo o núcleo. É por isso que todo mundo -tik!- está atrás de você.

– Isso explica os vazios – eu digo. – Sobrecarregamento de dados. Eu não sei o que eu sei.

Olho para Rocket Raccoon. E então viro novamente para o executivo.

– Se eu me juntar a isso – continuo, indicando o pulsante brilho rosado abaixo de mim – então você vai conseguir o controle de dados total do Universo?

– Sim – confirma Gruntgrill.

– Isso está perto do Poder Cósmico – sugiro.

– Amigo, isso é o Poder Cósmico.

Eu me viro novamente para Rocket.

– Rocket Raccoon – digo. – Confio em você. Faça isso por mim. Use sua arma incrivelmente grande e me aniquile. Seja rápido. Não farei parte disso.

– Ei! – ele diz, recuando alarmado.

Eu estendo os braços.

– Sou um alvo limpo. Faça. Salve o Universo. Guarde a galáxia. É o que você faz, não é?

– É, é – Rocket arfa. – Mas não desse jeito…

– Rocket Raccoon, eu lhe imploro – digo. – Sou a última peça do quebra-cabeça. Sou o Universo. Por meio de mim, a Timely Inc. poderá controlar a criação. Eu não quero isso. E não quero que eles possuam o Poder Cósmico. Os dados universais completos. Você tem alguma ideia do que isso significa?

– Não – disse Rocket. – E porque eu não trabalho desse jeito, eu não vou atirar em você. Você é meu parceiro, pelo amor de d'ast.

– Por favor… me aniquile – eu disse.

A realidade se editou. Eu senti o gosto da surpresa de uma página se virando e uma reviravolta dramática.

O Cavaleiro do Espaço subitamente reapareceu.

– Ah, flark! – disse Rocket.

– Ele é *meu*! – gritou Gamora.

Roamer atravessou correndo a passarela. Ela saltou de encontro a ele como uma ninja. Suas espadas colidiram, as duas delas contra a espada laser dele, faíscas voaram.

Trocaram golpes a uma velocidade furiosa que foi difícil de registrar. Eu apenas… eu apenas queria morrer. Queria que minha existência fosse terminada. Eu havia sido usado. Eu ainda iria ver que Rocket Raccoon tinha um coração de ouro. E, por causa disso, eu iria sofrer. E o Universo como o conheço e – como *você* o conhece, gentil leitor – também iria sofrer. O Universo 616 seria completamente controlado pelos executivos desalmados da Timely Inc.

Olhei suplicante para Rocket, mas ele estava ocupado demais tentando mirar sua arma incrivelmente grande em Roamer. Gamora não saía de sua linha de fogo. Groot, que também tentava acertá-lo, gemia desesperado.

Roamer e Gamora duelavam na beira da passarela com vista para o Núcleo de Dados pulsante, espada contra espadas. Cada um deles representando o pináculo da evolução das lutas de suas próprias espécies. O que eu registrava já valia por si mesmo como um documento das habilidades marciais definitivas. A batalha daqueles dois foi a maior e mais habilidosa luta de espadas da história das espadas. *De todos os tempos*.

E eu sei do que estou falando. Comparei e contrastei. Esqueça Liam

Neeson *versus* Ray Park. Ou Christopher Lambert *versus* o Kurgan. Ou Errol Flynn *versus* Robert Douglas em *As Aventuras de Don Juan*. Ou Tyrone Power *versus* Basil Rathbone em *A Marca do Zorro*. Ou Yu Shen Lien *versus* Jan Yu no estimável *O tigre e o dragão*. Ou Toshiro Mifune *versus* absolutamente *todo mundo* em *Os sete samurais*. Ou mesmo Inigo Montoya *versus* o terrível Pirata Roberts (sim, sim, mais uma vez estou costurando as referências à sua cultura de base, caro leitor).

Eram tão rápidos. Espada bloqueio espada bloqueio espada. Ele estava fortemente blindado; ela não. Ela é leve e atlética; ele é estoico e determinado. Ela salta, ele desvia. Ele ataca, ela desliza. Ele apunhala, mas ela não está mais lá. Ela o estripa, mas ele a impede com um erguer de espada. Ele arremete a espada com as duas mãos. Ela desvia do golpe e o cobre com uma chuva de ataques.

Ela o fere, e ele cai de costas contra a amurada. Ele bloqueia sua chuva de golpes e a corta. Ela cai para trás, sangrando na garganta. Ela o chuta para trás, para a amurada, e esmaga a cabeça dele em um dos lados. Ela está prestes a desferir o golpe mortal.

Subitamente, ela convulsiona, seu corpo tremendo pela descarga elétrica, e cai na passarela.

Estamos cercados por seguranças da Timely Inc., suas subduemáticas apontadas para nós. Um feroz z'nox os lidera, e foi o disparo dele que derrubou Gamora em seu momento de vitória.

– Ah, Xorb! – gritou Gruntgrill. – Estou -tik!- feliz em ver você!

O z'nox o ignorou, e apontou sua arma para Rocket e Groot. E assim também fizeram os outros seguranças.

– Largue essa arma incrivelmente grande *agora*! – o z'nox exigiu.

Eles não tinham escolha. Suas armas estalaram na passarela, e eles ergueram as mãos.

Roamer se levantou, empurrando a forma inconsciente e mole de Gamora para longe dele. Apontou a espada para mim.

– Gravador 127 – ele grunhiu, seu visor emitindo uma luz vermelha como sangue. – Eu prometi entregá-lo, e assim o fiz, Xorb Xorbux.

O z'nox, Xorb Xorbux, respirou fundo.

– Valeu a espera – ele disse. – Eu sabia que você conseguiria, Roamer.

Seus homens avançaram e prenderam Rocket e Groot em algemas magnéticas.

Eles me cercaram, suas pistolas de fase subduemáticas em riste.

– Ora, ora – começou Xorb Xorbux – uma solucionalização apropriada. Gruntgrill? Dê as boas notícias para Hanxchamp.

Gruntgrill sacou seu tablet e discou.

– O que vai acontecer com a gente? – Rocket perguntou a z'nox.

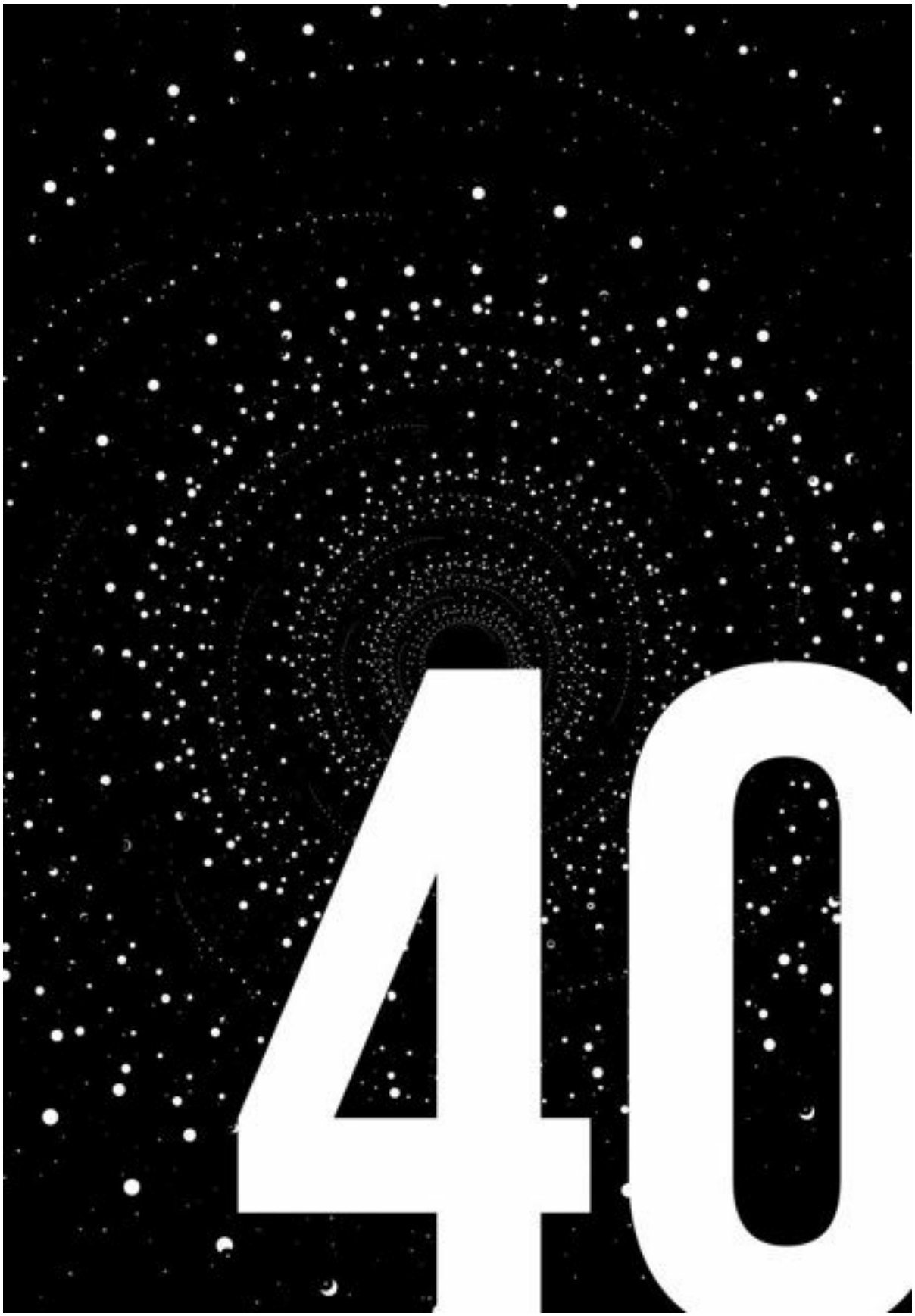
– Nada – Xorb Xorbux respondeu. – Para *sempre*.

Rocket engoliu seco.

– Senhor, aqui é Gruntgrill! Já estamos com o gravador, senhor! – o kaliklaki disse em seu dispositivo móvel. – Sim, intacto. Nós... o quê? *O que* está acontecendo agora?

Ele baixou o tablet e olhou para Xorb Xorbux. Sua face estava dura de medo.

– Você nunca iria acreditar nisso – ele disse. – Os -tik!- krees estão aqui!


40

PERIGO NO
AMBIENTE DE
TRABALHO

O VICE-PRESIDENTE Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp pensara que estava indo muito bem, recebendo os quatro poderosos oficiais Nova e o assustador quarteto de guardas shi'ars, sem mencionar os estalos contínuos das armaduras dos guerreiros Asa de Metal, na sala de reuniões executivas. Bebidas foram oferecidas, junto com cruditos e molhos. Havia sucos, bolachas e petiscos.

Alguns dos soldados Asa de Metal haviam erguido seus visores para degustar o molho picante com raízes assadas e uma bebida quente. A Subpretor Arach estava entabulando uma animada conversa com Grekan Yaer. Os executivos de Hanxchamp circulavam com pratos de hors d'oeuvres. *O método dos negociantes*, Hanxchamp pensou. Era assim que o Universo funcionava.

Seu tablet tocou, e ele estava prestes a atendê-lo.

E então um trovão retumbou.

Duas gigantescas naves de guerra pairando no espaço atmosférico interno eram uma coisa. Mas, subitamente, surgiu uma terceira: a nave de batalha kree Orgulho de Pama. Ela tinha duas vezes o tamanho da viatura shi'ar ou da nave da Tropa Nova. E estava parada do lado de fora da torre sede da Timely Inc., uma massa impossível surgindo gradualmente conforme sua aura de negatividade era baixada.

Sharnor, a Acusadora se teleportou diretamente para a sala de reuniões executivas.

Ela era uma figura imponente.

– O gravador é meu! – ela declarou, batendo seu martelo do poder na mesa, que se estraçalhou. Ela apontou um dedo acusador para os shi'ars e

xandarianos presentes. – Ninguém se mova. Este é um assunto *kree*.

Tanto os shi'ars quanto os xandarianos teriam começado a lutar em um instante, só que Sharnor não havia sido o único ser a se teleportar. Com ela veio uma centena de guerreiros krees armados e três unidades sentinelas. A sala de reuniões estava ficando lotada.

– Bem – iniciou Arach, sua voz estridente, chiando traiçoeiramente. – O que parece termos aqui é um impasse, Senhora Acusadora.

– Não – Sharnor respondeu bruscamente. – O que parece que temos aqui é um *controle kree total*. Faça um movimento... você ou qualquer um de seus soldados... e nós vamos obliterar vocês. O mesmo vale para vocês, xandarianos.

– A Tropa Nova não responde bem à intimidação, acusadora – respondeu Grekan Yaer.

– Isto não é intimidação, xandariano – Sharnor disse, baixando a voz. – Isto é dominação militar! Recue, vá embora, ou *morra*. Eu lhe dou essa escolha!

– Você cruzou uma linha, acusadora – Yaer insistiu. – Este é um ato de guerra. Ele quebra todos os pactos de não agressão em...

– Este é um ato de *autodefesa*, xandariano – Sharnor contra-atacou. – O Império Estelar Kree está tomando medidas urgentes para proteger a si mesmo contra uma ameaça potencialmente arrasadora. Uma ameaça representada pela megacorporação Timely Inc., que está prestes a adquirir tamanho poder, que irá depor todos os outros impérios e civilizações. Eles estão prestes a roubar a galáxia de nós todos.

Ela olhou para Yaer, e então para Arach.

– Diga-me que você não suspeitou disso. Diga-me que esse não é o motivo pelo qual você também está aqui.

– Nós... nós estamos preocupados – Arach admitiu.

– Sabemos que algo está acontecendo – confirmou Yaer.

– Então deveríamos estar lado a lado nessa – Sharnor acrescentou, desdenhosamente. – Esse perigo ameaça a todos nós. Os mundos de Xandar, os domínios de Shi'ar. Essa... megacorporação não pode ter permissão para conseguir tanto poder.

– Acho que você vai descobrir que o que a Timely Inc. faz é inteiramente problema da Timely Inc. – falou Hanxchamp. – Nós inventizamos, nós projetizamos e desenvolventamelizamos. E então nos beneficiamos dessa

investimentação. Você não pode vir aqui e nos mandar parar de desenvolver um projeto só porque você não *gosta* dele.

Ele vacilou. A acusadora olhou com a cara feia.

– Olhe para mim – ela disse. – Eu não pareço ser *exatamente* o tipo de pessoa que faria isso, pareço? Traga a unidade gravadora para mim.

– Espere aí – cortou Hanxchamp. – Nós nem sequer sabemos se essa flark está aqui. Estamos fazendo uma busca, mas não é definitivo que...

– Nos disseram que ela está aqui. Foi confirmado – replicou Sharnor.

– Disseram? – Hanxchamp interrogou, ultrajado. – Disseram? Dona, eu posso lhe *assegurar*...

– A unidade gravadora está aqui – Pama Harnon falou, dando um passo à frente. – Hanxchamp me confirmou isso alguns minutos atrás. A segurança da Timely está tentando capturá-la e escondê-la enquanto ele os mantém ocupados.

– Pam? – Hanxchamp arfou.

– Eu não trabalho para você – informou Pama Harnon, friamente.

– Una-Ren é uma de minhas agentes infiltradas mais confiáveis – disse Sharnor, olhando para "Pama Harnon". – Você executou sua missão de maneira excelente, em nome do Império Kree, Una-Ren. Você será honrada e recompensada em seu retorno a Hala.

A espiã assentiu.

– Traga a unidade gravadora agora – Sharnor ordenou para Hanxchamp. – Vamos colocar um fim em seus sonhos de dominação total da galáxia.

– Não, você vai entregá-lo para *nós* – disse uma nova voz.

Uma imagem em tamanho real apareceu em um dos lados da sala de reuniões executivas. Era um comandante da Irmandade de Guerra Badoon. A telepresente figura olhou com maldade para eles. Ele havia passado recentemente por uma extensiva reconstrução cibernética e isso não melhorara em nada seu visual.

– Sou o Comandante Droook da Irmandade de Guerra – a imagem disse. – Você irá entregar a unidade gravadora nas mãos da Irmandade de Guerra ou enfrentará as consequências.

– Consequências? – Hanxchamp gaguejou.

– O não cumprimento resultará na obliteração deste edifício, desta cidade e da massa de terra onde ela se localiza.

– As sondas confirmam que a frota de batalha da Irmandade de Guerra

acabou de entrar em baixa órbita – informou Ebon, alarmada, enquanto consultava seu dispositivo. – Dez megadestróiers, as baterias estão travadas nesta localização... *e* em nossas naves.

Lá fora, o centro de Alfa C estava sob as sombras das *treze* gigantescas naves de guerra. Os megadestróiers da Irmandade de Guerra dos Badoons pairavam em silêncio, formando um círculo em volta da sede – armas prontas para ser descarregadas a qualquer sinal de resistência da Timely Inc., ou provocação das naves shi'ars, krees ou xandarianas.

– Você acabou de elevar isso tudo a um nível *insano* – Grekan Yaer disse para a imagem do badoon.

– Os krees não irão permitir isto! – Sharnor trovejou.

– O Império Shi'ar irá processar qualquer movimento feito contra nós pelos badoons com extrema violência – alertou Arach.

– Nenhum de vocês está em posição de negociar – disse Droook. – Todas as baterias da Irmandade de Guerra Badoon estão travadas. Entreguem o gravador agora.

– Meu povo não irá aceitar isso! – Allandra Meramati gritou subitamente.

– É, já ouvimos a posição shi'ar a respeito desse assunto! – Hanxchamp respondeu abruptamente, tentando freneticamente pensar em algum ás que pudesse tirar da manga.

– Shi'ar? – questionou Arach. – Aquela fêmea não é *shi'ar*.

– Quê? – perguntou Hanxchamp.

Meramati arrancou a falsa crina shi'ar. Sem as plumas, ficou claro que ela era apenas uma mulher sirusite bem-disfarçada o tempo todo.

– O Projeto 616 e a vital unidade gravadora representam a Verdade. *A Verdade Universal Total* – disse ela. – Por isso eu a clamo em nome da Igreja Universal do Reino da Verdade.

Os céus acima de Alfa C explodiram em lampejos vulcânicos e estremecimentos da energia de um portal de dobra. Os sistemas meteorológicos se misturaram formando um gigantesco toro de uma centena de quilômetros de largura. Quarenta imensas Naves-Templo da Igreja Universal do Reino da Verdade, massivos veículos espaciais que pareciam catedrais voadoras, entravam na realidade com a abominável explosão da atmosfera desalojada.

Eles pairaram sobre a cidade, deixando *tudo* bem menor.

Nesse ponto, a maior parte da equipe do Controle de Tráfego Orbital de Alfa C simplesmente desistiu e foi para casa.

A Igreja Universal do Reino da Verdade não esperou para discutir nem para negociar, sequer esperaram rendição. No momento em que surgiram, as Naves-Templo começaram a teleportar tropas de cruzados, liderados por cardeais.

Um impiedoso ataque à sede corporativa da Timely Inc. havia começado.

41

VERDADE
OU CASTIGO

ARNOL GRUNTGRILL baixou o tablet. Seu rosto estava pálido e agitado.

– Todo -tik!- tipo de flark tá rolando solto lá em cima – ele disse para Xorb Xorbux. – Acho... acho que... -tik!- os badoons estão aqui, e também... alguma *outra* coisa. O prédio está sob ataque. Me parece ser o caos.

– É melhor subirmos lá e... – Xorb começou.

– Não! – clamou Gruntgrill. – A última coisa que ouvi Hanxchamp gritar era que precisávamos completar o Núcleo de Dados. Precisamos -tik!- integrar o gravador. Se conseguirmos energizar o Núcleo, poderemos manejá-lo, Xorb. Poderemos... incapacitar as forças alienígenas com um piscar de olhos. Bani-los com um *pensamento*.

Xorb hesitou.

– Você realmente não entende o potencial do Núcleo de Dados, não é? – Gruntgrill perguntou a ele. – Conhecimento é poder, e todo o conhecimento é *todo* o poder.

– Eu pensei que o Projeto 616 apenas nos permitiria controlar o mercado, dar um salto ou dois à frente de nossos concorrentes – disse Xorb. – Você sabe... sabendo mais do que qualquer um deles.

Gruntgrill balançou a cabeça.

– Isso nos transformará em deuses, Xorb – ele disse. – Fará da Timely Inc. uma entidade onipotente, que entende a realidade até em seus mais minúsculos detalhes. Seremos capazes de controlá-la, manipulá-la. Não haverá mais interrupções em nossas estratégias de marketing. Não haverá mais guerras Kree-Skrull, nem eventos de aniquilação, não haverá mais ameaças de invasão de Galáctus ou Thanos. Nós criaremos uma estabilidade -tik!- galáctica total... e controlaremos todas as vidas em todos os lugares,

para sempre. No futuro da megacorporação, até mesmo o DNA de seres individuais carregarão o logotipo da Timely. Será o Universo da Timely, e nós seremos seus mestres.

– Isso soa flark terrível para mim – resmungou Rocket. Ele e Groot estavam algemados atrás de nós, sob a vigilância dos seguranças. Gamora, também algemada, estava caída no chão atrás deles.

– Você, fecha sua boca! – Xorb rosnou para Rocket.

Ele olhou para Gruntgrill.

– Então vamos logo com isso. Rápido.

– Você não gosta muito disso, não é? – perguntei a Gruntgrill.

– Francamente, isso -tik!- me assusta pra caramba – Gruntgrill respondeu.

– Apenas faça, Gruntgrill! – Xorb gritou. – Eu gostei da ideia de ser um deus.

Gruntgrill assentiu, e Roamer me empurrou até a beirada da passarela. O Núcleo de Dados pulsava rosado abaixo de nós. Senti o estalo dos dados dentro de mim reagindo.

– Eu não quero fazer isso – declarei.

– Quieto – Roamer disse.

– Eu acho que você também não quer fazer isso, galadorano – eu disse, olhando para ele, que estava impávido. – Aquele dispositivo interpolador que você usou – continuei, estudando e registrando a unidade da Timely presa às suas costas. – Ele o levou até mim todas as vezes que você a usou. Por conta da habilidade dele de lhe posicionar precisamente no momento mais corretamente dramático para afetar o destino e a continuidade universal.

– Esse é o propósito dele.

– E, cada vez, na realidade, você me salvou, ou ajudou a me trazer mais perto de meu objetivo. Qual é o seu lugar nesta narrativa cósmica, Cavaleiro do Espaço?

– Cala a boca.

– Eu -tik!- disse isso a ele – Gruntgrill exclamou, animado. Ele soltou uma pequena risada falsa. Estava usando um painel na parede para operar um guindaste que baixava uma jaula de adamantium do teto. Eu sabia que seria colocado na jaula e então mergulhado no Núcleo de Dados, onde essa minha essência individual seria perdida, e meus dados armazenados – que

agora compreendo serem vastos e além de qualquer medida – seriam adicionados ao mapa.

– Eu disse que o flark interpolador o compreendia como um herói – Gruntgrill continuou, trabalhando. – Mesmo que ele finja ser um mercenário -tik!- desalmado. Ah, bem, no final ele terminou o serviço.

– Você é um herói? – perguntei a Roamer.

– Cale-se.

– Você é um ser sem coração? Você não se importa com o futuro que nos espera? – eu insistia.

– Cale-se.

– Foi-se o tempo em que os Cavaleiros do Espaço de Galador lutariam até o fim para *evitar* que isso acontecesse.

– Cale-se *agora* – Roamer disse com raiva, a luz vermelha em seu visor pulsava.

– Muito bem. Mas faça-me um favor, se puder. Use o interpolador novamente. Agora. Veja onde ele o leva. Veja onde as urgências dramáticas da criação acreditam que você deveria estar.

– Eu lhe disse para ficar em silêncio – falou Roamer.

– Vai, faz um teste – Rocket gritou para ele. – Também não sou flor que se cheire, mas até eu encontrei em meu coração de pedra uma razão para ajudar o tontão aí.

– Fiquem quietos flark! – Xorb falou a eles, com um desnecessário gesto violento da pistola.

O edifício tremeu. Até mesmo lá embaixo, no andar sub 86, nós o sentimos tremer. A toda poderosa guerra estava acontecendo acima de nós. A jaula balançou e Gruntgrill se inclinou por sobre a amurada para estabilizá-la.

– Cuidado, não caia aí – zombou Xorb. – Não queremos nos transformar em idiotas em vez de deuses.

Gruntgrill lançou um olhar para ele.

– Flark-se, Xorbux! Você não faz ideia do que está acontecendo aqui! Você -tik!- só está atrás do poder!

Xorb Xorbux apontou sua subduemática para Gruntgrill. Ele mudou sua configuração para “matar”.

– Termine isso. Termine isso agora, seu kaliklaki desperdício de espaço – ele disse. Ou eu mando *você* pro espaço.

– Você poderia -tik!- -tik!- entrar na jaula, gravador? – Gruntgrill perguntou.

Outra explosão sacudiu o prédio. A jaula balançou novamente.

– Eu preferiria não entrar – disse.

– Ele vai me -tik!- -tik!- matar – Gruntgrill balbuciou.

– Isso seria melhor do que o que está prestes a acontecer – respondi.

– Por favor, entre na -tik!- jaula!

Houve outro estremecimento. A jaula balançou novamente.

– Mas que -tik!- flark está acontecendo lá em cima? – Gruntgrill perguntou.

42

ISTO É O QUE
-TIK!- FLARK ESTÁ
ACONTECENDO LÁ
EM CIMA

VESTIDOS COM TÚNICAS VERMELHAS e castanho-avermelhadas, os Cruzados da Igreja Universal do Reino da Verdade se transmaterializaram para a superfície e atacaram a sede corporativa da Timely Inc. brandindo facões, espadas, lanças e canhões. A equipe da recepção teve pouca ou nenhuma chance.

Encabeçando a invasão vinham os blindados Cardeais da Fé, figuras altas e camufladas detentores de grande poder, que usavam horríveis capacetes com cristas e cheios de espinhos. Eles brandiam poderosas espadas e cajados ornamentados, que cortavam ou atomizavam qualquer um no caminho deles.

– Matriarca! – dizia seu líder, Alto Cardeal Navorth, enquanto usava sua poderosa espada tripla ornamentada para destruir uma porta de segurança que tentava se fechar.

A imagem da representante da Igreja Universal apareceu diante do Alto Cardeal em forma holográfica. A Matriarca era uma mulher supremamente bonita, a última numa linhagem de mulheres supremamente bonitas que haviam sido eleitas para liderar os fanáticos na igreja toda poderosa. Vestida com um traje longo e suntuoso e um véu, ela estava sentada beatificamente em seu trono na Nave-Templo de comando acima da cidade.

– Fale, meu cardeal – ela disse.

– As área externas foram tomadas, mas ainda há resistência blasfema – informou Navorth. – Requisito permissão para posicionar os Cavaleiros Negros.

– Permissão concedida – falou a Matriarca. – Em nome da única vida, eterna, nada deve ficar no caminho de nossa aquisição. A Igreja esperou

tempo demais pela aparição do Messias que iria conquistar a galáxia para nós. Controlar o Núcleo de Dados nos permitirá possuir o Poder Cósmico e dominar o Universo até o fim dos tempos. Mesmo os grandes Abstratos Cósmicos serão obrigados a se curvar diante de nós em reverência.

– Eu creio! – Navorth respondeu e enviou um sinal.

Um instante depois, o grupo de Cavaleiros Negros apareceu em uma série de lampejos de transmaterialização. Os cruzados uivavam e gritavam "Eu creio!".

Grandes, musculosos e poderosos, os infames Cavaleiros Negros vinham, como os Cruzados da Fé, de muitas raças diferentes do Cosmos. Vestiam trajes negros justos e carregavam todos os tipos de armas violentas de combate. Eram os fanáticos guerreiros de elite da Igreja Universal – os mais valiosos cruzados que recebiam um poder mortal a fim de servir nas linhas de frente e esmagar qualquer um e todos os infiéis.

Curvando-se para a frente em meio à névoa da energia de transmaterialização que os transportou até ali, os Cavaleiros Negros passaram por cima dos seguranças da Timely que bloqueavam as entradas. Os Cavaleiros Negros tingiram as paredes de sangue. Eles não entendiam o conceito de rendição.

Partes do enorme edifício explodiram. O círculo dos megadestróieres badoons abrira fogo contra as Naves-Templos. E elas atiraram de volta. Dois megadestróieres foram atingidos. Um deles afundou, incendiado, em uma vasta nuvem de fumaça. O outro explodiu e caiu no meio de Alfa C, destruindo prédios enquanto era consumido pelo fogo.

As Naves-Templos crivaram a sede da Timely com barragens de precisão. A Orgulho de Pama e a Consciência de Sharra disparavam contra elas, mas também estavam sendo atacadas e receberam duros golpes. A Nave Nova se protegia com um imaculado escudo gravimétrico, e seu comandante começou a exigir um cessar-fogo imediato.

Disparos violentos destruíram vários andares da imensa torre da Timely Inc. A Subpretor Arach pediu reforço dos guardas imperiais e dos soldados Asa de Metal que estavam em sua nave. Eles chegaram por transmaterialização, assim como a elite dos soldados krees e as unidades sentinelas evocadas por Sharnor. Oficiais da Tropa Nova voavam como foguetes da Nave Xandariana, aos comandos desesperados de Yaer, e invadiam o edifício para combater todos os hostis. Os soldados da Tropa

enviavam ondas de choque pelos corredores e salas conforme pousavam, visando atingir qualquer um ou qualquer coisa que estivesse armada.

Horríveis feridas de luz se formavam e estouravam conforme os sistemas de teleporte badoon enviavam equipes armadas de guerreiros da Irmandade de Guerra. Um tiroteio intenso e diversas explosões de energia destruíam andares, derrubavam paredes e explodiam enormes janelas, estilhaçando pitorescas e tranquilas vistas.

Na sala de reuniões executivas, a luta estava especialmente intensa. Sharnor, a Acusadora, entrou em uma monumental batalha contra três titânicos cardeais. Suas unidades sentinelas e suas tropas tentavam conter as ondas de Cruzados da Fé. Funcionários da Timely corriam para todas as direções.

– Encontre-o, Una-Ren! – Sharnor berrou para a espiã. A ex-Pama Harnon havia sacado um disruptor laser de cano longo e estava atirando nas ondas de atacantes. – Ache-o e traga-o para mim!

Una-Ren assentiu e, como uma felina, desapareceu.

– A espiã kree está fugindo! – a Centuriã Clawdi gritou. Ela, Grekan, Yaer e os Oficiais Starkross e Valis estavam encurralados em uma brutal luta contra uma horda de Cavaleiros Negros e uma unidade sentinela que havia decidido que seria justo atacar qualquer coisa que não fosse kree. A luta os fizera atravessar várias paredes até o átrio principal do lado de fora da sala de reuniões executivas.

– Ela está planejando algo! Pegue-a, Grekan!

– Mas... – começou Grekan.

– Nós damos conta disso aqui! Vá! – gritou Clawdi.

Yaer disparou energia gravimétrica de suas manoplas e lançou dois Cavaleiros Negros contra uma parede. E então ele se virou e correu até a agente kree, movendo-se como um míssil guiado por calor ao longo do corredor. Ele destruiu vários inimigos no caminho.

Os Guardas Shi'ars e seus reforços Asa de Metal estavam tendo de lutar tanto contra os badoons quanto contra o ataque dos cruzados na sala anexa à de reuniões. A Subpretor Arach recuava e disparava pulsos de fóton azuis de suas fieiras. Soldados da Irmandade de Guerra Badoon eram lançados para trás e pousavam pesadamente alguns metros depois. Warstar 34 estava liberando toda sua munição em um cardeal que vinha em sua direção e que parecia neutralizar cada disparo com um movimento de seu cajado de

energizado. Dragoon e Ebon estavam lutando cara a cara com grupos de cruzados e Cavaleiros Negros. Quase não havia espaço para que pudessem usar seus poderes.

– O líder Centurião Nova acabou de sair do combate! – Arach informou pelo comunicador. – Ebon! Você é a mais rápida! Descubra onde ele está indo!

Ebon desviou do golpe de adaga de um dos Cavaleiros Negros, socou-o na cara e olhou indefesa para Dragoon.

– Você ouviu a chefe! *Mova-se, garota!* – Dragoon disse a ela, incendiando três cruzados com uma explosão pirotécnica.

– Deixa comigo, Subpretor! – Ebon berrou, e se afastou imediatamente, nocauteando um Cavaleiro Negro que estava em seu caminho com um tiro de matéria negra. Ela disparou para um corredor que estava semidestruído. Uma equipe de tiro badoon entrou em seu caminho, esvaziando seus rifles contra ela. Ebon estremeceu e criou um escudo de matéria negra que absorveu os disparos letais e, em seguida, derrubou os badoons conforme passava voando por entre eles.

Ebon tentou fazer uma busca por traços de energia gravimétrica. Onde estaria aquele centurião? *Onde*?

• • • •

Hanxchamp, Rarnak e Wivvers haviam conseguido chegar aos elevadores.

– Isso *não está* acontecendo, isso *não está* acontecendo – Hanxchamp repetia sem parar para si mesmo, tentando ignorar o tiroteio, as explosões e os gritos que soavam pelo edifício atrás de si. – Em nome da Timely, alguém *solucionize* isso para mim!

– Temos que descer até o Núcleo de Dados, senhor – disse Blint Wivvers.

O elevador chegou ao soar de um bipe.

– Podemos nos esconder lá – sugeriu Sledly Rarnak. – É seguro.

– E podemos ajudar Xorb e Gruntgrill a finalizar o trabalho – concordou Wivvers. – Com o data core energizado, nós podemos acabar com *toda* essa loucura!

– Bom, sim, excelente – Hanxchamp assentiu. Eles entraram no elevador. Uma música calma os envolveu.

– *Realmente* é uma boa ideia – disse Una-Ren, deslizando para o elevador pouco antes de as portas fecharem. Ela apontou sua elegante pistola para eles. – Vamos fazer isso, não vamos? – ela sorriu, erguendo a cabeça.

Blint Wivvers se jogou em cima dela. Una-Ren disparou duas vezes, e o m'ndaviano chefe do Departamento Jurídico foi lançado para um dos cantos. Ele deslizou lentamente até o chão e morreu.

– Você *atirou* nele? – Hanxchamp engasgou.

– Uma demonstração do que irá acontecer se você não cooperar a partir de agora – ela respondeu. – Leve-me ao Núcleo de Dados, ou eu passo fogo em vocês dois.

– Nunca confie em um kree – disse skrull Rarnak com acidez.

– Literalmente – Una-Ren concordou com um sorriso tóxico.

O elevador começou sua rápida descida. E enquanto descia, uma música ambiente quase exatamente igual à "Garota de Ipanema" começou a tocar.

• • • •

Grekan Yaer chegou aos elevadores no exato momento em que as portas se fecharam. Ele conseguira ver Hanxchamp – e a agente kree. *E* uma arma. Ele arrancou as portas externas e se preparou para mergulhar no poço atrás do elevador expresso que descia. Um disco de matéria negra o bloqueou, e ele ricocheteou para trás, caindo no carpete.

– Você está com uma pressa terrível – Ebon disse, pousando atrás dele, seus braços erguidos, a ponto de lançar outro tiro de matéria negra.

– Maldita shi'ar – exclamou Yaer, se levantando. – Hanxchamp está fugindo. Acho que a agente kree está com ele.

– Para onde estão indo? – perguntou Ebon.

– Bem, é o que eu estou tentando adivinhar, moça – retorquiu Yaer.

Tiros foram disparados na direção deles, salpicando a frente da área de elevadores, abrindo buracos na parede e lançando destroços como confete. Eles se viraram juntos, centurião e guarda, e dispararam tiros que derrubaram a dúzia de guerreiros da Irmandade de Guerra Plano Devastação que corria na direção deles.

Ebon olhou para Yaer.

– Proponho… como posso dizer… uma cooperação? – ela disse.

– No espírito de proteger essa flark galáxia toda, pelo bem mútuo? – o korbinito respondeu.

Ele estendeu a mão. Cumprimentaram-se.

– Guarda Ebon.

– Centurião Yaer.

– Vamos lá Guardar a Galáxia – ela disse.

– É melhor irmos – ele respondeu –, porque parece que ninguém mais está fazendo esse trabalho.

Lado a lado, eles saltaram no poço do elevador.

• • • •

Em um escritório ao lado, a Sra. Mantlestreek estava agachada embaixo de uma mesa. Era comparativamente mais seguro ali. Ela havia pegado uma bandeja de petiscos na sala de reuniões executivas, apenas para passar o tempo.

– Sinto muito – ela disse educadamente ao telefone que estava segurando. – O Vice-Presidente Executivo Sênior (Projetos Especiais) Odus Hanxchamp não pode atender sua ligação agora. Ele está em uma zona de guerra.

43

PARTE DO TODO

É CLARO, GENTIL LEITOR, que o Centurião Grekan Yaer estava errado. Outros indivíduos *de fato* estavam tentando guardar a galáxia. Apesar da dificuldade de se verem algemados.

– Entre na -tik!- jaula – Gruntgrill disse para mim.

Suspirei.

– Obedeça, robô! – Xorb Xorbux gritou, apontando sua subduemática.

Olhei para Roamer uma última vez.

– Por favor – eu disse. – É meu último desejo. Tente usar seu interpolador.

A resposta dele me surpreendeu.

– Eu já usei – ele disse. – Três vezes. E permaneci aqui.

– Está vendo? – perguntei, encorajado.

– Não vi nada – respondeu o Cavaleiro do Espaço. – Entre na jaula.

Eu entrei na jaula. E entrei tremendo, caro leitor.

– Oi! – Rocket gritou atrás de nós.

– Quê? – Xorb perguntou com raiva.

– Cuidado com a arma, parceiro – falou Rocket, erguendo suas mãos desconcertantemente humanas algemadas. – Eu só quero dizer para meu amigo ali para que não cante mais.

– Ah, sim – respondi. – De fato. "Pula-Navinha Ju-Ju", dos Irmãos Anos-Luz. Só agora me dei conta de que estava fazendo isso. Obrigado por me alertar. Não seria muito digno enfrentar minha morte transcendental cantarolando isso.

– Estou apenas cuidando de você, amigão – disse Rocket.

Compartilhamos uma última troca de olhares.

– Você tem sido um bom amigo, Rocket Raccoon – eu digo. – Um bom e leal amigo, apesar de estranho.

– Eu sou Groot.

– E você é, e sempre será, meu Groot – respondo.

Subitamente, me dou conta de algo. Apesar de nossos raptores estarem nos concedendo esse momento por acreditarem ser uma simples despedida, essa última conversa tem um significado mais profundo. Rocket está falando coisas ternas e acalentadoras, mas seus olhos estão se lançando para direita, como se indicassem algo.

Eu registro. Sem que os guardas que cercam Rocket e Groot percebam, Gamora não está mais inconsciente no chão. Não há sinal dela, com exceção de um par de algemas abertas no chão.

A esperança cresce dentro de mim. Tento ganhar tempo.

– Essa coisa é segura? – digo, balançando a jaula ao meu redor para que ela balance.

– Opa! Não -tik!- faça isso! – Gruntgrill grita.

– Eu não me sinto seguro – digo, fazendo de novo. Continuo esperando que Gamora faça seja lá o que ela vá fazer.

Em vez disso, Xorb Xorbux faz seja lá o que ele vai fazer. Ou seja, ele me dá um soco na cara com a coronha da pistola.

Caio para trás na jaula. Ele bate a porta e aperta o botão do guindaste, e eu começo a descer em direção ao Núcleo de Dados.

Sinto o calor do Núcleo. Todo meu invólucro começa a brilhar com uma dolorosa energia. Uma aura de luz rosa me cerca e fica mais poderosa.

Estou pronto a me tornar parte do todo, minha sobrecarga de dados prestes a impulsionar o Núcleo de Dados a níveis sem precedentes.

– Olhe para isso! – grita Gruntgrill, consultando um tablet. – Já está subindo para 91%! É incrível! -tik!- Nesse ritmo, nós poderemos atingir até mesmo os 100%!

– Isso foi verificado? – pergunta Hanxchamp enquanto entra na câmara. Sledly Rarnak está ao seu lado.

– Sim, senhor, foi... – Gruntgrill começa. Ele para. Vê a agente kree de olhos negros que ele conhecia pelo nome de Pama Harnon. Vê a arma que ela aponta para a cabeça de Hanxchamp.

– Foi confirmado, Arnok? – Una-Ren pergunta. – Responda corretamente ou eu espalho o cérebro de Hanxchamp por toda essa câmara.

– -tik!- Sim.

– Solte as armas, ou Hanxchamp morre – disse a espiã kree.

Xorb Xorbux xinga, e então larga a pistola. Os seguranças em volta de Rocket e Groot lentamente colocam suas pistolas e subduemáticas no chão.

– Você também – exige Una-Ren.

Roamer solta seu canhão e sua espada.

– Excelente – sorriu Una-Ren. – Agora eu acho...

Ela parou. Um olhar estranho cruzou seu rosto. E então ela caiu para a frente.

O Cavaleiro Negro atrás dela arrancou a espada de suas costas enquanto ela caía. Havia oito Cavaleiros Negros nas sombras atrás dele, acompanhando o Cardeal Navorth e a agente da Igreja infiltrada na Timely: Allandra Meramati.

– O Núcleo de Dados é nosso, cardeal – disse Allandra. – E em um momento apropriadamente auspicioso também.

– Eu creio – ele rosnou em resposta. – Mate todos – acrescentou, como se concluísse o pensamento.

– Agora espera um pouco! – Sledly Rarnak gritou, saltando para a frente. A poderosa espada do cardeal arrancou a cabeça do pobre homem com um movimento limpo. O skrull encarregado dos Panfletos Corporativos caiu no chão em dois pedaços.

– Eu creio que emiti uma *ordem* – disse Navorth.

E o caos se seguiu. Uma loucura, na verdade, embora agora tenha sido redefinida para níveis que anteriormente poderiam ser considerados como exagero.

Os Cavaleiros Negros avançaram. Hanxchamp berrou como uma criancinha. Gruntgrill mergulhou procurando abrigo. Xorb Xorbux e Roamer se apressaram em recuperar suas armas. Os seguranças tentaram se defender contra o ataque dos Cavaleiros.

Rocket e Groot se esconderam nas sombras.

Gamora surgiu como um fantasma. Havia muitos gritos e explosões ao redor. Ela fatiou as algemas de Rocket e Groot com suas espadas.

– Qual é o plano? – ela perguntou.

– Vamos tirar nosso amigo daquele poço – disse Rocket.

– E quanto ao resto? – Gamora perguntou.

– Eu sou Groot – disse Groot.

– Tá bom, beleza – concordou Gamora. – Você pega o gravador. Eu lido com todo o resto.

Ela se afastou em um salto. Um segundo mais tarde, estava num combate feroz com dois Cavaleiros Negros. Rocket e Groot correram para a passarela principal. Rocket fez uma pausa de um segundo para recolher um par de subduemáticas de algum segurança massacrado. O Ah Que Flark de Horizonte de Eventos agora estava tão para trás que não passava de um pontinho para ele. Enquanto corria, Rocket disparou um tiro duplo e derrubou um Cavaleiro Negro. Rosnando, o Cardeal Navorth veio em sua direção, brandindo sua espada, deixando rastros de luz no ar.

Roamer apareceu do nada e se chocou contra Navorth. Os dois gigantes caíram, se agarrando furiosamente.

– Uau – exclamou Rocket. – Será que o Cavaleiro do Espaço acabou de mudar de lado?

– Eu sou Groot!

– É, ele parecia estar hesitando antes, é verdade. O problema é, será que ele vai se voltar contra *nós* depois que terminar com o reverendíssimo boçal ali?

– Eu sou Groot.

– Bem observado. A dúvida é *quem* vai sair vivo dessa luta.

Roamer e Navorth estavam engajados em uma luta terrível. Os dois eram supermortais, gigantes blindados. Cada golpe que acertaram causava um deslocamento de ar. Amassados e rasgos começaram a aparecer na armadura negra fosca de Roamer.

Rocket e Groot correram até a beira da passarela e olharam para o Núcleo de Dados. A jaula ainda descia bem lá embaixo.

– Você não pode pará-la! Você não vai! – Xorb Xorbux gritou, saltando na frente deles, a pistola na mão.

– Quer apostar? – rosnou Rocket, e atirou primeiro.

Atingido por uma sequência de projéteis subduemáticos, Xorb Xorbux tombou por sobre a amurada da passarela e caiu no poço do Núcleo de Dados. Seu corpo atingiu a jaula enquanto despencava, fazendo-a balançar de um jeito perigoso. Xorbux desapareceu no inferno rosa.

– A porcentagem acabou de diminuir um ponto! – Gruntgrill gritou de seu esconderijo, analisando seu tablet.

– Esse flark z'nox o que tinha de feio tinha de burro – Rocket disse para

Groot. – Ei, kaliklaki!

Groot ergueu Gruntgrill, que se debatia para não sair do esconderijo, e o colocou na passarela.

– Qual é a pontuação, amigão?

– Humm, é -tik!- 95% e subindo rápido! 96! 97! -tik!- -tik!- -tik!- estamos alcançando o *mapa de dados total!*

– Puxe-o de volta!

Gruntgrill deu de ombros. Um tiro havia destruído o controle do guindaste.

– Flark! – disse Rocket. – Groot, companheiro! Tire-o de lá!

Groot esticou o braço e segurou a corrente que suspendia a jaula. Ele começou a puxar com toda a fibra de força que havia em seu enorme corpo. A jaula começou a subir lentamente.

Com um grito fanático, Allandra Meramati avançou e enfiou uma poderosa adaga nas costelas de Groot. Ele gritou de dor. A adaga cravou em sua casca lateral com uma energia letal. Allandra Meramati segurou o cabo saliente e começou a serrar.

– Eu não vou negar isto! – ela gritou. – Eu creio!

– Acredito que você tá mijando na árvore errada, dona – respondeu Rocket. Ele a derrubou com tiros das duas pistolas, direto e reto. *Bum! Bum! Bum!*

Mas Groot estava muito machucado. Ele caiu para a frente, a adaga entalada na lateral de seu corpo. Despencou na direção do Núcleo. Soltou a corrente, e a jaula caiu novamente, com força.

Groot mergulhou no infinito.

Eu não podia salvá-lo. Não podia me salvar. Estava iluminado pela luz rosa. Minha mente gritava.

Era o fim. Era o início de uma nova era – mas para mim, era o fim.

44

OBSERVADO

HAVIA PAZ LÁ EMBAIXO. Paz absoluta.

Eu flutuava no vácuo. Lá de cima, ouvia gritos e berros. Ouvi Rocket chamando freneticamente por seu amigo Groot. Ouvi Roamer e o Cardeal Navorth batalhando na mais completa fúria. Escutei o estrondo do teleporte quando Sharnor, a Acusadora, surgiu na Câmara do Núcleo de Dados e começou a lançar seu peso pelo lugar. Escutei Gamora massacrando animadamente Cavaleiros Negros. Ouvi os tiros de matéria negra dados por Ebon e os zunidos gravimétricos de Grekan Yaer no momento em que irromperam na Câmara do Núcleo de Dados e tentaram conter a situação, sem sucesso. Escutei as tropas da Irmandade de Guerra Badoon invadirem a sala, atirando em tudo e em todos.

Escutei Arnok Gruntgrill gritando:

– 99! -tik!- 99%!

99%. Quase lá. O som regride. Esvanece.

Sinto minha mente sendo drenada.

Sinto-me vazio e, ao mesmo tempo, cheio.

Estou só em um suave vácuo rosa. Sinto, vejo e sei *tudo*. É uma sensação extraordinária, gentil leitor – uma sensação que nunca serei capaz de repetir. Estou quase me sentindo *divino* nos termos de apreensão e capacidade.

Sinto...

Sinto que estou no controle de tudo como... Ferris Bueller esteve no filme com aquele nome...

Hum... o título é... bem, ele inclui a palavra "adoidado" e algo como "vida". Apenas tentando alcançar suas referências... suas...

O que eu estava dizendo, caro leitor?

Estou ficando meio tonto.

Eu...

Quê?

Algo. Você acabou de dizer algo, bom leitor?

Pula Navinha Ju-Ju*, Eu amo o seu boog-a-loo, eu amo*...

O que eu estava dizendo?

Espera...

Eu não estou só no vácuo. Ao meu lado paira uma gigante figura de túnica com uma cabeça desproporcional e careca.

– Quem é *você*? – pergunto.

– Sou o Observador – a figura diz. – Eu sou Uatu. Eu sou a mais antiga de todas as raças. Eu observo, registro e compilo todos os aspectos do conhecimento do Universo.

– Ah, um pouco como eu, então – concordo.

– Não, não, eu compilo o *conhecimento definitivo* do Universo – ele diz.

– Eu também.

– Sim, mas não é *bem* na mesma escala.

– Tá bom.

Há uma longa pausa. O Multiverso pisca ao nosso redor.

– Então, hum, você pode me ouvir? – pergunta o Observador.

– Sim.

– E me ver?

– É claro.

– Certo – diz o Observador. – Isso não deveria acontecer de jeito nenhum.

– O que posso dizer? – pergunto a ele. – Posso ver *tudo* agora. Eu estou ligado ao Universo.

– Suponho que é isso o que esperavam, então – sugere o Observador.

– Por que você está aqui? – pergunto.

– Este é um momento de importância cósmica, Gravador 127. Este é o momento em que a real natureza do Universo 616 muda para sempre.

– E você está de acordo com isso, não está, Sr. Uatu?

– Sou apenas um Observador – ele observa.

– Mas você poderia se impor e agir – sugiro. – Você tem o poder.

– Tenho.

– Mas não vai.

– Ainda estou um pouco assombrado com a ideia de você conseguir me ver – admite o Observador.

– E o que eu faço? – pergunto.

– Em que sentido?

– Não posso lidar com isso. Meus bancos de dados estão explodindo e derretendo. Eu simplesmente não sou capaz de ser o conduíte do Poder Cósmico. As forjas de fabricação de Rigel me criaram bem, mas não me criaram para isso.

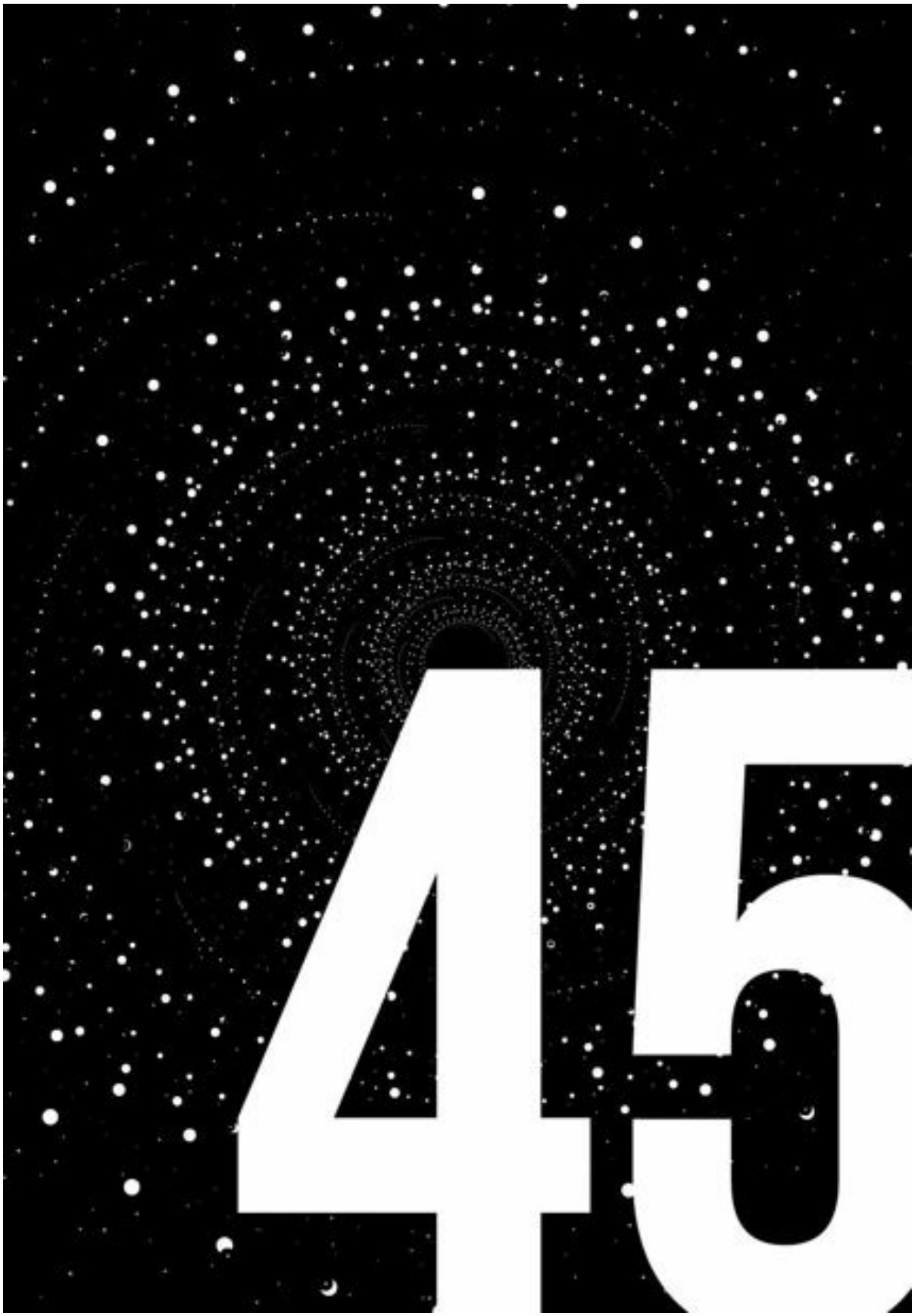
– Então deposite o poder em alguém que *possa* – o Observador sugere.

E então ele desaparece, com sua cabeçona e tudo mais.

– 100%! – escuto Arnok Gruntgrill gritar lá em cima.

Eu acabei de me tornar um *deus*, gentil leitor.

Só me dá um segundo, tudo bem?


45

GRANDE PODER,
GRANDE
RESPONSABILIDADE

ESTOU NA JAULA, balançando sobre a espuma rosa do Núcleo de Dados. Olho para cima e vejo Groot ferido e se pendurando arriscadamente à corrente acima.

Sou parte do todo. Eu não quero e nem preciso de tal poder.

Deposite, o Observador disse.

Sei que não terei outra chance. Nem o Multiverso.

Eu pulso a onipotência para fora de mim… e a entrego para Groot.

Por quê? Ouço você perguntar, gentil leitor.

Bem, porque eu *confio* nele.

Groot, pendurado na corrente, se ilumina. A adaga empalando suas costelas sai voando e cai no caos de dados rosado abaixo de nós. A ferida que ela deixou se fecha e se cura.

– Eu sou Groot – ele diz, surpreso.

Ele tem razão. Ele é Groot. *Tudo* é Groot.

– Mande-os embora! – eu grito. – Groot, eu lhe suplico! Mande-os embora! Você pode. Eu lhe dei… lhe *concedi*… o Poder Cósmico.

Groot se tornara a entidade mais poderosa de todo o Universo. Ele era onipotente. Ele poderia, naquele momento, fazer *qualquer coisa*. Implodir Galáctus. Virar Thor do avesso. Reiniciar a história universal.

Mas eu *realmente*, realmente confiava nele.

– Ei, daqui parece que você está *brilhando* aí embaixo, amigão – Rocket gritou lá de cima.

– EU SOU GROOT!

– Tá bom, beleza, você é um *deus*. Isso é ótimo. Muito estiloso. Agora aja divinamente com seu velho amigo. Suma com tudo isso!

E Groot o faz. Sharnor, a Acusadora, desaparece. Assim como Grekan Yaer e Ebon. E os badoons, Roamer, e todos os fanáticos da Igreja Universal do Reino da Verdade.

Groot fica mais confiante. Ele vai mais longe com seus poderes. No edifício destruído acima de nós, centenas de guerreiros desaparecem. Os céus turbulentos sobre a cidade de Alfa C subitamente estão livres das Naves de Batalhas e Naves-Templos.

Eu subestimei a nobreza de Groot.

O poder em Groot infla. Ele o cega. A sede da Timely Inc. é restaurada à sua condição original. As ruas de Alfa C esmagadas ou destruídas pela luta são refeitas. Os caídos e feridos estão curados. Até mesmo os mortos voltam à vida: guerreiros alienígenas, funcionários da Timely, transeuntes inocentes alfa centaurinos. E também os badoons mortos, krees, xandarianos, shi'ars e fiéis da Igreja Universal se levantam novamente; eles desaparecem, voltando para seus lugares de origem.

– Incrível, amigão! – Rocket grita para baixo. – Simplesmente *incrível*! Você colocou tudo de volta no lugar em que estava! Bom pra você!

– Você fez a coisa certa, Groot – eu digo. – Você usou o poder com responsabilidade.

– Uma última coisa que você tem que fazer, velho amigo! – Rocket gritou. – Uma última coisa a endireitar.

– Eu sou Groot.

– Sim, você *sabe*! Você tem que se livrar do poder... do poder e de todo esse Núcleo de Dados, para que ninguém jamais o use novamente!

– Eu sou Groot.

– É, é, aposto que é uma tentação ficar com ele agora que é seu – concorda Rocket lá em cima. – Mas você tem que fazer o que é certo, camarada. Vamos lá, você é um dos *bonzinhos*. Você foi criado nas casas reais do Planeta X. Você foi criado para entender as exigências e as responsabilidades do poder, e para governar sabiamente como uma boa e velha árvore monarca se um dia esse tempo chegar! *Vamulá*, amigão! Além disso, eu não quero andar com um cara que é todo *onipotente* e o escambau!

Groot sente-se tentado. Percebo que ele se sente muito, muito tentado a ficar com o poder. Mas é claro, gentil leitor, que Groot faz a coisa certa. O poder irrompe dele quando ele o lança para fora. Irradia para o infinito Multiverso, se dissipando e sumindo no plano de fundo cósmico. O Núcleo

de Dados abaixo de nós se esvazia em um lampejo rosa... sua energia é dissipada; seus dados, dispersados. O sistema do Núcleo de Dados se funde e queima. Groot se assegura de que nunca, nunca mais possa ser usado.

E em seu último ato como deus, Groot cria uma salvaguarda cósmica. Se alguém, em qualquer lugar, sequer *pensar* em tentar recriar o mapa de dados a fim de conseguir tal poder, vai instantaneamente se esquecer de *como* fazer isso.

A ameaça se foi. E nunca poderá retornar.

Eu sou deixado na jaula, com Groot pendurado à corrente acima de mim. Balançamos lentamente no silêncio acima de um poço escuro, queimado, e quase sem fundo: a câmara em ruínas do Núcleo de Dados.

Ouço Rocket assobiar aliviado.

– Segurem firme, parceiros! – ele grita. – Vou pescar vocês dois daí.

Ele vira para Gruntgrill e Hanxchamp. Ali perto, Sledly Rarnak está sentado no chão, apalpando o pescoço, uma expressão confusa no rosto. Xorb Xorbux está se apoiando na parede mais próxima, em estado de choque.

– Não fiquem aí parados! – Rocket ordena. – Me ajudem a puxá-los!

– E *rápido*! – Gamora exclama, correndo até a amurada. – Temos que subi-los. A corrente está danificada! Ela vai estourar!

Seu aviso acontece tarde demais. Os elos da corrente, fatigados pela imensa explosão de energia cósmica, estalam. As fraturas causadas pelo estresse aparecem.

Os elos se rompem.

Groot e eu caímos. Nos lançamos à morte certa.

E então há um súbito cheiro de reviravolta surpresa, um bafo de revelação chocante e um lampejo de luz.

O Cavaleiro do Espaço surge acima de nós. Seus sistemas de voo gritando. Ele aumenta a força e segura Groot com uma das mãos e a jaula com a outra.

Com imenso esforço, Roamer nos carrega para cima e nos deposita sobre a passarela.

– Amigão! – Rocket grita em delírio, abraçando a perna de Groot.

– Eu sou Groot!

– Estou feliz em ver você também, carinha-gravador! – sorri Rocket.

Ele olha para Roamer.

– Belo salvamento – ele diz.

– Fui lançado para muito longe pelo Poder Cósmico – respondeu Roamer. – Eu acionei o interpolador. Aqui é, aparentemente, onde o Universo precisa que eu esteja.

– Acho que o Universo está querendo lhe dizer algo – enuncia Rocket.

– Acho que vou ouvi-lo atentamente e levar seus conselhos muito a sério – responde Roamer.

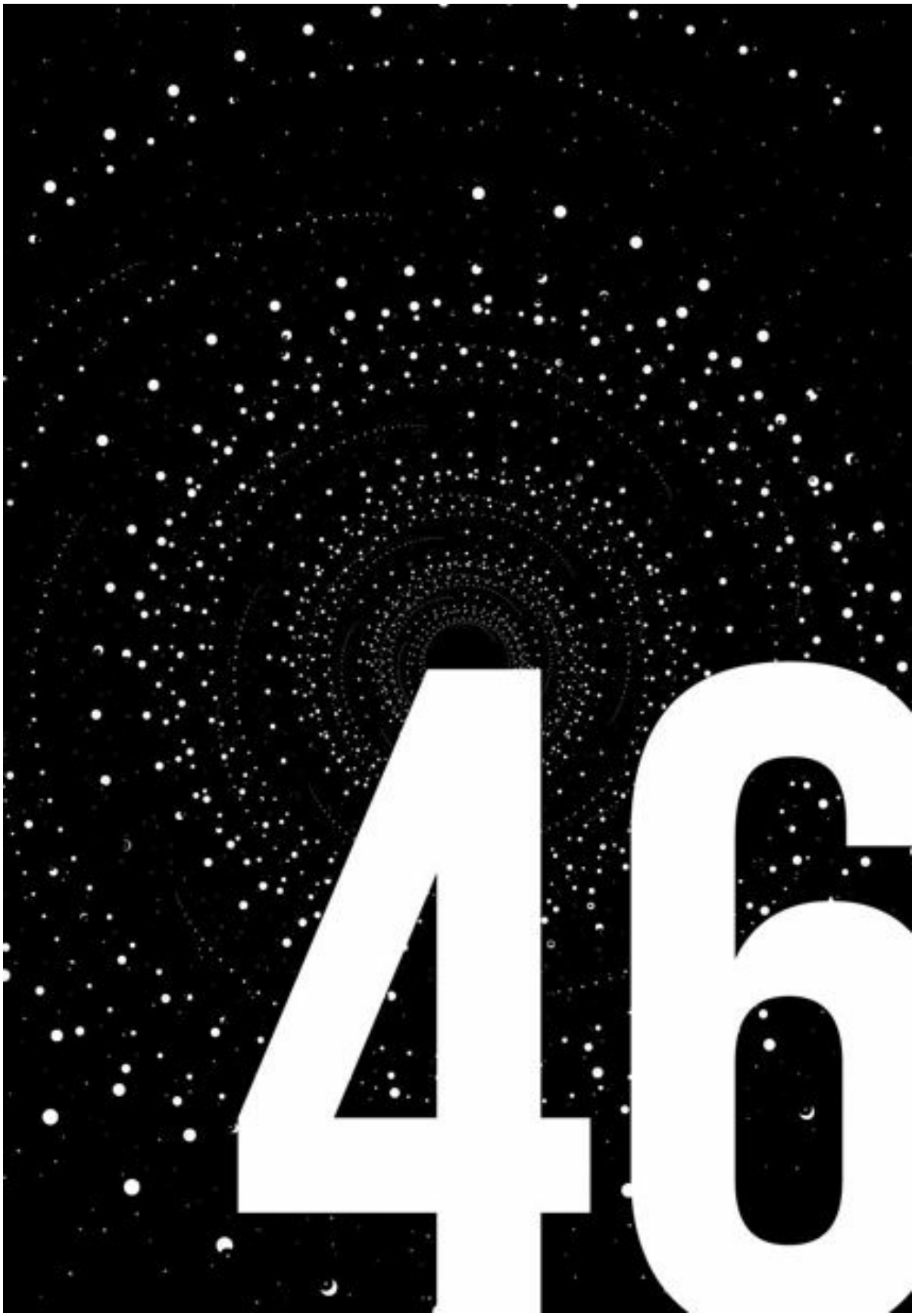
– Calma aí! Calma aí! – Hanxchamp grita. – Esses loucozoides acabaram de mandar à flark o maior projeto *de todos os tempos* da Timely! Eles nos custaram... mais dinheiro do que posso *imaginar*, e olha que eu posso imaginar *muita coisa* quando se trata de dinheiro! Eles *arruinaram* o futuro da nossa corporação! Eu os quero *trancados*! Eles têm que *pagar* por estes crimes! Pagar e *muito*! Agarre-os, Cavaleiro do Espaço, e os leve para...

– Eu não trabalho mais para você – responde Roamer. Ele desconecta o interpolador e o entrega para Gruntgrill. – Graças a esse dispositivo, eu me dei conta de que durante todo esse tempo não estava trabalhando para você. Ele me mostrou meu erro.

– Alguém faça alguma coisa! – Hanxchamp berrou. Nenhum de seus executivos parecia preparado para agir.

– *Façam alguma coisa!* – Hanxchamp insistia.

– Nós vamos fazer – disse Rocket Raccoon. – *Vamos embora*.


46

REVELAÇÕES
SURPREENDENTES

EI, TEM QUE HAVER UMA CONCLUSÃO.

Ah, qual é, gentil leitor. Se você estiver lendo isso, você também deve ler as histórias em quadrinhos. Estou novamente fazendo referências culturais para você. As revistas em quadrinhos da Terra fazem esse tipo de afirmação o tempo *todo*.

Todos os tiros e mortes e explosões acabaram, e não haverá mais gritos, pânico ou fugas arriscadas. Minha história essencialmente terminou.

Apenas quero enfatizar a gravidade do que acabamos de viver. O Universo – o *Multiverso* – acabou de ser salvo de um destino terrível.

Graças, essencialmente, a um guaxinim falante e a uma árvore que anda. Sim, sim, outras pessoas *estiveram* envolvidas – mas no coração da coisa, foi tudo por conta deles. Sem eles, você teria a "Timely Inc." impressa em suas células. Sem eles, o futuro seria estupidamente e infinitamente megacorporativo.

Eles são Guardiões da Galáxia. Bem, do *Multiverso*, na verdade – mas o título não é tão bacana se ele não aliterar.

E assim, eu me despedi deles.

– Foi uma boa experiência – falei, enquanto nos aproximávamos da rampa de pouso da viatura da Tropa Nova estacionada na doca 3447 da torre da Timely Inc.

Gamora já deslizou para as sombras. Com um "te vejo depois" para Rocket e um peteleco na bochecha de Groot. Ela tem seus próprios problemas para lidar até que chegue o momento dos Guardiões se reagruparem e fazerem suas coisas novamente.

Roamer também partiu, acenando silenciosamente para nós. Acho que ele vai voltar para Galador.

– Quer vir com a gente, carinha? – perguntou Rocket.

– Para onde vocês estão indo? – perguntei.

– Ah, aqui e ali. Ali especialmente.

– Devo ficar aqui – respondi. – Eu convoquei a Frota de Arcas de Rigel. Eles virão para me coletar e me consertar, e recuperar todos os meus irmãos que jazem lá embaixo, no Núcleo.

– Ah, é? – diz Rocket.

– Eu preciso ser descarregado e reformatado – explico. – Estou solto no Universo há tempo demais.

– Tá certo, amigão, boa sorte com isso – disse Rocket.

– Você está triste, Rocket Raccoon? – pergunto.

– Não, não, só entrou poeira no meu olho, só isso.

– Eu sou Groot – diz Groot, se curvando e me abraçando.

– Sim, você é – eu digo.

– Se você precisar de uma aventura – falou Rocket, subindo a rampa da viatura – você sabe, é só nos chamar. Tá certo, gravador-amigão?

– Eu sou Groot – diz Groot.

– Eu sou Groot – eu repito, carinhosamente.

E então eles se vão.

• • • •

Muitos de seus anos se passaram desde então, gentil leitor. Embora meus bancos de dados tenham sido esvaziados por meus criadores rigellianos, eu deliberadamente escolhi reter os registros desta ousada aventura, por razões pessoais. Também fiz o possível para registrar a sorte e o destino dos principais personagens envolvidos neste episódio. Eu os absorvi e registrei ao longo dos anos por meio de quaisquer dados que pudesse encontrar.

E posso compartilhá-los com você, se desejar.

Sharnor, a Acusadora, retornou para Hala como uma "heroína do povo". Ela anunciou aos krees que havia acabado sozinha com a ameaça da Timely Inc. Foi festejada e recebeu condecorações, e recentemente se juntou à

equipe de Ronan, o Acusador, que celebrou seus méritos e lhe presenteou com um martelo cerimonial muito maior.

Una-Ren, também conhecida como "Pama Harnon", foi igualmente festejada como heroína, e continua a servir o Império Estelar Kree como agente de espionagem de alta classe. Ela foi pessoalmente responsável pela escalada das guerras Kree-Skrull.

O Comandante da Irmandade de Guerra Droook passou 17 anos manobrando sua frota de megadestróieres para sair de um cinturão de asteroides nas profundezas do Universo onde Groot havia, caprichosamente, os depositado. Quando ele conseguiu voltar para seu planeta badoon, 13 mudanças de regimes governamentais já haviam acontecido. Droook, pelo que entendi, ainda sonha com uma pelagem de guaxinoide para decorar a parede da sua sala de guerra da Irmandade de Guerra.

O Centurião Grekan Yaer voltou para Xandar e, mais tarde, casou-se com a Centuriã Clawdi. Entre eles, produziram seis pequenos possíveis oficiais. Yaer serviu mais quatro termos antes que fosse promovido a Nova Prime, um posto que ele manteve ilustremente por nove anos terrestres. Uma das razões pelas quais a Mente Global escolhera Yaer para a posição de Prime era o trabalho positivo que ele teve em forjar laços de proximidade com os shi'ars.

Os Oficiais Starkross e Valis rapidamente ascenderam ao posto de centuriões.

A Subpretor Arach, da Guarda Imperial Shi'ar, serviu seu império com devoção até sua morte em combate, quando ela teve a falta de sorte de se encontrar na posição do hífen numa guerra Kree-Skrull.

Os guardas Warstar 34 e Dragoon continuaram a servir ao bel-prazer do Imperador Shi'ar.

A guarda Ebon alcançou a posição máxima de subpretor até o fim de sua carreira. Tal promoção se deve em parte à sua forte colaboração ao trabalho do xandariano Grekan Yaer. Exercícios positivos foram estabelecidos entre a Guarda e a Tropa Nova, graças à amizade entre Yaer e Ebon. Por causa deles, o Império Shi'ar e os xandarianos evoluíram em uma nova intenção de cooperação mútua.

Pip, o Troll, ainda cuida de sua fábrica de artigos usados em Adjufar.

Sledly Rarnak largou seu emprego na Timely Inc., alegando que não tinha mais "cabeça para os negócios". E como todos os skrulls acabam

fazendo, ele sentiu que era hora de uma mudança, e agora é um modestamente bem-sucedido fazendeiro de zixo.

Usando seu conhecimento jurídico, Blint Wivvers levou a Timely Inc. a julgamento e recebeu 86 trilhões de unidades por conta dos danos causados por "morte inesperada no local de trabalho". Hoje ele gerencia sua própria firma de advocacia em Alfa C: Withers, Jimmini, Kerfarple & Associados.

Após a batalha judicial mencionada, Odus Hanxchamp se tornou Associado Júnior Abaixo do Supervisor da sala de correspondência no andar 4006.

Arnok Gruntgrill se tornou Vice-Presidente Executivo -tik!- Sênior (Projetos Especiais). Ele continua a irritar sua secretária, a Sra. Mantlestreek.

Xorb Xorbux deixou a Timely Inc. e começou a trabalhar com segurança particular. Sua posição como Chefe de Segurança Corporativa (Projetos Especiais) foi preenchida por um indivíduo chamado Brango.

As Naves-Templo da Igreja Universal do Reino da Verdade (novamente, fruto do capricho de Groot) ficaram encarapitadas no horizonte de eventos de um buraco negro em Ultra Mega Sessenta e Oito. Levaram quarenta anos para escapar da força da gravidade. Durante esse tempo, passaram por oito matriarcas. Uma delas foi Zania Orbal, também conhecida como "Allandra Meramati".

O Cardeal Navorth, tanto antes quanto depois de sua fuga do buraco negro em Ultra Mega Sessenta e Oito, continuou a ser um total e completo babaca.

Roamer voltou para Galador, renovou seus votos, e agora serve a galáxia como protetor e vingador.

Gamora ficou na estrada por seis meses, fugindo dos agentes vingativos de seu descontente empregador da Zona Negativa. Por fim, ela decidiu confrontar o Aniquilador para explicar exatamente os motivos de seu fracasso em entregar-lhe o gravador, e por que ele deveria desencanar. Essa explicação envolveu o ato de afundar suas duas espadas na garganta do Aniquilador. E assim ela salvou o Universo (novamente). Mas esse é outro registro. E não este. Ela continuou a servir corajosamente como Guardiã da Galáxia.

E você, gentil leitor. Você é parte dessa narrativa também. Estive dando uma olhada em você de tempos em tempos. Fico muito feliz que as coisas

estejam indo tão bem para você, e esse seu novo corte de cabelo realmente lhe cai muito bem. Sabe, eu ri muito com aquela foto de um gato que você postou no Facebook! Como vai seu tio? Ele já está melhor? Me manda um snapchat!

Rocket e Groot? Eles estão meio escondidos, fora do radar. Procurei por eles, mas nunca estão lá. São verdadeiros foras da lei, suponho. O único lugar em que sempre os vejo é nas listas de procurados: badoon, shi'ar, kree, xandariana...

• • • •

Porém, em minha mente, eu ainda consigo imaginá-los.

Eu me lembro de nossa despedida. Rocket estendendo sua mão desconcertantemente humana. Eu a apertando. Eu me arrepiando, apesar de não querer demonstrar.

E ele pareceu nem notar. Subiu a rampa de acesso da viatura, e Groot o seguiu.

– Vamos lá, viatura! – ouvi Rocket gritar.

– Vamos fugir do risco de novo, amigos? – a voz automática respondeu.

– Não, desta vez vamos fugir *na direção das bebidas*. Eu preciso de uma bebida não escaldante, e você *nem imagina* o quanto.

– Eu sou Groot!

– É, melhor ficar! Leve-nos até o *timóteo* mais próximo!

– Focando nos timóteos! – gritou a voz automática. – Este veículo sempre diz, vamos fazer da vida uma arma incrivelmente grande e *disparar*!

E eles partiram num redemoinho gravimétrico.

A última coisa que registrei foi sua mão desconcertantemente humana acenando da janela da cabine da viatura. E então a nave ganhou altura e se foi.

Me tranquiliza saber que eles estão lá fora, em algum lugar. A galáxia será um lugar mais seguro enquanto eles lá estiverem.

{fim do registro}

AGRADECIMENTOS

MEU MAIS SINCERO E CÓSMICO OBRIGADO a Stuart Moore, Jeff Youngquist, Axel Alonso, Dan Buckley, Sarah Brunstad e James Gunn, pelo apoio a este projeto.

Um humilde agradecimento de fã deve ser feito a Bill Mantlo, Keith Giffen, Roy Thomas, Jack Kirby, Dick Ayers, Mike Mignola, Arnold Drake, Gene Colan e Stan Lee, pela construção deste universo (Marvel) e pela inspiração. Crescer não seria nem um pouco excitante sem vocês. E vocês estão apenas no começo da lista.

Um "toca aqui" desconcertantemente humano para Ronald Byrd pela força que me deu nas questões de continuidade da história e para Nik Vincent pela primeira leitura.

Este livro, no entanto, é dedicado a Jim Starlin. A Marvel não me parecia propriamente cósmica antes de eu conhecer você.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - http://www.novoseculo.com.br

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®